

**AS MENTIRAS  
DE UMA VERDADE**



# AS MENTIRAS DE UMA VERDADE

LUISA RIBEIRO

1 edição

Copyright  
Reboliço político na cidade de quero-quero  
©2021 Editora Nocego

Autor | Luisa Ribeiro  
Produção Editorial | Equipe Editora Nocego  
Capa | Luisa Ribeiro  
Editor Responsável | Domingos Calixto  
Revisão | Luisa Ribeiro

Copyright © 2021, por Luisa Ribeiro, todos os direitos reservados

Publicado pelo Selo Editorial Editora Nocego, sediada em Jequié - Estado da Bahia, RTV Brasil Prod. Com. Entret. e Editora EIRELI, CNPJ: 24.983.429/0001-04. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem autorização do autor.

Publique seu livro com a Editora Nocego

Contatos: (73) 98873-7177

e-mails: editoranocego@gmail.com-

kalixto.calixto@gmail.com

www.editoranocego.com.br

---

Ribeiro, Luisa - As mentiras de uma verdade / Luisa  
Ribeira. - 1. ed. - Jequié: Editora Nocego, 2021.

ISBN 000-0000-000-0-0

---

## Sinopse

O que significa mentir?

Para o estudante do último ano de direito, Alex Bernoulli, é um ato totalmente abominável.

Para a agente, Nataly Walter, faz parte da vida, do seu trabalho.

Um sinal é emitido a central da S.W.A. (Agência Secreta Mundial) avisando que um velho conhecido está de volta.

[...] - A segurança deve ser redobrada, todos os agentes devem estar atentos, mas tudo deve ficar em perfeito e completo sigilo [...]

Para proteger seu filho, Alex, do homem que destruiu a sua vida e deixou grande marcas em todos, Katia Bernoulli - Agente 002 -, juntamente com seu superior Anthony Walter - Agente 001 - impõem à agente 003, Nataly Walter, a missão de se disfarçar, se infiltrar e proteger a vida do moreno sedutor e romântico, Alex.

E, encarregada dessa missão, ela descobre que há um mundo diferente de tudo que seus olhos conseguiam ver, e que seus curtos braços já chegaram a tocar.

Essa será a missão de sua vida...

Essa será a vida de sua missão...

E de uma coisa você pode ter certeza: Entre segredos e mentiras, existe, sim, uma chance de aprender a viver.



## Prólogo

- Sempre fui o segundo em tudo e isso era terrível. Eu a desejava, e ela “escolheu” meu melhor amigo. - A raiva me domina - Ele teve uma filha com ela. DESGRAÇADO! - Falou batendo a mão na mesa de madeira à minha frente - Ele sabia que eu era o ÚNICO a ama-la, mas claro que tinha que querer tudo que era meu por direito. Até a liderança da agência devia ser minha, meu pai, meu PRÓPRIO pai, deu a ele.

Sento-me de frente para aquele que seria a chave para abrir a porta para o início da minha vingança. E essa “chave” tinha um sorriso muito diabólico no rosto.

- Minha raiva foi grande a ponto de me casar e ter um filho com a melhor amiga dela, que me amava. - Continuei a falar - Por um tempo eu até tentei fazer esse casamento dar certo, mas depois que o amor da minha vida deu à luz àquela menininha, que tinha os olhos dela, eu surtei. - Ele não tinha o direito de ser feliz no meu lugar - Eu a quis de volta de qualquer maneira. Depois de anos fingindo estar feliz com aquela situação, percebi que a única forma de tê-la, seria acabando com todos aqueles que nos impediam de estar juntos, a começar por aquela criança que me chamava de tio - Sorrir e ela acenou com a cabeça permitindo que eu continuasse a contar a minha história - Mas, nada saiu como eu planejei - Falei levantando e ficando de costas para a pessoa que agora matinha um olhar curioso sobre mim. Não iria mostrar o quanto aquela morte ainda me abalava - A mulher, que um dia eu tanto amei, ameaçou-me de morte e disse atrocidades para mim, mas eu sei que ela só estava cega por causa de sua filha. Então não tive escolha, eu a matei. Matei a mulher que tanto amei - Virei-me sentando novamente e encontrei um rosto surpreso, não era de se admirar esse tipo de reação - Não sou um monstro! Mas não a deixaria viver, sendo infeliz ao lado de um homem que não a amava, por causa de uma simples criança. Fiquei anos e anos de luto por sua morte,

mas fico em paz, pois sei que ela não terá mais que tomar uma decisão entre seu amor por mim e por sua filha.

- Compreendo - pela primeira vez ouço a voz da pessoa sentada a minha frente.

Levanto-me pegando minha arma e apertando o gatilho.

- Mas agora eu vou acabar com todos aqueles que continuam vivos tomando o meu lugar, vou acabar com todos aqueles que me fizeram tirar a vida da única mulher que eu amei. E vou encontrar a herança que é minha por direito!



## Capítulo 1 – Nova Missão

Nataly

Estava de volta aquele inferno, ouvia os gritos desesperados, sentia a dor, sentia a raiva, e via tudo àquilo sem poder fazer nada, escondida em um compartimento do carro. Não podia chorar e nem pedir por socorro, não podia ser vista, eu tinha prometido isso a ela.

De repente estou na sala do meu pai, encolhida na cadeira. Ele andava de um lado para o outro, estava muito nervoso, acho que comigo. Eu era uma garotinha de apenas 10 anos assustada com todos aqueles brutamontes engravatados tentando arrancar informações de mim. Mas eu não falava, tinha medo do homem que agora tentava acalmar meu pai enquanto me olhava com um ódio penetrante.

O cenário mudou novamente e estou na sala da minha tia, ela estava horrorizada e eu não sabia se acreditava em mim ou não, mas o meu pai com certeza não, pois ele gritava muito.

Agora estou numa sala vazia, mas ouço vozes, uma em especial chama a minha atenção, uma que diz que iria acabar comigo e que esse pesadelo nunca teria fim.

Seu rosto ensanguentado com aquele sorriso diabólico aparece para mim, e quando aponta aquela arma e puxa o gatilho, o som estridente do meu celular me desperta.

Esses pesadelos têm sido mais constantes atualmente do que a dez anos atrás.

Acho que tudo piora quando é aniversário da morte da minha mãe.

Minha vida nunca foi a mais convencional para uma jovem de apenas vinte anos. Em vez de aprender a andar de bicicleta, por exemplo, quando tinha dez anos eu aprendi a atirar. – Não

me julguem, okay?! – Não sou uma assassina ou coisa do tipo, quer dizer, depende muito do seu ponto de vista e de que lado você está.

Meu celular toca novamente. – Merda! – É uma chamada de urgência do meu chefe/líder/superior, também conhecido em casos remotos como meu pai.

– Hora de trabalhar! – Levanto da cama e faço minha higiene pessoal colocando meu uniforme. Saio pelo corredor dos dormitórios, e o encontro vazio. Mas é claro, ainda é madrugada. Não tocou o alarme para acordar a tropa.

Diferente de outras agências, como FBI e CIA, nós, da S.W.A., vivemos no central onde trabalhamos e a maioria não tem família, pelo menos a geração X, também chamada de protocolo TEFA, da qual faço parte. Todos dessa geração foram recrutados de lugares pobres em conflitos, ou de ruas dos países aliados, aos doze anos e desde então vivem aqui, exceto por mim, pois estou aqui desde que nasci.

Sou chamada de Agente 003, sendo submetida somente ao poder do Agente 001 Antony Walter e da Agente 002 Katia Bernoulli, uma velha amiga da minha mãe, sem falar nos líderes das sedes dos países aliados. Esses não me veem como uma futura líder. Talvez por eu ter apenas vinte anos e não 60 como a maioria deles. Talvez por não acreditarem que posso ser fria e adulta suficiente para o cargo.

Ando até a sala de reuniões no andar mais subterrâneo, onde ficam as salas dos dois superiores da Central e a dita sala de reuniões entre líderes. E assim que entro, encontro uma bancada de agentes com placas indicando seus nomes e países que representam. Muitos deles eu nunca vi pessoalmente, mas sei que se tratam dos líderes das sedes dos países aliados.

O que está acontecendo?

Quando eu digo que muitos eu nunca vi, é porque eles nunca saem dos países pelos quais são responsáveis, assim como meu superior raramente sai daqui.

Aliás, são três da manhã!

O que de tão importante está acontecendo que não pode esperar até o início do expediente? Eu devia cobrar hora extra, por esse tipo de trabalho. Se eu tivesse onde gastar o dinheiro que ganho.

- Bom dia Agente Nataly Walter - Ouço a voz do Presidente dos Estados Unidos da América. Merda! - Desculpe acordá-la tão cedo, mas o assunto que temos que tratar é de extremo sigilo.

- Bom dia senhores. Desculpem meu atraso - Eu falo. Lembra quando eu disse que os líderes nunca saem? Imagina o presidente do país... só vi algo assim quando estavam atrás do Osama Bin Laden.

- Não tem problema! Vamos direto ao assunto. - Antony diz e Kátia se levanta.

- Bem como sabe, desde o ocorrido em 13 de maio há exatamente dez anos - Katia para de falar para me analisar, mas com a cara que fiz ela quase desistiu de continuar - Bom desde a morte da sua mãe, Agente Nataly e o desaparecimento do assassino - Agora ela que ficou sem graça. Era engraçado como ela era a única que nunca pronunciava o nome dele, não que fosse uma coisa de que todos falavam, mas ela nunca, nunquinha mesmo, falava o nome dele - Então desde daquela época que viemos monitorando qualquer movimento dele que surgisse.

- Entendo, mas ele desapareceu que nem fumaça durante todos esses anos e nunca obtivemos uma resposta.... - Todos me encaram enquanto falo.

- Até agora... - Antony me interrompe.

Como assim até agora? Eu tinha esperanças de que ele já estivesse morto.

- Maurício Bernoulli foi visto próximo à Cornell University.  
- Indaga um homem no final da mesa retangular daquela sala.

Isso não é bom. Nem um pouco bom. Odeio fantasmas do passado, odeio como não consigo controla-los. Odeio ter que ir para as sessões com a psicóloga da agência, para tratar de tudo isso. E odeio me sentir fraca ou vulnerável.

- Essa é a faculdade do Alex! - Katia afirma num tom falho, que mais parecia significar desespero.

Droga esse é o filho da Katia! o menino é um pouco mais velho que eu, e o sonho dela e da minha mãe sempre foi de que vivêssemos juntos, e o dos nossos pais era que nos tornássemos os melhores agentes para liderar a S.W.A. um dia. Mas o destino foi cruel com todos, e acabamos em mundos totalmente diferentes. Kátia decidiu que ele não participaria disso, pois ele não aguentaria saber quem era o pai de verdade e o Antony decidiu que eu não só participaria desse mundo como seria treinada para comandá-lo.

Ele nem sabe da minha existência. Mas eu sei que mesmo com uma mãe ausente, devido ao suposto trabalho de empresária que ela tem, ele teve, e ainda tem, uma vida normal e feliz. Ele pelo menos frequentou uma escola e agora está numa faculdade.

Sou tirada dos meus devaneios pela voz de um dos agentes, e percebo que todos olham para mim esperando por uma resposta. Katia sorri. Ela sabe melhor do que ninguém o quanto me distraio fácil.

- Então Agente, o que me diz? - Um dos homens, na casa dos quarenta, sentado a três cadeiras da minha questiona.

- Concorda em sair em campo e assumir a responsabilidade da investigação e proteção de Alex Bernoulli? - Um deles insiste impaciente.

- Como assim? - Eles me olham como se eu tivesse duas cabeças. Ah qual é!?! Não se pode mais ter dúvida aqui não?!

- Nataly, vamos mandar alguém para se infiltrar na vida de Alex, para investigar e tomar conta dele, e queremos que este alguém seja você! - Katia falou como se fosse tão fácil quanto explicar para alguém como chegar a uma rua qualquer.

- Por que querem alguém infiltrado na vida de Alex? Ele tem vários seguranças disfarçados! - Acuso o óbvio.

- Sim, ele tem! Mas você sabe com quem estamos lidando, se esse elemento conseguir manter contato ou infiltrar alguém na vida de Alex, nós podemos perder o controle de tudo. - Agora ela está desesperada. - Por isso decidimos mandar você.

Droga. Mil vezes droga!

- A não ser é claro que não consiga lidar com esse tipo de missão. - Alguém, para quem nem me dou o trabalho de olhar, diz. Como eu tenho um ódio gratuito por esses homens. Quem eles pensam que eu sou? Uma estagiária? Eles não têm metade do meu talento.

Na verdade, desde pequena, não que eu esteja muito maior agora, eu quero este caso, e todos sabem que ele é bem mais que pessoal para mim. Queria acabar com a vida do desgraçado que acabou com a da pessoa que eu mais amava. Mas confesso que não gosto de trabalhar em campo em casos grandes que são demorados, pois as pessoas acabam pegando uma feição por mim, e no final tenho que “matar” meu personagem da vez, com direito a funeral e tudo. É deprimente saber que tem pessoas chorando em cima de um caixão vazio, onde deveria estar depositado meu corpo. E eu não sou muito fã de contato humano assim não. Prefiro me manter longe e não criar vínculos.

- Sou perfeitamente capaz de lidar com esse tipo de missão, senhor. Mas não saio em campo em missões desse porte, para que eu não tenha, nenhum, alvo nas costas. Eu tenho que preservar a identidade da futura 001, aliás é para isso que eu venho treinando e não para virar babá e caçar um infiltrado, sem ofen-

sas! – Ele me encara com desprezo e eu sorrio cinicamente. Não me provoquem, eu não sou boa em engolir sapos.

– Sabemos disso Agente Nataly Walter, porém você é um dos únicos membros em que podemos confiar uma missão deste porte. – Antony diz cortando o clima tenso que se expandia pela sala, após alguns minutos de silêncio. – Ninguém pode saber que ele reapareceu, ou teremos uma crise. Esse assunto não sairá desta sala. Então isso está mais para uma ordem do seu superior do que uma escolha sua.

– Entendo senhor – Digo repudiando o leve desprezo em sua fala. Até aceito não ser tratada como filha em nenhuma ocasião, mas jogar isso assim na frente de todos os comandantes, é complicado. – Nesse caso senhor eu aceito a missão. – Dou um sorriso amarelo para ele.

– Vamos designar alguém para te substituir em suas missões mais simples. Quero total dedicação a esta. – Por que tão sério? Ele sabe que isso o deixa mais velho e ranzinza? – Aqui estão as chaves do apartamento, seus documentos falsos e sua matrícula.

– O que? Matrícula de que?

– Você vai para faculdade! É a mesma turma do Alex – Katia fala entregando uma ficha com alguns dados e horários de Alex. E outra com dados da minha nova personagem – Se aproxime dele e não desgrude. Descubra se tem alguém que possa ser um informante de Maurício e consiga informações para podermos prendê-lo.

– Sim senhora! – Falo olhando o documento com minha foto. Lucy Miller. Esse era o nome no meu novo e temporário documento.

## Capítulo 2 – A Novata

Alex

Mais uma aula chata!

Fico me perguntando por que essa mulher ainda não se aposentou e foi dar uns passeios lá pela Irlanda, um lugar do qual ela não para de falar. Há quem diga que sou um prodígio por estar no último ano da faculdade de Direito com apenas 21 anos, mas a verdade é que eu já estou de saco cheio. Não me arrependo de ter escolhido esse curso, mas com certeza de ter selecionado essa matéria com essa professora. Eu escolhi estar aqui por amor a jurisdição, embora não tenha nenhuma influência da minha família para querer ser juiz. Por isso, as vezes me pergunto: o que eu estou fazendo aqui? Tirando essa professora, eu tenho uma simpatia pelos discentes da universidade, mas definitivamente essa simpatia não se aplica aos alunos da minha turma. Quatro anos de convivência e ainda sento distante de todos. Não faço o estilo “Nerd”, mas por não suportar todos esses filhinhos de papai, que só estão aqui para agradar àqueles que dão um carro importado e um cartão de crédito sem limites, eu também não me tornei o “Popular”.

- Oi lindinho! - olho para o lado e percebo a única garota, que ainda se atreve a falar comigo durante a aula, sentada quase que na minha cadeira. Eu mereço! - Sabe, você está um gato hoje! - Falou puxando minha camisa. Qual o problema dessa garota. Já dei tantos foras nela que até perdi a conta, porque ela não desiste e parte para outra de uma vez? Odeio meninas do tipo fútil e insistentes, e ela e suas amiguinhas conseguem bater o recorde nos dois.

- Que tal sairmos dessa aula chata e irmos tomar um café? - ela continua. Mas agora ela está definitivamente no meu colo. Será que ela não enxerga que estamos numa sala de aula?

- Estou tentando prestar atenção na aula - falo retirando-a do meu colo - E eu já disse, desiste, eu não quero nada com você.

A verdade dói? Sim ela dói e muito. Mas não para a Joana, que levanta como se nada tivesse acontecido dá um beijo no meu rosto e sai andando de volta para o seu lugar. É nessas horas que bate o arrependimento de ter escolhido Direito, daria tudo para estar cursando engenharia civil, como Thiago, mesmo sendo péssimo em exatas, ou até mesmo o curso de moda com a Mary, acho que seria mais fácil de encarar. Esses dois são meus únicos amigos, os melhores que alguém possa ter. E também são a minha única família, já que minha mãe mais trabalha do que vive e o meu pai morreu quando eu tinha 11 anos, num acidente de carro. Sou tirado dos meus devaneios quando uma loira, dos olhos azuis, com seus 1m60cm, uma roupa elegante, mas provocante entra na sala chamando a atenção da professora que para de falar para cumprimentá-la. Meu Deus! Que gata!

- Seja bem-vinda, Srt<sup>a</sup> Lucy Miller, pode se sentar - A professora fala apontando um lugar vago ao meu lado, o único da sala. - Pela primeira vez não acho ruim ter companhia.

- Claro, obrigada! - ela falou sorrindo. Que voz maravilhosa, que sorriso lindo. Que isso Alex é só uma garota, e tem cara de ser igual a todas as meninas dessa sala. O resto da aula foi tranquilo, a menina nem sequer olhou para mim, e isto de alguma forma estava me incomodando. Talvez ela não fosse igual a todas, ela era linda e estava bem concentrada na aula. O que está acontecendo comigo? Mal conheço a menina. Por que ela chamava tanto a minha atenção?

Quando o final da aula chegou, a professora fez uma de suas perguntas que quase nunca eram acertadas, ela amava ver que ninguém sabia mais que ela. E eu odiava isso nela. Todos olhavam para mim esperando por uma resposta, isso significava que se eu não sabia ninguém mais sabia. Antes que eu pudesse abrir minha boca para responder, a loira ao meu lado começou a falar



não só o que foi pedido, mas também alguns complementos mais complexos. O que surpreendeu por ela já ter chegado na metade da aula. Até a professora olhou para ela como se ela fosse um E.T. Se eu era a Wikipédia ambulante, como fui “carinhosamente” apelidado aqui, ela com certeza era o Google. Ela ficou vermelha de tão envergonhada. Cara como ela era linda envergonhada. A aula acabou e eu decidi que ia falar com ela. Já estava me incomodando a falta de atenção que eu estava recebendo dela, mas quando me virei ela tinha sumido. Peguei minhas coisas e saí da sala em direção à cantina, estava faminto, falaria com ela na próxima aula. Sento numa mesa, a única desocupada, com meu lanche numa bandeja – Amo a comida daqui – E avisto o meu alvo procurando por um lugar para sentar com sua bandeja equilibrada em um mão e livros na outra.

– Lucy! – Grito e quando ela vira faço um gesto para que ela venha até mim.

– Oi! – ela fala se aproximando com um olhar estranho – Você está na minha turma, certo? Como é seu nome mesmo? – fala mordendo o lábio inferior. Ai Jesus!

– Oi, meu nome é Alex Bernoulli – Falo cumprimentando-a – Quer sentar? Te garanto que não vai achar outra mesa vaga – Sorrio para ela, que concorda sentando de frente para mim.

– Então você estuda aqui há muito tempo? – Falou quebrando o silêncio constrangedor que se formava.

– Têm uns quatro anos. E você foi transferida de que faculdade? Harvard?

– Não! O que te faz pensar que vim de lá? – Falou numa entonação como se tivesse ofendida e surpresa ao mesmo tempo.

– Bom você é muito inteligente e responde as perguntas da Marieta com uma precisão invejável, até ela ficou surpresa. – Falo e ela cora novamente.

- Só pra te informar eu vim da Brooklyn College, e em minha opinião não é a universidade ou o professor que faz diferença e sim você mesmo.

Nossa! Quando ia falar algo em resposta olhei no relógio e vi que estava na hora de ir para mais uma aula, então nos levantamos e seguimos o caminho em silêncio. Mais uma vez ela se sentou ao meu lado, mas não deu abertura para conversas. Pelo menos até o professor passar um trabalho que deveria ser entregue no dia seguinte no primeiro período. Quase morremos de desespero, já que se tratava de um trabalho científico extenso, mas por algum motivo ele foi gentil colocando em dupla. É claro que eu pedi à novata, que estava mais deslocada do que eu, para ser minha parceira. Afinal era isso ou a Joana, que dava no mesmo que fazer o trabalho sozinho. E é claro que bastava apenas pensar nela para ela surgir do nada e ser inconveniente.

- O que foi aquilo? - Lucy pergunta se referindo ao episódio com Joana, onde não fui nada gentil.

- Ela é meio louca. Com o tempo você se acostuma. - Digo brincando com o lápis que estava em minha mão.

- Ela gosta de você! - Afirma.

- Não. Ela fica no meu pé desde que se transferiu do curso de moda para o de direito. Ela não se dá ao valor, já disse que não quero nada com ela. - Ela fica pensativa e estranha - Falei algo errado?

- O que? A não, não, só estava pensando sobre o trabalho. Sabe, onde faz-lo? Pois acabei mudar e ainda não me instalei direito - ela estava falando de uma forma indireta para fazer na minha casa, mas ela estava sem graça. Deus, ela é perfeita!

- Podemos fazer na minha casa, e podemos começar logo depois da aula. O que você acha?

- Almoçar na sua casa? Acho melhor não. - Disse consertando-se na cadeira.

- O trabalho é extenso, e vamos demorar muito para conseguir terminar, então quanto mais cedo começarmos mais cedo terminaremos. - Falei sorrindo. O que está acontecendo comigo? Eu nunca convido ninguém para ir à minha casa, imagina uma novata que eu conheço a menos de 4 horas. Ela podia ser uma louca psicopata.

Por que confio tanto nela?



## Capítulo 3 – Confiança

Nataly/Lucy

O meu plano funcionou perfeitamente.

Mais cedo quando cheguei ao meu novo apartamento e comecei a ler sobre os hábitos de Alex, descobri que ele é bem diferente do eu pensava. Ele abomina mulheres muito fúteis, coisa que gostei nele, pois tratar de meninos mauricinhos e prepotentes é a última coisa que eu quero neste momento, outra coisa que achei interessante é o fato dele só ter dois amigos, tudo bem que eu só tenho um, mas eu sou uma agente secreta e ele um jovem com uma vida normal, deveria ter mais amigos.

Eu deveria parar de reclamar de barriga cheia, porque se ele fosse daqueles que você consegue fácil acesso eu teria um trabalho enorme para protegê-lo. Imagina ter de lidar com uma gama de amigos.

Segui para o meu primeiro dia na faculdade, e já estava atrasada. Que ótimo!

Sentei ao lado de Alex, na primeira aula, mas não dei bola para ele, que ficou muito incomodado. Ponto para mim!

Quando a professora, que por sinal é uma velha chata que ama mostrar que sabe tudo sobre a constituição, – Também, velha do jeito que é deve ter participado da Primeira Guerra Mundial – Fez uma pergunta que eu sabia que ninguém ali conseguiria responder, eu vi minha chance de chamar a atenção do nerd, que descobri ser o Alex.

E assim como o plano de esnobá-lo, esse funcionou perfeitamente. Ele veio atrás de mim no fim da aula, e mostrou uma confiança, que não demonstra por ninguém, – De acordo com Kátia – tamanha confiança foi essa, que agora estou em seu car-

ro, a caminho de sua casa para almoçar e fazer um trabalho que um professor passou.

Quando descemos do carro na porta de sua casa um misto de nostalgia e dor me ocorreu. O jardim estava um pouco mudado, mas o balanço e a mesa de madeira, estilo piquenique, ainda estavam ali, intactos. Sim eu conhecia aquele lugar, e cada passagem secreta que existia ali, como a palma da minha mão.

Lembro-me da nossa última visita, estávamos tão felizes, mãe e tia Kátia conversavam enquanto colocavam os pratos sobre a mesa, meu pai e o tio Maurício assavam a carne enquanto eu e o Alex corríamos em volta da árvore onde estava pendurado o balanço. Adorava como agíamos como famílias normais. Claro que Alex não se lembra desse dia, nós tínhamos uns 4 anos, e o único motivo de eu ainda lembrar é um vídeo feito por minha mãe que guardo na gaveta do meu escritório.

- Vamos? - Alex diz colocando uma mão em minhas costas e me conduzindo para dentro de sua casa.

Por dentro a casa estava diferente. Sabia que Kátia, depois que Maurício foi embora, decidiu mudar tudo por ali, e tinha ficado bem bonito, mais moderno até. Só estou tentando entender como consegue ser tão organizada se a Kátia passa quase todo o tempo fora de casa.

- Quer beber algo? Uma Água ou um suco? - Alex fala colocando, na verdade jogando, seu material no sofá.

- Uma água. - Respondo caminhando até uma pequena prateleira onde tem vários porta-retratos, muitos são de Alex, alguns ele está com Katia. Mas um me chama atenção, um que Alex está no colo do meu pai, ele tem uns dois anos na foto. Droga! Ele conhece meu pai? Tudo bem que a foto foi tirada há muito tempo, mas para estar ali ele tinha que saber de quem se tratava.

- Esse é meu padrinho. - É ele sabe. Porque ninguém me contou? - Não o conheço direito. Minha mãe diz que ele é um

homem muito ocupado, vive viajando á negócios, e depois da morte de sua esposa, que também era minha madrinha, nunca mais nos visitou e nem consegue. Eu até o compreendo, cada um, lida com a dor como pode – Eu sabia disso melhor do que ninguém, pois ele também se distanciou de mim.

Ele vira para sair da sala e percebo que ficou mexido com a história. Droga! Agora ele estava mal com a história que eu conhecia muito bem. Qual era o meu problema? Estava escrito lá na ficha dele em negrito que ele odeia falar sobre o passado e eu o fiz falar. Que ótimo! Agora ele vai se distanciar, logo agora que eu estava ganhando a confiança dele, e tudo por culpa da minha bendita curiosidade. Parabéns Nataly.

Segui até a porta por onde ele havia passado segundos atrás e descubro uma mesa muito bem-posta e uma mulher, com um uniforme preto com uns 40 anos aproximadamente, ao lado.

– Bom dia senhorita. – A mulher diz toda formal – Sente-se. Espero que aprecie o prato, não sabia muito bem do que você gostava, então fiz ravióli de frango. – Só Deus sabe como amo ravióli de frango, se essa missão em algum momento falhar eu pelo menos comi Ravióli.

Passamos por um almoço tranquilo e silencioso, mas nada constrangedor e quando terminamos, ele me guiou até seu quarto, que é amplo, porém escuro, o que lembra muito sua personalidade fechada, para que déssemos início ao tal trabalho. Em duas horas já havíamos concluído o bendito cujo. Graças a mim, que fingia pesquisar o assunto na internet enquanto explicava tudo para ele, já que eu entendia de lei muito bem. Dez anos estudando todas as constituições tinham que servir para alguma coisa.

Quando terminamos ele deu a ideia de assistirmos um filme antes de eu ir embora. Não precisa ser uma expert no assunto para saber que ele estava me querendo ali perto por mais algum tempo, mas não por interesses além de uma amizade, o que me surpreendeu muito, já que todos os casos que trabalhei até hoje

eles sempre queriam algo a mais. Juro que se não fosse pelo histórico de todas as meninas que ele já pegou eu diria que é gay.

Então, ali estávamos nós dois deitados no chão da sala de TV enrolados em cobertores com uma vasilha de pipoca no colo assistindo um clássico qualquer antigo que chegava a ser medonho de tão assustador. Ria muito dos cagaços do Alex, que parecia uma mocinha com os gritos que dava. Ele me atacava com pipoca toda vez que eu dizia algo sobre ele ser uma donzela, ou seja, o chão ao meu redor estava cheio de pipocas. Tadinho dele quando fosse limpar depois, pois a Dona Jullieta, a única empregada da casa, já tinha ido embora.

Quando o filme estava acabando duas pessoas entraram pela sala xingando alto, o que fez Alex pular de onde estava e ficar de pé rapidamente, eu ri e comecei a me levantar também, quando o rapaz que eu sabia ser o Thiago perguntou:

- Quem é essa? - Levando um beliscão em seguida da menina, que estava ao seu lado, chamada Mary. Sim esses são os dois melhores amigos de Alex. Também tenho a ficha deles, porque afinal qualquer um que esteja envolvido na vida de Alex é suspeito.

- Essa é a Lucy. Lucy esses são meus amigos Thiago e Mary.

-Prazer em te conhecer Lucy - Mary diz me cumprimentando, mas logo voltando sua atenção para Alex - Vocês se conhecem de onde?

- Ela é da minha turma de direito!

- Você trouxe alguém da sua turma detestável de direito pra sua casa? Você fala com alguém daquela turma? - Thiago diz inconvenientemente agora recebendo um enorme tapa na cabeça dado por Alex.

- Desculpa Lucy, o Thiago é um retardado, não liga pra ele não - Mary diz.

- E ela é novata, Thiago! - Alex diz mostrando o quão envergonhado está pela mancada do amigo.



- Tudo bem, eu também não gosto muito das pessoas daquela sala. - Digo um pouco sem graça. Alex estava distante novamente e isso não é bom. - Não que eu as conheça muito bem.

- Bom, e o que vocês estavam fazendo? - Mary falou tentando tirar esse clima tenso e constrangedor que estava se formando.

- Estávamos fazendo um trabalho. - Respondo rapidamente. Tinha que mostrar que estava me sentindo à vontade com os dois para resgatar a pouca confiança que tinha conquistado de Alex, pois sabia que se eles gostassem de mim seria mais fácil que o Alex gostasse também.

- Trabalho divertido o de vocês - Thiago fala analisando a sala onde estávamos assistindo.

- Nós já terminamos o trabalho. - Alex afirma - Quer dizer, a Lucy terminou o trabalho. Ela consegue ser mais Nerd que eu. - Ele estava rindo, isso era bom.

Confiança resgatada com sucesso.

- Nós viemos te chamar para ir num barzinho com a gente, você topa? - Mary fala caminhando até o sofá e se jogando lá - Ah, você também está convidada Lucy.

- Não, não. - Respondo pegando minhas coisas - Obrigada, mas eu não tenho nem roupa aqui...

- Não tem problema eu te empresto uma. Vem, eu moro aqui do lado - Ela fala me puxando em direção à porta. Eu apenas a sigo sem saber como deveria reagir. Que primeiro dia turbulento!

A casa da Mary era linda, e o bom gosto para as roupas era invejável. Ela me entregou uma saia justa que vai até o meio das coxas e uma blusa de seda para que eu experimentasse.

- Meu Deus, você está linda! - Fala enquanto eu saio de seu banheiro.

- Odeio saias! São desconfortáveis - e não dá para lutar com uma dessas. Claro que essa parte eu omiti.

- Não sei por que, já que você fica linda com uma. Olha só essas pernas, são maravilhosas. Você malha? - Juro que se eu não soubesse que ela namora o Thiago eu iria achar que ela estava me cantando. - Senta aqui que eu vou te maquiar - Fala apontando uma cadeira de frente para uma penteadeira de madeira branca com vários detalhes brilhantes.

Eu já fiz cursos de maquiagem, já que quando saio em campo as vezes tenho que seduzir ou parecer mais velha, então sei reconhecer uma boa maquiagem. E posso dizer que Mary passou no teste.

- Ficou maravilhosa! - Admiro meu reflexo no espelho.

- Ficou mesmo. Mas também com um rosto deste, até uma maquiagem feita por uma criança ficaria bonita. - Fala mexendo no celular - Vem, vamos logo antes que as donzelas lá botem um ovo! - Entrega-me um salto alto igual ao que ela estava usando porém em uma cor diferente.

Fui puxada novamente, mas agora para a casa do Alex, que quando abriu a porta paralisou. Não sou uma Megan Fox da vida, mas eu me garanto quando o assunto é provocar alguém. Não que essa seja a minha intensão nesse momento, mas às vezes as coisas acontecem sem querer, como por exemplo, o fato dele estar quase babando na porta agora.

- Quer uma toalhinha para secar a baba antes de irmos? - Mary fala, sendo "super." discreta, tendo seus cabelos bagunçados por Alex logo em seguida.

- Eu só vou buscar meu celular e podemos ir. - Digo passando por Alex e adentrando a sala.

- Ah, Lucy - eu me viro assim que ele me chama - Antony te ligou. - Gelei na hora. Merda! O que será que ele falou com meu chefe? - Mas eu não cheguei a atender ao telefone, pois quando cheguei perto a ligação caiu.

Respiro aliviada e antes que eu possa agradecer, meu celular toca e eu me assusto atendendo logo em seguida.

- Alô? Oi pai.

- Nataly onde você estava? Tentamos fazer contato umas três vezes com você. - Ok, ele está bravo comigo. Será que ele não percebeu que o chamei de pai? Eu nunca o chamo assim desde que eu tenho dez anos.

- Estou na casa de um amigo fazendo um trabalho da faculdade papai - Falei dando ênfase na última palavra.

- Alex!?! - Ouço Katia falar meio distante - Você está com ele? - Ótimo, estou no viva-voz. Mais quantas pessoas estão me ouvindo?

- Sim, estou. - Observo que todos agora estão sentados no sofá observando enquanto converso ao telefone. Droga!

- Rápida! - Senti orgulho nesta voz - Como conseguiu? - OK, agora não era hora de dar uma de interessado né Antony.

- Eu vou sair agora com uns amigos, então nos falamos mais tarde! - Tento finalizar logo a ligação.

- Vão para onde? Não se descuide querida - Claro que foi minha tia que falou - E não se esqueça do relatório que deve estar na minha mesa até as 7 da manhã. - Ela não era apenas um poço de doçura e compreensão.

- Tudo bem tia, estou com saudades também, vou desligar beijos. - Desligo sem esperar por respostas - Vamos? - pergunto virando-me para os meninos que agora estavam de pé.

- Seu pai? - Thiago perguntou. Tenho que tomar cuidado com ele, pois é muito curioso e desconfiado.

- Sim. É que estou morando sozinha aqui na cidade, então eles ficam muito preocupados. - Disse sorrindo para ele, que relaxou. Por enquanto ele está tranquilo, não posso arriscar ele desconfiando de mim.

Ao chegarmos ao barzinho, que estava lotado e tinha um toque bem aconchegante, procuramos por uma mesa e fizemos nossos pedidos. Depois de um tempo de espera, Mary se empolgou para dançar, insistiu tanto que eu aceitei ir com ela, já que Thiago se recusava a passar vergonha. – Palavras dele. Depois de umas três músicas, já estávamos imersas na multidão e não víamos mais os meninos e nem nossa mesa. Dois estranhos então se aproximaram para dançar com a gente e não precisei contar até dez para Thiago surgir e “marcar seu território”.

Aquilo era engraçado, mas totalmente desconfortável, então, assim que os dois desconhecidos se afastaram eu virei de costas para o casal, dando mais privacidade para seus beijos, e continuei dançando, afinal fazia muito tempo que eu não fazia algo assim para relaxar.

Porém eu não estava acostumada com universitários e suas regras de pista estúpidas, então antes que a música chegasse ao fim alguém decidiu que eu estava disponível e me beijou. É claro, assustei-me empurrando o dono da boca com gosto de Uísque para longe. Senti uma mão me segurar e logo depois puxar-me para um lugar mais calmo dando apenas tempo de ver o dono do beijo no chão com uma mão no rosto com algumas pessoas ao redor.

– Você está bem? – Vejo Alex me perguntar. Todos ali nos olham.

– Você bateu nele? – Olhei assustada. Ele nunca gostou de briga porque bater em um cara que estava me beijando?

– Desculpe-me! – Agora ele parecia sem graça. – Ele parecia estar abusando de você.

É estranha a forma como me sinto. Nunca fui defendida, sempre defendi. E eu não estou me sentindo frágil ou indefesa por isso, eu me sinto bem, me sinto segura.

Isso não deve ser bom!

- Podemos ir para casa? - Pergunto. Estou assustada pelo ocorrido e atordoada com os sentimentos, que nem consigo agradecê-lo.

- Claro, vou buscar a chave do carro e já volto. - Fala saindo de perto por uns três minutos, voltando e me puxando para fora do Barzinho.

O caminho até a minha casa é feito em silêncio, apenas com o som das músicas que tocam na rádio.

Onze da noite. Esse é o horário que marca no relógio, pendurado ao lado de um quadro na sala, quando entro em casa.

Ainda tenho que fazer e mandar o relatório do dia, para a central.

Ao contrário do que Alex pensa e do que eu disse, o meu apartamento não está cheio de caixas espalhadas, na verdade está tudo em seu devido lugar, a S.W.A. tem uma equipe que prepara todo o local para o disfarce ser mais real, desde a compra do apartamento até as falsas matrículas em faculdades.

Caminho para um quarto que organizaram como um escritório para eu poder trabalhar, pego as fotos e os registros de todos os suspeitos até agora, colo as fotos em um quadro branco que tem pendurado e analiso. Mexer com este caso aguça meus pesadelos e para piorar ainda estou sozinha aqui nesta casa. Odeio ficar sozinha.

No quadro tem as fotos de Mary e Thiago, que eu logo marco um "X" em cima, analisei-os hoje e não acredito que eles possam causar mal ao amigo que eles tanto protegem. Confio neles, mesmo que sem motivos concretos.

Observo a mesinha de centro com várias fotos e fichas, o único motivo para elas ainda não estarem no quadro, é a aproximação que têm com Alex, ou seja, zero, olho para o quadro novamente e vejo a foto de Joana e da Dona Jullieta, a empregada da casa de Alex, não acho que ela possa causar mal algum nem

a uma mosca, mas sou treinada para desconfiar de tudo e todos então ela também está na lista.

Pego a ficha de Joana e começo a estudá-la. Hoje ela foi muito insistente e não saiu da minha cabeça o que Alex disse sobre ela. Fora que ela tem muita cara de fútil. E eu odeio pessoas assim.

## Capítulo 4 – O Convite

Alex

Não sei o que aconteceu, mas ver aquele homem beijando a Lucy me enlouqueceu. Só posso estar doente!

Fui para casa, após deixá-la em seu apartamento, com a cabeça no beijo de agradecimento na bochecha que ela me deu. Como eu desejava ser nos lábios.

Tenho que para de pensar nela!

Assim que entro em casa pego meu celular e jogo-me no sofá. Abro as mensagens e vejo que há duas de Thiago e uma da minha mãe.

“Oi filho, como está? Eu estou com muitas saudades!”

Estarei aí no Domingo para almoçarmos juntos. Chame seus amiguinhos, que eu cozinharei.

Beijos, mamãe”

Duas opções: ou ela foi drogada ou deu uma crise de culpa por trabalhar demais e não criar o próprio filho direito.

Quantos anos ela acha que eu tenho? Cinco? Deve acreditar nisso, já que quase nunca está aqui. Respondo sua mensagem com um simples “ok” e dirijo-me até meu quarto.

Não sou insensível, nem nada do tipo, estou morrendo de saudades dela e muito animado para sua visita, em sua própria casa, – Um sorriso espontâneo aparece em meus lábios – já que elas são bem raras, mas tenho um ódio do trabalho dela. Tudo bem, que ela me sustenta e tenho uma vida maravilhosa, mas nunca tive uma mãe para ir as reuniões ou peças escolares e até mesmo nos meus aniversários ela não aparecia. Ela é muito conhecida e respeitada no ramo empresarial e vive viajando em busca de novos parceiros para seus negócios, que não são pou-

cos. Mas sinto falta dela, principalmente, por ficar tanto tempo sozinho dentro desta casa.

Jogo-me na cama e olho no relógio que está no criado mudo ao lado da minha cama, ele marca 12h30min da madrugada.

- Merda! - Digo afundando minha cabeça no travesseiro. Tenho que parar de sair durante a semana, uma hora dessa eu perco uma prova importante, ou acumulo matéria para estudar. - Levanto indo até a mesa estudar um pouco as matérias de hoje e lembro que eu ainda não imprimi o trabalho que eu fiz com a Lucy mais cedo. E olha ela invadindo meus pensamentos novamente.

Katia

Estou tão feliz de estar, finalmente, realizando o sonho da minha melhor amiga Cláudia, mãe de Nataly, embora seja de uma forma meio torta. Alex não é um rapaz muito fácil de lidar, não confia em ninguém, e só tem dois amigos de verdade. Surpreendi-me quando Nataly falou que estava em minha casa e que já estava conseguindo a confiança dele. Fico bem mais segura sabendo que é ela que está cuidando de Alex, pois sei que ela seria incapaz de magoa meu filho. Resolvo ver o desempenho de Nataly de perto, mas eu sei que isso é só uma desculpa para que Antony - Pai de Nataly e meu chefe - me libere, para matar a saudade que estou do meu filho que não vejo há mais de três meses.

Envio uma mensagem para ele que responde secamente. Sei que está chateado comigo, e com razão, para ele eu vivo viajando o mundo atrás de investimentos. Neste momento, por exemplo, estou, supostamente, em Nepal.

Nunca quis envolvê-lo na agência, pois sei o que pode acontecer se expô-lo. O único motivo pelo qual agora ele está correndo riscos é o assassino saber da existência dele. Pedi que ele convi-



dasse os amigos para o jantar, minha esperança é que convide Nataly, assim, quem sabe, se eu mostrar confiança – coisa que só demonstro em relação a Thiago e Mary – ele deixaria ela se aproximar mais.

Alex

Sonhei com Lucy. Um sonho um tanto quanto estranho.

Estávamos num jardim com duas crianças, meus pais e meus padrinhos, todos cantarolavam uma música que minha mãe costuma cantar quando cozinha. Estavam felizes. Era estranho como as crianças lembravam a gente, como se isso fosse possível, já que não conheci Lucy quando criança. – Loucura, né? Levantei exausto. O dia estava chuvoso e por mim nem levantava da cama, mas tinha o trabalho pra entregar hoje, e ele estava comigo.

Fiz minha higiene pessoal, desci para tomar café e aproveitei para contar a Julieta que mamãe viria para casa neste domingo, ela ficou muito animada com a notícia, pois sabia muito bem o quanto eram raras essas vindas para cá.

Chego ao estacionamento da universidade e encontro Mary e Thiago se agarrando ao lado do Mustang dele – O bebê do Thiago – Nessa faculdade só tem riquinho mimado mesmo. – Não que eu não tenha um bebê também, mas sou um cara mais discreto. Prefiro que as pessoas pensem que eu não tenho muita grana, do que fiquem no meu pé por causa do meu dinheiro.

– Eu mereço! – Separo o casal do beijo quente e eles riem – Não basta ter somente dois amigos, eles ainda têm que namorar para você virar a vela oficial deles. Ai é foda!

– C'est La Vie baby – Thiago diz dando um tapinha em minhas costas.

Ficamos no pátio do campus até o da primeira aula começar. Eu estava bastante ansioso para ver a Lucy novamente, então,

cinco minutos antes eu já estava a caminho da sala com a desculpa de ter que resolver algo sobre o trabalho antes da aula. Mas a verdade é que eu queria mesmo garantir que sentaria ao lado dela novamente para, assim, puxar assunto e me aproximar mais. Precisava entender essa conexão maluca que eu tinha com ela. Quando entro na sala encontro Lucy sentada mexendo em seu notebook distraída. Ela estava linda com aquela calça rasgada, uma blusa simples com uma jaqueta de couro por cima. Sento-me ao seu lado, que abaixa rapidamente a tela do seu computador e me olha um pouco nervosa e assustada.

- Bom dia! - Cumprimento-a sorrindo.

- Bom dia! - Responde me analisando melhor.

- Nossa você está com uma cara horrível. - Constato brincando, mas de fato ela estava com o aspecto de cansada, mesmo a gente não tendo chegado tarde em casa, o que me dá vontade de sorrir.

- Deve ser porque certa pessoa me fez ir a certo bar e ficar até tarde lá, ontem.

- Quem faria isso com você? - Falo com uma falsa surpresa. Ela aponta para mim sorrindo - Eu? Que absurdo me acusar desse jeito - Digo parecendo ofendido, entrando na brincadeira - E a culpa é totalmente sua.

- Minha?

- Sim, sua. Porque se você não tivesse aceitado ir, eu não teria que ir também, e nós não estaríamos com essas caras horri-veis, e aquele cara não estaria com um olho roxo. - Me arrepen-di do que falei assim que as palavras saíram da minha boca. Por que raios eu tinha que tocar nesse assunto? Ela deve achar que eu sou um idiota.

- Bom isso é verdade. E aliais, obrigada por me salvar ontem - falou com um sorriso meigo no rosto me surpreendendo - Foi sua amiga que não me deu escolha. - Disse se defendendo.

- A Mary te adorou - Falei mudando de assunto - Ela raramente gosta das meninas daqui, então sinta-se importante - Os olhos dela brilharam - Ela te mandou um beijo!

- Que bom que ela gostou de mim, pois eu a adorei - Diz brincando com lápis - É tão difícil para eu conhecer gente nova, tenho uma espécie de bloqueio, sabe?

- Sei muito bem como é isso... - E eu realmente sabia, nunca consegui ter grandes diálogos com pessoas que não fossem minha mãe, Mary ou Thiago. Até com as meninas que eu já peguei não era muito de conversar.

As aulas do dia foram até produtivas, já que Lucy não conversava durante as aulas - O que era bom, pois eu conseguia me concentrar mais, ou não, pois cada vez que ela mordida a caneta eu parava no tempo para admirá-la - No intervalo das aulas ficamos discutindo sobre algumas leis e alguns órgãos governamentais. Ela é muito inteligente, fala sobre tudo com uma certeza incontestável. Na saída lhe ofereci carona, que negou até começar a chover, quando eu quase a empurrei para dentro do carro.

- Então, - Comecei quando estacionei o carro em frente à sua casa - Domingo - Vamos Alex você consegue. Respire fundo... Isso, agora fala - Bom, vai ter um almoço na minha casa e minha mãe pediu para eu te convidar - Falei tão rápido, que me perguntei se ela tinha entendido

- Sua mãe? - concordei com a cabeça - Sua mãe convidou? - Ela insistiu.

Tudo bem, minha mãe não tinha especificado o nome dela na conversa, mas eu refleti sobre convidá-la para o almoço, e decidi que seria bom ver se minha mãe iria gostar dela ou não. Já disse que minha mãe sempre está certa sobre as pessoas que se aproximam de mim? Então, ela sempre está, parece uma adivinha.

- Bom, ela falou para eu chamar meus “amiguinhos”, como ela mesma intitulou, e você agora é uma, não é? - Ela não precisava saber que para virar minha “amiguinha” teria de passar pela triagem da Dona Kátia.

- É acho que pode ser, já que não vou fazer nada no domingo mesmo - Respondeu rindo, eu soltei a respiração que nem sabia estar prendendo.

- Então marcado. Te pego as 12h00min.

- Tudo bem - Falou abrindo a porta do carro e a seguro antes que possa sair do mesmo.

- Você ainda não me deu seu número - ela olhou para mim em um misto de dúvida e surpresa, mas logo seu rosto suavizou e sorriu pegando o celular da minha mão e anotando seu número.

- Até Domingo! - Disse me dando um beijo na bochecha. Paralisei, assim como da primeira vez. A boca dela é macia e delicada, ainda fantasio com a boca dela na minha. Mas não acho que isso vá acontecer, aliais nem sei se ela tem namorado. Espero ela entrar e arrasto o carro dali.

## Capítulo 5 – Almoço

Nataly/Lucy

Quando Alex me convidou para o almoço em sua casa, eu levantei as mãos para o céu e agradeci. Mais cedo Katia havia me contado sua ideia e para dar certo eu teria de dar meu jeito para estar neste almoço. É claro que eu aceitei o convite dele, mas antes tive que fazer um charminho, aliás, é a mãe dele né! Ele ficou de vir me buscar 12h00min, já eram 11h37min e eu ainda estava de roupão em frente ao meu guarda-roupa sem saber o que vestir. Meu telefone toca, corro para atender, só espero que não seja o Alex dizendo que decidiu vir mais cedo. Olho para a tela e vejo o nome de Kátia, respiro aliviada e atendo.

- Pronto. Nataly falando.

- Ele acabou de sair daqui, já está pronta?

- Não! - Falei com voz de choro - Eu ainda não sei o que usar. - Jogo-me na cama que está com um amontoado de roupas. Ouço uma risada do outro lado da linha.

- Hoje você tem que estar mais meiga. Deixe-me ver. Hum

- Fala pensativa - Use aquele vestido rosa de seda rodadinho

- Ouço vozes ao fundo que acredito serem de Mary e Thiago - Tenho que desligar, tchau.

Ela desligou na minha cara! Tudo bem que tinha mais gente ali e que supostamente não nos conhecemos ainda, mas ela poderia esperar por uma resposta, e se esse vestido não está aqui, eu vou com o que? Meu Deus! Eu estou agindo como se estivesse indo para um primeiro encontro - O qual eu nunca tive, não de verdade - Tenho que parar com isso.

Levanto e caminho até o armário pegando o vestido que está pendurado em um cabide - Sorte a minha, senão eu teria que passá-lo - Ele parece mais com a "Lucy" do que comigo, pois é

muito meigo, e de meigo a Nataly aqui não tem nada. Termino de me arrumar bem a tempo de ouvir a campainha tocar. Pego minha bolsa, vou em direção a sala e paro no corredor, respiro fundo e obrigo-me a caminhar até a porta. A campainha toca novamente, então, abro a porta, me deparo com um Alex lindo e cheiroso, numa calça jeans, apertada nos lugares certos, e uma blusa de manga cumprida. Ele daria um ótimo agente. Tem um porte físico maravilhoso e é um gato, fora que é inteligente pena que não sabe lutar. Ele exhibe aquele sorriso magnífico para mim, que retribuo da melhor forma.

- Pontual. - Falo aceitando a mão que ele me estende.

- Eu tento. - Diz me conduzindo para fora do apartamento.

Tranco a porta e seguimos para o elevador. O prédio é bem moderno, mas não muito chique, já que não posso chamar muita atenção. Seguimos em direção a portaria e vejo um carro diferente - Que lembra muito os carros padrões da S.W.A. - estacionado em frente à calçada. Alex aperta o botão para destravá-lo. Uma vantagem de ser uma agente são os carros disponíveis para nós. Eu era apaixonada por carros e a minha garagem era um paraíso a parte.

Chegamos a sua casa depois de uns vinte minutos, me deparo com a mesa do jardim bem-posta, Mary sentada no balanço enquanto conversava com Thiago - que estava ajudando Kátia com os pratos. Assim que nos viu, Mary, com seus gestos "super." discretos, caminhou em nossa direção - Tudo bem, ela correu feito uma Gazela saltitante - chamando a atenção de todos para nós. Assim que nos olha Kátia mostra um sorriso verdadeiro em seu rosto.

E agora começa o fingimento coletivo.

Mentir sobre gostar de alguém - Ou seja, ser falsa - não passa nem perto desse tipo de situação. Quando sou somente eu mentindo é mais fácil do que quando envolve duas ou mais agentes, que é quando tudo fica mais perigoso, pois pode haver

alguma contradição em suas falas, fora que, eu me sinto horrível sabendo que estou mentindo e alguém ali sabe.

- Olha quem chegou! - Kátia diz estendendo os braços em minha direção.

Espera aí! Já entramos na parte das apresentações? Digo um simples "Olá" retribuindo o abraço meio sem graça.

- Você deve ser a Lucy. - Ela continua a insistir um diálogo comigo - Você está linda! - Fala me analisando com um sorriso no rosto, na verdade, eu sei que ela só estava checando se eu segui as ordens, nada explicativas, para minha vestimenta.

- Obrigada Senhora Bernoulli - Falo começando a entrar no personagem.

- Nada de senhora, somente Kátia, por favor! - Fala sorrindo, e eu aceno concordando.

Sentamos à mesa e engatamos um assunto sobre a faculdade que se transformou em uma conversa sobre mim. Como isso pode ser possível? Eu também não sei. Eu sabia que essa espécie de interrogatório, disfarçado de conversa, ia acontecer mais cedo ou mais tarde, pois Kátia havia me explicado o quão era importante a sua aprovação em uma amizade ou namoro para seu filho.

Ao final do almoço comecei a recolher os pratos da mesa com a ajuda de Mary, quando percebemos que Kátia e Alex demorariam mais que os dez minutos passados para voltar ao jardim. Sabia que ela o tinha chamado lá dentro com o objetivo de falar sobre mim da melhor forma possível. O almoço tinha sido uma maravilha, sem nenhum acidente da minha parte - Já disse o quanto eu sou desastrada? - Nada quebrado, ninguém irritado comigo. Mas, como eu sou adepta da lei de Murphy - Que caso alguém desconheça a Lei diz que "Se algo pode dar errado, vai dar errado - não poderia comemorar antes de estar sã e salva no meu suposto apartamento. Quando eu estava indo, tranquilamente, adentrar aquela casa esbarrei em Alex, que foi

rápido para me agarrar antes que eu caísse de bunda no chão, mas não rápido suficiente para agarrar os pobres pratos, prediletos, de Kátia, que saíram voando. Com um reflexo maravilhoso, de anos de treinamento, consegui agarrar um dos seis pratos que caiu próximo de mim e consegui ver Kátia fazer o mesmo, infelizmente foi somente com o dobro da quantidade de pratos que eu conseguira pegar – o que significa três pratos esvaçados na varanda de sua casa.

Merda! Eu falei que tudo pode acontecer comigo, sou muito estabana. Eu sei que Katia nesse momento quer minha cabeça como os pratos quebrados, afinal este é o conjunto de pratos preferido dela, minha mãe dera para ela em alguma comemoração especial, e acabei de destruir uma das lembranças de família dela. Me endireito e me preparo para pedir perdão de joelhos, quando ela pega o prato da minha mão e começa a falar:

– Por que vocês não sobem enquanto eu limpo essa bagunça?  
– Prevejo que ficarei por um bom tempo treinando os iniciantes, que é o pior trabalho que se pode ter na S.W.A. já que os iniciantes mal sabem atirar. Eles definitivamente começam do zero.

– Desculpa Kátia. Eu prometo que vou pagar – Traduzindo para a língua dos agentes eu disse: “Me perdoa, eu dou meu jeito de me redimir, juro que não foi proposital, só por favor não me coloca para treinar os iniciantes”.

– Não se preocupe querida, eu sei que não foi de propósito, está tudo bem são apenas pratos, pratos que podem ser repostos. – Eu quase acreditei que ela realmente não estava brava até ela dizer “são apenas pratos”, porque eu sei que não são apenas pratos. Ela, assim como eu, guarda todas as lembranças da minha mãe com o maior carinho e cuidado, e os pratos estavam inclusos desta lista. Antes que eu possa dizer mais alguma coisa Alex me puxa para dentro de casa, mas ainda consigo captar um olhar triste de Kátia. Merda. Eu a deixei mal, é como se parte do



espírito de mamãe estivesse nos objetos, que trazem lembranças de um tempo bom e distante, e acabei de matar uma parte.

Estávamos a mais de uma hora conversando no quarto de Alex, e eu já tinha perdido as contas de quantas vezes eu havia pedido desculpas a ele, pelos pratos. E ele sempre, calmamente, dizia que estava tudo bem, que sua mãe não estava brava. Ele pelo menos acreditava nisso – O que é bom, eu não preciso de mais alguém ali sabendo que Kátia vai me matar.



## Capítulo 6 – Sequestro?

Nataly/Lucy

Já havia passado uma semana desde o ocorrido na casa de Alex e eu ainda não tinha tido contato com Katia, não pessoalmente. Mandava sempre meus relatórios para o seu e-mail e só era respondida com mensagens do tipo “visualizada” ou “Pronto”, o que significava que ela ainda tinha raiva de mim, mas nunca deixava transparecer isso para Alex, o que me deixava cada vez mais próxima dele.

Alex e eu trocávamos mensagens o tempo todo, e na maioria das vezes ele só falava besteira, mas era uma boa companhia. Nas aulas sempre sentávamos juntos e ele sempre me levava para casa depois da aula – Ele também insistira para me buscar, mas eu sempre negava, já que na maioria das vezes eu nem lá dormia. Gostava de ir a S.W.A. quase todas as noites para treinar e receber atualizações, das minhas antigas missões, escondida e sempre acabava dormindo por lá.

Hoje é domingo e Alex tinha me convidado para conhecer o principal e mais belo, palavras de Alex, parque de toda a cidade, se não do país – Ele ficou de vir me buscar em duas horas, e eu estava pensando em uma forma de me desculpar com Katia nesse meio tempo.

Pensei em comprar um conjunto novo de pratos, mas não achei nenhum que se parecesse com aquele modelo. Eu até fui a uma loja de fabricação de porcelanato, mas eles disseram que não trabalhavam com aquele tipo de material, pois era antigo e raro. O que significava que ela nunca me perdoaria, pois nunca poderia repor os malditos pratos que eu quebrei.

Sabe Deus bem que você podia mandar um raio bem na minha cabeça. – Seria uma morte menos lenta e dolorosa do que a que Katia planejava para mim.

Pego as chaves do meu carro e meu celular e saio do apartamento em direção ao estacionamento do prédio. – Sim, eu tenho um carro, mas não o utilizo perto de Alex, porque além de economizar uma boa gasolina eu também me mantenho mais perto dele – No caminho para a central meu telefone começa a tocar e eu o conecto ao meu carro para poder atender.

– Naty? – ouço uma voz ecoando pelo carro.

– Oi Di, como está? – Diego, ou simplesmente Di, é meu melhor, e único, amigo, desde meus doze anos, quando ele foi recrutado. Além de ser um dos melhores cientistas da S.W.A.

Com ele sei que não preciso ser a Nataly robô, que mata pessoas e manda em outras, com ele posso ser a Nataly sensível, que chora que comete erros, que têm cólicas e TPM, posso ser a Nataly humana.

– Nataly, estou com um pequeno probleminha. – Diego tem dessas, de dar uma de super-herói quando alguém ameaça as pessoas importantes para ele ou quando ele simplesmente encasqueta com algum caso e nenhum agente dá bola para ele. Eu normalmente era a única que ouvia e ia atrás das loucuras dele, mas, comigo fora, era obvio que esses “pequenos probleminhas” iam começar a aparecer. – Eu recebi uma mensagem com o suposto paradeiro do Maurício e eu vim ver se era verdade antes de falar para alguém, porque eu não confio no informante e porque superiores não costumam ouvir cientistas. – Ele estava falando rápido demais e eu estava já com dificuldades para acompanhar o que ele dizia – E agora eu estou cercado. – Sua voz soava agonizante.

– Diego, onde você tá? Eles te machucaram? – Falo ligando o carro – Fala alguma coisa!

– Não precisa gritar que eu não sou surdo – ele me grita de volta – Eu estou dentro do carro, só não sei como sair daqui. É uma armadilha para me pegar, mas não estão relacionados com Maurício e sim ao caso Navarra.

- Mais que merda é essa? Esse caso foi encerrado, por que esperar dois anos para atacarem?

Navarra era um mafioso da pesada e foi minha primeira missão onde tive que me disfarçar por mais de um dia. O caso demorou três meses inteiros, só que isso foi a dois anos e ele nunca foi pego. Sim, eu falhei na minha primeira grande missão. Ninguém é perfeito, nem mesmo a agente treinada para isso.

- Não sai do carro, que eu estou chegando, mas dessa vez vou ter que pedir reforços. - Continuo.

- Não! - Ele grita - São dois carros, eu abato um e você o outro.

Ele não gostava de se sentir indefeso, principalmente porque ele foi escalado para ser cientista e não agente, mas assim como nós, ele possui porte de arma e um distintivo, só que ele não pode sair desta forma atrás de pistas sem um agente - No caso eu - ao seu lado. Mas, como ele é um teimoso, sai sem ninguém perceber e ainda se mete em roubadas.

- Naty, você sabe que se seu pai souber disso ele vai me punir - Digamos que ele não obedece muito às regras e meu pai/superior já o ameaçou. Mais de uma vez.

- Tudo bem! Mas fique você sabendo que se houver algum furo na minha missão por esse atraso, você estará encrencado.

- Você sabe que eu te amo, né?

- Você tem uma arma aí com você? - Ignoro a bajulação dele.

- Sim! - Ele parece estar nervoso.

- Não minta para mim! Tem ou não tem? - Digo perdendo a minha paciência.

- Tenho caramba- Ele grita!

- Não grita comigo ou eu te deixo aí sozinho! - Ele se acalma - Agora me fala as coordenadas.

Vou até o lugar indicado por Diego, e pego minha arma, carregando e escondendo-a no cós da minha calça jeans que faz

conjunto com a minha regata branca – Não devia estar vestindo essa camiseta – Paro o carro uma rua antes do beco que ele me descreveu e começo a andar como se nada tivesse acontecendo. Entro no beco e logo sou barrada por dois homens, com o dobro do meu tamanho, armados.

Ok, Diego não me disse que eles estariam armados. – Tudo bem que se tratando do Navarra é até meio óbvio que teríamos armas aqui – Mas isso significa troca de tiros, e nós evitamos ao máximo matar, já que somos uma organização que até a polícia desconhece. Não podemos chamar atenção. Mas quando há troca de tiros não temos muitas saídas, alguém sempre sai baleado.

Eu já matei um total de 42 pessoas, todos bandidos que tentaram me matar. Não me orgulho desses números, preferia nunca ter entrado nessa vida, mas agora já estou muito no fundo para querer submergir.

– Está perdida gatinha? – um dos homens fala me analisando. Eu devo ter ficado com uma cara de boco, enquanto processava meus próprios pensamentos – Está se sentindo bem? – Ele me analisa cuidadosamente. Desde quando esses homens têm coração? Tudo bem que com a cara de nojo que eu estava fazendo enquanto pensava, não ajudava muito.

– Estou bem sim! – O vejo voltar para sua postura de mafioso enquanto eu falo – Na verdade acho que estou meio tonta, será que pode me ajudar? – Ganho atenção dele, do homem ao seu lado e dos outros quatro homens que estavam cercando o carro de Diego.

– Como podemos te ajudar? – um dos rapazes pergunta. Como esses Homens são idiotas. Ninguém que está trabalhando para um mafioso para o seu trabalho, para ajudar uma garota qualquer.

– Será que posso me sentar ali – falo apontando para uma escadinha de dois degraus, que dava para uma porta de metal, de onde o carro de Diego estava próximo.

Eles me analisam, desconfiados.

- É que eu estou grávida e essa tontura acontece com frequência, e logo em seguida vem o enjoo - Prossigo observando a cara deles, mudarem para algo próximo do susto - Ah, e depois o vômito, muito vômito - Dou ênfase no “muito” me curvando apoiada em um dos caras.

- Vocês estão esperando o que? Limpem o lugar para a senhorita sentar e ajudem aqui! - O que parece ser o líder fala de forma meio desesperada.

- Mas e o nosso problema chefe? - um dos homens de óculos e casaco preto, parecido com os homens da M.I.B, grita apontando discretamente para o carro do Diego

- Vocês dois! - O chefe diz apontando para os mais próximos ao carro - Vigiem o nosso problema, os outros se mexam e ajudem aqui! - ele estava desesperado, e a situação era hilária.

Observo a tentativa de Diego de sair do carro e faço menção de vomitar, chamando a atenção de todos. Levanto um pouco o rosto e vejo-o se esgueirando pela lateral do carro, espero um sinal para começar a agir. Começo a ser levada para a escada que agora está com a jaqueta de couro, de um deles, cobrindo a umidade. Sento-me enquanto um deles me abana. Quando vejo que um dos vigias percebeu a fuga de Diego e está preste a gritar para quem quiser ouvir este fato, começo a gritar com a mão na barriga, o que assusta todos eles.

- Acho que vou perder meu filho! - falo em um choro falso.

- Calma moça, respira!

- Vamos chamar uma ambulância! - um deles fala levando um tapa, logo em seguida, na cabeça, do seu líder.

- Nós não podemos chamar uma ambulância, seu demente. Tudo o que não precisamos é de mais gente nesse beco.

- Chefe? - O cara que percebeu a fuga finalmente fala interrompendo o homem de novo. - O nosso problema. - Agora ele ganha a atenção total do líder.

- O que tem nosso problema? - Pergunta impaciente virando-se para o carro.

- Ele sumiu.

Foi o tempo de ver Diego atingindo um deles com uma coronhada, e todos se esquecendo da minha presença e puxando suas armas e apontando para Diego.

Levantei apontando minha arma para a cabeça de um deles, que ficou imóvel, e chutando o estomago de outro que vinha à minha direita. Arranquei a arma da mão do meu refém e vi o líder deles puxar o gatilho da arma rente a testa de Diego, que já estava imobilizado por outros dois que ainda se mantinham de pé.

- Eu vou te levar vivo ou morto, entendeu. Para mim, não faz diferença. - Ouço o líder dizer enquanto me aproximo dele, por trás, silenciosamente.

- Mas faz toda a diferença para mim. - Digo apontando a arma para sua cabeça - Larga a arma e solta ele agora. - Digo entre os dentes o vendo abaixar a arma - Agora joga a arma longe, para a esquerda - Ele faz o que mando - Os três, na parede - Vejo uma relutância da parte deles - Agora! - Grito, sendo atendida logo em seguida.

Diego sai pegando sua arma para prender os outros que estão desacordados.

Colocamos um ao lado do outro, encostados na parede, algemados, até furgão da S.W.A. chegar e levar todos - Exceto o líder, com quem eu queria ter uma conversinha antes.

- Quem te mandou aqui e para que? - Pergunto puxando o gatilho da minha arma com ele ainda encostado na parede.

Ele se mantém em silêncio.

- Vou perguntar mais uma vez, só que vou ser mais clara - Faça uma cara angelical enquanto falo - Quem te mandou aqui para sequestrar um dos meus melhores cientistas? - Agora estou gritando.



- Nataly, calma. Não queremos um acidente aqui - Diego fala abaixando a minha mão, que contém a arma, que estava apontada contra o peito do bandido.

- Eles não se preocupariam em matar alguém. Por que eu deveria me importar? - Eu transpareço muita raiva, o que assusta não só o bandido como meu amigo também.

- Tudo bem eu falo. Mas, eu quero proteção.

- Proteção? Para quem você trabalha? Vamos ver se é útil te dar alguma proteção.

- Proteção primeiro, depois eu respondo.

- Tudo bem! - Diego diz revirando os olhos - Agora desembucha. Para quem você trabalha e o que vocês querem com a gente?

- Eu trabalho para o Navarra - Tudo bem, disse eu já sabia - Ele nos enviou para sequestrar o Cientista, como refém, para poder tocar pela agente 003.

Meu mundo girou, porque eles me queriam? Porque o Diego? Como eles sabiam que eu trocaria de lugar com um cientista da S.W.A.? Isso eram perguntas que não se calavam em minha cabeça.

- E você iria entregá-lo para quem? Onde? - Digo voltando ao meu foco no momento, mas ainda um pouco assustada com tudo isso.

- Em um hotel abandonado, às três horas - Eu checo meu relógio de pulso, enquanto ele fala, e percebo que são 14h45min, ainda daria tempo de ir ao encontro com Alex, que estava marcado para as 15h, e descobrir o que o Navarra queria comigo.

- Onde fica esse hotel? - Agora é Diego que fala.

- O endereço está no meu celular, no bolso de trás da minha calça.

Diego pega o celular no local indicado, procurando o endereço.

- Está aqui! - Fala mostrando a tela do celular para mim - Fica a dez minutos daqui.

- Se corrermos dá tempo de encontra-lo ainda lá - Falo levantando e me inclinando na direção do bandido, que ainda estava sentado no chão, e o puxando pela gola da camisa - Levanta! - Eu ordeno.

- O que? Pra que? - Ele diz assustado.

- Vamos fazer uma visitinha ao seu chefe - Digo abrindo a porta do carro para ele.

- Mas você me prometeu proteção - Ele diz se debatendo enquanto Diego o leva para o carro.

- Sim, eu prometi, mas isso só vai acontecer depois que eu ver o seu chefe. - Digo ligando o carro e dando partida.

Chegamos à frente do hotel, que mais parecia um motel. Estacionei, desci e tirando as algemas da minha isca e algemando-me logo em seguida.

- O que você está fazendo? - ele perguntou

- Não quero chamar a atenção de nenhum dos capangas. Então você vai entrar comigo como se tivesse me sequestrado, vai me ajudar. - Respondo entregando uma arma descarregada em sua mão - E se me trair, minha equipe inteira vai entrar e matar todos. E você vai ficar vivo junto ao seu chefe, que vai saber que você o traiu e vai te torturar por muito e muito tempo.

Uma luta psicológica é mais fácil de vencer, do que uma luta corporal, se você tiver as armas certas. E nesse caso eu tenho as armas certas.

Passamos pelos seguranças da entrada e fomos em direção a uma sala no fim de um longo e sombrio corredor. Nele só há dois seguranças na porta que eu pretendo entrar, então quando estamos próximos o suficiente deles me solto e pego duas seringas que estão em meus bolsos e injeto um em cada segurança, que caem instantaneamente no chão.

Depois de checar, novamente, que não há ninguém no corredor entro na sala apontando minha arma na cabeça do homem de preto, que carrego na minha frente como um escudo.

- Já era hora de trazer algo que me agradasse. - Ouço a voz de Navarra enquanto está de costas para mim mexendo em seu frigobar.

- Espero que eu esteja ao seu agrado, senhor Navarra - Digo vendo-o se virar e derrubar um dos copos de uísque, que estava em sua mão, molhando seu tapete persa fora de moda.

- O que? Como você deixou que ela te pegasse? Eu pedi que trouxesse o cientista, seu imbecil! - Navarra grita, avançando em minha direção.

- Fica paradinho aí! - Aponto a arma para ele, enquanto tranco a porta, e jogando meu escudo humano num sofá de couro preto que estava ali próximo. Caminho até ele e guio-o até a mesa dele, pegando sua arma que se encontra ali - Vamos conversar um pouquinho. - Viro me apontando a outra arma, que peguei em cima da mesa de Navarra, para o capanga que tentava fugir na ponta dos pés - Se você não quiser morrer agora mesmo, senta nesta porra de sofá e fica quieto - Grito, vendo-o recuar e sentar-se novamente. - Obrigada! - Agora sorrio angelicalmente, como uma menininha inocente.

- Está tentando ganhar tempo para sua equipe, senhorita Walter? - Navarra diz, ganhando novamente minha atenção.

- Sabe sua sala é até bonitinha. Meio escura e medonha - Falo apontando para uma cabeça de veado e outra de alce empalhados, pendurados na parede - Mas até que é elegante. Gosto desses móveis antigos.

- Você sabe que não durará muito aqui, não sabe? - Ele me ameaça se curvando sobre a mesa.

- O senhor, não é o único com capacidade para desaparecer dos lugares, antes que todos percebam - falo repetindo o mesmo gesto dele e fazendo referência às vezes que fracassamos ao

pega-lo - Tenho duas perguntas para você. - ajeito-me em uma postura séria de negociadora - Primeira, o que você queria com meu cientista? Segunda, o que iria querer comigo depois de tantos anos? Não tem medo de ser pego?

- Primeiro que foram três perguntas. Segunda, o que te faz pensar que eu vou te responder algo?

- Porque você não quer que eu acione a minha equipe para que eles invadam o seu esconderijo e levem todos vocês para uma cela bem nojenta - Ele me olha ainda parecendo não confiar em mim - Ok, vamos fazer assim, você me conta o que eu perguntei e eu suspendo as investigações sobre o seu caso, por ajudar em uma investigação governamental - Sorrio vitoriosa quando vejo que eu o abalei. Queremos pegar o Navarra a muito tempo, e eu estou abrindo mão de tudo isso em troca de informações sobre algo que pode ser nada e também pode ser tudo.

- E se eu me negar? - Agora ele quer um acordo, isso mostra que está quase convencido. Ponto para mim.

- Bom, se você não quiser colaborar, serei obrigada a te prender agora mesmo e acionar para a central onde eu me encontro neste exato momento. - Sua cara de derrotado me diz que eu ganhei essa conversa.

- Tudo bem eu conto. Mas que garantia eu tenho que você não vai me prender logo após isso? - E a desconfiança aparece novamente

- Confiança é uma virtude.- Tudo bem! - Diz, finalmente dando-se por vencido - Há alguns dias, muitos de nós recebemos fax, e-mails, mensagens e até cartas, todos com a mesma mensagem.

- E eu posso saber o porquê e qual era a mensagem? - Digo, já ficando impaciente, depois de alguns minutos de silencio por parte dele.

- Nelas dizia que queriam você, viva.- Ele faz uma pausa e eu sinto meu estomago embrulhar - Colocaram sua cabeça a prêmio, por nada mais, nada menos que vinte milhões de dólares.

Meu chão caiu e junto a minha pressão, me senti tonta, enjoada e amedrontada.

Minha cabeça nunca tinha ido a prêmio, mesmo eu sendo a culpada de muitas prisões, nunca tentaram me pegar. Alguns dizem que eu sou a pessoa mais temida e mais perigosa para lidar, principalmente pela quantidade de anos de treinamento e ódio que carrego em cada luta. Todos sabem o porquê de eu ter entrado nessa vida. Coisas como traição e morte dentro de uma agência secreta chama a atenção dos bandidos assim como a morte ou traição de algum famoso chama a atenção da sociedade.

- Quem colocou a minha cabeça a prêmio? - Falo me recuperando aos poucos do choque, pena que me recuperei cedo demais, não estava preparada para a resposta que vinha a seguir.

- Veja por si mesma - ele me entrega um papel com as minhas descrições, assim como em um cartaz de procurado da polícia.

Li o papel com calma, ainda não acreditando naquilo, mas não encontrei o nome do mandante, e acho que Navarra percebeu, pois tratou de me responder.

- Ele não assina o nome nos cartazes, mas deixa um número e uma forma para contato.

- Vai continuar me enrolando ou vai me dizer quem é?

- Mauricio Bernoulli!



## Capítulo 7 – Novo Alvo

Nataly/Lucy

Por um momento preferia que ele não tivesse me dito quem era o mandante.

O nome de Maurício ecoava em minha cabeça, e um medo inigualável começou a me consumir.

Que ele estava atrás do filho, eu sabia, mas achei que era algo simples, como querer vingança contra Katia, mas agora tudo havia mudado. Ele não só queria Alex, como também queria a mim.

E que garantia eu tenho de que ele também não queria Katia e Antony?

Isso significava que estávamos no escuro. Não tinha como eu continuar a proteger o Alex sendo que eu também precisava de proteção.

Agora o jogo havia mudado completamente de figura.

Sai da sala de Navarra com a promessa de cancelar as investigações sobre ele, entrei no carro, no qual Diego me esperava, mas não disse nada o que o preocupou.

- Naty, o que você tem? O que ele fez? Cadê o Navarra?

- Estou bem! - foi a única coisa que conseguir dizer. A verdade é que estava atordoada demais para falar ou pensar qualquer coisa.

- OK, vou te levar para o apartamento. - Ele diz, dando partida em seu carro.

- Não! - Eu gritei, saindo do transe - Leve-me até a central e no caminho marque uma reunião com todos os diretores. Precisamos mudar de estratégia.

- O que está acontecendo? - Ele estava preocupado a ponto de se recusar a ligar o carro até que eu desse uma boa explicação

- Da para me explicar porque o Navarra e aquele capanga dele não estão algemados no banco de trás do meu carro? Por que você está deste jeito? E por que você quer uma reunião com todo mundo? E que história é essa de mudar de estratégia? Olha chega de segredos. Já não basta ter me colocado nessa sua missão aí, e não me contar toda a história?

- Tudo bem - Respiro fundo - Maurício colocou minha cabeça a prêmio. E por falar nele, a missão é por causa dele.

- O que? Como assim? Nataly você sabe muito bem o que esse homem fez, pelo amor de Deus, por que se meteu nisso? Nada disso faz bem a você.

- Diego deixa esse sermão para depois ok? Vamos logo! - Digo o vendo virar para frente e dar partida no carro.

Nada foi dito até chegarmos a sala de reuniões da S.W.A., onde todo mundo já se encontrava sentado em volta da enorme mesa de vidro, como no fatídico dia em que ganhei essa missão. No caminho Diego fez contato com a central avisando sobre a reunião, que foi dada como alerta máximo, o que explica todos estarem aqui, mesmo antes de chegarmos.

- Posso saber o motivo da reunião de código vermelho? - Vejo meu chefe falar da ponta da mesa.

- Temos problemas. - Minha voz sai mais falha do que imaginava.

- Disso nós já sabemos. - O agente, que tem a placa da Austrália à sua frente, diz revirando os olhos impaciente - Pode nos dizer qual o problema? - Recosta-se na cadeira.

Nunca gostei deles, sempre criticam o fato de eu ter um cargo mais alto que o deles e ser mais nova.

Em sua grande maioria, os agentes são bastante respeitosos comigo, mas a bancada de líderes era um saco. Só tinha gente velha e preconceituosa. Com eles, eu estou em um constante teste. Tentando me assustar e me fazer desistir do cargo do qual sou herdeira.



Quando é que eles vão perceber que não me assustam?

Já estava estressada, o suficiente, para ouvir qualquer coisa deles e ficar calada. Era a minha cabeça a prêmio. Era o meu nome que estava correndo entre os bandidos mais perigosos do mundo. Se Maurício falasse algo sobre eu ser a nova líder, eles dobrariam o valor e então a minha vida seria um inferno.

- Não me lembro de ter pedido que falasse, aliais a reunião que pedi foi com os membros mais importantes, e que eu me lembre, você não é um, não é mesmo? - Digo encarando-o e praticamente cuspiendo as palavras em sua cara.

- Já chega! - Vejo Antony gritar - Nataly, diga o que foi que aconteceu agora! E respeite seus colegas de trabalho.

- Maurício colocou minha cabeça a prêmio, e logo, logo será a de vocês. - Jogo-me numa cadeira vazia próximo a Antony.

- O que? Como descobriu isso? - Agora é Katia que diz.

- Bom, eu quase fui sequestrada hoje. - Eles não precisavam saber como realmente a história aconteceu e nem quem mandou me sequestrar, muito menos saber o acordo que eu fiz. - Eu também descobri isso - Falo entregando papel que o Navarra tinha me entregado mais cedo.

- Reunião encerrada - Antony diz após terminar de ler o que continha no papel - Vocês três, na minha sala agora. aponta para as únicas mulheres sentadas a mesa e para Diego que estava no sofá do canto sala quase que imóvel.

Nós três seguimos para sala dele, que é trancada pelo mesmo assim que nos acomodamos nas cadeiras de frente para sua mesa.

- Um agente me enviou um relatório sobre o que aconteceu hoje. E disse que vocês dois levaram um dos bandidos. Quero saber por que ele não voltou com vocês e para onde vocês foram.

Ótimo! Nem quando pedimos para ficarem quietos eles ficaram. Cadê o respeito pelas patentes mais altas?

Eu e Diego nos entreolhamos, e nos encolhemos em nossas cadeiras.

- Quero respostas agora! - Ele insiste batendo na mesa - Onde vocês estavam?

- Acho que o foco desta conversa deveria ser no fato de eu estar sendo ameaçada, e não em coisas bobas como, por exemplo, onde estávamos. - Falo numa tentativa falha de mudar os rumos da nossa conversa.

- Nataly, diga a Antony onde vocês estavam - Katia parecia desesperada - Não vamos mais causar confusões, ok?

Olho para todos e me dou por vencida.

Começo a explicar tudo que aconteceu, desde a ligação de Diego até a conversa com Navarra, ah, sem esquecer o belo acordo que fiz. Não preciso nem dizer o quanto Antony surtou quando expliquei as finalidades do meu acordo, e custei muito a fazê-lo entender que era minha vida, e posteriormente a de Alex, em risco. E ele mesmo irritado, admitiu que Maurício é mais importante do que Navarra.

Eu sou assim, não faço muitas besteiras e quase nunca cometo erros, mas quando cometo algum deslize, é épico. É pior do que traição de famoso, a história vira o assunto mais falado de toda a agência.

- Tenho uma dúvida. - Digo depois de um longo tempo de silêncio e concentração para decidirmos os rumos de nossas vidas.

Tinha bem uma hora que estávamos pesquisando sobre a tal ameaça e para quem a informação já tinha chegado, mas como Diego mesmo disse, as mensagens foram bem criptografadas, nem o nosso maior hacker conseguiria decifrá-la. Sabíamos que a ameaça era verdadeira - e se você acha que foi porque eu disse que era verdadeira, está muito enganada. Antony fez questão de checar isso -, mas não sabíamos a que proporção ela tinha

chegado, nem a quem. Então, a única forma de nos prevenir era desconfiando de qualquer um que se aproximasse.

- O que foi dessa vez? - Antony, sem sombra de dúvida, estava com raiva de mim.

- Como fica a situação com Alex? - Todos me olharam confusos - Ah qual é? Não posso ficar me expondo, principalmente perto dele. Também posso ser morta a qualquer momento, fora que Maurício já sabe quem eu sou. Imagina se ele me vê perto de Alex? Vai saber que estamos vigiando. - Falo como se isso fosse óbvio. Na verdade, isso é bem óbvio.

- Você permanece na missão, não podemos tentar aproximar outra pessoa, seria muito arriscado e suspeito, fora que Alex deposita confiança em você. Não vou tirá-la - E ali estava meu chefe asqueroso com sua palavra final.

- Vamos colocar uma equipe de vigia o tempo todo e ficaremos de olho em cada passo de vocês, nem ele e nem ninguém conseguirá se aproximar, nem mesmo para perceber que você está perto de Alex - Disse Katia levantando determinada - Vou fazer uma reunião com os homens que farão a vigilância e a segurança deles. Diego você já está na missão, então obviamente a vigilância é sua responsabilidade. Vamos!

- Mas eu só sou um cientista - Tenta defender-se.

- E o único que sai querendo salvar o mundo - Katia puxa ele - Então agora é oficialmente o chefe da segurança da sua amiga. É bom que não deixe ela morrer - Pisca para mim, mas Diego fica apavorado.

- Sim senhora! - Segue Katia para fora da sala.

Era tão bom ver que, pelo menos, um de nós acreditava que era possível sairmos vivos dessa. - Essa pessoa no caso era Katia - Fazia bem a ela, já que isso tudo estava acontecendo por causa do ex-marido dela.

Remexo-me na cadeira, incomodada com o silêncio, que se formou depois que Katia e Diego saíram. Nós dois não éramos

exatamente um exemplo legal de família, então além do trabalho nunca conversávamos sobre absolutamente nada, nem sobre a mamãe.

Resolvo pegar meu celular, numa tentativa de fugir de qualquer assunto ou bronca que ele tentasse iniciar, e me assusto ao ver sete ligações e três mensagens de Alex.

Droga!

- O que aconteceu? - Parece que eu pensei alto mais uma vez.

- Lembrei agora que marquei com Alex as três da tarde - Disse olhando no relógio digital de sua mesa e constatando que já eram 4h30min. - Ele provavelmente foi até meu apartamento e não me encontrou e ainda não atendi aos seus telefonemas. Ou acha que estou o ignorando ou que estou morrendo, porque me ligou sete vezes. - Antony me olha assustado.

- Já estão tão próximos assim? - Lá no fundo parece ter um tom meio brincalhão, mas bem lá no fundo mesmo.

- Bom, ele acha que moro sozinha e o porteiro não me viu sair. Acha que ele não ficaria preocupado com a nova quase amiga dele? - Gaguejo um pouco ao falar.

- Acho que sim. - Ele diz depois de um tempo pensando.

- Vou ligar e inventar algo e dizer que depois no encontramos. Tenho que ficar aqui e resolver alguns probleminhas - Digo pegando o telefone e começando a digitar o número dele.

- Não! Será melhor você ir para o apartamento e dizer que esqueceu o celular lá, e que estava no banco, ou algo do tipo. Convide-o para uma pizza, e tudo ficará bem. Só o faça se sentir importante.

Isso era estranho ainda mais vindo de quem estava vindo. Antony nunca foi de sentimentalismo, nem comigo que sou sua filha, não que esse título significasse algo para qualquer um de nós.

- Só estou querendo que ganhe a confiança dele. Preciso que ele acredite quando disser que aquela pessoa é ruim, preciso que ele confie em você como confia em Katia, pois se Maurício se aproximar, alguém vai ter que dizer a Alex que isso não é uma boa ideia.

Isso foi profundo. Mas ainda assim estranho.

- Tudo bem, mas como fica a história com Navarra? Eu prometi limpar o nome dele, e se eu não o fizer ele será mais um na nossa lista de perseguidores.

- Eu irei resolver isso, e mandarei para ele o documento com a fixa limpa. Por mais que isso vá contra tudo que eu acredito como policial.

- Você não é um policial. É um agente. - Digo saindo de sua sala - Mando meu relatório na segunda-feira. - Fecho a porta e saio em direção ao estacionamento, sem ao menos passar em minha sala. Entro na garagem de carros elite - Uma área com carros modificados para os agentes de disfarce. Cada personagem que criamos precisa de um carro, seja ele comum ou importado, nós adaptamos com armas, nitro, blindagem, bombas e outras coisas para ajudar em fugas de emergência - Pego um carro menos chamativo branco, - O nosso carro padrão - e parto em direção ao meu atual apartamento.

Chego ao meu destino em menos de 15 minutos, e ativo o controle do portão para entrar no estacionamento. Não era bom ficar mudando de carro, pois os vizinhos estranhariam, mas meu outro carro foi para a manutenção, então tive de pegar este. Entro no elevador e aperto o número 6, o número do penúltimo andar do prédio. Assim que vejo as portas se abrirem começo a guardar o controle do portão na bolsa e procurar a chave da porta, quando levanto meu rosto me deparo com uma cena inacreditável.

- Alex? - Pergunto, vendo-o sentado ao lado da porta do meu apartamento brincando com o celular em sua mão - O que faz aqui?

## Capítulo 8 – O Estranho

Nataly/Lucy

- Alex? Pergunto, vendo-o sentado ao lado da porta do meu apartamento brincando com o celular em sua mão - O que faz aqui?

- Você se esqueceu, não foi? - ele estava visivelmente desapontado.

E naquele momento as palavras de Antony me atingiram em cheio. Ele estava decepcionado comigo, ele tinha confiado em mim e esperado durante horas na minha porta, na esperança de que fosse tudo um engano.

- Eu vou indo, já vi que você está bem - Ele diz levantando e guardando o celular no bolso.

- Espera! - Digo sem saber como reagir - Você está aqui desde as três? - Ainda estava pasma quando ele acenou afirmando - Eu sinto muito, eu... Meu primo esteve aqui, estava com problemas, e eu nem sabia que ele estava na cidade, e ainda era cedo, então eu fui ajuda-lo, mas esqueci do celular em casa e quando conseguimos sair da delegacia já eram quatro horas, então deixei ele e a namorada, que tinha sido presa, em casa, e vim para cá correndo na esperança de que você estivesse esquecido do nosso passeio, e não tenha ficado chateado comigo. - Falo rapidamente a primeira coisa que vem em minha cabeça e o vejo se espantar.

Eu estava me sentindo estranha por mentir. Como se mentir para ele fosse errado, como se isso me machucasse.

- Eu sinto muito, não estou chateado, eu fiquei aqui só por preocupação. O porteiro disse que você não tinha saído.

- Eu saí pela garagem. - Falo sorrindo aliviada

- Mas, você não tem carro. - Constata o óbvio desconfiado.

- Meu primo veio me buscar de carro e me esperou na garagem.

Minhas mentiras estão cada vez melhores, quem vê pensa até que estou dizendo a verdade.

- Quer entrar? - Digo passando por ele e destrancando a porta.

- Não, acho melhor eu ir. - Coça a nuca sem graça.

E mais uma vez as frases de Antony invadem minha mente “convide-o para uma pizza” “faça-o se sentir importante” “ele terá de ouvir você quando Maurício aparecer”.

- Na verdade eu adoraria que ficasse - Digo segurando em sua mão quando vira em direção ao elevador - Podemos pedir uma pizza? Quero me redimir por ter-te feito esperar tanto. Por favor?

- Tudo bem! - Diz rindo enquanto o puxo para dentro do apartamento.

Ele analisa meu apartamento enquanto eu ligo para a pizzaria pedindo os sabores Marguerita e Portuguesa, as preferidas dele e por coincidência os meus também.

- Para quem acabou de se mudar, sua casa já está bem arrumada. - Comenta olhando a decoração.

- Sou bem focada quando quero. - Digo ouvindo a voz do outro lado da linha do telefone.

Ficamos um bom tempo para decidir qual filme iríamos assistir, e acabamos optando por uma comédia romântica. Quando vou a cozinha pegar refrigerante para nós, ouço a campainha tocar e logo a porta abrir e fechar.

- Você pagou pela pizza? - Digo voltando para a sala com dois copos e a garrafa de refrigerante.

- Não peguei e bati a porta na cara do entregador.

- Eu é que ia pagar pela pizza não você. - Finjo indignação.



- Não seja por isso, posso chamar o moço para você. - Neguei e começamos a rir.

Fomos parando aos poucos e nos encaramos por uns bons minutos. Estávamos numa competição de quem cedia primeiro e eu já estava perdendo feio, ruborizei rapidamente, então desviei meu olhar desconversando. A noite foi tranquila, e demos risada com o filme, brincamos e fizemos guerra de pipoca novamente, e eu é que sofreria para limpar tudo.

E mais uma vez Alex me fez sentir estranhamente humana.

Acordei deitada no chão da minha sala enrolada em uma coberta e percebi que estava junta a Alex, com a cabeça em seu peito enquanto ele me abraçava protetoramente. Dormir no ombro do menino e acordar no dia seguinte ao lado dele, soava muito clichê em minha cabeça.

Encaro aquele lindo rosto sereno ao meu lado e acaricio-o. Lembro-me da noite passada, quanto foi divertida e eu nem precisei mentir para ele. Falamos de coisas que não se referiam a vida pessoal, o que foi bom. E por um momento gostaria de apenas ser a Lucy.

O que está acontecendo comigo?

Vejo meu celular tocar e levanto, tirando seu braço cuidadosamente de cima do meu corpo.

- Onde Alex está? - Ouço Diego gritar do outro lado da linha.

- Bom dia pra você também. Dá para parar de gritar, vai me deixar surda. - Falo saindo da sala e indo para o quarto para não acordar Alex.

- Que voz de merda é essa?

- Acabei de acordar idiota. - Resmungo.

- Percebe-se pelo seu bom humor matinal.

- Ironia não o seu forte.

- Está bom não precisa bater. - Diz contornando uma discussão que estava por vir. Já disse que eu sou insuportável pela manhã? Então, eu sou! - Mudando de assunto, você sabe que horas são? Vai se atrasar para a aula.

- Está bem mamãe, já estou indo me arrumar. Ah, e o Alex está aqui não se preocupe.

- Por que o Alex...

- Tchau! - Digo desligando o celular antes que ele possa me bombardear com suas perguntas.

Sigo para o banheiro e começo a me arrumar tranquilamente mesmo sabendo que estava atrasada.

Saio do quarto, já pronta, em direção à cozinha, que exalava um cheiro maravilhoso de bacon, onde encontro um Alex sem camisa, descalço, com cabelo molhado e um avental, que eu nem sabia que eu tinha.

Sexy!

- O cheiro está ótimo! - Digo encostada na porta da cozinha.

- Oi - Vira-se assustado - Está aí a muito tempo?

- Não! Acabei de chegar.

- Ah. Espero que não se importe, mas me dei à liberdade de fazer nosso café e roubar uma escova de dente que tinha no armário do banheiro de visitas e também tomei um banho - diz enquanto despeja uma última panqueca em um prato.

- Não sabia que você sabia cozinhar. - Falei surpresa. E eu realmente estava. Não tinha na ficha dele suas habilidades culinárias e nem que era essa perdição inteira.

Que isso Nataly? Ele é seu protegido e filho da sua superior.

- Você não sabe muita coisa sobre mim.

Na verdade, eu sei sim, mas vamos fingir que esse ar de misterioso funciona comigo.

- Agora eu estou me perguntando como cantadas tão ruins fazem as meninas ficarem aos seus pés. - Brinqueei, rezando para que realmente aqui não fosse uma cantada.

- Como você pode ver, eu estou solteiro. - Diz abrindo os braços e apontando para si mesmo.

Rimos mais um pouco de suas péssimas piadas e nos sentamos para um café tranquilo, enquanto assistíamos ao noticiário, que narrava um acidente em uma das vias que teríamos de passar para chegar a faculdade.

- Vamos nos atrasar ainda mais. Chegaremos na terceira aula e olhe lá. - Ele estava mesmo preocupado em perder aula. Ele gostava do que fazia.

- Pelo menos teremos a desculpa deste acidente. - Digo tentando amenizar o ar sério que exalava pela cozinha.

Terminamos nosso café sem mais nenhuma palavra, pegamos nossas coisas e seguimos para o elevador.

Ao chegarmos ao saguão esbarro em uma muralha humana. Ele tinha um rosto um tanto quanto estranho e familiar. Familiar do tipo bandido mafioso. Reconheço um de longe, principalmente quando eles não conseguem disfarçar que você é o alvo e ficam te encarando enquanto andam na direção oposta.

- Você está bem? - Alex pergunta parando de andar para me observar um pouco mais atrás.

Agora percebo que estou parada encarando o indivíduo enquanto ele espera o elevador.

- Lucy? - Alex insiste, quando eu não lhe respondo e continuo a encarar o estranho que agora se encontra de costas, enquanto espera pelo elevador.

- Oi? - Me viro para Alex, que sustenta uma cara de preocupado - Eu estou bem, só achei que conhecia aquele homem, mas foi só impressão. - Sorrio fraco, tentando parecer convincente.

- Então podemos ir? - Aceno e o puxo em direção a porta de entrada cumprimentando o porteiro no caminho.

Chegamos à calçada do prédio e Alex caminha em direção ao seu carro que está bem em frente à portaria e desativa o alarme.

Analisando o movimento na rua, está tudo tranquilo. Identifico alguns agentes disfarçados fazendo nossa segurança - O que é irônico, já que eu é que deveria prover a segurança -, uma mãe com sua filha, algumas pessoas no telefone discutindo, umas simplesmente descontraídas, outras fazendo suas corridas matinais e um ou dois carros passando pelo local, o que não posso dizer dos estacionados, não há um local da calçada que não tenha um carro estacionado, isso inclui o do Alex, os de alguns agentes e outros mais.

Olho para trás, para dentro do prédio, e observo quando o estranho entra no elevador e se vira para frente, me olhando com um controle na mão e um sorriso diabólico nos lábios.

Não preciso de mais que dois segundos para saber o que está para acontecer.

Viro-me para puxar Alex, porém ele já está abrindo a porta do passageiro com um sorriso divertido no rosto, que muda assim que vê minha expressão de apavorada.

- Alex! - É a única coisa que consigo gritar antes de correr até ele e puxá-lo para o mais longe possível e nos jogarmos no chão, a tempo de ver um carro velho, que estava estacionado na frente do carro de Alex, explodir, levando o carro de Alex pelos ares segundos depois, fazendo todos que estavam próximos se assustarem e caírem ou voarem para o chão também.

A partir daí tudo passa em câmera lenta e um quase completo borrão. Os agentes disfarçados, armados, se aproximam, nos cercando. Sirenes, bombeiros, brigas, flashes, gritos, choros. Olho para o lado atordoada a procura de Alex e a única coisa que encontro é uma pessoa toda ensanguentada e morta.

Estava assustada, não conseguia ouvir nada, tudo parecia confuso. Não sabia se isso havia sido um ataque de Maurício, contra o próprio filho, ou de qualquer outro que soubesse do prêmio pela minha cabeça.

Olho para Alex e ele está em choque. Aproximo-me na tentativa de checar se havia algum ferimento mais grave, porém, ele se afasta. Ele estava delirando e não falava coisa com coisa, escolhido quase que na posição fetal se balançando.

- Vocês estão bem? - Um dos agentes pergunta se aproximando. Aceno positivamente para ele que, com a ajuda de mais dois agentes, nos ajudam a levantar, quer dizer, Alex deu um pouco mais de trabalho, já que estava surtando.

- Já checaram o perímetro completo? Vi o suspeito adentrando o elevador. Não sei se deu tempo, mas todo cuidado é pouco. - Digo ao chefe de operações que andava ao meu lado um pouco mais atrás dos rapazes que carregavam Alex.

- O perímetro já foi revistado e liberado, senhora. E infelizmente o suspeito não foi encontrado, após fugir. Já temos uma equipe a sua procura pelas câmeras da cidade.

- Vejo que Diego não poupou esforços com a tecnologia.

- Ele preza muito mais a tecnologia do que a violência - Ele diz sem querer, e fica perceptível sua vergonha logo após terminar a frase. - Com todo o respeito senhora.

- Tudo bem, não se preocupe. - Dou-lhe um sorriso amigável - Envie um relatório a Antony, pois eu vou cuidar do Alex. E cuide de tudo aqui. Siga o protocolo.

- Sim senhora! - Ele afirma. - E senhora? - Ele diz depois que me viro para seguir os dois agentes que carregavam Alex para o elevador.

- Sim? - Viro-me para ele e paro de andar.

- E quanto a civil morta? Ela estava acompanhada de uma criancinha.

Lembro das últimas cenas desta mulher com sua filha, procuro a menininha, que estava no colo de uma das agentes. Ela chorava e pedia pela mãe, lembrava muito uma garotinha do passado. Engoli minha vontade de acalantar a criança e ativei meu lado dominante, o profissional.

- Contate a família da garota e a leve para um lugar agradável, para parar de chorar e se distrair. Um parque ou uma sorveteria, sei lá. - Evitava fazer contato visual a todo custo, pois sabia que a dor que ela estava sentindo ia mexer comigo e me fazer desistir de falar o que era correto a fazer em casos como esses. - Se não acharem ninguém, já sabe. Recrute-a.

Doía falar aquilo, se ela pudesse ver como seria no futuro, tenho certeza que nem com toda a chantagem emocional que foram feitas a mim, fariam ela querer entrar por livre espontânea vontade.

Assim que chegamos no meu andar, abro a porta do meu apartamento e espero que os agentes, que carregavam Alex entrem, para eu poder trancar a porta. O rosto da menina

Olhei mais uma vez em direção a Alex, que agora estava mais calmo, embora continuasse alucinando.

- Coloquem-no na minha cama - Digo apontando para a porta do meu quarto.

- Deveríamos chamar algum médico, senhora? - Um dos agentes diz postado ao lado do outro no meio da sala, após voltarem do quarto, onde Alex ainda delirava.

- Não será necessário. - Olho mais uma vez para a porta do meu quarto - É. Apenas um ataque de pânico. Vou sedá-lo e quando ele acordar vai estar mais tranquilo. Só cuidem para que algum médico faça atestados para nós dois e levem para a faculdade. Não quero que ele fique com falta desnecessária.

Assim que eles confirmam e seguem direção a saída, tranco a porta e pego uma seringa e um frasco que contém o calmante e sigo para o quarto.

O estado dele era de dar pena. Ele nem se quer deixava eu me aproximar, e por um momento cogitei a hipótese de chamar Mary ou Thiago.

- Alex eu preciso te ajudar. - Disse tentando mais uma vez me aproximar.

- Ela estava morta... Ela... Estava morta. - Ele continuava a delirar, e eu já estava ficando nervosa.

- Quem está morta Alex? - A cada palavra eu tentava me aproximar.

Alex continuava a dizer a mesma frase “Ela estava morta”, quando apliquei o remédio. A cada minuto que se passava ele ficava mais fraco e sonolento e em poucos minutos Alex dormia serenamente.

Ajeitei-o na cama, cobrindo-o e ajustando a temperatura do ar-condicionado.

Uma hora tinha se passado, e eu já havia ido checar Alex mais vezes que eu pudesse contar. Toda vez que ouvia algum barulho, por menor que fosse, eu ia correndo ver se eles estava bem, e eu sempre acabava encontrando-o na mesma posição. Teve vezes que o chequei mais de uma vez em um único minuto.

O telefone fixo toca e eu paro minha leitura e observo esperando que caía na secretária eletrônica, mas assim que o último toque acaba a voz de Katia invade a sala me assustando.

- Nataly eu sei que você está aí, então pega esse telefone e me atende agora! - Não preciso nem dizer o quanto ela estava gritando, tanto que me levantei e peguei o aparelho com receio que ela acabasse acordando o filho.

- Pronto, pode falar.

- Como assim “Pronto, pode falar”? - Ela estava bastante irritada - Por que não me ligou antes? Por que não nos deu notícias? Um dos agentes disse sobre Alex. Como ele está?

- Calma, uma pergunta de cada vez. Respira. - Rio do nervosismo dela, e tenho certeza que se ela estivesse aqui estaria tentando me matar, porque ela já estava rosnando - Está bom, ele está bem. Alex está dormindo, na verdade está sedado.

- Por que ele está sedado? - Ela praticamente grita do outro lado.

- Ué. Ele estava delirando, falando que alguém estava morta. Os agentes te falaram o que exatamente? - Sondo-a.

- Como assim, morta? - Ela com certeza não havia escutado a minha pergunta - Meu Deus, Nataly! Ele viu alguém morrer no ataque?

- Sim, quer dizer... Eu não sei bem. - Estava confusa, não entendia o porquê de tanto nervosismo por uma simples morte.

- Fala de uma vez Nataly. - Esbravejou novamente.

- Eu não sei! - Estava começando a perder a paciência - Nós nos jogamos no chão na hora da explosão e ficou tudo muito confuso, mas a mulher que morreu foi arremessada para próximo da gente. Mais precisamente para o meu lado e não para o dele.

- Merda! - Ela diz quase que em um sussurro e sua voz emitiu um certo desespero.

- O que aconteceu Katia? O que você está me escondendo?  
- Já estava me alterando, a conhecia muito bem para saber que algo tivera sido omitido nesta história toda. E isso ainda poderia nos prejudicar muito.

- Nada importa...

- Claro que é importante! - Digo cortando-a - Você não estaria neste estado se fosse insignificante. Até porque se tratando de Alex nada é insignificante, principalmente pra você. - Eu já gritava sem ao menos me importar se Alex estava acordado e pudesse me ouvir.



- Tudo bem! - Finalmente se deu por vencida - Alex viu a babá morta na cozinha de nossa casa e de alguma forma aquele homem - Ela se alterou ainda mais quando praticamente cuspiu as palavras "aquele homem" fazendo referência a Maurício - Ele fez Alex acreditar que era o culpado pela morte dela. Ele ficou com um grande trauma por causa disso. Provavelmente ele estava associando as mortes.

Estava surpresa, realmente muitas coisas sobre Alex eram um mistério para mim. O que mais foi omitido? Odeio essa situação.

- Por que isso não está na ficha dele? - começo a falar depois de um tempo em silêncio. Minha vontade era de gritar, não gosto de surpresas, principalmente quando elas são sobre uma pessoa que eu passei dias estudando.

- Nada daquele tempo tem importância. - Ela tentou convencer mais a ela do que a mim mesmo.

- Como não tem importância? Tudo daquele tempo tem importância! Seu filho teve que ser sedado e carregado, por causa deste maldito passado que você insiste em encobrir. - Respirei fundo, tentando me acalmar. - Eu também perdi muito por causa dele e entendo seu ódio por ele, porque eu também o sinto. Arrisquei muito me envolvendo nesta história mais uma vez, mas não vou poder te ajudar se você não me contar absolutamente tudo, tudo mesmo, sobre Alex e todo o passado. Não vou trabalhar no escuro, não quero perder mais ninguém. Alguma coisa em todo esse sofrimento por causa do nosso passado tem que valer a pena, então que essa coisa seja a vida do Alex.

- Tudo bem, vou te contar tudo. Enviarei um e-mail com hora e data para uma reunião. - Sua voz está meio trêmula.

Estava pronta para me despedir dessa ligação esquisita, quando gritos começam a ecoar pela casa vindos do quarto onde Alex repousava.

- Isso foi o Alex, Nataly? - Katia grita.

Queria muito dizer que não, que era no apartamento de baixo, mas não era.

Peguei minha arma e corri para o quarto largando o telefone no sofá e Kátia sem uma resposta.

Encosto ao lado da porta, antes de entrar, segurando a arma próxima ao meu peito. Puxo o gatilho lentamente e conto até três e me viro, ficando de frente para a entrada do quarto e apontando a arma para dentro do mesmo.

Analiso o quarto que está do mesmo jeito, exceto pelo Alex que estava se debatendo na cama.

- É só um pesadelo! - Respiro aliviada.

Dava pena vê-lo neste estado. Aproximo-me da cama com receio de acordá-lo. Então me lembro de quando era pequena e tinha pesadelos com a morte da minha mãe, Kátia sempre aparecia no meu quarto para me acalmar, sem ao menos me acordar.

Encosto na cabeceira da cama de modo que eu fique sentada ao seu lado, arrasto sua cabeça para que ela fique no meu colo e dou início a sessão de terapia.

Carinho do rosto e no topo da cabeça, sussurros, estalos próximos aos ouvidos, e mãos quente em seu rosto. Assim consigo acalma-lo.

Tudo isso me fez imaginar, quantos pesadelos ele teve e Kátia não estava lá para ajudar. Eu tomei a mãe dele por muitos anos, e agora eu me sentia uma merda por isso.

Paro de fazer cafuné e começo a me mover lentamente para não acordar Alex, que ainda se encontra em um sono profundo. Quando estou quase conseguindo ouço-o resmungar e dou uma risada de leve. Tento mais uma vez sair, mas agora ele se mexe se ajeitando em meu colo.

- Continua, estava tão bom. - Posso perceber seu sorriso, mesmo com seu rosto virado para o lado oposto.

- Achei que estivesse dormindo - Sorrio também.

Ele se levanta encostando na cabeceira ao meu lado. Percebo que ele está um pouco vermelho.

- Que horas são? - Olha para a janela desconversando.

- Bem, eu não sei, mas já faz mais de uma hora que você está dormindo - Dou um sorriso amigável para ele - Você está melhor?

- Estou sim! - Ele morde o lábio como demonstração de insegurança - Sobre o que aconteceu, eu só queria dizer que...

- Não se preocupe. - Viro para encara-lo - O médico que te examinou me explicou o que estava acontecendo e me orientou caso você tivesse outra crise, aliais ele deixou uma dose do remédio que te aplicou. É bom, eu liguei pra sua mãe. Achei que ela devia saber, e ela me explicou o motivo das suas crises - Agora eu que mordi o lábio. Eu com certeza dominava a arte de mentir.

- Então você já sabe. - Ele estava sem graça - É bem idiota, né? Quero dizer, surtar por ver alguém morrendo, não faz sentido.

Ele estava se sentindo frágil e indefeso. Sei como é horrível ver as pessoas terem dó de você, é pior do que sentir ódio.

- Hey, que isso? Todo mundo tem problemas e medos, o seu não é bizarro. Aliais é mais que aceitável. - Tentei alegrá-lo. Existe sim uma coisa pior do que pessoas sentindo pena de você, e é você sentir pena de si mesmo.

- Ah é? E qual seria seu medo? - Ele estava desconversando, mas pelo menos estava sorrindo.

Essa pergunta havia me pego de surpresa, não sabia o que responder. Traumas com certeza eu tinha, mas eu os superei ou pelo menos fingia que tinha superado. Só não sabia se deveria contar a ele meu maior trauma ou devia inventar algo mais normal do que "Hey, meu maior trauma foi ver seu pai matando a minha mãe".

Mas de qualquer forma o trauma dele não era muito normal, então se eu dissesse o meu não o assustaria tanto.

- Tá vendo? Não é normal esses tipos de traumas - Diz levantando. Acho que fiquei muito tempo pensando e esqueci que ele aguardava uma resposta - Por isso ninguém sabia. Mas agora você sabe e eu devo ser o cara mais idiota e fresco que você conhece.

Eu estava definitivamente sem reação. Ele estava com raiva, vergonha e orgulho ferido. Homens, e seu machismo idiota. Mas não podia deixa-lo daquele jeito, não quando já tinha um relatório sobre o acidente no meu escritório e eu ainda não tinha descoberto nada sobre.

Então em um ato de desespero, principalmente por ele já estar calçando o tênis para ir embora, eu abri minha maldita boca para falar e me arrependi segundos depois de ter fechado a minha boca.

- Eu vi a minha mãe ser assassinada quando tinha 8 anos. E desde então eu não consigo dormir uma noite sem que eu lembre da cena. - Sabe por que me arrependi tão fácil? Porque acabei de contar uma verdade sobre a Nataly como se fosse sobre a Lucy. Acabei de envolver a minha vida pessoal, no meu disfarce, e isso é contra as regras. E tem um motivo para isso.

- Você o que? - Ele parou bruscamente me olhando horrorizado.

- Sério que quer que eu repita? - Olhei para ele constatando sua proximidade excessiva. Quando foi que isso aconteceu?

- Desculpe, claro que não precisa. Eu... Eu só... Sinto muito.  
- Ele estava assustado, mas não parecia sentir pena de mim.

- Tudo bem, foi a muito tempo. E agora estamos quites, certo? Você sabe o meu maior trauma e eu sei o seu.

- Não tente fingir que não se importa, porque sabe que não é verdade. - Não estava gostando daquela proximidade e essa preocupação excessiva com a minha vida. Não estava acostumada

- E eu sinto muito de verdade. Aliás, agora estou me sentindo mais idiota do que antes. O meu medo não é nada perto do seu - Ele estava realmente preocupado em me fazer entender que eu era importante.

- O seu é tão importante e estranho quanto o meu - Ri fraco - Cada pessoa tem um problema e cada uma delas tem seu modo de reagir. Você surta e eu... Bem... Eu fujo. - Droga, estava falando demais.

- Como assim? - E ele ainda era curioso. Mas bem, já que tinha começado iria contar logo tudo, ou melhor, tudo que ele poderia saber sem desconfiar de nada.

- Bem, eu... - Respirei fundo, não queria minha voz falhar quando falasse - Toda vez que alguma data é para se comemorar algo que ela fez ou chorar e lamentar por sua morte, eu me isolo. Nunca quero estar perto, nem mesmo quando meu pai está mal. Ele também me exclui, e eu não o culpo, é a sua forma de lidar com a morte dela. Tem sido assim nos últimos anos. Sou melhor fugindo do que lamentando. - Me ajeito segundo as lágrimas traidoras que insistem em cair. Droga! Odeio me sentir assim. Odiava saber que no fundo eu me sentia mal e sozinha nesses momentos. Há muito tempo que Anthony e eu nos afastamos. Era mais fácil para lidar com a dor, e até hoje nunca tentei uma reaproximação, estava bem do jeito que estava. Nosso legado de "Papai e Nataly contra o mundo" não existia mais, nem sequer o "Papai" existia mais. Agora éramos apenas os agentes 001 e 003.

- Olha, não chora! - Alex diz e surpreendendo com um abraço. - Uma vez uma menina muito especial me disse que todos têm problemas e que todos são importantes, mas você não deve ficar se culpado por tudo isso, cada um tem sua maneira de lidar com isso. Minha mãe, por exemplo, mergulhou no trabalho depois da morte do meu pai. Ela nem sequer fala o nome dele, acredita? - Acho que essa última parte era pra ser engraçada,

então gargalhei fraco, mas ele não fazia nem ideia do por que ela não falava o nome do “falecido”.

- Por que fazemos algo? - Sugeri. Ainda devia um passeio ao parque a ele - Vamos aproveitar nosso dia de folga da faculdade.

- Tem razão, chega de falar de problemas. - Ele estava sorrindo. E que sorriso. - Só tenho que achar a minha carteira. - Pra onde vamos? - Perguntei quando se levantou procurando pela carteira.

- Alguma preferência?

- Sou a novata aqui, lembra?

- Claro que é. - Sorrii mais uma vez. Ele teria que parar com esses sorrisos, já estavam me desconcertando - Neste caso vamos em um dos meus lugares preferidos.

- E que lugar seria este? - Perguntei curiosa. Tinha que saber se ao menos era seguro.

- Surpresa - Riu como uma criança que iria aprontar.

## Capítulo 9 – Lembranças De Um Passado

Nataly/Lucy

- Quando você disse surpresa, achei que me levaria para um lugar como um parque de diversão, um voo de helicóptero ou até um salto de paraquedas. Mas uma sorveteria, do outro lado da cidade, realmente não passou pela minha cabeça. Sabia que existem sorveterias mais perto do bairro em que moro?

Sim, estávamos em uma sorveteria do outro lado da cidade, não entedia o porquê de sua empolgação. O lugar era até aconchegante, mas simples, assim como toda a vila em que nos encontrávamos. Tinha uma praça em frente, algumas árvores, bancos, um parquinho velho, por causa do tempo, e um gramado incrivelmente verde. Crianças corriam e brincavam enquanto seus pais conversavam. Eram famílias felizes.

- Não julgue o lugar antes de realmente conhecê-lo. Ele é maravilhoso, meus pais me traziam aqui quando eu era menor - Ele para de falar para chamar a atendente - E sem dúvidas esse é o melhor sorvete de todo o país, tanto que vale a pena atravessar a cidade.

- Sem dúvidas que é, menino Alex - A atendente, ruiva, alta e com seus 40 anos, diz se intrometendo em nossa conversa.

Ela era bonita, tinha um corpo de dar inveja, e tratava bem até de mais o Alex para o meu gosto. Não estava gostando daquela proximidade.

Ciúme? Claro que não. Ela era bem mais velha e a minha única preocupação era ele ter mais amigos do que eu imaginava. Com certeza eu iria tirar satisfações com Katia sobre essa mulher.

- É tão bom ver você também! - Ouço Alex dizer, e percebo que enquanto pensava, Alex já estava de pé e os dois se abraçavam e engatavam uma conversa animada.

- Acho que vou querer um milk-shake de chocolate com calda de morango - Digo para notarem que ainda estava ali, e neste momento emburrada.

- Na verdade ela vai querer o sorvete da casa e eu o de sempre - Alex diz sentando novamente e sorrindo.

Não deixei passar que ele escolheu nosso sorvete sem ao menos olhar o cardápio.

- Você vai adorar o sorvete que eu escolhi, é bem melhor que um simples milk-shake - Ele diz assim que a garçonete se retira com a promessa de voltar em alguns minutos. Tomara que demore para voltar.

- Então você vem muito aqui? - Fui direto ao ponto da minha curiosidade.

- Venho sim. A Júlia sempre me conta coisas de quando eu era criança e principalmente do meu pai. Já que minha mãe não fala nada sobre ele.

Merda!

Isso não é nada bom. Tinha uma mulher insuportavelmente bonita, para a idade que aparentava ter, que estava falando do infeliz do Maurício para o Alex. Definitivamente odiava essa mulher, com certeza ia ter uma conversinha com ela.

- E o que ela fala dele? - Digo querendo descobrir mais sobre a biscate.

- Apenas coisas engraçadas e normais que aconteciam quando vinha aqui - Ele sorri como se estivesse se lembrando de algo.

- E com que frequência vocês vinham aqui? - Ele me olha e então percebo que estava exagerando nas perguntas, então trato de corrigir - Desculpa, sou muito curiosa e sei lá. Só me animei



com a ideia de saber mais sobre você e seus pais. Esquece, não precisa me contar nada. – Esperava que minha desculpa funcionasse. Sabia que Katia havia criado Alex para ser desconfiado de tudo e todos.

A minha desculpa colou e ele engatou uma conversa sobre sua doce infância, que mal sabia ele que era só aparência.

Depois de tomar nosso sorvete, que era muito bom eu tinha que admitir, ele se levantou para ir ao banheiro e percebo um homem estranho se levantar e segui-lo. Observo um dos agentes que Katia tinha colocado para auxiliar na proteção se levantar para ir atrás de Alex e o estranho e provável assassino, mas sou mais rápida e com apenas um olhar sobre ele faço o sentar e sigo para o banheiro. Assim que Alex entra no banheiro, puxo o homem que ia fazer o mesmo caminho, puxando para o banheiro feminino, que por sorte estava vazio.

– Calma aí gatinha, acho que errou de homem.

– Não errei não! – Digo dando o primeiro soco, que acerta seu nariz em cheio.

– Ai! – Ele geme quando vê o sangue escorrer de seu nariz, agora quebrado – Sua sorte que eu não bato em mulher. – Se recompõe.

– Que pena, porque eu bato em homem – Aproximo-me dele acertando seus órgãos genitais com joelho. Ele contorce no chão de dor enquanto tenta falar.

– Já chega! Eu vou acabar com você. – Tenta levantar.

– Tenta a sorte – Chuto seu rosto e ele volta ao chão – Saio do banheiro encontrando um agente na porta esperando.

– Apaga e leva pra central. – Digo me afastado e voltando para a mesa, arrumando meu cabelo como se nada tivesse acontecido, embora meu punho estivesse vermelho e doendo.

– Onde estava? – Alex me pergunta assim que me sento na cadeira a sua frente.

- Banheiro.

- Bom já paguei, vamos? - Aceno e seguimos para a pracinha que ficava em frente.

- Lembro-me de brincar aqui, quando criança - Ele inicia após um tempo sentado na grama. O dia estava quente e muitas pessoas passavam por ali - Estranho, minha mãe não ter me ligado ainda. Ela costuma ser bem preocupada comigo

- Bom ela disse, quando eu liguei, que estava ocupada pelo resto da tarde - Vi seu rosto mudar de expressão e me senti mal por isso. - Mas Mary e Thiago ligaram e disseram que te visitariam mais tarde e levariam pizza. - Sorri na tentativa de animá-lo.

- Acho melhor irmos embora. - Diz se levantando.

- Está tudo bem? - Estava começando a me preocupar.

Ele apenas acena com a cabeça dando uma desculpa qualquer. Seguimos em silêncio o caminho inteiro e só abrimos a boca para nos despedir. Eu, apesar de estar desconfortável com aquilo, deixei passar, já que meu foco do momento era Katia.

Apesar de saber que não devia abandonar meu atual posto, eu sabia que Alex estaria bem por alguns minutos sem mim. No caminho para a agência mandei uma mensagem para Katia avisando que estava chegando para a nossa reunião e fui respondida com um "ok".

Assim que cheguei fui até meu dormitório trocar de Lucy para Nataly. Com o uniforme da agência no corpo e um coque bagunçado no cabelo me dirigi até a sala de Katia para a tão aguardada reunião, mas não antes de olhar para o cofre no canto do quarto, onde eu guardava lembranças de um passado distante.

- Agente Nataly! - Alguém me cumprimenta quando passo pelo corredor do penúltimo andar, onde ficava a minha sala e outras estações de comando. Cumprimento minha secretária Elizabeth, que está sentada atrás de sua mesa na frente da porta da minha sala e sigo para o elevador que dá acesso ao último an-

dar onde ficam as salas dos líderes, com acesso restrito a poucas pessoas daqui.

Passo pela secretária de Katia e, assim que ela me autoriza, entro em sua sala.

- Como ele está? - Ela desvia o olhar de seu computador esperando por uma resposta.

- Boa tarde pra você também Katia - Sorrio me sentando na cadeira a sua frente. Além de Diego, Katia era a única com quem eu não era tão séria por aqui. Ela era como uma tia para mim.

- Boa tarde Nataly. Da pra você me passar o relatório completo do atentado e de todo o resto da manhã? - Diz impaciente.

- Não tive tempo de redigir o relatório ainda, passei a manhã inteira com Alex. - Explico. - Descobriram quem foi o mandante do atentado?

- Ainda não, mas Diego ficou de avisar quando tivesse alguma novidade. - Eu estava angustiada com isso. Tinha medo de que fosse tudo por minha causa.

- Tudo bem! - Aconchego-me na cadeira analisando o ambiente. Sua sala não era muito diferente da minha, tinha os móveis escuros contrastando com as paredes claras do cômodo, uma estante de livros que escondia atrás um mini-arsenal de emergência e uma passagem secreta que dava acesso a um túnel de fuga.

- Vai começar a me contar o que omitiu da ficha de Alex? - Insisti depois de um tempo de silêncio. Isso estava me irritando.

- Não vai desistir mesmo? - Tentou.

- Acha que se eu fosse desistir me deslocaria até aqui? E já disse que só vou ajudar se me contar tudo. Não vou trabalhar num caso como esse no escuro.

- Ok! - Levanta-se e indo até o outro lado da sala - Sabe eu era feliz antes de tudo isso acontecer. Eu o amava, e a ideia de ter um filho dele era a melhor coisa do mundo, mas hoje é diferente porque ELE estragou tudo. E até hoje eu não sei o motivo de

tudo isto. Acho que essa é a pior parte. Não saber onde foi que eu errei, onde foi que eu o perdi.

- Você não tem culpa do que ele fez Katia - Levantei para me aproximar, mas assim que se virou com uma caixa na mão voltei a me ajeitar na cadeira

- Mas eu tenho minha parcela de culpa. Não o fazia feliz. E depois que vocês nasceram isso ficou cada vez mais nítido. - Deu a volta sentando novamente em seu lugar - Aqui está tudo, cada fotografia, cada vídeo, brinquedo, relatório médico e escolar. Cada momento em que fomos todos felizes, quando todos nós éramos uma família de verdade. - Lança um sorriso terno para mim.

Deixei meus olhos percorrerem por toda a caixa azul que estava aberta e em cima da mesa.

- Este aqui foi o nosso primeiro dia na praia com Alex. Foi quando descobrimos sua alergia a camarão - Ria enquanto me mostrava algumas fotos. - Ele ficou todo empolado, tadinho. - Aqui é o lugar especial do Alex. - Me entregou algumas fotos - Foi onde ele aprendeu a andar e a amar sorvete - Rimos - é a sobremesa preferida dele. Ele ainda vai lá para saber mais sobre o pai e relembrar esses momentos que eu nunca conto. Mas o que sei é que ele nunca leva ninguém lá, é como se fosse o santuário dele, só que com muitas famílias felizes - Ela para de falar e sorri lembrando do quanto devia ter sido bom.

Olho para as fotos em minha mão, que até então estavam viradas para baixo. Sorrio e começo a virá-las curiosa para descobrir que lugar seria esse, e paraliso ao ver que o paraíso particular de Alex era nada mais nada menos que o bairro que ele me levou hoje. As fotos eram dele brincando com um cachorrinho muito fofo e peludo, na pracinha e outra dele tomando sorvete.

Alex havia me mostrado uma parte dele que ele escondia de todos, me senti importante para alguém. Era um sentimento gostoso que aquecia o coração.

- Está tudo bem Nataly? - Katia pergunta depois de um suspiro e um sorriso meu.

- Está! - Digo voltando a minha postura séria - Sabe Katia, essa mulher - Aponto para a Júlia, a amiguinha mais velha do Alex que nos atendeu hoje - É uma pessoa a ser investigada. Já que ela está sempre com ele.

- Que bobagem Nataly, ela sempre foi um amor de pessoa e adorava o Alex, nunca compactuaria com uma coisa dessas.

- Mas ela também gostava de Maurício, e pelo que eu sei ela sempre conta histórias sobre ele para Alex e faz o menino admirar o pai.

- E posso saber como você pode ter uma suspeita tão forte assim só por vê-la em uma foto? - Corta meu raciocínio desconfiada.

- Longa história, mas posso dizer que a conheci e que ela me parecia bem empolgada em ver Alex ali e bem desgostosa em me ver.

- Você foi até lá? - Ela escutou alguma coisa do que eu disse?

- Alex me levou lá hoje. - Ela pareceu bem surpresa - Talvez não seja tão sagrado assim, e acho que você devia ligar para ele - Digo mudando de assunto, lembrando o quão chateado ele havia ficado. - Afinal ele sofreu um "acidente".

- Vou ligar, mas antes você vai me explicar tudo o que fizeram hoje.

- Está bem! - Reviro os olhos, sabendo que seria interrogada. Não queria falar sobre a Lucy. Principalmente porque eu estava gostando e isso me assustava.

- Estou surpresa por estarem se ando tão bem. - Sorri segurando minhas mãos - Mas por que eu acho que você não está bem com tudo isso? - Tiro minhas mãos das suas e desvio o olhar. - Pode confiar em mim. Não é a sua superior falando aqui. Sou apenas a Tia Katia. - Mostra seu sorriso mais amigável.

- É errado está gostando tanto de ser outra pessoa? - Digo confusa.

- Não! - Surpreende-me com sua resposta - Naty, você foi jogada num mundo que não escolheu. Conhecer o mundo de verdade ao lado de pessoas que tem a sua idade verdadeira, faz você querer estar lá para sempre. E se você quer saber, eu e a sua mãe tínhamos os mesmos medos quando viemos parar aqui. Um país diferente, uma academia totalmente fora de protocolo. Nós nos perguntávamos todos os dias se valia a pena escolher esse lado da vida.

- E o que fez vocês escolherem?

- Sua mãe! - Pegou uma foto das duas - Ela sempre dizia que toda escolha feita tem um jeito de ser revertida, mas nem toda desistência acaba sendo uma escolha. Então se um dia nós quiséssemos sair, nós sairíamos.

- Eu sinto falta dela. - Confessei.

- Eu sei querida. Todos nos sentimos. - Ela sorriu para mim. Só espero que nesse “todos” ela não estivesse incluindo o Antony, pois ele não sentia falta de nada disso.

- Acha que ela, estaria orgulhosa das minhas decisões?

- Claro que estaria! Independentemente de quais fossem as suas decisões.

- Nesse caso eu vou continuar o meu trabalho na minha sala. - Levantei pegando a caixa azul - Entrego o relatório ainda hoje antes de ir.

- Nataly! - Ela me chama e eu paro na porta - Tem um relatório na sua mesa, sobre um suspeito de hoje, em quem você bate - Olha me julgando. Revise este e me entregue junto com os outros dois.

- Sim senhora - Sorrio saindo de sua sala. Hoje eu teria um grande trabalho com a papelada.

## Capítulo 10 – Missão ou Distração

Alex

Desde o almoço em minha casa não consegui mais desgrudar de

Lucy, ela era espontânea verdadeira e não ligava para as opiniões dos outros. E isso é o que eu mais admiro em uma garota.

Embora para muitos seja estranho, o aval da minha mãe nas minhas principais relações ainda é bem importante, então ouvir que ela gostou da Lucy era muito bom, ainda que fosse meio bizarro ela ter aceitado assim de primeira. Ela normalmente odeia qualquer um que não seja o Thiago e a Mary. Acho que minha mãe esqueceu que eu já cresci e talvez eu também.

Cada dia ao lado de Lucy era mais animado, ela era muito inteligente e linda.

O que? Não dá para negar o óbvio.

Aqueles olhos que me lembravam o mar faziam combinação perfeita com seus cabelos meio encaracolados e suas bochechas que sempre estavam rosadas – nunca conseguia distinguir quando era por vergonha e quando era por causa frio -. Ela era como uma boneca, porém de personalidade muito forte.

No dia do acidente, havia dormido em sua casa, mesmo que sem querer. Acordei no meio da madrugada e a encontrei me abraçando inocentemente, perdi a noção de quanto tempo fiquei ali parado olhando-a dormir, quando acordei ouvi um barulho vindo de seu quarto, falava com alguém, provavelmente no telefone. Logo em seguida ouvi uma porta se bater e o chuveiro ligar então decidi levantar e me arrumar e fazer um café para nós dois.

Depois do acidente eu realmente me senti envergonhado e frágil. Não queria que ela descobrisse meus problemas, porém

ela me surpreendeu com suas palavras e principalmente com sua história. Senti que ela também sofria com a perda de alguém tão próximo e eu sabia como faze-la esquecer um pouco tudo isso.

Nunca havia levado ninguém lá, mas alguma coisa me dizia que ela precisava da paz mágica que aquele lugar trazia para mim.

Afinal que não gosta de sorvete?

Percebi que ela adorou o lugar e em nem um momento foi esnobe como a maioria das mulheres, ela apreciava o local e eu gostei disso. Era uma parte de mim que estava compartilhado com alguém que eu mal conhecia e isso era doideira, mas ao mesmo tempo era muito bom.

Apesar do belo dia que nós estávamos tendo, coisas ditas em nossa conversa estragaram o clima para mim. E, por mais que eu quisesse ficar com ela o dia inteiro, a única coisa que saiu da minha boca no fim do nosso passeio foi um “até logo”.

O resto da tarde passou rapidamente, ainda mais com meus amigos fazendo de tudo para me ver melhor. E por alguns instantes eu até me esqueci de Lucy. Porém com o resto da semana as coisas foram totalmente o oposto.

Lucy não apareceu a semana inteira nas aulas, ela também não atendia ao telefone, então comecei a questionar se eu havia feito alguma coisa para ela. Mary me aconselhou a ir até seu apartamento e foi o que fiz. Mas nem o porteiro nem ninguém sabia do paradeiro dela. Ele disse que ela havia saído no dia do acidente e não havia voltado ainda. Comecei a ficar preocupado. E se tivesse acontecido alguma coisa? Ela não tinha ninguém na cidade. E se estivesse em algum hospital e sem documento? Essas perguntas pairavam na minha cabeça enquanto voltava para casa, é Domingo e está um dia quente e era a quinta vez que eu ia ao apartamento dela essa semana e nada dela aparecer.



Estacionei em frente à minha casa e notei a moto de Thiago estacionada em frente à casa da minha vizinha. E quando estou destrancando a porta vejo o casal sair da casa ao lado e vir em minha direção.

- E então encontrou ela? - Thiago perguntou preocupado.

- Contou aonde fui para ele Mary? - Repreendo a garota a qual tinha confiado tal informação.

- Sou seu melhor amigo. Tinha o direito de saber em que roubada você se meteu. - Thiago se intromete.

- Tem certeza que você não falou nada para ela que possa ter magoado?

- Mary não viaja, o que eu poderia ter dito a ela para fazer ela sumir uma semana na faculdade e do próprio apartamento?

- Era um absurdo pensar algo do tipo.

- Então ela também não apareceu lá? - Mary estava quase chorando. - Eu tinha esperança que ela aparecesse hoje. - Ela havia se apegado a Lucy assim como eu e Thiago. Lucy já era uma de nós, e agora sumia deixando todos preocupados.

- Não Mary, ela não apareceu. - Lamento.

- Por que não ligamos para sua mãe? Ela deve saber o que fazer. Se devemos ligar para a polícia ou sei lá, ela pode conseguir um número de alguém próximo a Lucy. Sua mãe tem contatos por aí - Thiago estava visivelmente atordoado.

- Já tentei falar com a minha mãe, mas a dona Kátia achou divertido não me atender hoje.

- O que vamos fazer? - Vi uma lágrima escorre pelo rosto de Mary.

- Vamos entrar e espera a tia Kátia fazer contato - Thiago sempre tentando ser racional - Ela deve saber o que fazer melhor do que a gente.

Tinha quase uma hora que tínhamos entrado e estávamos assistindo uma comédia, quer dizer eu e Thiago estávamos, Mary já dormia no sofá.

- Sua mãe ainda não te ligou?

- Não! - Respondi pegando meu celular, e me surpreendendo ao ver que estava no silencioso e que eu tinha uma mensagem e uma ligação perdida.

- Que cara é essa Alex? O que aconteceu - Thiago se ajeita no sofá tentando ver a tela do meu celular.

- Tem uma ligação perdida da minha mãe e uma mensagem.  
- Não consegui ver de quem era a mensagem, pois a foto e o nome de Lucy apareceram na tela indicado uma ligação.

- Atende! - Só quando Thiago disse foi que percebi que encarava a tela do celular sem nenhuma reação.

- Lucy? - Só havia silêncio do outro lado da linha - Lucy você está aí? Lucy fala comigo. - Minha voz soava um pouco desesperada.

- Alex! - ouvi ela sussurrar do outro lado da linha.

Ela estava chorando.

- Lucy você está bem? Onde você está? Por que está chorando?

- Eu estou bem! - Ela soluçava - Estou em casa, cheguei agora. Não tinha visto suas ligações, te mandei uma mensagem, mas você não me respondeu.

- Me desculpe Lucy. Por Deus, está todo mundo preocupado. Você sumiu! - Agora minha voz estava falha e eu estava quase chorando de alívio.

- Desculpa. Eu disse que eu fugia. - Sua voz quase sumiu quando falou. Acho que estava envergonhada.

- Você não precisa fugir você tem a gente. - Ouço um choro recomeçar e não pensei duas vezes - Lucy não sai daí. Eu chego em quinze minutos.

- Alex não... - Não deixei ela continuar. Desliguei o celular e comecei a calçar meus sapatos.

- Então, Alex? - Tinha até me esquecido que Thiago estava ali - Onde ela está? Por que estava chorando?

- Na casa dela. Mas eu vou sozinho - Ele me olha confuso - Ela que pediu - Isso não era verdade, mas eu queria estar sozinho com ela agora. Queria cuidar dela sem Mary e seus questionamentos ou Thiago e suas brincadeiras.

- Tem certeza cara?

- Tenho. Cuide da Mary, ela ainda tá dormindo. Quando eu a encontrar eu ligo.

Peguei as chaves do carro e sai rumo ao seu apartamento sem esperar por uma resposta de Thiago.

Não sei o que está acontecendo comigo. Por que queria protegê-la assim? Por que eu precisava tanto estar com ela agora?

Cheguei ao seu prédio e passei direto pelo porteiro, que nem me questionou, ele já devia saber que eu sabia que Lucy havia chegado. O elevador parecia demorar horas para chegar ao sexto andar e quando se abriu corri para seu apartamento.

Bati na porta e toquei a campainha até que a porta se abriu mostrando uma Lucy triste e chorosa, com olhos inchados e rosto vermelho, mas ainda assim... linda.

- Lucy! - foi a única coisa que consegui sussurrar antes dela se jogar em meus braços e desatar a chorar novamente.

Nataly/Lucy

Devia estar de TPM, nunca fui tão sentimental assim em toda a minha vida.

Há uma semana atrás, após a reunião com Katia, estava lendo o relatório do depoimento do rapaz da sorveteria e acabei seguindo algumas pistas que levavam a Maurício, mas acabei caindo numa embosca e sendo sequestrada. Durou dois dias até eu conseguir fugir e voltar para a S.W.A. Estava cheia de hematomas e dores pelo corpo, tive que ficar o resto da semana na ala hospitalar da central. Meu celular havia desaparecido, então pedi a Kátia que avisasse a Alex que eu não estaria na cidade durante a semana – coisa que mais tarde descobri que ela esqueceu de fazer -. E foi só quando eu cheguei em casa – Meu Deus, como já estava íntima deste apartamento – que vi meu celular em cima da bancada que separava a sala da cozinha e junto a um bilhete.

Inocentemente eu fui até lá pegando o bilhete, e me assustei ao ver o remetente.

Maurício Bernoulli, era o que dizia no papel.

Meu coração gelou! E levando a mão que estava livre até meu coldre decidi virar para ver o que nele estava escrito.

“No final, todos que estão contra mim morrem, a sua mãe não foi a primeira e nem será a última. Mas a questão aqui é: Quem será o próximo? Você... Ou Alex?”

Assustei-me com a mensagem e finalmente peguei minha arma. Verifiquei cada canto do apartamento e nem um vestígio de arrombamento nem nada fora do lugar. Como ele havia entrado aqui?

Desci até o hall atrás do síndico e o encontrei abrindo a porta para ajudar uma mulher que vinha com as mãos cheias de sacolas do supermercado.

- Boa tarde! - Olhei para ele assustada - Alguém me procurou enquanto estava fora?

- Sim - Gelei - Um rapaz. O mesmo do dia do acidente com o carro - Aí meu santo Deus o estranho do elevador esteve aqui novamente.

- Que rapaz? - Pergunto já temendo o pior

- O rapaz que estava com a senhora. O que perdeu o carro na explosão. Acho que seu nome era...

- Alex! - Constatro que o pior eu nem estava prevendo.

- Sim isso, Alex. Ele esteve aqui a semana inteira. Estava preocupado. Disse que a senhora não havia dado notícia e quando falei que não aparecia aqui desde aquele dia ele ficou mais desesperado ainda. Perguntei se estava acontecendo algo, mas ele não respondeu só foi embora.

- Mais ninguém apareceu aqui? - Perguntei tentando encontrar algum vestígio de mentira ou medo em sua voz.

- Não senhora. - Diz tranquilo.

- Obrigada! - Corro para o elevador novamente. Entro no apartamento e pego meu celular. Há milhões de ligações e mensagens de Alex, Mary e Thiago. Isso não era normal. Se tivesse acontecido algo eu nunca me perdoaria.

Mandei uma mensagem e nada de Alex me responder. Estava ponto de ir atrás dele. E ainda tinha o infeliz do Maurício que decidi perturbar meu juízo. - Um ódio enorme me subiu - Ele não tinha o direito de falar nada da minha mãe, nem de ninguém. Ele não tinha o direito de ameaçar a vida do Alex. - Uma vontade de chorar me consume e quando percebo já estou aos prantos no sofá. - Precisava falar com alguém e eu ia ligar para o Diego. Mas o primeiro contato que veio foi o do Alex, então me lembrei que ele ainda não tinha me respondido. E se estivesse com problema? Então liguei para ele com a melhor voz que consegui, mas ela não funcionou por muito tempo. E em menos de 20 minutos Alex estava a minha porta enquanto chorava em seus braços.

O choro era por medo do que pudesse acontecer, era pela sensação de impotência. Estávamos perdendo o controle da situação e eu não podia deixar que Alex ou qualquer um se machu-

casse, não por minha culpa. Eu não podia falhar nesta missão. Não nessa.

- Lucy! - Ouço Alex dizer mais uma vez e minha vontade era de mandar tudo para o inferno e dizer que eu não era a Lucy, que meu nome verdadeiro era Nataly e que era assim que eu queria que ele me chamasse. Mas me controlei deixando a raiva ir embora naquele abraço.

- Tem certeza de que está bem? - Alex me perguntou pela milésima vez desde que estávamos sentados no meu sofá. Ele já havia ido até a cozinha e preparado um copo de água com açúcar para mim - Como se aquilo fosse de fato me acalmar - e estava todo preocupado.

- Já disse que estou. - Forço um sorriso.

- Então você já pode me contar o que aconteceu? Por que você sumiu? E onde você estava?

- Desculpa! Não sabia que iria deixar alguém tão preocupado. - Não sabia que Katia iria esquecer de avisar a ele também.

- Só um alguém? A Mary está desesperada e o Thiago também.

- Eu não queria...

- Tudo bem, o pior já passou. Agora conta tudo. - Ele estava realmente interessado em saber, e eu tinha que inventar uma história rapidamente.

- Não vou escapar do seu interrogatório, certo? - Perguntei na esperança de ganhar um tempo.

- Certo!

Não conseguia mentir para ele com muita facilidade, sempre tinha um bloqueio. E não podia simplesmente contar a verdade. Estava ferrada!

Levantei e caminhei até a cozinha para ver se longe dele saia algo mais convincente, mas não deu muito certo pois ele me seguiu e se recostou no balcão esperando por uma resposta. Abri

a geladeira pegando um leite, mas logo constatei que estava azedo então fiz careta e joguei da pia. Alex começou a mexer no celular e dei graças aos céus. Ele não queria me pressionar, mas também não queria sair dali sem saber da história. E falando nela eu ainda não sabia o que contar, mas tinha certeza que teria de fazê-lo ir embora o mais rápido possível para poder chamar os peritos da Central para analisarem a casa atrás de digitais e vestígios. Além de precisar investigar mais a fundo esse maldito bilhete escrito a mão.

Por outro lado, não era seguro deixar Alex sozinho. Maurício sabia que eu estava envolvida e já havia conseguido passar pelo meu sistema de segurança sem ser notado por ninguém. Ele poderia facilmente chegar no Alex sem que nenhum agente visse. A melhor opção do momento era aproveitar que ele estava querendo grudar em mim.

O que fazer? Ninguém te treina para isso na academia.

COMO EU ODEIO A MINHA VIDA!!!

- Lucy, tá tudo bem? - Alex pergunta estalando o dedo em frente ao meu rosto me tirando dos meus devaneios.

- Está! Só estava pensando. - Dou um sorriso amarelo.

- Então, quando vai começar a me contar o que aconteceu?

- Ele definitivamente estava curioso.

- Não foi nada de mais, já disse - Olhei para ele, que não tinha muita confiança no que eu dizia - Um primo meu morreu.

Não sei de onde saiu isso, nem como eu iria desenvolver aquilo, mas estava voltando a ser eu, sem choro, sem sensibilidade, sem medo e principalmente sem dificuldade para mentir. Já era um bom começo.

- Lucy, eu... eu sinto muito - Ele estava realmente transtornado neste momento. - Nem sei o que dizer.

- Não precisa dizer nada, está tudo bem - Dei um sorriso mais confiante desta vez - Eu tive que viajar para o velório e essas coisas. Mas é como eu disse, odeio qualquer coisa que me

lembra a morte da minha mãe. E não te respondi porque eu esqueci meu celular aqui, foi só isso.

- Mesmo assim....

- Sem drama, por favor. Não quero mais falar disso. - Na verdade, não queria mais ter que mentir para ele.

- Que bom, porque a Mary está enchendo meu saco aqui - Disse levantando o celular para que eu visse. - Ela quer saber como você está e só para garantir mandou eu te arrastar até ela.

- Ah não, Alex. Hoje não. - Disse voltando para o sofá - Eu acabei de chegar, quero ficar aqui em casa.

- Você ainda me deve um passeio no parque lembra? - Disse com um sorriso sugestivo.

- Tudo bem! - Disse me dando por vencida. Era melhor que não estivéssemos aqui, de qualquer forma, mandaria a perícia para cá. - Só deixa eu me trocar. - Não esperei por uma resposta e me dirigi ao meu quarto, desta vez sem a minha sombra. Tirei a calça e a blusa da S.W.A. que eu estava vestida. Por sorte ainda estava de casaco o que impedia a leitura do símbolo da Central nas costas da regata. Troquei tudo por um short jeans e uma blusinha solta. Desembaracei meu cabelo com as mãos e o prendi em um rabo de cavalo alto, peguei meus óculos de sol e sai em direção a sala, mas não encontrei Alex por ali, então olhei para dentro da cozinha e o vi mexendo na minha geladeira. Eu ri. Como ele era curioso.

- Posso saber o que o senhor está fazendo? - assustei-o fazendo levantar rapidamente a cabeça batendo-a na geladeira.

- Ai! - ele gemeu enquanto massageava a testa agora vermelha - Não sabe avisar que está chegando não?

- Quem mandou estar fazendo coisa errada?

- Procurar comida é crime agora? - Ele se virou cruzando os braços sobre o peito. Senti seu olhar sobre meu corpo enquanto me analisava, e era algo intenso - Aliás, já pensou em comprar comida de verdade pra esta casa? De preferência não estragada?



- Ele realmente tinha um bom controle sobre a voz, ainda me pergunto por que Katia não o fez agente.

- Eu estou a uma semana fora, você queria o que também?

Eu não fazia compras, nunca fiz. A Central que sempre colocava as coisas aqui dentro, mas assim como lá, a gente come tudo mais saudável ou alimentos ricos em energia para manter a forma e a força além de aguentar os treinos intensos e turnos de trabalho excessivos. Então Alex estar estranhando é normal.

- Tá, mas cadê os congelados? E os doces? - Ele parecia indignado - Ninguém é tão saudável assim. Você é uma universitária.

- Eu comi ué - Mentir agora era o melhor caminho.

- Temos que fazer compras urgentemente. Quando voltarmos do parque passamos lá.

- Temos? Tipo NÓS? - Qual o problema dele? - Desde quando você mora aqui? - E desde quando eu sei fazer compras?

- Estou tentando ajudar. - Ele não parecia abalado com a minha tentativa de fazê-lo ficar no seu lugar - Se eu vou vir aqui quero ao menos comida boa, fora que você não conhece muito bem a cidade, principalmente qual o melhor lugar para fazer compras com o menor preço.

- E você sabe? - Perguntei ignorando a parte de que ele já está bem intimo daqui - Achei que quem fizesse compras era a sua empregada.

- Se eu deixasse ela fazer compras minha geladeira seria bem parecida com a sua.

- Isso não é tão mal assim.

- Claro que é! Mas e aí, podemos ir?

- Tudo bem! - Disse enquanto era puxada para fora do apartamento.

Já estávamos há uma meia hora dentro do carro em completo silêncio, até uma moto passar pela gente e buzinar.

Thiago e Mary, pensei comigo.

Sem cerimônia alguma, pego um porta-CD no porta-luvas e começo a vasculhar a procura de uma boa banda. Até que Alex tinha um bom gosto musical. Suas músicas pairavam do country ao rock e até algumas músicas brasileiras eram vistas por ali. Já fui ao Brasil, e me encantei pela paisagem que vi. Eu era nova e minha mãe ainda era viva. Ela e a Katia nasceram lá no Brasil, sendo recrutadas pela sede de lá e transferidas para central aqui. Mas guardavam um carinho imenso pelo país e lembro de nossa viagem ser a coisa mais incrível que eu vivi.

Retiro um CD sem identificação e insiro no som do carro. Alex me observava de canto de olho e sorria, não sei bem o porquê. Uma música estrondosa de rock invade o carro me assustando, Alex ri e diminui o volume mudando para a faixa seguinte. Ele conhecia bem o CD que estava tocando e mudava as músicas com precisão até chegar em uma que me fez paralisar.

Era uma música engraçada e ao mesmo tempo crítica, mas a forma como cantava sempre deixava tudo mais hilário. Costumava ouvi-la quando estava para baixo. Mas o que realmente me surpreendeu foi saber que Alex curti música dos anos 60 e 70.

Não que a nossa diferença de idade seja grande, mas convenhamos que eu vivo rodeado de gente que nasceu antes dos anos 60, então era normal curtir esse tipo de música.

O refrão da música invade o carro fazendo minhas pernas se balançarem sozinhas. Começo a cantarolar baixinho junto com a cantora e vejo a cara de surpresa de Alex que logo é substituída por um sorriso divertido. Ele então junta-se a mim numa cantoria um pouco mais alta. Era uma música maravilhosa e terminamos com muitas gargalhadas, quando percebi estávamos estacionando em frente ao parque que Alex tanto elogiou.

Ele realmente tinha razão, era magnífico, tinha estufas, muitas árvores, trilhas, lagos, crianças, hot-dog, e cheiro de natureza, e que cheiro maravilhoso.

Sáimos do carro e nos encaminhamos para a entrada onde Mary e Thiago nos esperavam. Sorri ao vê-los.

- Lucy! - Mary vem gritando em minha direção e pula no meu pescoço - Não some mais assim sua maluca.

- Concordo com minha garota - Thiago disse a puxando do meu abraço - Você não pode fazer isso, o Alex fica insuportável perguntando sobre você toda hora. - Beleza, por isso eu não esperava.

Eu fiquei vermelha, e dessa vez, e não fui a única.

- Aliás, por que demoraram tanto? - Mary perguntou tentando nos deixar mais confortáveis com a situação que seu namorado acabara de causar.

- Trânsito. - Foi a única coisa que Alex antes de sair andando para dentro do parque, acompanhado por Thiago que gargalhava alto. Neguei com a cabeça rindo para Mary que também sustentava um sorriso verdadeiro em seu rosto. E só então percebi a felicidade e satisfação de me ter ali.

Eu me senti em casa.

E esse foi um dos meus primeiros erros.

- Vamos atrás desses “cavaleiros”! - Ela disse e colocando seu braço em volta do meu pescoço.

Mary era uma morena com seus 1,75 de altura enquanto eu não chegava aos 1,65. Claro que não tenho a melhor altura do mundo para alguém que faz combate corpo-a-corpo, mas eu conseguia me virar muito bem nos treinos, pois eu ainda tinha força e determinação.

Estávamos passando em frente uma lagoa, algumas famílias faziam piquenique outras tiravam fotos e ainda tinham aquelas que andavam de bicicleta. Mary comia um algodão-doce enquanto eu tomava uma água.

- Tem certeza que não quer? - Mary insistia mais uma vez, me apontando o seu doce e eu só neguei com a cabeça - Como

alguém vai a um parque e não come coisas assim? – Ela parecia indignada, assim como Alex ao mexer na minha cozinha, eles pareciam crianças que só queria comer doces e mais doces, era engraçado.

– Ela é assim, da geração saúde. – Alex apareceu do além com dois picolés nas mãos – Não gosta de ser feliz, só de ser fitnes.

– Como você vive? – Thiago se pronunciou.

– Só porque eu como legumes, não significa que eu seja geração saúde – Tentei me defender. – Ou um alienígena.

– Então prova! – Alex disse me entregando um picolé de chocolate com um sorriso desafiador. Sorri aceitando o desafio, como se comer chocolate fosse realmente um sacrifício.

Peguei o sorvete dando uma mordida e melando um pouco meus lábios, eles começaram a gritar, como se aquilo fosse uma vitória de copa do mundo, chamando a atenção de todos a nossa volta.

– Aproveitando seu momento gordices, dá uma provada nisso – Mary ainda insistia em me dar um pedaço de seu algodão-doce. Estava ficando desconfiada de que aquilo estivesse ruim.

– Eu sei o que é um algodão-doce! Não sou burra, só não costumo comer muito.

– Então prova – Ela praticamente jogava o doce na minha boca, então, desisti pegando o doce de sua mão e mordendo.

Magica!

Era essa a sensação de estar ingerindo açúcar puro em formato de uma nuvem cor-de-rosa. Há quando tempo não comia isso? Acho que desde que minha mãe se foi. Não vivi muito depois disso.

– Parece que alguém descobriu o sabor da vida – Thiago começou a fazer gracinha empurrando meu ombro de leve, mas me pegou de surpresa fazendo com que eu derrubasse a delícia

cor-de-rosa no chão e empurrasse Alex fazendo ele melar sua blusa branca com o sorvete, por fim deixando cair no chão.

Olhamos para Thiago com nossas piores caras enquanto ele parava de rir lentamente percebendo a merda que havia feito.

- Você derrubou meu doce amor? - Mary dizia com uma falsa calma.

- Desculpa amor! - Ele disse se afastando lentamente enquanto Mary avançava.

- Olha só o que fez com a minha camiseta! - Alex começou a avançar também, e por um momento eu achei que eles iriam brigar.

- Nem me olhe assim, você me fez derrubar a minha comida - Disse quando ele me olhava pedindo socorro.

Então ele respirou fundo pedindo calma mais uma vez, e quando percebeu que aquilo não estava adiantando começou a correr sendo seguido por Mary e Alex. Olhei para aquela cena e percebi o quão louco eles estavam sendo, mas parecia ser divertido, então comecei a correr para tentar alcançá-los, e eu era uma boa corredora, então os alcancei rapidamente a tempo de ver Maty chegar perto de pegar Thiago, mas tropeçar antes em uma pedra fazendo com que em menos de dois segundos todos estivessem rolando pela grama próximo a lagoa, como num efeito dominó.

Vi Thiago e Mary levantarem e voltarem a correr, olhei para aquilo pensando em levantar também, mas desisti quando me acomodei na grama, a preguiça falava mais alto neste momento. Virei meu rosto para o lado na intenção de livrar meus olhos do sol e me deparei com o olhar de Alex. Assustei-me, pois acreditava que ele tinha seguido os dois e porque ele me encarava com uma intensidade de deixar qualquer um tenso e louco. Era um belo olhar.

- Vamos sair do sol? - Disse quando percebi que ele não iria parar de me encarar, e aquilo estava me deixando desconcertada.

- Vamos! - Concordou parecendo ter saído de um transe e se levantando rapidamente para em seguida limpar a parte de traz de sua calça.

Ele me encarou percebendo que eu ainda não havia movido um músculo e estendeu a mão para mim, respirei fundo aceitando sua ajuda para me levantar. Caminhamos para uma área longe da lagoa, próximo de uma quadra improvisada onde alguns meninos jogavam baseball e havia algumas arvores, então voltamos a nos deitar numa sombra.

Ficamos em silêncio por algum tempo, e eu desconfiava que ele havia dormido, mas não me atreveria olhar para ele correndo o risco de que ele estivesse, novamente, me encarando.

- Alex! - Chamei depois de um tempo. Estava na hora de voltar a trabalhar.

- Hum - Ele gemeu ainda de olhos fechados. Ainda tinha minhas dúvidas sobre ele estar dormindo

- Você sabe de alguma escola de artes marciais por aqui? - Ele se sentou rapidamente me olhando espantado.

- Você luta? - Ele parecia não acreditar, mas a verdade era que em uma reunião antes do meu pequeno sequestro foi decidido que Alex devia saber um pouco de como se defender e atacar, para o caso de Maurício decidir aparecer ou mandar um de seus capangas para pegá-lo, então indiretamente eu teria de fazer ele voltar a lutar, e ter treinos especiais comigo.

- Qual o problema de eu saber lutar? Virou machista agora? - Desconversei, tinha que montar uma peça antes de atuar.

- Nenhum problema com isso. Mas é que você não parece o tipo de pessoa que gosta de luta.

- E eu tenho cara de que gosta de quê então?

- Sei lá! Você tem cara de ser delicada.

- Delicada? Eu? Fique você sabendo que era a melhor lutadora da minha antiga cidade. - Soei um pouco desafiadora.

- AH é? Então prova! - Disse se levantando. Esse menino adorava um desafio, meu Deus!

Levantei arrumando minha roupa e me afastando dele para me posicionar.

- Não precisa pegar leve.

- Pode deixar.

E sem mais nenhum aviso ele me atacou com um golpe de caratê do qual eu me defendi devolvendo com um ataque de Krav Maga leve, levando ele ao chão e o imobilizando com facilidade.

Mas sem contar vitória antes da hora, eu escorreguei, na grama onde mantinha meu apoio, ficando totalmente por cima dele, nossos rostos estavam na mesma altura e estavam próximos demais, as respirações agora estavam mais pesadas e sua boca parecia chamar pela minha, não estava aguentando mais ter que resistir. Poxa eu sou mulher, e tenho minhas necessidades. E ele parecia uma boa forma de acabar com essas necessidades.

Estava determinada a isto mesmo que fosse errado eu queria então eu ia fazer. Ninguém saberia e ficaria tudo bem. Então comecei me aproximar lentamente de seus lábios quando senti suas mãos apertarem meu quadril, mostrando que queria o mesmo.





## Capítulo 11 – Surpreendente

Alex

Lucy me surpreendia cada dia mais, não entendia o porquê de eu gostar tanto assim de estar com ela, ou do fato de eu querer beijá-la neste exato momento, mas a culpa não era totalmente minha, ela que me imobilizou e acabou caindo sobre mim. Sentia que ela também queria aquilo, se não já teria se afastado. Estávamos muito próximos e meu nariz já encostava no seu e nossos lábios estavam quase unidos, mas parece que o universo não concordava com a gente.

Por que?

É a única coisa que eu pergunto, por que universo? Por que jogar aquela maldita bola em um momento como esse?

É isso mesmo que você leu. Uma bola!

Um infeliz saiu de Nárnia para jogar uma bola em nossa direção, que acabou agarrando na cabeça da Lucy, fazendo ela tombar para o meu lado e sair do transe. Uma pena que não estava funcionando comigo, eu ainda continuava com vontade de beija-la. Não sei o porquê.

Estava louco só podia.

Acho que o fato dela gostar de coisas diferentes, fazia eu querer isso. Era admiração, essa era a única explicação.

- Desculpe! - Um garoto diz com um sorriso sem graça pegando de volta a sua maldita bola.

- Sem problemas. - Lucy retribuiu o sorriso, já em pé arrumando sua roupa.

Que merda eu tinha feito. Agora ela estava com raiva de mim. E ela era bem frágil, se não se sentisse confortável se afastaria em questão de segundos, e isso eu não deixaria acontecer,

tenho uma necessidade de protege-la como se fosse minha irmã mais nova.

Ela me olhava esperando que eu levantasse. – Não queria sair dali, queria que ela voltasse para onde estava e continuássemos de onde paramos. Então desviei meu olhar do seu, procurando qualquer coisa que fosse para me distrair, até que avistei um vendedor de algodão-doce e levantei correndo indo atrás dele, ela me olhava sem entender nada, e um sorriso divertido brotou em seu rosto quando eu voltei caminhando com um algodão-doce azul em minha mão.

– Pronto! – Disse entregando a ela, fingindo estar totalmente bem com o clima que havia se formado minutos atrás.

– Não precisa, eu não quero! – Disse tentando me devolver, enquanto eu recuava para não tocar no doce.

– Eu sei que você quer comer, admita! – Olhei a desafiando. Tinha descoberto que ela nunca fugia de um desafio, era interessante.

Ela mordeu o algodão-doce sorrindo e iniciamos uma caminhada lado a lado.

Quando estávamos perto da lagoa avistei Thiago e Mary encostado em duas bicicletas, tomando água. Andamos até eles e percebi que Lucy estava um pouco tensa.

– Está tudo bem? – Perguntei preocupado e ela apenas acenou positivamente.

– Onde vocês estavam? – Mary nos questionou terminando sua garrafa de água.

– Passeando perto do campo, vocês começaram a correr que nem loucos, aí desistimos de ir atrás. – Expliquei omitindo os detalhes.

– Fomos alugar bicicletas – Thiago disse mostrando o óbvio – Vocês não vão?

- Não! - Lucy respondeu, antes que eu pudesse concordar com Thiago e todos nós a olhamos esperando por uma explicação melhor - É que tá ficando tarde e Alex ficou de me levar em um supermercado.

Era impressão minha ou ela estava querendo fugir dali? Para querer me lembrar que íamos fazer compras, alguma coisa tinha, já que ela não queria que eu fosse junto. Eu sabia que poderia estar sendo invasivo, e tudo mais, mas ela realmente precisava de umas boas compras, pois eu pretendia ir lá muitas vezes, assim como vou na casa de Thiago e da Mary, então era bom que tivesse comida.

- Tem certeza que já quer ir?

- Tenho sim Alex, mas se você quiser ficar eu posso pegar um táxi.

- Não, de jeito nenhum, nós vamos agora mesmo.

Nos despedimos do casal e saímos em direção ao estacionamento. Já passavam das quatro da tarde e o sol ainda brilhava no céu. Entramos e seguimos para o supermercado em silêncio. Estava começando a me preocupar que ela estivesse irritada pelo nosso quase beijo, mas nada comentei.

Estacionei o carro e pegamos um carrinho seguindo para dentro do mercado. Começamos pelo básico, limpeza, higiene pessoal etc., no qual eu não me meti muito. Até porque não estava interessado em saber a marca do absorvente dela.

Na parte da comida ela só colocava o essencial enquanto eu enchia o meu carrinho de besteiras. Uma música animada começou a tocar e eu comecei a dançar no meio do corredor de frios, Lucy ria da minha palhaçada. Comecei a correr com o carrinho me apoiando nele para que fosse carregado, como fazíamos quando éramos crianças, e Lucy continuava a rir empurrando seu carrinho normalmente. Chamávamos atenção de muitas pessoas por ali e uma senhora chegou a comentar que éramos um belo casal, embora jovens para casar. Ri muito com

isso, e Lucy ficou me perguntando o que era tão engraçado, já que ela não havia escutado a senhorinha. Mas eu não contaria nada, pois poderia estragar este momento e eu estava adorando, e até concordava com a senhorinha, fazíamos um belo casal só que de malucos.

Lucy entrou na minha e começou a correr com o carrinho e uma corrida se iniciou, paramos em frente as massas e uma discussão sobre macarrão surgiu.

- Alex, não vou levar miojo. Isso é ruim e faz mal para saúde. - Disse retirando os potes de macarrão instantâneo que eu havia colocado no meu carrinho.

- Mas é prático, e não é nada ruim. - Retruquei colocando os pacotes de volta no carrinho.

- Eu deixo você pegar mais doce-de-leite se você não colocar isso no carrinho - Ela me olhava piedosa.

- E mais Pizza!? - Olhei esperançoso para ela. Neste momento parecíamos mais mãe e filho do que um casal de amigos.

- Massa para fazer nossa própria pizza, pode ser? - Ela com certeza seria uma ótima mãe, saberia controlar e fazer acordos com seus filhos. Ela era boa nisso.

Acenei virando para pegar mais um pote de doce-de-leite e quando ela estava distraída coloquei um miojo escondido no carrinho. De alguma forma ela viu e veio para tentar tirar, mas eu fui mais rápido levantando o miojo no alto onde ela não podia alcançar.

- Alex, me dê este miojo agora! - Ela estava brigando comigo e eu cai na gargalhada.

- Tenta pegar então! - Ela pulou tentando pegar, mas eu desviei e ela veio para cima de mim enquanto eu me esquivava de suas tentativas.

- Alex? - Ouvi meu nome em um tom de surpresa e congelei ao constatar de quem pertencia aquela voz enjoada.

Viramos para ver o rosto de quem me chamava e vi Lucy fechar a cara e enrijecer o corpo. Eu gostei daquilo. Seria ciúmes? Se a Mary tivesse aqui estaria da mesma forma.

A nossa frente a mulher de cabelos ruivos lisos em um corte Chanel e um corpo escultural, um pouco mais alta que Lucy usando um salto que a deixava do meu tamanho, nos encarava com os braços cruzados e uma cara de nojo.

- Daisy?! - Disse depois de um tempo de silencio - O que faz aqui?

- Compras! - Responde com um sorriso na cara - E você?

- Também. - Falo secamente.

- Quanto tempo, não é mesmo? - Continuou insistindo, agora vindo em minha direção para um abraço que eu recusei, fingindo que ia pegar algo em alguma prateleira. - Quem é essa?

- Perguntou olhando para Lucy com uma cara de nojo.

- Eu sou Lucy a ...

- A minha noiva - Falei cortando Lucy, e deixando as duas mulheres, na minha frente, boquiabertas.

- Noiva? - Daisy parecia não querer acreditar e Lucy apenas me encarava tentando entender.

- Sim, e Lucy essa é a Daisy - Respirei fundo antes de continuar - Uma ex-namorada minha.

- Oi! - Foi a única coisa que Lucy conseguiu dizer. E antes que ela tentasse falar algo a mais sai empurrando meu carrinho e puxando sua mão para que me seguisse.



## Capítulo 12 – Muito Próximos

Nataly/Lucy

Ele tinha uma Ex?

Eu era a sua noiva?

O que estava acontecendo? E quem era aquela mulher?

Alex teve uma namorada? Desde quando? Isso não constava na ficha dele, e eu suspeitava de que nem Katia soubesse disso. Ele iria ter que me esclarecer muitas coisas.

Ainda o encarava pasma, enquanto ele guardava as compras no porta-malas do carro como se nada tivesse acontecido. Esperava ao menos uma explicação da parte dele.

- Então... - Comecei.

- Então o que? - Ele perguntou se fazendo de desentendido.

- Como assim 'então o que??' - Minha voz começava a se alterar - Alex quem é aquela mulher, e por que disse que eu sou sua noiva?

- Shii, não grita! - Disse tapando minha boca suavemente com a sua mão - Ela pode estar por aqui. - Ele parecia um paranoico virando a cabeça de um lado para o outro.

- Então me explica logo que loucura é essa - Gritei mais uma vez e ele me puxou, prensando-me entre ele e o carro.

Minha respiração começou a se alterar, e eu era a única abalada com nossa aproximação.

Ele perto de mim era um perigo.

- Ela é uma louca que eu namorei e que ficou no meu pé a uns dois meses, queria saber tudo sobre mim e estava sempre aonde eu estava. Isso para mim é maluquice. Ela é simplesmente fissurada em mim. Da última vez que eu chequei ela havia saído da cidade - Fez uma pausa para respirar - Desculpa, mas hoje

quando ela apareceu, a única coisa que eu consegui pensar para deixá-la longe foi dizer que estava noivo.

Interessante. Uma maluca que queria saber de tudo da vida dele, e seguia cada passo que ele dava.

Para mim isso tem dedo de Maurício. Com certeza ela devia ser uma de suas capangas, e quando eu me aproximei de Alex ele a retirou de campo para que eu não desconfiasse.

Era incrível como a cada momento Maurício parecia estar cada vez mais a nossa frente.

- Tudo bem Alex! - Tentei parecer mais tranquila possível, iria investigar isso mais a fundo, e para isso precisaria ver até onde ela iria por ciúmes, se ela realmente só fosse um caso de obsessão. - Só que avisa da próxima vez.

- Não está chateada comigo? - Ele parecia confuso, e não era para menos. A imagem da Lucy que ele tinha na cabeça, se afastaria sem falar nada depois deste ocorrido, mas neste momento não estava com muito tempo para fazer teatro, tinha que descobrir logo o que estava acontecendo.

- Por que estaria? Amigos servem para essas coisas, certo? - Disse com um sorriso no rosto, que sumiu assim que eu olhei para atrás de Alex, que ainda continuava me pensando. Ele percebeu meu olhar e se virou para ver Daisy com uma pose de madame e uma cara fechada. Se Maurício havia a treinado, tinha feito um trabalho muito bom, pois era muito convincente essa reação dela.

- Vamos embora! - Alex disse, emburrado, me puxando para abrir a porta do passageiro para que eu pudesse entrar. E enquanto ele dava a volta para o lado do motorista dei uma boa encarada nela marcando o meu suposto território.

Tenho que passar em casa rápido, antes de te levar, tudo bem? - Ele começou depois de um tempo em silêncio.

- Tudo.



Paramos em frente à sua casa e ele me pediu para esperar no carro e eu concordei com a cabeça. Assim que ele saiu analisei a rua para ver se tinha algum movimento suspeito e só encontrei agentes disfarçados vigiando o perímetro, então peguei meu celular para ligar para central e pedi que a ficha de Daisy fosse enviada para meu apartamento, mesmo sabendo o quão difícil seria, já que nem o nome completo dela eu tinha. Mas quantas Daisy deveriam ter na cidade? Mandei que procurassem através de registro, de um mês atrás, de compras no cartão em locais que Alex esteve. Também enviei um breve e-mail para o meu superior avisando sobre a mensagem e comuniquei que mais tarde enviaria um relatório mais detalhado, porém seria bom se mandassem neste momento uma equipe para checar o apartamento, antes que eu chegasse com Alex.

Ele me questionou sobre o porquê de Alex estar indo comigo, e onde eu estava e eu respondi, secamente, que estaria tudo no meu relatório. Era incrível como ele não gostava que eu me divertisse. Tudo bem, eu sei que isso é uma missão, e justamente por isso tenho de me misturar com o protegido e seus amigos.

Vejo Alex voltar com uma regata branca, limpa, que realçava seus músculos. E que músculos, não sabia que era forte assim.

Não, ele não era bombado, mas tinha um corpo bem definido para sua idade e braços largos e musculosos.

- Demorei? - Ele perguntou com aquele maldito sorriso sexy no rosto. Já falei que ele tem que parar com isso, se não eu vou quebrar a cara dele.

- Não! - Sorri - Podemos ir?

- Claro - disse dando partida no carro e logo depois ligando o rádio.

- Posso saber para onde estamos indo? - Questionei após perceber que estávamos fazendo um caminho diferente da minha casa.

- Você não disse que queria lutar? - E lá estava seu olhar sugestivo novamente.

- Mas, tipo assim, agora? - Eu nem estava com roupas adequadas.

- Vou te levar pra conhecer o local, faz um tempo que não vou lá, só assim pra treinar um pouco. - Estava dando certo, ele estava voltando a ativa, agora só faltava fazê-lo treinar alguns golpes comigo em particular. E já até sabia como e onde.

- Eu posso ao menos saber onde é? E quem é o professor? E você não vai me abandonar lá sozinha, não né?

- Calma mulher, respira! - Disse rindo - E não se preocupe, eu não vou te deixar isolada do mundo não. Mas eles provavelmente vão querer que você faça um teste para saber em que turma vai ficar mesmo tendo seus exames da outra academia.

- E qual é sua faixa? - Perguntei.

Assim saberia o quão eu devia mostrar.

## Capítulo 13 – Voltando a Treinar

Alex

Há muito tempo tinha parado de lutar. E a força de vontade e o fato dela ter me detonado hoje, me fez querer voltar.

Eu era faixa verde no Karatê, quando parei, por causa da faculdade. Estava ficando muito pesado conciliar tudo.

- Alex, quanto tempo!

- Mestre! - Cumprimentei-o.

- Achei que não estava mais fazendo aulas.

- E não estava, mas essa mocinha aqui me convenceu a lhe visitar. - Disse abraçando Lucy de lado.

- E quem ser essa bela jovem?

- Lucy, Lucy Miller - Ela se pôs a minha frente estendendo a mão para meu mestre, que já beirava os 50 anos.

- Então Lucy, você já praticou algum tipo de arte marcial? - Ela concordou com a cabeça - Qual?

- Krav maga, senhor - Senti um clima estranho se instalar no ambiente.

- Alex, sua antiga turma está entrando agora para um treino, não gostaria de revê-los? - O que estava acontecendo?

- Mas e a Lucy? - Está confuso, porque aquela seriedade toda de repente?

- Vou leva-la para fazer um teste. - Olhei procurando qualquer indicio de medo e ela apenas sorriu para mim.

- Eu vou ficar bem Alex. - Sorriu e seguiu o meu mestre até a sala dele.

Sem mais opções sigo até o tatame onde minha antiga turma se preparava para mais uma aula. Sou recebido por vários abraços e apertos de mão, e logo sou convidado para um treino, e

por alguns minutos esqueço de tudo e todos. Já havia esquecido o quão bom isso era.

Nataly/Lucy

Sabia que ele se assustaria ao saber que eu sabia uma das artes marciais mais perigosas e mortais do mundo, mas neste momento precisava de aliados para treinar Alex quando eu não conseguisse fazer.

Na caixa que Katia me entregou com os pertences do passado de Alex continha tudo sobre o tempo em que ele treinou aqui e quando investiguei mais a fundo a academia, descobri que seu mestre, Joseph, foi escolhido para o cargo - mesmo que Alex não soubesse disso - de mestre por ser um ex-agente da S.W.A. e era indiretamente um dos protetores de Alex desde o desaparecimento de Maurício.

- Quem é você? - Perguntou após entrarmos em sua sala.

- Como assim, agente 131? - Ele gelou após eu dizer seu antigo código de reconhecimento da agência.

- Como conseguiu se aproximar dele? - Agora ele estava alterado e avançava cada vez mais para cima de mim.

- Do que o senhor está falando? - Ainda mantinha minha pose cínica, sabia que isso irritaria a ele.

- Responda! - Ele me atacou e eu me defendi. - Quem é você?

- Quem sou eu? - Disse me levantando e encarando-o - Agente 003, Unidade Principal.

- Impossível! - Ele avançou mais e eu recuei. Ele parecia transtornado - Esse era o lugar da Agente Cláudia Walter, e ela está ...

- Morta! Eu sei. - Engoli seco - Ela era a minha mãe. - Terminei jogando o meu distintivo e minha identificação na mesa me distanciando e sentando num sofá que havia ali.

- Nataly! - Ele sussurrou e eu permaneci de cabeça baixa - Em que te transformaram? - Havia decepção na voz dele e eu odiava quando as pessoas se decepcionarem comigo.

- Eu sou o que eu tenho que ser. - Usei a voz mais dura que consegui.

- Ou será que você é o que seu pai queria? - Ele estava falando do Anthony num desgosto como se ele fosse o vilão da história - O que sua mãe falaria se te visse agora? Ela não queria nada disso para você ...

- Chega! - Não aguentava mais ouvir ele dizer o que não sabia - Você não faz ideia do que ela queria e nem do que o Anthony quer, muito menos o que eu quero. - Falei o mais firme que eu consegui, mas a verdade era que eu queria chorar neste momento.

- Você não faz ideia de quem eu seja não é mesmo? - Ele ria. Por que ele estava rindo de mim?

- Você é um ex agente e é um dos protetores aqui fora do Alex. Sei o que eu preciso saber sobre você. - Ele continuava rindo como se aquilo não fizesse diferença - E eu preciso da sua ajuda.

- Claro que precisa. - Desdém! Ele me achava nova demais e incapacitada - Não, não estou falando pela sua idade ou pela sua capacidade menina. - Seu sorriso agora era amigável. Ele era louco e provavelmente lia mentes, credo! - Não duvido que seu pai tenha lhe tornado uma agente perfeita, mas ele não te preparou para lidar com o doce que Alex é, ele está te conquistando, não está? - Este cara estava bêbado, só pode. - Eu vi como ele te olhava hoje, ele te admira.

- Acabou? - Disse secamente - Só preciso que me ajude a treinar Alex para se defender de ataques. Nada mais.

- Ataques? Por qual motivo você virou protetora de Alex, mesmo? - Devia contar a verdade ou inventar qualquer coisa? E se ele tivesse contato com Maurício? Mas ele era meu aliado agora, pelo menos por enquanto, então era bom sermos sinceros um com o outro.

- Maurício está de volta. - Precisei de mais nada para ver seu rosto sereno assumir uma forma sombria. - Decidimos treinar Alex para se defender, caso seja atacado, já que a minha vida também não anda muito segura.

- Ele nunca usaria o que sabe fora do tatame. - Me diga uma novidade - Ele só quebraria o seu código de honra se fosse por uma pessoa que ama muito. E essas pessoas são Katia, Thiago, Mary e, acredito que em breve, você.

- É por isso que preciso da sua ajuda - Disse fingindo não ter ouvido a última parte - Preciso que faça Alex acreditar que em casos de defesa própria a luta pode ser usada fora do tatame. Além de que eu não posso simplesmente treiná-lo, ele desconfiaria rapidamente de quem eu possa ser.

- E como espera que eu convença Alex a voltar para a academia?

- Me colocando na mesma turma dele. - Sorri - O resto deixa comigo.

Alex

Sai do treino todo suado. Coloquei o meu traje no armário e me dirigi para fora do vestiário. Encontrei Lucy ao lado do mestre me esperando.

- Como foi o treino? - Lucy disse vindo para o meu lado.

- Muito bom! - Respondi com um rosto satisfeito - Demorei muito? Não ficou esperando, certo?

- Não, claro que não - Meu mestre se pôs a frente - A senhorita Miller estava fazendo um teste e me contando sobre sua antiga academia. Ela é muito talentosa. - Eu bem sei disso. - Teremos um orgulho imenso de tê-la em nossa casa.

- Ficarei honrada. - Ela sorria de uma forma cúmplice para Joseph, e aquilo estava me irritando.

- Você passou? - Tentei chamar atenção deles para mim, controlando ao máximo minha raiva - Para qual faixa?

- A verde - Verde? Verde era a minha faixa. Ela havia passado para minha turma?

- Algum problema Alex? - Ela perguntou com um tom de magoa na voz.

- Nenhum! - Ainda estava processando tudo o que estava acontecendo.

- Tudo bem então. - Ela disse e se virou andando em direção a saída.

Droga! Havia a magoado. Mas que ser que se magoa fácil hein?!

- Não magoe um coração tão puro e ingênuo como o dela, Alex.

- Eu não quis mestre. - Que Merda, as palavras dele só fizeram me sentir pior. Ela deve estar achando que eu não gostei de saber que ela estava na minha turma. - Vou atrás dela. Até mais mestre - Sai correndo direção ao carro, onde ela estava encostada digitando no celular.

- Oi!

- Oi! - Sorriu para mim.

- Vamos logo, ou suas coisas irão estragar aqui dentro. - Bati no capo e destravei o carro abrindo a porta do passageiro para

ela que entrou, dei a volta e entrei do lado do motorista dando partida no carro.

Nataly/Lucy

O silêncio permaneceu até chegarmos ao meu apartamento.

Não estava chateada com ele, um pouco, talvez. Não esperava que ele ficasse triste em me ter na mesma turma que ele.

Ele me ajudou a subir todas aquelas sacolas e se ofereceu para ajudar a arrumar, mas eu disse que não precisava e ele acabou desistindo e indo embora.

Liguei para os agentes auxiliares e mandei que vigiassem Alex pelo resto do dia. Precisava terminar o meu relatório e mandar logo para Anthony antes que ele batesse na minha porta brigando.

Estava no escritório tinha mais de uma hora e me encontrava na mesma posição: sentada na mesa de centro em frente ao quadro de suspeitos com a ficha da ex-namorada de Alex na minha mão.

A foto de Daisy agora se encontrava ao lado das outras e o nome “ex-namorada” se encontrava abaixo de sua foto.

Encarava aquele quadro sem ver muitas ligações entre os suspeitos e Maurício. Estava começando a ficar louca. E para completar a loucura Anthony começou a me ligar e sem escolha tive que atender.

- Nataly? - O telefone se encontrava no viva voz.

- Sim! - Disse ainda concentrada no monte de papel em minha mão.

- Cadê o relatório, que ainda não chegou a minha mesa?

- Desculpe-me, a minha coruja deve ter parado para fazer um lanchinho antes de levar a você o relatório. - Disse em um tom totalmente morto.



- Sem gracinhas Nataly! - Ele começou a se irritar - Me mande agora o seu relatório.

- Agora não dá chefe. Estou examinando a ficha de outra suspeita.

- Seu disfarce foi descoberto, Nataly - Ele estava exaltado - Maurício sabe que você está aí para proteger Alex, ele sabe quem você é! - Disse gritando a última parte - Vamos te trocar de apartamento e reforçar a segurança. - Como se isso fosse a solução.

- Anthony - Disse com a maior paciência do mundo -, eu estou bem e acredito que o Maurício já soubesse que eu era a infiltrada antes mesmo de eu ser a infiltrada. Ele queria isso.

- E eu posso saber como você descobriu isso? - Agora eu tinha a atenção dele.

- Porque ele tem um informante por perto - Analisei mais uma vez a ficha de Daisy -, mais precisamente uma informante.

A ficha de Daisy era um fantasma a menos de um ano e viu um fantasma entre o período em que esteve longe de Alex. Maurício deixou falhas e eu acabei de descobri-las.

- Nataly? Ainda está aí?

- Estou! É só que... consiga um mandato para interrogar Daisy Rogers.

- A ex-namorada de Alex? A que você pediu a ficha?

- Sim, ela não está no nosso banco de dados, nem no da polícia, ou se quer no banco de dados hospitalar a menos de um ano.

- Um ano? Acha que Maurício está tramando isso a um ano?

- Na verdade acho que desde seu desaparecimento que ele trama sua volta - Nataly, vai arriscar seu disfarce por causa de uma louca que namorou Alex? E se ela não for informante de Maurício?

- E se for? Vamos deixar que ela continue livre? Vamos deixar que ela continue dando informações à Maurício?

## Capítulo 14 – Interrogatório

Nataly/ Lucy

– Quem são vocês? O que querem de mim? – Ela estava bem assustada, virava a cabeça de um lado para o outro com aquela venda nos olhos. Parecia perdida. – É dinheiro que vocês querem? Falem quanto e eu pago!

Rica.

Mimada.

Que vontade de dar um belo soco nessa cara cheia de plástica dela.

– Nós não queremos seu dinheiro. – Disse me aproximando da cadeira onde ela estava sentada (amarrada).

Se havia necessidade disso? Claro que não, mas eu estava com uma raiva tão grande dela que achei divertido causar este pânico todo.

Não havia sido fácil convencer Antony a me dar o mandato, até porque para ele Maurício não tramaria isso por tanto tempo, mas acabou cedendo depois que eu convenci Kátia de que o seu filhinho estava em perigo com uma louca dessas soltas, e aí Antony não teve escolha a não ser me dar o mandato. Admito que foi muito divertido arrombar a casa dela com dez homens armados e prendê-la em uma ação de menos de dez minutos e sem ao menos ter dado a chance de pedir explicações. Ela nem ao menos sabe que nós somos da polícia.

– Olhe bem Daisy, eu faço as perguntas por aqui e você apenas as responde, ok? – Usei meu tom duro e persuasivo para amedrontá-la ainda mais, se é que isso era possível, enquanto sentava na mesa de frete para a sua cadeira.

– E se eu me recusar? – Disse ainda perdida e procurando pela minha voz.

- Então faremos você falar - Disse destravando a minha arma e colocando em sua testa. Um dos agentes na sala me olhou repressivo - Estamos entendidas?

- Tudo bem, tudo bem eu... eu falo o que você quiser. - ela estava chorando, serio isso produção? Não que eu seja má, mas isso era agradável de ver.

- Sem choro! - Falei grossa - Quem é você?

- Pera aí, você não sabe quem eu sou? Por que me sequestrou então?

- Eu sei quem é você, Daisy Rogers, mas é incrível como a sua ficha não tem absolutamente NADA sobre você. Então ao menos que você tenha um ano de idade ou tenha vindo dos mortos há um ano, você tá tramando alguma coisa.

- Eu... Eu....

- Fala, quem é você? E como você conseguiu tanto dinheiro pra bancar seus luxos se você nem tem um trabalho?

- É de uma herança. Da minha prima. Ela deixou tudo para mim quando morreu. - Diz entre soluços.

- Eu estou começando a perder a paciência com tanta mentira. - Disse colocando a arma em sua testa novamente.

- Tá legal, tá legal. Eu matei ela - O que? - Morávamos só eu e ela e o meu avô e ele deu tudo pra ela.

- Deixa eu adivinhar, ele deu tudo para ela porque você não ligava para eles, apenas para o dinheiro.

- Ele não tinha esse direito, aquele dinheiro também era meu.

- Claro que era, então quando ela não quis dividir a herança você a matou e fez parecer que foi um acidente. - Meu Deus essa mulher é louca mesmo.

- Não era para matá-la, apenas dar um susto. Ela tinha mania de caminhar próximo a lagoa pela madrugada, então naquela noite eu fui até lá e a empurrei e voltei para a casa, ela não sa-

bia nadar e quando os gritos pararam deduzi que alguém havia ajudado. Então pela manhã a polícia estava lá, eu achei que ela estava a com raiva e tentaria me incriminar, mas...

- Eles foram para retirar o corpo da água - completei a última frase de sua fala desesperada.

Seu rosto estava vermelho e ela soluçava, por um momento até tive pena. Ela não queria ter matado.

- Vocês são da polícia, não são? Vão me levar presa?

- Como viveu tanto tempo sem registros em hospitais ou qualquer coisa? - Agora eu estava curiosa.

- Tinha um amigo hacker, e ele me ajudou limpando a minha ficha e eu vivi esse tempo na fazenda. - Ok o sentimento de pena acabou.

- Então a um ano decidiu que queria vir para a cidade?

- Sim! - Seu choro já havia passado, mas ainda soluçava.

- Foi aí que você conheceu Alex Bernoulli? Ou foi apenas depois do Maurício?

- O que? por que está me perguntando sobre Alex? Quem é você?

- Apenas responda! - Bati na mesa a assustando, adorava vê-la assim, fora do mundinho perfeito em que vivia.

- Sim, foi aí que conheci o Alex, mas eu não conheço nenhum Maurício, eu juro. Eu só fiquei com o Alex

- Então pra quem você trabalha? - Estava louca para ouvir o nome de Maurício sair da boca dela.

- Como assim? Eu vivo da minha herança, já disse.

- Além de mimada e assassina é burra! Porra! - Já estava perdendo a paciência com esse drama todo que ela estava fazendo.

- Olha eu juro, eu vendia os bois do meu avô e aí eu me mantinha, juro que nunca roubei. - Odiava aquilo porque parecia que ela estava falando a verdade.

- Ok, vamos tentar de outra forma. - Respirei fundo e me levantei - Por que perseguir Alex depois do término de vocês?

- O que? Por que essa fixação nele? Ele tem dona viu. - Não sei por que, mas eu estava começando a ter muita raiva dessa garota.

- Eu sei que ele tem dona, mas com certeza não é você amorzinho. - Sei que não estava sendo nada profissional, mas a minha vontade era de estapear a cara dela e mostrar quem mandava ali.

Talvez a raiva de saber que Antony estava certo sobre ela e eu estava errada estava fazendo esse ódio crescer. Odiava estar errada.

- É o seguinte. - Comecei a falar depois de cinco minutos de silêncio - Você vai pegar a primeira passagem para o mais longe possível do continente, e vai ficar bem longe do Alex, está me entendendo? - Falei bem próxima a ela.

- Quem é você sua maluca? Não pode me manter longe do meu amor. - Ela estava gritando e eu estava no meu limite.

- Tirem! - Disse para um dos agentes apontando para a venda nos olhos dela. Eles olharam um para o outro receosos, já que o acordo para a trazer era não desmanchar meu disfarce, mas me obedeceram.

Observei seu desespero ao voltar a enxergar e analisar a sala subterrânea empoeirada e de pouca luminosidade em que nos encontrávamos.

- Você? - Ela exclamou assim que o seu foco virou para a minha direção. Sua expressão era um misto de espanto medo e nojo, com certeza muito mais bizarra do eu imaginava que seria.

- Eu! - sorri.

- Que brincadeira é essa? - Ela parecia muito nervosa e eu apenas mostrava um rosto calmo e sorridente.

- Não tem brincadeira Daisy. - Voltei a sentar na frente dela.  
- Sabe eu te dei uma escolha de apenas se afastar do Alex, mas como você não vai, eu vou dar a outra opção, a única opção que eu decidi que você vai ter. - Ela me olhava bem assustada  
- Você, Daisy, vai sair daqui direto para a cadeia pela morte da sua prima.

- Você não tem provas sobre nada, não pode fazer isso. Você me torturou para poder falar essas coisas.

- Eu? Mas eu sou um fantasma. A Lucy não existe - Comecei a provocar com um sorriso falso na cara - Não pode provar absolutamente nada sobre este lugar, porque ele também não existe.

- Quem é você? - Ela parecia muito mais espantada.

- Eu sou a pessoa que te deu uma chance e você a desperdiçou - Não é como se eu fosse deixa-la realmente ir embora com uma morte nas costas, não mesmo - Agora você vai para a cadeia, sem chance de absolvição.

- Tenho direito de um julgamento e a um advogado. Você não tem poder sobre a polícia e sobre os juizes para dizer o que realmente vai acontecer comigo.

- Na verdade eu tenho sim, a única subordinação que existe para mim é o presidente do país, e ele não vai perder o tempo dele com ameaças que nem você. Temos peixes maiores para pescar.

- Por favor não! - Ela estava chorando novamente e desta vez não havia pena da minha parte. Então eu me levantei e disse:

- Levem-na daqui - Essa foi a última coisa dita antes de eu pegar a minha arma e ver ela sendo vendada novamente e sair carregada enquanto esperneava nos braços dos soldados.





## Capítulo 15 – Distrações

Alex

– Meu Deus Alex, você tem certeza disso? – Mary se joga no banco, ao meu lado com uma expressão horrorizada.

Hoje pela manhã, enquanto eu tomava café a Jullieta, minha empregada, me entregou um jornal com a mesma expressão que a Mary tinha agora.

A minha primeira reação foi me perguntar por que alguém ainda lê jornal impresso hoje em dia e onde ela tinha conseguido um. A segunda reação foi cuspir todo o suco que estava na minha boca quando eu vi o que estava escrito ali.

Uma foto de Daisy estava estampada na primeira página, e não era de uma notícia de moda qualquer, era sobre um assassinato. Um assassinato que ela havia cometido.

Eu quase surtei, e então decidi ir mais cedo a faculdade – Já que não teria a primeira aula – Precisava conversar com alguém. Eu havia namorado uma assassina.

– Você estava com uma mulher, que além de louca e obsessiva é uma maníaca assassina? – Thiago como sempre com seus comentários inúteis.

– O pior foi que no Domingo encontrei com ela no mercado e a Lu estava comigo, e digamos que a Daisy não sabe ser cordial com os outros.

– Pelo menos ela não vai mais poder fazer mal algum a nenhum de nós – Mary sorri cordialmente.

– Falando nisso, – Não disse? Já vai começar – o que aconteceu com vocês naquele dia pra ela ter se distanciado tanto de nós? – Thiago costumava ser muito curioso e isso acabava sendo inconveniente – Nem vocês dois eu tenho visto mais juntos.

– Anda me vigiando Thiago? – Falei brincando.

- Não preciso disso, porque a faculdade toda está falando sobre o novo casazinho. Alex e a garota misteriosa.

- Chamam ela de a garota misteriosa? - Mary fala com desdém - Que droga de apelido foi esse? Que falta e criatividade.

- Não foi ideia minha - Thiago diz se defendendo do olhar matador da minha amiga. - E não foge do assunto Mary, queremos saber o que aconteceu com a Lucy, certo? - Ele sabia dobrar ela direitinho, mas o infeliz tinha que desfocar da bronca através de um assunto como este?

Está bem, Lucy ficou mais fria e mais distante depois do ocorrido na academia.

Na Segunda ela chegou atrasada, e acabou se sentando no fundo da classe, longe de qualquer um, mesmo tendo um lugar vago ao meu lado. Ontem quando cheguei ela já estava lá mexendo no computador como de costume, mas ela sempre parava para me dar atenção e nunca deixava eu ver o que ela fazia ali, porém ontem ela apenas continuou como se eu não existisse. Nos intervalos entre as aulas tentava falar com ela, mas sempre estava ao telefone e na saída ela sumiu antes mesmo que eu pudesse levantar da minha cadeira. Bom, e hoje lá está ela, mais uma vez ao telefone, mas desta vez vindo em nossa direção, desfilando como se estivesse numa passarela. Ela estava linda, parecia agressiva com todos que mexiam ou falavam com ela, mas eu enxergava algo a mais nela, algo meigo e amável, como se fosse algo feito só para eu poder enxergar.

Isso é muito insano!

- Bom dia Alex! - O que? Por que ela só deu bom dia para mim?

- Ele ainda está chocado pelo que aconteceu com a Daisy. - Mary diz rindo - Já está assim tem alguns minutos. - Refere-se a minha reação boquiaberta ao ver Lucy.

- Deve ser o medo da polícia bater em sua porta. Tem algo a esconder da polícia Alex? - Thiago estava rindo também.

Eu perdi alguma piada?

- Ai amor, para com isso. Brincadeira mais sem graça. - Mary agora estava séria.

- Eu vi a notícia no jornal. Eu sinto muito por isso Alex - Lucy estava falando comigo? Depois de quase três dias, ela está sendo legal e carinhosa? - Alex você está bem? - Ela parecia preocupada também.

- Estou! - Foi a única coisa que eu consegui dizer.

- Tem certeza? Não seria melhor ir ao médico? Você parece muito pálido.

- Tenho sim, apenas estou chocado. - Não sei bem se estava chocado pelo o que aconteceu com Daisy, ou se foi por Lucy ter voltado a falar comigo tão de repente e como se nada houvesse acontecido.

- Bom a gente vai indo, - Mary diz pegando as coisas dela e puxando Thiago - Temos aula no primeiro horário e não podemos nos atrasar.

- Tudo bem então, eu fico com ele - Lucy disse se sentando ao meu lado. - Se acontecer algo eu aviso a vocês.

Eles concordam se despedindo,

Eu estava sendo tratado como se eu estivesse doente. Ou como se alguém importante estivesse morto.

- Eu estou bem, tá legal? Não estou doente. Ela era só a minha ex-namorada maluca, só isso. - Seu olhar penetrante deixava-me desconfortável

- Eu sei! - Disse dando uma leve risada.

- Então por que está me tratando como se eu tivesse um problema? - Estava começando a ficar estressado.

- Porque já estamos aqui a uns longos cinco minutos e você ainda continua olhando pro nada, como se estivesse me evitando. Além, é claro, de ainda não ter me perguntado nada do por

que eu estava afastada nos últimos dias. – Caramba ela realmente era direta.

– Não preciso saber da sua vida. – Eu queria, mas ela não precisava saber que eu passei os últimos dias pensando no que ela estava fazendo.

– Ah qual é, nem um pouquinho de curiosidade? – Claro que eu estava, mas não daria o braço a torcer tão rápido – Tudo bem se quiser ficar com esse mau humor todo por causa de uma ex-namorada, mas vai ficar sozinho. – disse se levantando e pegando suas coisas.

– Espera! – Disse me dando por vencido quando ela já estava de costas pronta para ir – O que foi que aconteceu? – Ela riu e voltou a se sentar do meu lado tirando da bolsa um chaveiro da torre Eiffel com uma chave de carro pendurada no mesmo – Comprou um carro? – Eu parecia surpreso, e bem, eu estava surpreso. De verdade? Isso não era motivo para se afastar. Quanto drama.

– Na verdade foi um presente do meu pai. – Por que ela não parecia tão feliz?

– Aconteceu alguma coisa a mais? Não parece feliz.

– Nem sei porque eu estaria feliz com este carro. Devia ter queimado ele.

– Por que?

– Meu pai me deu isso como um pedido de desculpas depois de eu concertar as cagadas que ele fez – Parecia que ela ia chorar. – É assim que ele me faz esquecer todo o trabalho que me dá, me comprando.

– Eu sinto muito Lu. – E eu realmente sentia. Sabia muito bem o que era ser comprado para suprir a necessidade de alguém que não estava lá por mim.

– Tudo bem! – Ela sorriu – Já está tudo bem agora.

- Bom sendo assim, quero conhecer o belo carro que a nova motorista da faculdade ganhou. - Ela riu e se levantou pegando as suas coisas e me puxando em direção ao estacionamento. Eu adorava vê-la rir, e adorava ainda mais saber que eu era o motivo do seu sorriso. Está aí a minha distração do dia, vou tomar como missão transformar o dia dela numa coisa melhor do que o último domingo ou os últimos dois dias. Farei ela entender que passar por problemas assim sozinha é bem pior do que ter um amigo ao seu lado para ajudar nem que seja com apenas uma gargalhada.

Depois do fim das aulas, com tudo normal e sem nenhum imprevisto - Imprevisto também conhecido como o temperamento bipolar de Lucy - Eu marquei de ir na casa dela para assistirmos qualquer coisa, e ela surpreendentemente aceitou, claro que com a condição de só chegar lá depois de três horas para dar tempo de ela arrumar a “bagunça”, como se eu me importasse.

Fui para casa meio impaciente e percebi que não havia pensado na história de Daisy o dia todo. Lucy realmente sabe como ocupar a minha mente, mesmo que seja sem querer.

- Está apaixonado meu filho?

- Mãe? - Tomei um susto pulando do sofá, o que ela estava fazendo aqui em casa? - O que faz aqui?

- Credo Alex, isso é jeito de receber a sua mãe? - disse me dando um tapa no braço.

- Desculpa mãe, é que eu realmente não esperava você aqui. - Por que é que eu achava que havia algo de muito errado acontecendo?

- Apenas vim ver como você estava. - Sentou-se no sofá me puxando para junto dela.

- Veio porque viu a notícia, não foi?

- Também. - Sabia - Mas eu estou com saudades, e essa ainda é a minha casa, não é?

- É sim mãe. E eu vou paro meu quarto tomar um banho, ok? - Disse levantando e pegando as minhas coisas.

- Tudo bem. Sabe Alex - Parei para olhá-la quando já estava perto da escada. - Eu pensei que podíamos passar a tarde juntos, irmos à praça e tomarmos um sorvete, sabe eu podia cozinhar e....

- Mãe para, não sou mais um bebê e eu estou bem. Não é como se eu fosse me matar porque a minha ex. é uma assassina.

- Quando foi que você cresceu tanto? - Quando você se afastou de mim, porque eu parecia meu pai e isso era difícil para você. - Desculpa filho, estou apenas preocupada, como toda mãe. - Como ela sempre consegue me vencer com esse jeitinho dela? Não dá para ficar com raiva da Dona Kátia.

- Olha mãe, eu havia marcado um lance com a Lucy, mas posso desmarcar, e a gente pode ficar juntos essa tarde. O que você acha? - Tento amenizar a situação.

- Lucy? - Ela não tinha a melhor memória do mundo.

- Sim mãe, Lucy aquela garota nova que veio aqui outro dia.

- Ah sim! Estão próximos assim? - Por que ela sempre tem que achar que eu vou casar e ter filhos com qualquer pessoa que eu converse?

- Mãe somos apenas amigos, ok? Lucy é uma pessoa legal, você mesmo disse isso, e ela está passando por problemas agora com família e eu vou ajudar.

- Que problemas? - Ela parecia realmente interessada na vida da Lucy

- Eu ainda não sei quais são os problemas, mas sei que tem a ver com o pai dela. Parece que ele causou problemas e ela teve que consertar tudo.

- Nossa que triste filho.

- Ainda quer que eu fique? Posso ligar para ela.

- Não, saia com ela. Ela precisa de distração tadinha, mas traga ela de noite, podemos ir comer uma pizza ou qualquer coisa do tipo. Só nós três. - Tenho medo do que minha mãe pode estar querendo aprontar, mas tudo bem.

- Tá bom, mãe, mas não garanto nada. - Dei um beijo nela e fui para o quarto me arrumar.

- Por que está vestido assim? - Lucy perguntou assim que abriu a porta e se deparou comigo de quimono.

- Não gostou do meu novo modelito - Disse com uma voz fina e dando uma voltinha.

- Tá legal. Entra! - Disse me dando espaço para entrar.

Observei como a casa estava arrumada e como ela ficava linda com um coque alto e roupas tão simples.

- Então nós vamos fazer o que? - Ela perguntou sentando-se ao meu lado.

- Não deu para perceber ainda? - Disse apontando para a minha roupa.

- Nós vamos lutar? Sério?

- Não apenas lutar, vamos para a academia ter uma bela aula na sua nova classe.

- Por que?

- Porque sei que o modo como eu falei aquele dia com você, te deixou chateada e eu quero mostrar que eu estou muito ansioso para estar na mesma turma que você.

- Alex não precisa, eu não fiquei cha...

- Sem desculpas, você vai e ponto final. - Falei levantando com toda autoridade que eu não tinha sobre ela.

- E se eu me recusar - Ela gostava de desafio.

- Aí eu vou te carregar como um saco de batatas até lá. - Consegui mais uma vez arrancar uma risada dela.

- Tudo bem, mas eu não tenho uma roupa dessas.

- Tem sim - Disse entregando uma sacola onde continha um quimono para ela.

- Tudo bem, eu vou me trocar. - Disse dando-se finalmente por vencida.

No caminho até aqui pensei em como poderia distrair Lucy. Então me ocorreu a ideia. Eu ainda tinha que me desculpar pelo modo como agi na última vez, então treinar pareceu um programa bem legal.

Mas ainda era pouco para preencher o nosso dia, então planejei leva-la ao parque novamente. Também pedi que minha mãe reservar nosso jantar em um bom restaurante.

E assim temos um dia completo de programação.

- Como fiquei? - Lucy disse me tirando dos meus devaneios.

- Uau!

- Por que me pediu para pegar outra roupa? - Ela me olhava desconfiada.

- Porque sairemos muito suados da aula, então tomaremos banho por lá.

- Não confio em você. - Afirma ajeitando a mochila em suas costas.

- Você não é muito de confiar, né?

- Pessoas que não confiam não inspiram confiança, sabia Alex? - Por que tão atrevida?

- Vamos logo Lu! - Disse puxando-a para fora do seu apartamento.

O caminho foi bem calmo. Conversamos, ouvimos e cantamos algumas músicas e rimos.

O treino foi exatamente o oposto. Meu mestre tinha algo mais que um simples treino de aquecimento. Ele inventou uma história de treino diferente com uma arte marcial muito perigosa.



Era estranho ele querer aquilo, mas eu apenas ignorei e decidi seguir a onda. Até porque não é todo dia que a gente tem a oportunidade de aprender Krav magá e como usar uma Katana.

Após um treino de muitas surpresas – Incluindo as habilidades de Lucy com uma espada – nos despedimos e saímos rumo a parada número dois do dia.

– Para onde está me levando? – Ela repetia a mesma pergunta há uns dez minutos e nós nem estávamos na metade do caminho – Por que você simplesmente não me diz onde estamos indo?

– Por que você é muito chata e curiosa? – Olhei rapidamente para ela e voltei a olhar para a estrada. Ela tinha uma péssima memória fotográfica – Vejamos se você lembra da onde é este estacionamento.

– Não lembro desse estacionamento. Nunca viemos aqui.

– Já sim, apenas estamos entrando pelo outro lado – Disse enquanto caminhávamos em direção à entrada de ciclistas, onde havia uma barraca para poder alugar uma bicicleta.

– Não está pensando em andar nessas coisas, está? – Ela me olhou um pouco receosa.

– Essas coisas se chamam bicicletas. – Disse encostando na bancada da barraca e entregando o dinheiro para pegar duas bicicletas. – E não haja como se fossem abominações. Você luta com uma espada sinistra e não quer andar de bicicleta comigo?

– Alex! – Ela parecia desesperada e isso estava sendo engraçado

– Vamos lá! – Dei uma bicicleta a ela e segui empurrando a minha sem ao menos olhar para trás, sabendo que ela iria me seguir.

– Alex, para por favor! – Ela disse quando eu estava subindo na minha bicicleta.

- Vai Lucy, para de ser chata. Tem lugares lindos neste parque, que só são possíveis ser vistos pedalando.

- Então eu nunca vou ver esses lugares. - Disse encostando a bicicleta numa árvore e se sentando na grama como uma criança emburrada.

- Para de ser chata, é só uma bicicleta - Disse me sentando ao lado dela, mas ela não parecia nada bem, na verdade ela estava gelada e tremia um pouco - Ei, você está bem? - Ela apenas assentiu com a cabeça. - Teve algum acidente de bicicleta quando criança, não foi? - Sorri fraco, porém ela apenas negou - Então o que foi?

- Promete que não vai rir? - Ela disse meio receosa e eu apenas acenei positivo - Eu não sei.

- Não sabe o que? - Eu estava confuso.

- Não sei andar de bicicleta. - Eu sei que havia prometido não rir, mas foi tão inusitado que eu não aguentei. - Se continuar eu vou embora.

- Desculpa, mas é que isso foi muito mais do que eu pensava. Quer dizer, todo mundo sabe andar de bicicleta, é uma coisa que a gente nunca esquece.

- Não dá pra lembrar algo que nunca aprendeu?

- Está falando sério? Nunca andou de bicicleta na sua vida? - Ela balançou a cabeça com o rosto vermelho e o lábio inferior preso entre os dentes - Por que?

- Porque nem todos nascem com a sorte de ter uma mãe ou um pai presente pra te ensinar isso. - Caramba!

- Eu sinto muito Lu. Eu não sabia.

- Não sinta. - Ela sorriu para mim como se nada tivesse acontecido. Mulheres e seus temperamentos bipolares. - Apenas não me obrigue a andar numa dessas coisas.

- Tudo bem, mas sabe que nunca é tarde demais para aprender algo, não sabe?

- Eu passo. - Sorriu sentando de pernas cruzadas de frente para mim.

- Não se alguém te obrigar. - Me aproximei a encarando desafiadoramente. Eu adorava fazer isso.

- Você vai fazer o que? Colocar rodinhas em uma dessas e me empurrar por aí? - Ela estava entrando no jogo.

- Só havia pensado em sair por aí te empurrando, mas a história das rodinhas foi brilhante. - Disse e começamos a rir muito, e estávamos tão distraídos naquele jogo que eu nem havia percebido o quão nós nos aproximamos. Quando fomos parando de rir eu só conseguia olhar para sua boca, e mais uma vez eu estava desejando um beijo que ela também queria. E a nossa proximidade era minha melhor amiga neste momento.



## Capítulo 16 – Começando a Viver

Nataly/Lucy

Alex estava se tornando uma distração para mim, então, durante os dias em que me mantive ocupada usando a desculpa de estar resolvendo o processo da Daisy, eu me mantive afastada dele. Eu sempre estava lá, porém ele nunca me via e quando me via estava apenas o ignorando.

Quando finalmente a juíza decidiu condenar Daisy eu decidi voltar ao meu posto de protetora.

Eu estava deixando me envolver demais com tudo isso então precisei muito nesse tempo para poder esclarecer as coisas na minha mente.

1 – Eu sou uma agente e não uma estudante.

2 – Alex é um problema para a minha sanidade.

3 – Não posso deixá-lo se aproximar muito de mim. Ou melhor da Lucy.

Depois de criar uma bela história sobre o motivo do meu afastamento eu voltei a conversar com todos como se nada houvesse acontecido. Convenci Alex que estava bem e que não estava chateada com o ocorrido na academia, mas é claro sempre deixando uma pontinha de insegurança pra atizar a desconfiança e culpa nele.

E mais uma vez funcionou direitinho. Ele marcou de ir no meu apartamento para assistirmos uma série policial – como se a minha vida já não fosse policial o suficiente –. Ele me deu umas duas horas antes de aparecer e esse seria o tempo que eu levaria para esconder e organizar toda as coisas do meu trabalho.

Quando ele chegou me surpreendeu com a sua ideia de me levar para um treino no karatê. A minha ideia estava começando a funcionar, ele estava voltando a treinar e eu me aprovei-

taria disso. Mas pelo visto não fui a única que pensou nisso. O mestre dele havia preparado uma aula e uma história bem elaborada para convencê-lo a treinar com uma katana, o que era muito perigoso, mas os movimentos e os modos de ataque e defesa seriam melhores para se atacassem ele. – Tenho que dar um jeito de não deixá-lo andando sozinho, sempre terá de ter alguém para que ele sinta que deve protegê-la. Assim eu garantiria que ele usaria a fora do tatame.

Depois do treino, no qual ele se saiu muito bem, fui levada ao mesmo parque do Domingo passado, mas para a minha infelicidade ele não podia apenas exigir uma caminhada, tinha que pedir justamente aquilo que eu não sabia fazer.

É, eu não sei andar de bicicleta. E o motivo para eu nunca ter aprendido realmente é porque nunca ninguém se importou em me ensinar, já que a minha mãe morreu quando eu começava a tirar as rodinhas. Parece estranho uma agente como eu não saber andar de bicicleta e saber pilotar um helicóptero. Mas a verdade é que depois da morte da minha mãe o Antony não me viu mais como uma filha, e isso eu acho que já deu para perceber, ele não me ensinou a andar de bicicleta, em vez disso, me jogou em uma sala com várias armas e só deixou eu sair quando acertei o alvo principal. E depois disso tirou qualquer amor maternal ou paternal que eu pudesse ter e no lugar colocou ódio, vingança, e habilidades espetaculares para qualquer tipo de luta.

Bom, mas voltando ao parque, consegui fazer Alex me compreender – Não que tenha sido difícil –, mas ele ainda queria me ensinar andar numa dessas bicicletas, o que seria muito engraçado levando em consideração nossos tamanhos, mas eu gostei de ver que ele se importava comigo. A cada momento ele passava a se parecer menos com o Maurício e começava a lembrar como a minha mãe era.

Era bom estar com ele. Eu estava me sentindo mais.... Humana.

Era uma sensação muito boa e eu estava a abraçando duma forma tão grandiosa que quando percebi estava próxima demais do Alex, e, como antes, eu tive vontade de beijá-lo, mesmo sabendo que isso vai de contra todas as regras que a nossa agência segue, eu o fiz então. Me arrependo. Porém foi o melhor beijo que eu já tive – Não que a minha cota de beijos seja grande, já que só comecei depois que virei agente, mas de todos os poucos esse foi parar no topo da lista bem rápido.

Depois de um tempo paramos de nos beijar, pois já estávamos sem ar, eu fiquei parada que nem uma idiota na frente dele ofegando sem reação nenhuma. Porém para a minha sorte ou azar o telefone dele tocou e assim que ele atendeu eu sabia que estaria ferrada e fora do caso.

– Oi mãe! – Ele ainda me encarava como se esperasse que eu levantasse e saísse correndo. – Tudo sim. Aconteceu alguma coisa? – Ele me encarou depois de ela ter falado algo no telefone. Merda, algum dos imbecis, que eu quebraria a cara hoje, devia ter falado para ela sobre o que está ou estava acontecendo aqui. – Tá bom, mãe. Nós já estamos indo. – Ele disse desligando o telefone. Que parada é essa de NÓS?

– Algum problema Alex? – Perguntei meio receosa tanto pelo telefonema tanto pelo beijo. Ainda estava insegura, e eu nunca estou insegura.

– Bom parece que a nossa última parada do dia foi confirmada. – Ele disse meio cabisbaixo. Eu não era a única sem saber o que fazer naquele momento.

– E qual será a nossa última parada? – Estava realmente tentando fazer aquilo tudo parecer o mais normal possível.

– Vamos jantar com a minha mãe. – O que? Por que? – Sabe ela estava em casa quando eu cheguei e perguntou pra onde eu ia, então eu disse que ia sair contigo e aí ela disse que gostaria de passar um tempo comigo e então teve a brilhante ideia de te chamar pra jantar com a gente e sabe, eu não vejo muito ela

então não consigo recusar nenhum pedido – Frouxo com uma cara de cachorro pidão muito linda que dá vontade de beijar novamente.

O que está acontecendo comigo? Para com isso Nataly!

– Lucy? Está tudo bem? – Que merda, acho que fiquei encarando ele mais do que o necessário.

– Está!

– Ótimo, então vamos que eu te deixo em casa e passo para te pegar as 7.

– O que?

– Achei que havia concordado. – Ele estava confuso – Você disse que estava tudo bem pra você ir. – Mas que droga! Eu tenho que prestar mais atenção enquanto as pessoas falam.

– Claro, vou sim. Vamos indo né, não queremos nos atrasar.

Acho que ainda dá tempo de inventar alguma alergia para a Lucy.

Ele concordou e seguimos nosso caminho sem tocar em nenhum instante no assunto do nosso beijo. Ainda bem, porque eu preferia assim. Fingir que nada aconteceu.

As sete em ponto Alex estava lá embaixo encostado no carro me esperando. Eu estava nervosa tanto por ter que estar com Alex quanto por ter que estar no mesmo carro que Katia. Algo me dizia que esse jantar tinha algo haver com o que aconteceu no parque, que por acaso não será relatado no meu relatório.

– Oi – Eu disse quando me aproximei dele.

– Oi – Ele sorriu vindo até a mim para me abraçar e aquilo se tornou muito desconfortável para nós dois.

– Cadê a sua mãe? – Perguntei me desvencilhando dele e vendo que não havia ninguém dentro do carro.

– Vai encontrar com a gente lá. Ela foi na frente para resolver uma coisa sobre a reserva – E eu sei muito bem que coisa foi essa.



Katia era a pessoa mais organizada e desconfiada que eu conhecia, então ela neste momento estava posicionando os agentes de campo dela para qualquer imprevisto além de ter revisitado todo o restaurante e a cozinha para assegurar de que não havia nada de errado. Ela era pior que a vigilância sanitária.

Quando chegamos ao restaurante, que na verdade era uma pizzaria – o que me fazia agradecer muito, pois eu não queria ter que dar uma de fina logo hoje –, encontramos Katia sentada em uma mesa mexendo no celular.

– Oi mãe, chegamos! – Senti isso como uma advertência e eu nunca vi nem o Antony dar uma advertência na Katia.

– Ah, olá meninos. – Disse guardando celular e sorrindo para a gente enquanto se levantava.

– Boa noite senhora Bernoulli. – Disse sorrindo amigavelmente para ela.

– Apenas Katia querida. – Eu estava com uma imensa vontade de rir agora.

– Tudo bem então, Katia.

– Vamos nos sentar? – Ela apontou as cadeiras a minha frente e chamou o garçom

– Boa noite, gostariam de fazer logo o pedido de vocês? – Eu conheço essa voz. Pensei tirando a minha atenção do cardápio que eu tinha em frente ao meu rosto e me virando para ver que um dos meus agentes de campo estava ali vestido de garçom.

Serio? Qual a necessidade disso? Numa mesa há duas agentes com um único alvo a ser protegido e ela coloca a minha equipe inteira disfarçada na pizzaria?

Pedimos uma pizza e começamos a conversar sobre a minha vida de mentirinha e sobre o suposto trabalho dela até que Alex pediu licença da mesa para ir ao banheiro e foi seguido por outro agente disfarçado.

- Tem necessidade disso? - Perguntei assim que vi Alex fechar a porta do banheiro.

- Disso o que? - Se fez de desentendida. Ela estava estranha.

- Precisava de toda essa operação? - Eu a encarei me ensinando um pouco sobre a mesa - Sei que você quer ele seguro, mas encher uma pizzaria com todos os agentes de campo não me parece uma maneira legal de passar despercebida. Além do que ele está numa mesa com duas das melhores agentes, se um tanque atravessasse aquela parede nós duas sabemos que tirá-amos ele daqui vivo.

- Só estou me assegurando de que o nosso disfarce não seja destruído Nataly. Alex acha que eu sou a mãe frágil e protetora graças a essas operações, sabia?

- Não Katia, Alex acha que você é assim porque você é uma mãe ausente que se importa mais com o trabalho do que com ele. - Droga, falei demais, mas ela precisava ouvir.

- E por isso decidi arriscar o disfarce de um dos protetores de Alex fazendo o treinar meu filho com coisas que nem devem ser ensinadas em uma academia? - Ela conseguia se recuperar rápido.

- Se ele estivesse seguro com os tais protetores não teriam deixado ele desistir de praticar o karatê e muito menos estaria precisando de mim por lá. Eu estou fazendo com que ele se proteja se necessário. Em algum momento ele pode estar sozinho e pode ser que ele precise se proteger.

- Você não vai transformar o meu filho num agente. - Ela estava muito irritada e chegava cada vez mais perto. Acho que a TPM atacou - Não vou permitir que você transforme ele no que você se tornou. - Uau, ela não disse isso, disse? Porque machucou.

- Não quero que ele seja igual a mim, mas também não quero que ele seja igual ao Maurício. - Foi a única coisa que eu

disse antes de me levantar e pegar minha bolsa indo em direção a saída com os olhos quase transbordando.

- Lucy! - Ouvi a voz de Alex me gritar e o senti se aproximando. - O que aconteceu? Minha mãe disse que vocês estavam conversando e do nada você saiu assim - Ele me olhava preocupado, e eu queria apenas ser abraçada, acho que também estou de TPM - Ei, olha pra mim! - Disse suspendendo o meu queixo pra encontrar meu olhar perdido - Ela falou algo pra você? - Apenas neguei com a cabeça - Então me conta. - Ele estava muito preocupado, muito mais que qualquer um já estive e isso era estranho e ao mesmo tempo aconchegante.

- Apenas senti falta de ter uma mãe me aconselhando e me protegendo do mundo - Uma lágrima escorreu e ele a secou me abraçando logo em seguida.

Levantei meu rosto, ainda abraçada com Alex e vi Katia ainda sentada nos observando.

Ela tinha razão, Alex não podia se tornar o que eu era, mas também não podia continuar vendo o pai como um herói que não era. Mais cedo ou mais tarde ele apareceria e ninguém iria conseguir impedir que Alex acreditasse em qualquer coisa que ele dissesse.

Ele teria que saber que o pai morreu como um assassino.

- Alex! - Disse me separando dele o que me deu uma grande sensação de vazio - Eu vou indo, pede desculpas para sua mãe por mim, mas eu ainda não estou preparada pra isso. Essa coisa de família.

- Por que você mesmo não vai lá se despedir? - Apenas neguei com a cabeça - Está bem, então deixa eu ao menos te levar em casa?

- Alex, você quase não vê a sua mãe. Eu vou ficar bem, vou pegar um táxi e vou direto para casa.

- Tem certeza de que vai ficar bem? - Ele era todo fofo preocupado.

- Tenho sim, agora vai aproveitar o tempo com a sua mãe. Eu mando mensagem quando chegar. - Sorri me despedindo dele como um abraço e um beijo na bochecha que demorou mais que o normal, o que nos deixou um pouco sem jeito.

Sai da Pizzaria e para a minha sorte tinham carros da agência ali então chamei atenção de um dos agentes e pedi que ele me levasse, e claro que ele não contestou uma das chefes dele.

Cheguei no apartamento e me joguei no sofá. Nunca havia parado para fazer isso, era uma sensação boa e desconhecida, me senti em casa pela primeira vez na vida.

Depois de alguns minutos me levantei e voltei a ser a Nataly. Fui para o escritório e comecei a trabalhar, depois de me decepcionar com Daisy não sabia quem realmente poderia ser os olhos de Maurício próximo a Alex, então voltei a analisar as minhas opções que estavam muito calmas, o que não ajuda em nada, já que eu preciso de movimentos suspeitos para basear alguma suspeita.

Depois de umas duas horas de muitos cafés e muitos perfis ouço a campainha tocar, devia ser umas onze e pouca, mas não paro para olhar o relógio e vou direto ao sistema de segurança que instalei no escritório, olho na imagem da câmera da porta e vejo Alex parado lá com uma caixa de pizza na mão.

O que ele estava fazendo aqui?

- Oi de novo! - Ele sorriu escorado na porta.

- O que faz aqui uma hora dessas?

- Bom como você saiu sem comer. Eu imaginei que estaria com vontade de comer pizza e a minha mãe disse que você, provavelmente, estaria de TPM e que era bom eu passar e pegar um sorvete também - Disse levantando uma sacola de supermercado.

- A sua mãe disse isso?

- Sim, logo após eu deixa-la no aeroporto.

- Neste caso, só porque você trouxe sorvete, eu vou deixar você entrar. - Dei passagem para ele, o vendo seguir diretamente para a cozinha. Ele parecia à vontade. - Mas que fique claro que eu escolho a série que vamos assistir. - Ele sorri por detrás de balcão e vira novamente para pegar algo no armário. Aproveitei e fui até o escritório trancando a porta e voltei me jogando no sofá.

A noite vai ser longa!



## Capítulo 17 – Decisão

Nataly / Lucy

- Acho que precisamos conversar - Alex disse me parando antes de chegar ao carro.

- Sobre o que? - Disse ainda andando.

Eu sabia sobre o que ele queria falar, mas eu estava fugindo disso há dois dias.

- Vai se fazer de desentendida agora? - Ele parecia bravo.

- Se for sobre o nosso trabalho, pode esperar pelo menos eu almoçar - Destravei o carro quando finalmente o alcancei.

- Não é sobre o trabalho, é sobre...

- Alex queridinho - Ouvi a voz enjoada de Joana atrás de nós. - Precisamos falar do nosso trabalho - Disse se jogando em cima de Alex, NA MINHA FRENTE, e ainda tinha a cara de pau de me olhar de cima à baixo. - Podemos ir agorinha para a sua casa. - Oferecida.

- Não dá. - Ele disse se desvencilhando dela - Tenho algumas coisas para resolver, então agora não dá. - Me encarou.

- Mas o trabalho é para segunda e eu não faço aos sábado porque tenho manicure.

Fútil.

Por que ela quer mesmo ser juíza?

Hoje um professor passou um trabalho em trio e a infeliz ficou comigo e o Alex. Para piorar as coisas eu estava desde quarta fugindo da tal conversa que Alex queria ter comigo. De certa forma ter ela no pé dele ia me ajudar, mas ainda precisaria estar perto e eu não queria dar um fora nele. Por parte eu não queria porque sei que isso afetaria a nossa amizade e afetaria a missão, mas por outro lado - Em que eu não paro de pensar

tem dois dias –, eu queria beijá-lo novamente, amei a sensação de ser importante pra alguém.

Na Quarta, quando o beijo ocorreu, quando ele foi no apartamento e ficou comigo a noite inteira não falamos sobre nada apenas ficamos ali nos encarando até que mais beijos rolaram. Porém eu surtei no dia seguinte e pedi para que isso não se repetisse mais. Deu certo, mas ele ainda estava correndo atrás de mim atrás de uma explicação melhor ou de um arrependimento do que havia falado.

– Vai ou não vai garota? – Joana disse me tirando dos malditos devaneios.

– Vou para onde? – Fingi que não vi como ela estava me tratando.

– Não prestou atenção? – Ela começou a gritar.

– Hoje na minha casa as três para fazer o trabalho. – As três? Não! Eu tenho uma reunião na central.

– Talvez eu me atrase e....

– Que garota irresponsável – Seria ruim bater nessa garota?

– Ao contrário de você que não pode por causa da manicure, eu tenho problemas mais sérios.

– Aconteceu alguma coisa com seu pai Lu? – Esqueci que Alex estava ali.

– Não precisa se preocupar estarei lá. – Disse e entrei no carro sem dar uma resposta à Alex.

Eu não devia fugir, mas eu estava assustada com tudo isso. Não sei lidar com ele, não consigo fingir com ele. Está muito difícil e eu nem sei o porquê.

Quando estava saindo para a reunião, que aconteceria as duas horas, Mary bateu em minha porta, e eu nem sabia que ela sabia onde eu morava.

– O que está fazendo aqui?



- Não vai nem me convidar para entrar? - Disse passando por mim e entrando - Uau que lindo seu Apê. Tem muito bom gosto. Fez tudo sozinha ou contratou um decorador?

- Ainda não respondeu a minha pergunta. - Eu estava começando a desconfiar dela. Nem o porteiro havia ligado para cá para avisar que ela estava subindo.

- Ah sim, vim aqui para esclarecer as coisas entre você e o Alex. - O que? Como ela sabia? - Alex não me contou nada, se é isso que está pensando. O Thiago sim.

- Como?

- Alex conta essas coisas pro idiota, só que ele não esconde nada de mim, então eu soube. - Ela estava animada demais.

- Soube exatamente o que? - Melhor me garantir e perguntar antes de me confessar.

- Que Alex está afim de você e que você está afim dele.

- O que? - Acho que eu gritei, pois ela recuou assustada.

- Não fica brava, não foi o Alex que disse isso, fui eu que deduzi.

- Por que acha que gosto dele desta forma?

- Porque você está tentando evita-lo desde o dia em que vocês se beijaram.

- Isso não significa que eu goste dele. -Na verdade eu não sei o que significa mais nada.

- Você já gostou de alguém? - Sério que ela estava falando disso? Esse não é o tipo de conversa em que eu me sinta à vontade. - Um gostar bem sério, sabe?

Mas do que é que eu tô falando? Isso aqui é uma encenação. Não existe essa de me sentir confortável. Tenho que estar próxima de todos. Mas a Lucy é discreta então não vou falar sobre isso.

- Olha eu tenho coisas para resolver e....

- Olha Lucy eu não te conheço direito, mas eu o conheço muito bem para saber que ele está afim de você e se você não quer nada com ele ao menos não iluda-o ou vai se arrepender - se eu fosse uma pessoa normal eu ficaria assustada com a ameaça dela, mas não preocupo sendo quem sou, porém é bom saber que ela se preocupa com ele.

O problema de tudo isso? Eu não posso me afastar e nem o deixar mal, além de que eu não sei se quero não gostar dele.

- O que vai fazer?

- Eu não sei Mary - Eu estava me sentindo perdida. Não sei como lidar com isso de querer algo que vá de contra as regras.

- Qual é o problema? - Ela estava preocupada.

- Não sei o que eu quero.

- Gosta dele, não é? - um sorriso brotou no rosto dela - Olha, não precisa admitir para mim, apenas admita para você mesmo. - Ela disse e saiu. Simples assim. Saiu, me deixando com uma cara de tonta no meio da sala.

- Diego? - Digo assim que ele atende depois do terceiro toque - Duas coisas.

- Cadê você? Não tinha uma reunião?

- Primeira coisa: Não vou a reunião. Alex precisa de mim. - Ou eu dele. Vai saber.

- Aconteceu algo?

- Não, apenas uma suspeita que está indo fazer um trabalho na casa dele.

- Ok, eu aviso à Katia. Qual a segunda coisa?

- Acha que seria um problema se eu me apaixonasse?

- Se você o que? - Ele gritou espantado.

- Não é o fim do mundo.

- Você está afim do filho da sua chefe e não é o fim do mundo?

- Como sabe que estou falando dele?
- Sou um agente mais inteligente que você. - Não é não.
- Isso não importa agora. E a verdade é que eu não sei se estou apaixonada. Na melhor das hipóteses é apenas uma necessidade biológica. Porém eu não sei como descobrir o que é.
- Só existe uma forma de descobrir, e é ficando com ele. Na melhor das hipóteses vocês só precisava de atenção e vai ficar tudo bem depois de uns dois dias.
- E na pior das hipóteses? - Tinha até medo de ouvir.
- Vocês estão realmente se gostando. E aí minha amiga ou você foge ou você aproveita. - Por que é que eu escuto as pessoas? Suas ideias são tão idiotas - Claro que ainda há a opção de um dos dois não suprir a expectativa do outro e acabarem se magoando. O que na minha opinião seria o pior a acontecer.
- Está sugerindo que eu dê uma chance para ele?
- Para vocês dois. Com muita sorte ninguém nem saberá. Com muito azar vocês namorarão e aí a mãe dele, que é sua chefe, saberá e ai todos saberão, e então você estará muito encrencada.



## Capítulo 18 – Karaokê

Nataly / Lucy

Eu não sabia o que estava fazendo, mas Diego tinha razão. Só havia uma maneira de saber se era só a seca ou realmente estava gostando de alguém, o que é bem estranho vindo da única agente que não teve vida antes disso.

- Está atrasada! - Joana disse sentada no sofá com uma roupa minúscula.

- Lucy! - Alex disse se levantando do chão, onde se encontrava sentado com um notebook na mão.

- Oi! - Por que eu estava insegura com isso? Era para o próprio bem da missão. - A Jullieta abriu a porta para mim.

- Bom caso queira levar nota senta e ajuda garota! - Se eu não tivesse problemas piores eu juro que ia fazer ela saber qual o lugar dela, assim como fiz com Daisy.

- Está tudo bem Lu? - Alex me perguntou enquanto arrumava um espaço ao seu lado para eu me sentar. - Sabe que se precisar de ajuda...

- Eu sei, posso contar com você - Sorri respirando fundo e me sentando ao seu lado.

O resto do trabalho foi tranquilo. Joana era meio burrinha então eu sempre tinha que corrigir o que ela pesquisava ou falava.

Numa boa, eu era mais nova que ela e nem se quer havia ido à escola, e mesmo assim sabia mais que ela. Sinceramente Direito nem era tão difícil assim.

Joana sempre jogava indiretas para Alex e ele sempre fugia, era até engraçado ver o esforço dela.

Quando o trabalho ficou pronto eu estava suando frio. Sabia que deveria conversar com ele e ver em que pé estávamos.

- Sabe, hoje eu e uns amigos vamos fechar um pub para uma festinha você devia ir, a turma toda vai. - Disse Joana se insinuando mais uma vez para Alex. Eu revirei os olhos.

- Claro! - Ele concordou? Ele estava sorrindo para ela? Mas que merda é essa? - Com certeza nós estaremos lá. - Nós?

- Nós?

- Sim eu e a Lucy. - Me senti bem em saber que estava sendo incluída e que ele não estava dando liberdade a ela. Mas que merda está acontecendo comigo?

- É pode ser. - Ela disse com total desprezo, mas o que eu poderia fazer? Eu tinha que estar nesta festa para proteger Alex de qualquer jeito. - A festa começa às dez da noite. Vejo você lá. - Disse pegando suas coisas e saindo. Observe que ela continuou tratando como se só ele fosse.

- Vai me contar o que aconteceu com você hoje? - Alex disse, e só então percebi que só havia nós dois na sala.

Hora de deixar as coisas rolarem. Eu sabia como fazer isto, já havia feito, mas nunca foi verdadeiro e agora seria, ou não seria? Pelo menos eu me aproveitaria da situação para colocar a minha cabeça no lugar.

- Não foi nada demais. Já está tudo resolvido.

- Se você diz. - Ele se deu por satisfeito e seguiu para a cozinha. Acho que desistiu da tal conversa.

- Olha - Respirei fundo - O que você queria conversar comigo mais cedo? - Agora já era, não havia mais volta. Iria resolver logo isso e me aproximar dele de outra forma. Não que fosse necessário, mas se perguntassem eu diria isso.

- Ah, nossa. Achei que não quisesse falar mais disso. - Ele parecia nervoso.

- Bom você quer falar sobre isso tem uns dois dias então vamos lá. Diga-me.

- É que eu andei pensando, até demais pro meu gosto, nesses dias e a verdade é que eu não consigo parar de pensar em você e nos seus beijos. - Ele foi bem direto - E eu quero mais deles - ele disse se aproximando e eu me recuei assustada.

- Calma aí menino, não é tão fácil assim. - Ele nunca foi tão direto assim.

- Desculpa - Ele recuou meio envergonhado. - Eu achei que você...

- Achou que eu quisesse te beijar? Assim? - Eu parecia incrédula, mas eu queria ser beijada por ele novamente - Não é tão fácil assim para mim. Eu estou confusa sobre isso - Disse apontando para ele e logo depois para mim.

- Eu também. - Admitiu com a cabeça baixa. - Sabe é muito difícil para mim confiar em alguém e eu confio tanto em você que eu nem sei explicar o porquê. - Eu sei, fui eu que introduzi isso na sua mente. - E eu gosto de estar com você, de te fazer sorrir, de discutir com você, gosto dos seus olhos, da sua boca. - Isso aqui tá ficando quente - Gosto da sua voz, do seu jeito meigo e ao mesmo tempo agressivo - Eu sou a garota perfeita, já que me moldei para que ele gostasse de mim. - Gosto até da sua mania de roer unha quando está entediada ou nervosa ou do modo como anda para tentar fugir de mim - Ele riu fraco. - E sinceramente eu poderia ficar aqui falando o resto do dia e da noite as coisas que eu adoro em você.

Ele realmente andava prestando atenção em mim. Ele descreveu coisas que não eram propositais, coisas que eram da Nataly e não da Lucy. Eu gostava muito disso. Sabia que era errado gostar, mas eu gostava assim mesmo. E quer saber? Que se dane eu vou me aproveitar enquanto posso dessa situação.

- Eu quero.

- O que? - Ele parecia perdido.

- Quero tentar algo, mas vai ter que ser com calma. Um passo de cada vez.

- Quer mesmo tentar?
- Você quer que eu não tente?
- Não, não é isso. É só que eu não esperava que seria tão fácil te convencer.
- Então acha que me convenceu de algo? - Fiz uma careta engraçada. - Por que acha que eu ainda estaria aqui?
- Então por que me deixou falar tudo isso? Poderia ter simplesmente me dito que queria e facilitado as coisas.
- Não sou do tipo que facilita as coisas. - Disse me endireitando no sofá e ao mesmo tempo me aproximando dele.
- E será que eu já posso beijar a menina difícil, ou ela vai me fazer mais alguma coisa para provar o que eu quero?
- Na verdade eu tenho uma condição. - Era agora que o jogo da manipulação começava.
- Como assim condições?
- Nós vamos com calma e por enquanto ninguém pode saber.
- Como assim? - É, não iria ser tão fácil assim. - Quer esconder de todos, fingir que não temos nada na frente dos outros?
- Parecia tão pior quando ele falava.
- Olha eu não quero que ninguém se envolva nem deposite esperanças, nem seria um namoro de qualquer forma.
- E espera que seja o que? - Disse meio bravo.
- Eu não estou dizendo que não pode se desenvolver em um namoro - Embora não vá - Apenas quero que tenhamos a garantia de que isso realmente vai acontecer e que de que é isso que realmente queremos, antes de deixar que depositem esperança e expectativas num relacionamento.
- Você tem razão! - Eu sei. Estou introduzindo isso na sua cabeça também - Tudo bem, vamos com calma. Um passo de cada vez e sem contar a ninguém por enquanto.
- Obrigada! - Sorriu suavemente.



- Agora posso beijar você?

- Meu deus, parece uma criança ansiosa pelo doce favorito que a mãe prometeu.

- Você é meu doce favorito. Viciante - Ele foi se aproximando com um sorriso hipnótico no rosto.

- Sou é? - Estou adorando esse jogo.

- É, e eu vou provar o que eu quero provar a dois dias. - Foi a única coisa dita antes de uma sequência de beijos quentes, suaves, e de todos os tipos. Eu poderia perder meu posto se katia quisesse, mas valeria a pena.

- Alex não precisa vir me buscar, eu tenho um carro para isso, sabia? - Alex e eu discutíamos por telefone sobre ele pegar em casa para ir à festa.

Já havia voltado para casa e marcado de ir com Alex na tal festa. Bom em relação a nós dois estava tudo muito bom, havia ficado com ele até umas oito da noite, quando voltei para o apartamento para poder me arrumar. Mas agora ele queria que eu fosse com ele, e tínhamos um acordo de não deixar ninguém saber.

- Lu por favor. É só uma carona e eu quero ficar mais com você. Fora que se eu beber demais você pode me trazer.

- Alex, você não bebe.

- Mas eu posso querer beber essa noite. Ou você pode beber.

- Alex, eu não bebo.

- Ah, eu desisto! - Disse já meio irritado. - Apenas desça e pronto.

- O que? Você está aqui em baixo? - Eu disse meio brava.

- Não está pronta ainda? - Perguntou meio horrorizado e tentando mudar de assunto.

- Alex, há quanto tempo você está aí? - Insisti.

- Isso não importa, o importante é que eu dei uma volta enorme para te buscar por que ninguém te deu o endereço e

nem o nome do pub. – Verdade, “ninguém me deu”, embora eu tenha conseguido com o auxílio a minha bela equipe.

– Tudo bem Alex, você me venceu, estou descendo em dez minutos.

– Tudo isso? Achei que estivesse pronta. – Resmungo.

– Se quiser pode ir sem mim.

– Tudo bem, estou te esperando. – Disse se dando por vencido.

Depois de um tempo de conversas no carro chegamos na tal festa que estava muito animada por sinal. Na entrada estava a enjoada da Joana recebendo e barrando convidados. Quando chegamos perto ela nos olhou de cima abaixo e parou nas nossas mãos que estavam juntas. Eu soltei imediatamente minha mão da dele e seguimos para dentro do local passando direto por ela com apenas um aceno de cabeça de Alex.

O local estava animado tinha muita gente dançando e quase ninguém da nossa turma estava lá. Sentamos no bar e Alex pediu dois drinques para nós sem álcool.

– Sabe o que eu queria agora? – Ele disse terminando a bebida e colocando a taça em cima do balcão.

– Outra bebida dessa? – Eu perguntei me fugindo de inocente.

– Não, eu quero outra coisa – Sorriu sugestivo.

Mas que merda ele estava querendo insinuar?

– Alex! – Disse batendo no braço dele.

– O que? – Fez uma cara de anjo – Eu não estava falando disso sua maluca. Eu estava falando de beijos.

– Ata! – Respondi com o rosto meio ruborizado. – Mesmo assim, não vamos fazer isso aqui. Já disse que não vamos nos expor assim.

– Ah qual é? Não sente nem uma vontadezinha de me beijar agora? – Ele disse se aproximando.

- Alex para agora! - Disse quando ele já estava próximo demais. - Não é possível você ter ficado bêbado sem ao menos beber.

- Tá bom - Respondeu desistindo - Vem comigo! - Disse me puxando para um canto escuro onde não podíamos ser vistos. - Agora eu posso?

- Alex você é maluco. - Disse deixando ele me enlaçar pela cintura.

- É crime querer provar meu vício?

- Não Alex, não é - Disse e agarrei o beijando.

Adorava essa situação maluca em que eu estava me metendo, mas eu sabia que não duraria muito. Mas achei que duraria mais que um minuto.

- Mas o que é que vocês dois estão fazendo? - Não falei?



## Capítulo 19 – Karaokê parte 2

Alex

Eu não estava acreditando que Lucy estava realmente querendo algo comigo. Quer dizer, eu sabia que o clima estava meio quente entre nós, mas não achei que ela iria pedir para tentarmos algo, ainda mais com essa condição maluca de não deixar alguém saber. Realmente não a conheço, ela me surpreende a cada dia.

Depois da tarde incrível que passamos juntos eu pensei que poderíamos ir juntos a festa, mas sabia que ela não concordaria, então eu fui para casa dela sem que ela soubesse, assim ela não poderia recusar minha carona. Mas no meio do caminho senti como se alguém estivesse me seguindo, então decidi ligar para Lucy, assim eu me distrairia caso fosse paranoia minha e se fosse real teria alguém falando comigo caso acontece algo.

A minha mãe realmente me traumatizou com esse negócio de bandido.

Quando chegamos a festa ainda tinha a sensação de estar sendo seguido, mas deixei isso quieto pois não queria assustar a Lucy.

Eu queria muito ficar a sós com ela, mas ela estava muito nervosa de que alguém nos visse juntos, então a levei para um canto onde eu sabia que não havia como sermos vistos, a não ser que fossem direto para lá.

Sim, eu já havia estado aqui antes. É um bom lugar e é de um primo do Thiago então estava tudo bem. Pelo menos até aquela criatura de estatura média e cabelos negros aparecer na nossa frente com uma bebida na mão e uma cara de quem ia gritar pra Deus e o mundo o que estávamos fazendo ali.

- Mas o que é que vocês dois estão fazendo?

- Ai meu Deus - Lucy se separou de mim e em menos de dois segundos já estava com o batom, a roupa e o cabelo no lugar. Ao contrário de mim que tinha meu cabelo bagunçado e uma boca meio rosada de seu batom.

- Vocês dois estão juntos? É sério isso?

- Mary não é nada disso que você está pensando. - Lucy disse.

- Não é? - Sim eu estava bravo por ela ainda tentar negar mesmo sendo pega no flagra. - Vai continuar negando?

- Então vocês estão juntos! - Por que ela era a única animada ali que ainda batia palminhas?

- Não acredito que deixei isso acontecer aqui - Lucy estava chateada. Ela estava achando que eu havia feito de propósito?

- Eu não fiz isso de propósito, se é isso que está pensando. Como eu ia saber que a Mary estaria aqui?

- Sério que estão brigando por isso? Eu não sabia que vocês dois estavam aqui e na verdade eu estou procurando o Thiago, ele disse que me encontraria aqui e eu só me aproximei porque achei que era ele com uma vagabunda qualquer. - Mary disse ficando entre nós dois - E quer saber, eu não sei porque vocês não me contaram, e muito menos porque estão brigando por eu ter descoberto. - Ela estava brigando com a gente como se fosse nossa mãe - Mas eu estou super. feliz de vocês estarem juntos ou sei lá o que, então aproveitem e não se preocupe, porque eu não vou contar pra ninguém, nem mesmo pro Thiago - Ela estava com orgulho da gente? Estranha!

- O que não vai me contar Mary - Que maravilha, agora o Thiago tinha que aparecer? - O que estão fazendo aqui?

- Eu que te pergunto. - Disse tentando mudar de assunto - Essa festa é privada.

- E o dono é meu primo, esqueceu? - Ele disse como se fosse obvio - Mas por que estão aqui?

- Uma das organizadoras da festa estuda com a gente, e bem ela nos convidou - Lucy disse com uma voz suave demais, como se estivesse com vergonha.

- Isso eu sei, e sei que ela não perderia a oportunidade de convidar o Alex, já que ela tentou ficar com ele desde que começaram a faculdade. Agora o que eu não entendo é o que vocês dois estão fazendo aqui, neste canto, se pegando as escondidas.

- Thiago era muito bom em perceber as coisas, se eu já não estivesse acostumado com ele ser tão detalhista estaria tão surpreso quanto Lucy estava.

- Mas como? - Ela estava pasma.

- Fácil, Alex está todo bagunçado e você está arrumada, o que mostra sua capacidade de esconder coisas, mas acontece que você escolheu o cara com menos habilidades para mentiras.

- Thiago é muito detalhista, e eu sei mentir sim. - Digo me defendendo, mas parece que ninguém acredita nisso, nem mesmo Lucy.

- Você pode até saber guardar segredos, mas mentir não é seu forte. Na verdade, nunca foi - Mary disse me zoando - Lembra daquela vez na sexta série, com a diretora Muller, quando você....

- Tá legal! - A interrompi - Eu não sei mentir, mas que mal isso tem?

- Eu gosto - Lucy disse e todos a olhamos sem entender - Eu gosto do fato que você não sabe e nem gosta de mentir. - Ah tá, isso - Isso é bom.

- Num relacionamento com certeza - Thiago disse nos provocando.

- Thiago cala a boca - Empurro-o e arrasto Lucy comigo para uma mesa. Vendo meus dois amigos nos seguirem.

- Está bem eu paro, mas só se disserem o que está rolando entre vocês dois. - Olhei para Lucy e depois para Mary pedindo por socorro.

- Nem olha para mim, pois eu também estou louca para saber. - Que belos amigos eu fui arranjar.

- Tudo bem. - Lucy começou - Estamos começando algo ok, apenas isso e não queremos que ninguém mais saiba. - Eles a olharam surpresa - Já ouviram falar “o que ninguém sabe, ninguém estraga”? Pois é!

- Vocês estão tipo em um romance proibido? - E lá vem a Mary e sua felicidade exagerada novamente.

- Sem muito exagero, por favor Mary - Agora foi a minha vez de falar. - De qualquer forma, nada de abrir a boca ouviram. - Os dois acenaram como duas crianças que acabaram de levar uma bronca.

Depois disso começou a tocar algumas músicas animadas e eu levei Lucy para a pista para podermos dançar. E quando voltamos para nossa mesa encontramos Thiago e Mary conversando com o primo deles e Joana. Revirei meus olhos quando nos aproximamos e vi Lucy sorrir e mais uma vez soltar a minha mão.

- Oi de novo Alex! - Joana disse quando chegamos a mesa me puxando para um abraço - Não tive tempo de falar com você antes, desculpe-me - Vi todos sorrirem de algo que Lucy falou e me desvencilhei de Joana indo para o lado de Lucy. - Ah oi Lucy - Ela usou um sorriso falso que Lucy retribui com um maravilhoso, radiante e verdadeiro sorriso.

- E quem é a bela moça que eu não conheço? - Vi o primo de Thiago se pronunciar e um ciúme tomou conta de mim.

- Lucy. - Respondi sendo grosso, e ela me olhou sem entender.

- Que belo nome você tem Lucy. - Disse pegando sua mão e beijando-a. Que idiota - Talvez eu possa te mostrar melhor a minha boate depois. - Ele estava realmente cantando ela na minha frente? Que filho da mãe!



Eu já estava pronto para voar em seu pescoço e mostrar para ele que ela estava comigo, mas Lucy apertou a minha mão por baixo da mesa e sorriu percebendo meu estresse.

- Desculpa, mas eu já tenho namorado. - Ela disse isso mesmo?

Aquilo havia pegado todos de surpresa. Inclusive Joana que alternou seu olhar entre nós dois, e por mais que eu tivesse vontade de gritar ali para eles que era eu o namorado eu preferi ficar quieto bebendo seja lá o que fosse aquilo que Thiago havia pedido.

- Bom, eles vieram aqui para nos convidar para o karaokê que vai ter daqui a pouco e bom eu acho que queremos, certo? - Thiago disse tentando quebrar o clima que estava se formando ali.

- Tudo bem! Nós vamos. - Eu confirmei colocando meu copo, que agora estava pela metade, sobre a mesa.

- Vamos? - Lucy disse meio insegura - Não sei se quero cantar. - Tenho certeza que aquela carinha era um truque para me convencer.

- Qualquer coisa finja que está bêbada e ninguém vai dizer nada sobre o estado da sua voz - Cochichei em seu ouvido fazendo-a sorrir.

- Tudo bem, nós vamos. - Ela disse para os dois que ainda estavam plantados na nossa frente.

- Vão cantar individualmente ou em casal? - Agora eles estavam mais frios.

- Casal - Respondi sem dar a chance para mais ninguém falar.

- Tudo bem então. O nome de vocês será pronunciado na vez de vocês. - O primo de Thiago disse antes de se retirar levando consigo Joana.

- O que foi isso meu Deus? - Mary disse depois de alguns minutos de silêncio.

- Loucura, né? - Disse todo inocente.

Passados trinta minutos, o karaokê foi aberto e depois de umas dez músicas chamaram pelos nomes de Thiago e Mary, então fomos para mais próximo do palco para vê-los melhor.

Assim que eles subiram eu sabia qual seria música escolhida por eles. Eles faziam o estilo de casal clichê que tinham uma música e era essa que seria escolhida, mesmo a contragosto de Thiago que fez várias caretas durante performance. Terminaram sob uma chuva de aplausos e gritos. Anunciando que a próxima dupla a cantar seria a nossa.

Subimos no palco e eu até já tinha escolhido a música perfeita, claro que não era uma que demonstrasse nossa situação atual, porque senão ela com certeza brigaria comigo, e ainda achava que ela não estava totalmente de boa por Thiago e Mary.

- Qual vai ser a música Alex? - Lucy pergunta.

- Você vai ver.

- Você já escolheu? - Ela parecia meio assustada - E se eu não souber a letra?

- Você relaxa e confia em mim.

- Tudo bem. - Ela respirou fundo e se voltou para frente segurando firme no microfone.

O toque da música começou e eu a olhei cantando os primeiros trechos sendo seguida pela sua voz doce e um pouco tremula. E logo éramos um único som ecoando por aquele bar. Ela mantinha o olho fechado nas notas mais altas e mostrava todo seu sentimento pela música a cada sorriso e cada olhar que ela me dava.

De repente, no meio da música, enquanto nos perdíamos em meio a palavras, algo totalmente inusitado aconteceu.

Entrando pela porta da frente, com armas enormes nas mãos, homens vestidos e preto com um capuz no rosto atiravam. A música foi interrompida com o DJ sendo baleado e então algumas pessoas começaram a correr, outros procuraram abrigo de baixo das mesas e alguns simplesmente deitaram no chão onde estavam.

A minha primeira reação foi pegar a mão de Lucy e ir atrás dos meus amigos, porém Lucy foi mais rápida e me puxou para trás, fazendo com que caíssemos atrás do palco, antes de uma bala quase me atingir.

Eu estava assustado, mas Lucy não parecia assustada apenas estava muito séria.

- Valeu - Foi a única coisa que eu consegui dizer antes de ver um cara sacando uma arma atrás de nós. No meu desespero eu me joguei por cima de Lucy para protegê-la e quando tentei gritar ela tampou a minha boca, e foi aí que ela me empurrou fazendo eu cair ao lado dela e só então observei que o cara estava atirando contra os tais bandidos que começaram o tiroteio.

- Por aqui vocês dois! - Um cara surgiu por detrás do outro atirador indicando uma porta pela qual poderíamos sair em segurança.

- Olhei para Lucy que não parecia querer pensar apenas o seguiu me puxando para ir atrás dela.

- Peguem aquele carro e saiam daqui, vão para o lado norte menos de um quilometro, vão encontrar mais policiais, peçam para virem e trazerem paramédicos.

- E quanto aos outros? - Eu estava desesperado.

- Nossos amigos estão lá dentro. - Lucy falou friamente - Thiago e Mary são os nomes deles, se encontrarem diga a eles onde estamos por favor.

- Positivo - Foi a última coisa que ele disse antes de entrar pela mesma porta por onde havíamos passado.

- Vamos! - Ela gritou entrando no lado do motorista do carro.

- Não podemos ir. - Disse antes dela dar partida no carro. E ela me encarou confusa - Thiago e Mary ainda estão lá.

- É estão, com mais um monte de reféns e caras prontos para matar qualquer um. Não é hora de dar uma de herói. Deixe a polícia fazer o trabalho deles. - Ela disse dando partida no carro.

Ela tinha razão, então fiquei quieto vendo ela coordenar tudo, tanto com a polícia - Que tinham uniformes e carro muito mais caros do que os que normalmente víamos - quando com os paramédicos das ambulâncias, que nos faziam perguntas sobre nosso estado e sobre como as coisas ocorreram lá dentro. Lucy era bastante centrada e não esboçava nenhum traço de apavoramento.

A noite passou e não dormimos absolutamente nada, esperávamos notícias de Mary e Thiago junto a polícia. Nós não fazíamos ideia aonde eles estavam e muito menos se estavam bem.

- Alex toma um café vai. - Ela disse sentando ao meu lado na mesa da cafeteria que havia próximo a onde os policiais haviam montado um local de concentração, para investigar e fazer a análise de todos os feridos e pessoas que estavam no local. - Eu tenho certeza de que eles estão bem, apenas dê um tempo para os policiais descobrirem para que hospital eles foram mandados.

- Se eles estivessem bem não precisariam de hospital.

- Alex até a gente que saímos de lá no início precisamos de atendimento, imagina eles. - Ela apertou a minha mão e eu a soltei.

- Como consegue estar tão fria em relação a eles? Eles não te deixariam sabia.

- Desculpa, mas se eu tivesse voltado lá você poderia estar ferido ou pior, morto. - Ela estava quase chorando - Eu me

importo com eles, muito mais do que você possa imaginar, mas eu também me importo com você e não deixaria que se machucasse sabendo que estava ao meu alcance te proteger.

- Já sou bem grandinho para proteção.

- Eu realmente não acredito que você está gritando comigo, mesmo depois de eu ter sido a única forte aqui a não derramar uma lágrima pra focar em encontrá-los. - Ela disse se levantando da cadeira e saindo da cafeteria onde havia um policial.

Alex Bernoulli você é um babaca total!!

- Lucy! - Disse ao sair da cafeteria e a vi indo em direção a um carro preto que acabava de estacionar ali.

Assim que aponta se abriu e meus amigos saíram de lá de dentro eu disparei a correr também.

- Que bom que vocês estão bem! - Ouvi Lucy dizer quando me aproximei.

- Deus onde vocês estavam? - Eu disse e foi só então que Lucy percebeu que eu estava ali.

- Estávamos em algum hospital aí. Nós nos escondemos atrás do balcão então não sofremos muito, mas a Joana levou um tiro. - Mary disse.

- Pena que não morreu.

- Thiago! - Mary o repreende.

- Mas fala sério, a burra fica no meio de um tiroteio parada como um alvo fácil e mesmo assim ela ainda teve sorte de só ser acertada do braço.

- Estranho. - Lucy disse baixinho fazendo todos levarem a atenção até ela. - O cara devia ter a pior mira do mundo e ela o maior pacote de sorte.

- Um fato. - Mary concordou com ela.

- Ei gente! - Thiago chamou nossa atenção depois de alguns minutos em um silêncio meio constrangedor.

- Não é hora das suas piadas sem graça Thi - Mary disse.

- Não é uma piada, é apenas uma observação.

- Eu quero ouvir - Lucy se pronunciou rindo, provavelmente já prevendo que sairia muita merda da boca dele.

- Obrigada voz da razão. - Ele disse fazendo reverência - Não é estranho que seja a segunda vez que estão juntos e algo estranho do tipo acontece?

- Como assim? - O que ele estava querendo insinuar.

- Vocês dois só atraem eventos drásticos.

- Eu avisei que vinha uma piada ruim. - Mary disse com um sorriso no rosto.

Até fazia sentido o que ele acaba de dizer. Já era o segundo desastre e a segunda vez que ela me salva antes de eu ser atingido, mas numa boa duvido que algo tenha haver com ela ou comigo. Isso é a maior loucura já dita.

## Capítulo 20 – Cuidado

Nataly/Lucy

Quando fui designada a esta missão, o objetivo era me fazer o elemento surpresa. Maurício não faria ideia de quem eu era, e nem o quanto eu fui treinada. Ele não saberia, já que ficou anos longe da nossa corporação. Entretanto a cada dia que passa eu tenho mais certeza de que ele sempre soube quem eu era e que até já fazia ideia de que eu era a única escolha para proteger Alex.

- Senhora? - Um dos agentes chama a minha atenção.

Há algumas horas eu deixei Alex em sua casa junto com Thiago e Mary, na desculpa de ir até a minha casa para poder tomar um banho e me trocar, mas, como sempre, eu menti e vim para a central da corporação. Eu tinha que investigar o trágico evento da boate.

Esses ataques já estavam ficando fora de controle.

Todos ficaram preocupado com esse segundo ataque, já que Maurício tem demonstrado não ligar para o tamanho do efeito colateral.

Além, é claro, de Thiago ter razão em uma de suas falas, o que me deixava ainda mais preocupada e angustiada. Alex só havia sofrido os ataques quando estava comigo. Maurício estava querendo me ver fora da jogada, era no que eu acreditava, mas isso não ia acontecer. Eu não desistiria tão fácil.

- Lucca mostra novamente a Joana no vídeo da boate, logo após sair da nossa mesa. - Pedi ao técnico de informática, enquanto me reclinava sobre a mesa da enorme sala mãe (nome dado a sala de tecnologia visual principal). Estávamos há um bom tempo querendo achar algo nas câmeras de segurança da boate. Algo que ligasse alguém da festa aos suspeitos armados

não identificados. – Ai está! – Apontei para a tela e ele pausou o vídeo. – Imprime essas imagens e separa essa parte do vídeo e manda tudo para a sala do Antony.

– Sim senhora!

– É bom que tenha achado algo – Antony diz enquanto entro em sua sala.

– Sim, achamos um suspeito – Agora ganhei a atenção dele que estava direcionada para seu computador.

– E quem seria?

– Joana Figueiredo. – Olha surpreso.

– De novo apostando nas relações antigas do Alex, Nataly? – Ele não parecia gostar muito disso.

– Olha, eu sei que errei da outra vez, mas de qualquer forma ela era um psicopata e acabou presa, graças a mim. – Sentei na cadeira de frente para a dele – Eu não estou apenas trabalhando com base em extinto ou qualquer coisa que esteja insinuando, temos vídeos da segurança da boate que mostram ela falando ao telefone, e os nossos especialistas confirmaram que ela ia fazer algo de ruim. – Disse mostrando fotos das imagens da filmagem que tinha em minhas mãos – E quando o tiroteio começou ela nem parecia surpresa e nem se quer abaixou como qualquer outro faria ou fez, ela ficou parada, e no meio daquela chuva de balas levou um tiro no braço. E nem era o braço com que ela escreve. – Mostrei outra foto dela no meio do tiroteio -além de que ela era a dona da festa e tinha o total controle dos convidados. Isso parece o suficiente para ao menos interroga-la, certo?

– Não! – O que? Revirei os olhos. Ele só poderia estar de brincadeira comigo. – Não vai interroga-la, vou emitir um mandato, mas desta vez você estará fora. Me entendeu?

– Mas eu sou a mais indicada para isso. – Me exaltei.

– Vou leva-la a um interrogatório comum sobre o acontecido. Apenas. Numa delegacia comum, sem alarde de quem somos. Já chamamos muita atenção.



- Você só pode estar de brincadeira.

- Se ela for apenas uma civil inocente, não a quero se questionando porque o FBI ou qualquer outra organização está envolvida em um tiroteio em uma cidadezinha. Entendeu?

- Sim senhor. - Decepcionada. É assim que eu me sinto neste momento, não acredito que ela vai passar por um interrogatório simples, e muito menos que eu não poderei estar à frente disso. - Posso ao menos assistir o interrogatório? Só para ter a certeza de que ela estará dizendo a verdade.

- Sua tarefa é proteger o Alex, e é isso o que você vai fazer.

- Na verdade a minha missão é encontrar o infiltrado de Maurício e proteger Alex de qualquer investida.

- Se ela for a infiltrada, você já fez uma parte do seu trabalho. Você a encontrou. Porém se ela não for, quem estará protegendo o SEU protegido?

- Vai por mim, acredito que ele vai estar bem seguro longe de mim. - Se você levar em conta que só é atacado quando está comigo.

- Como assim? - Acho que falei demais.

Eu não sou do tipo de agente que sai entregando qualquer suspeita minha para o meu superior, mesmo se for o fato de acreditar que ele só está sendo atacado para me fazer recuar. Antes de deixar Antony saber disso eu vou investigar.

- Só estou dizendo que ele estará seguro da mesma forma que está agora, com todos aqueles agentes na rua dele. - Disse apontando para as imagens em sua tela de computador. Quais eu também recebia. - Sei que seus homens farão um ótimo trabalho, principalmente aquele com a doce criancinha na bicicleta. - Um pouco de exagero pegar as crianças do protocolo TEFA (Testes em Futuros Agentes). O nome é bem mais tranquilo do que a situação que o envolve, porém eu passei por ele, na verdade fui a primeira e eu sou uma ótima agente então pode-se dizer que funciona.

- Tudo bem você pode ir, porém vai ficar do outro lado do vidro e em hipótese alguma vai deixar ser vista. E se alguma emergência em relação ao Alex, que por acaso não para de te mandar mensagens e ligar - Que merda Alex, não dava para ser um pouco mais discreto. -, você não hesitará em ir atrás dele, entendeu?

- Sim senhor - Levantei-me deixando o envelope com as fotos e a ficha de joana. - Só mais uma coisa, já que eu não vou estar na sala coloca um psicólogo. Só para termos certeza que a leitura corporal será feita corretamente - Sorri sugestivamente para ele que concordou me fazendo sair de sua sala.

- Por que estou aqui? - Joana disse se sentando do outro lado do espelho que eu estava encostada.

- Apenas questão burocrática. - Um agente vestido de policial entrou se sentando na frente dela - Só queremos seu esclarecimento sobre o que aconteceu naquela noite.

- Mas eu já disse o que aconteceu - Ela parecia meio nervosa.

- Eu sei senhora, mas por questão burocrática temos que registrar os depoimentos dos envolvidos mais importantes, e você convidou todos que estavam naquela festa e sabe quem são essas pessoas, poderia nos ajudar com alguém que tinha um comportamento estranho.

- Tudo bem! - Ela concordou. Serio?

- Ela parece assustada. - Diego disse atrás de mim.

- É medo - Afirmei ainda a encarando pelo vidro que ela não podia me ver. - Medo de ser descoberta.

- Acho difícil, ela parece bem convincente.

- Tem razão. - Só havia uma coisa a fazer - Ela não vai dizer, mas algo me diz que o apartamento dela vai.

- O que? Quando você vai parar de ser inconsequente? Eu sei que recebeu ordens para não se meter no interrogatório.

- Mas não para revistar a casa dela. - E ela ainda mora sozinha.

- Como pretende sair daqui e entrar na casa dela sem chamar atenção? Sabia que precisa de um mandato para isso?

- Como você acha? - Sorri.

- Por que eu ainda pergunto?

- Porque você é muito ingênuo e adora as aventuras que eu te coloco.

- Você não faz ideia de como eu só queria a minha mesa no meu laboratório agora. - Sim eu faço.

- O plano é o seguinte... pegamos as chaves entramos na casa, pegamos o que precisamos e devolvemos as chaves - Disse o levando para longe dali.

- Senhora? - Um policial me chama quando saio da área de interrogatório de interrogatório e passo pelo balcão onde as pessoas deixavam seus objetos pessoais antes de ser interrogadas.

- Sim? - Faço-me de desentendida

- Tenho ordens para não deixar a senhora sair do prédio. - Ele disse com toda a autoridade possível. Acho que o coitado nem sabia quem eu era.

- E eu posso saber quem te deu essa ordem? - Falei tentando ganhar toda a atenção dele enquanto Diego corria para atrás do balcão para pegar as chaves da Joana.

- O seu superior, senhora.

- Meu pai? - Odiava chama-lo assim, mas a situação pedia.

- Desculpe, você é filha... - É ele estava surpreso.

- Sou uma agente também, mas filha do superior. E a segunda em comando por aqui. - Mostro minha falsa identificação federal - Como foi que ele te ordenou que eu não passasse por aqui? Por uma simples foto? - Ele acenou com a cabeça - É ele sempre faz esse tipo de coisa. Intimida menos quando você vê apenas uma foto.

- Desculpe-me senhora, mas... - Cadê o Diego que não aparece de trás deste balcão?

- Olha eu adoraria realmente conversar com você, mas eu estou ficando sem tempo - Disse entoando a última parte um pouco mais alto seguido de uma cara de chefe durona.

- Está com algum problema? - Aparece Diego, eu não consigo dobrar esse cara por muito tempo. - Posso chamar o meu superior e....

- Olha, eu sou a superior aqui - Sorrio fraco -, e eu tenho que ir porque eu tenho outros trabalhos, e eu sei que você não quer ser responsável pela morte de ninguém... - Vi Diego dando saindo de lá finalmente e passando por nós.

- Ei senhor espere! - O homem grita querendo a identificação de Diego.

- O que? Eu sou apenas um dos analistas chefes da federal - Disse mostrando seu distintivo e saindo sem dar ouvidos ao pobre coitado que ainda insistia em ter autoridade.

- Olha só - Eu disse chamando sua atenção novamente - Eu vou indo. Você pode avisar ao seu superior ou ao meu que eu tive uma emergência. Ou apenas ficar aqui e encher o saco de outra pessoa.

- Agente! - Droga. - Algum problema por aqui? - O que o Antony estava fazendo aqui? Ele devia estar na Central.

- Estou tentando ir ver qual o problema da minha operação.

- Algum problema grave com sua operação?

- Não senhor, apenas recebi algumas ligações - Meu telefone toca. Bem na hora Alex! - Você mesmo me mandou cuidar disso se houvesse problemas.

- Claro, vá!

Saio da delegacia, mas antes dou uma olhada no policial que havia me barrado. Dou um sorriso para ele e sua feição deixa de ficar um pouco tensa.

- Consegui a chave? - Digo entrando no carro de Diego às pressas.

- Claro! - Diego diz jogando as chaves no meu colo e dando partida no carro. - Se alguém na vizinhança perguntar você é apenas uma amiga que veio buscar um documento para ela.

- Pode deixar estrategista da missão. - Brinco pegando o telefone para ligar para o Alex novamente. Devo ter deixado ele preocupado com meu pedido para ele me ligar do nada. - Alex?

- Você está bem? - Diz do outro da linha todo preocupado, como eu previ.

- Desculpa, foram apenas alguns vizinhos que vieram aqui e começaram a me encher de perguntas, eu não me senti à vontade e fiquei sem jeito de pedi para eles irem embora. Foi apenas isso.

- Me usou como desculpa?

- Desculpa - Fui o mais sincera possível com uma voz bem doce. Falar assim com Alex não era algo forçado.

- Você me deu um baita susto, sabia? - Ele sorriu do outro lado da linha - Você vai demorar? Quer que eu vá aí te buscar?

- Não precisa. Me dá uma hora e eu estarei aí - Disse vendo que Diego estacionava do outro lado da rua da casa de Joana.

- Tudo bem, até mais então, beijos. - Por que minhas bochechas queimavam neste momento?

- Beijos. - Disse desligando o celular e checando a minha arma. - Você vem? - Pergunto a Diego que me encarava.

- Cuidado! - Diz negando com a cabeça.

- Serio que não vem? Só vamos entrar numa casa, você já fez coisas piores.

- Não estou falando disso. - Não? - Você e o Alex.

- Estou apenas me aproveitando um pouco desta missão - Disse como se fosse o obvio - Como você mesmo sugeriu.

- Será que é apenas isso? Não me pareceu só um simples aproveitamento nesta ligação. Você está se apegando a ele.

- Prefiro dizer a mim mesma que estou apenas me aproveitando - Disse saindo do carro e indo em direção a casa nada humilde de Joana.

- Espera - Diego disse me alcançando segundos depois. - Olha aquela janela.

- O que é que tem? Tá fechada.

- Tem alguém lá dentro e há um reflexo na janela de uma claridade externa de outar janela aberta.

- Tudo bem, dê a volta e entre pela porta dos fundos e mantenha contato. Quero saber se ele subir as escadas. Gostaria de apenas lidar com ele na sala sem causar muitos estragos. Então se ele der indícios de quem vai subir faça barulho e o atraia para onde está. - Disse entregando a chave dos fundos da casa para ele.

- Copiado.

Peguei minha arma e esperei Diego fazer barulho para poder destrancar a porta e entrar na casa.

Quando recebi o sinal entrei e fui surpreendida por um golpe no estomago. Eram dois e eram novos, tinham no máximo 25 anos, eram atléticos e inteligentes demais para simples ladrões.

- Peguei uma, chefe - Chefe? Interessante.

- Acho que não. - Sorri para ele dando-lhe um soco no rosto logo em seguida.

O garoto era bom de luta, era duro na queda, mas era um bobo. Antes que eu pudesse acabar com ele seu parceiro veio ajuda-lo a me bater. Acho incrível como eles sempre subestimam o poder de uma mulher.

Quando consegui me desvencilhar de um deles o joguei para Diego terminar o serviço, mas o meu erro foi ter subestimado eles também. E quando eu estava imobilizando o mais idiota

o outro sacou uma arma e antes que pudesse atirar em mim, vi Diego Atirando com uma arma com silenciador. O ruim de tudo era que ele acabara de matar o cara.

- Caramba - Foi a única coisa dita por alguém nos minutos decorrentes.

- Diego você está bem? - Disse me aproximando dele, que ainda estava parado encarando o corpo em seus pés.

- Estou.

- Por favor não me matem - O sobrevivente diz quase chorando.

- Para quem você trabalha? - Disse o jogando no sofá.

- Para ninguém.

- Esse cara era importante para você, mas ele não era seu chefe. Você é um novato, essa é a sua primeira vez em campo, chama ele de chefe porque quase disse o nome dele, e também porque ele gosta, então eu vou sugerir um grau de parentesco alto para o seu estado com a morte dele. - Ele parecia surpreso - E aí, como estou me saindo?

- Tudo bem, se eu disser qualquer coisa vou morrer mesmo, então me mata logo.

- Trabalha para o Maurício. - Isso não foi uma pergunta, mas funcionou. - Ótimo, estamos indo bem.

- Eu não disse nada.

- Ainda. O que estavam fazendo aqui? Tentando acobertar algo?

- Não sei, eu apenas vigio, apenas isso.

- Sabe que ele não está mentindo, não sabe? - Diego me intrometeu.

- Sei, mas ele trabalha para o Maurício e eu sei o que ele faz aqui. - Sabia muito bem o que dizer a aquele desgraçado, não ia ficar com medo, mostraria a ele que eu estava pronta para seus joguinhos. - Diga ao seu chefe que já a pegamos, e que estamos

com ela em interrogatório agora mesmo. Que acabou o reinado dele de informantes e que se ele quiser ter acesso ao querido filho dele vai ter que fazer melhor do que uma mulher e alguns tiros e bombas – Ele ficou abalado uau!

– Não sei do que estão falando – Ele disse engolindo a seco. Esse menino me lembra tanto alguém.

– Apenas dê este recado ao seu chefe. – Disse o soltando e lhe entregando a chefe do carro. – Mas antes uma foto para recordação. – Disse tirando uma foto dele para reconhecimento no banco de dados e porque ele era a minha primeira ligação direta com Maurício.

– Vai realmente fazer isso? – Diego disse.

– Se ele quer achar que está no controle, eu vou mostrar que ele não está. Agora vai garoto e é bom você dar este recadinho direitinho ao seu chefe. – Ele concordou com a cabeça e se foi levando consigo o corpo do seu amigo.

– Acha que fez o certo? – Diego me perguntou no caminho para o apartamento. – Ele pode ficar muito mais perigoso.

– Ele mandou um bilhete para a minha casa confirmando que sabia quem era eu, ele explodiu um carro e causou um tiroteio numa boate cheia de civis. Ele já está perigoso o suficiente.

– Mas dizer que estava com a suposta “informante” dele foi arriscar demais. – Como sempre sensato – Nós nem sabemos se ela é realmente a nossa informante.

– Ela não é. – Odeio admitir, mas é a verdade. Eu errei de novo – Joana é inocente.

– Mas por que então eles estavam aqui?

– A informante verdadeira soube que pegamos Joana na maior discricção e eles ficaram curiosos para saber o que queríamos com ela, quem ela era. Simples

– Só isso? – Fiz sim com a cabeça – Mas então por que dizer aquilo se eles saberão que não é verdade?



- Ele ficou surpreso quando eu disse que pegamos A informante, demonstrou medo e não desdém. Ela está próxima e ele achou que realmente havíamos pego ela.

- Então esse teatro todo foi apenas para confirmar que...

- Que parabéns, é uma menina



## Capítulo 21 – Eu Sou Melhor Que Você

Nataly/Lucy

– Loucura total, sabe você vai a delegacia e eles do nada estão te roubando.

– Acha mesmo que foram os policiais Joana?

– Olha deixei minhas coisas com eles, inclusive a chave da minha casa, não tinha sinal de arrombamento, uma janela ficou aberta e a minha vizinha disse que viu uma mulher armada e fardada entrando na minha casa pela porta da frente.

Recusar qualquer convite para ir à casa de Joana, anotado.

Ela estava há duas semanas debatendo com seus amiguinhos sobre o suposto arrombamento em sua casa. Claro que ela estava, já que sua casa ficou bagunçada por causa da luta, e não tivemos tempo de limpar já que ela estava para sair da sala de interrogatório. Mas me irritava ela ainda ficar pousando de vítima, depois de duas semanas, seu braço nem estava mais enfaixado. Ela realmente gostava de atenção.

Ainda estou desapontada por ela não ser nossa verdadeira informante, ela era a minha principal suspeita, agora voltei à estaca zero e isso não era bom nem para a minha carreira nem para toda a corporação.

Metade das pessoas que coordenavam a corporação nos outros países discordava que uma pessoa tão jovem e com problemas pessoais com Maurício se envolvesse neste caso. Achrom que eu não dou conta, e estão quase certos, mas eu vou mudar isto, tenho que procurar melhor, eu tenho certeza de que ele está perto. Vou ter que avançar mais na minha relação com Alex, porque apenas se aproveitar dele como uma ficante não me dá liberdade para ir à casa dele ou fazer perguntas que os relatórios e fichas não me respondem.

- Bom dia! - A Sr.<sup>a</sup> seja lá qual seja o nome dela, entrou na sala. Eu não parava para decorar nomes, principalmente quando eu esperava me ver longe disso o mais breve possível. - Se preparem para a prova agora. - Todos se assustaram. Teste surpresa, serio isso? Voltamos ao ensino médio? - Eu não reclamaria, pois, o tempo está passando. - Que maravilha, agora tenho de me concentrar em fazer uma prova em vez de descobrir quem quer acabar com o mundo.

- Hei, boa sorte! - Alex diz me trazendo de volta para a terra.  
- Está tudo bem?

- Tá sim - Sorri - Será que podemos almoçar juntos quando a gente sair daqui? - Precisava mantê-lo próximo.

Isso está realmente começando a soar como uma desculpa esfarrapada

- Claro - Ele pareceu adorar a minha ideia. Normalmente ele que toma a iniciativa e eu sempre invento uma desculpa, porque uso esse tempo para resolver problemas na central. - Algum lugar em especial? - Ele estava ansioso.

- Você escolhe.

- Posso aplicar a minha prova agora, senhorita Miller. - Uma voz chata veio da frente e eu revirei os olhos.

- Desculpe-me - Usei a voz mais doce que consegui. Não sei se realmente aguentaria tanto tempo na escola como todos aqui.

Quando ela terminou de entregar o teste e mandou que todos os virassem, observei vários estudantes apavorados e suando frio. Inclusive Alex estava assustado com a prova, então, ao ler a prova vi que havia coisas que um estudante nunca conseguiria responder sem ter no mínimo algum tempo de experiência jurídica.

Depois de uns vinte minutos eu terminei, mas fingi estar fazendo algumas questões enquanto tentava trabalhar mentalmente em táticas para barrar de vez o acesso de Maurício a Alex, mas só conseguia pensar em colocá-lo em uma sala estilo mani-

cômio e deixar lá até que pegássemos Maurício – Ri com meus pensamentos.

– Algo está engraçado para a senhorita? – Essa mulher tinha algum problema comigo.

Antes que eu pudesse responder, o diretor da faculdade entrou acompanhado de homens da S.W.A. e aí eu percebi que tínhamos um problema. Observei a conversa, o modo como tentavam convencer a professora de algo e ela relutante dizia não.

– Lucy Miller, queira vir aqui por favor. – Ela diz e eu me levanto caminhando sobre o olhar de todos ali. Vocês não têm uma prova para terminar? – Estes rapazes dizem que você precisa ir com eles, mas eu disse que está em prova, porém vou ser boazinha já que eles têm um pedido oficial e assinado pelo chefe da polícia Federal. – Ela me encarou como se esperasse por uma resposta para aquilo.

– Está metida em algum problema Lucy? – O diretor interrompeu.

– Não senhor – Falo com a voz tremula. Eu espero que não.

– Ela não está encrocada – Um dos agentes diz –, mas alguém está. – É impressão minha ou ele está jogando indiretas para mim. – Por isso tem que vir conosco agora.

– Tudo bem, eu vou buscar as minhas coisas. – Antes que eu pudesse me dirigir até a minha carteira a voz da professora ecoou pelos quatro cantos da sala.

– A única condição de você sair da minha aula agora é entregando esta prova sem chance de refazê-la.

– Tudo bem! – Respondi sem nem pensar. Eu já havia terminado mesmo, não ia ficar mais tempo ali fingindo enquanto havia problemas de verdade que precisavam de mim. – Vou buscar minhas coisas – Virei-me deixando-a com a cara no chão.

– O que está acontecendo? – Alex cochichou enquanto eu me abaixava para pegar minhas coisas.

- Nada! - Cochichei de volta - Não se preocupe. E a resposta do segundo é B e não D.

- Ah - Ele olhou para a prova dele e eu aproveitei para sair logo dali antes que ele fizesse mais perguntas.

- Pronto - Disse entregando a minha prova para ela com um belo sorriso no rosto.

Sáimos da sala em direção ao pátio do campus.

- E então, alguém vai me dizer do porquê quase estragarem o meu disfarce? - Parei no meio do pátio virando para eles e cruzando os braços. E a única coisa que eles fizeram foram me entregar um telefone.

- Nataly? - A voz do Antony ecoou do outro lado da linha.

- Qual foi o problema? - Falei um pouco mais baixo.

- Você invadiu a casa da garota, e ainda deixou tudo destruído!? Qual é o seu problema? - Ele estava bem bravo. - Eu te dei uma ordem. Você devia ter ficado fora, ela nem se quer é quem procuramos. Errou mais uma vez. Duas vezes de uma vez só Nataly.

- Olha eu posso explicar, e não dava para ao menos esperar eu terminar aqui? Chamou muita atenção, sabia?

- Então você vai ter que se virar para inventar uma de suas ótimas desculpas para todos por aí.

- Era só isso? Quase arriscou meu disfarce para me dar uma bronca?

- Não pense que não posso te tirar dessa missão - Na verdade não pode.

- Eu não disse isso, eu apenas fiz o que achei que devia e funcionou.

- Funcionou? A garota acha que foram policiais que invadiram a casa dela, uma mulher te reconheceu e ainda deixou o cartucho de munição e pegadas no quintal dela.

- Tudo bem, mas ficamos sem tempo, o interrogatório já estava acabando precisávamos devolver as chaves.

- Esse é o nosso menor problema. - Como assim? - Todos os diretores estão no meu pé e até o presidente. Eles te acham uma jovem inconsequente.

- Como? Desculpa senhor, eu não tive essa intenção. - Caramba inconsequente? Eu?

- Tenho uma reunião agora com eles, e me pergunto o que eu vou dizer sobre isso? Então que tal você aparecer aqui e dizer você mesma?

- Mas senhor, eu não... - Ele desligou antes que pudesse concluir.

- Problemas senhora? - Um dos agentes que atendia pelo nome Roger diz em um tom sarcástico.

- Você é que vai ter problemas se continuar neste tom - Fui me aproximando dele. Eu estava bastante irritada. - Pode achar o que quiser de mim, mas eu sou sua superior e vou ser eternamente, então é melhor ter respeito.

- Talvez porque eu não tenho seu sangue - Não era um bom dia para começar a me ofender.

- Acha que isso é como num reino mágico que a princesa assume o trono? Eu passei a minha vida toda treinando e estudando para este cargo, então não me diga que sou favorecida por estar numa missão da qual vocês não têm nem conhecimento dos fatos. - Estava a ponto de bater neste desgraçado por achar essas coisas de mim, mas a voz de Thiago a alguns metros de mim chamou a minha atenção.

- Lucy? - Ele disse quando eu me aproximei dele. - Algum problema com aqueles caras?

- Não nenhum.

- Certeza? - Ele estava desconfiado. Tenho que pensar rápido.

- Tudo bem, aqueles caras são do banco. Meu pai está com problemas de novo.

- E por que estava falando daquela forma com eles? - Mordi meus lábios. Ele é realmente bem detalhista.

- Olha eles estavam dando em cima de mim, então eu briguei com eles, mas por favor não conta ao Alex.

- O que vocês não querem me contar? - Por que eles sempre aparecem assim?

- A Lucy tá... - Thiago me olhou pedindo ajuda.

- Eu... eu não.... Eu tenho que sair com aqueles caras para o banco agora.

- Por que?

- Como foi sua prova? - Ele me olhou desconfiado - Olha eu tenho que ir porque o meu pai acabou de gastar um dinheiro em Las Vegas e a minha tia quer que eu dê um jeito na conta dele antes que ele gaste todo o nosso dinheiro. É isso.

- Vai viajar? Quer que eu vá com você? - Ele estava preocupado.

- Alex, não se preocupe. Eu irei numa agência do nosso banco aqui na cidade. Minha tia acha melhor passar tudo para o meu nome e para o nome dela. Assim ele não vai gastar mais.

- Tudo bem - Ele se deu por vencido - Nosso almoço ainda está de pé?

- Creio eu que sim, eu te ligo na hora que sair. - Disse o abraçando e dando um beijo eu sua bochecha abraçando, logo em seguida, Thiago. - Vejo vocês depois.

Sai de perto deles e entro no carro dos agentes que agora estavam disfarçados. Revirei meus olhos e respirei fundo. Teria que aceitar esse tipo de atitude por muito tempo ainda. Ao menos que eu fosse a responsável pela captura de Maurício. Aí sim ganharia o devido respeito.



Ao chegar a central fui direto para a sala de reuniões, onde já estavam todos em chamada de videoconferência. Acho que cansaram de viajar toda semana para uma reunião cujo o tema era sempre a minha pessoa.

- Desculpem-me o atraso, estava na faculdade. - Tentei fazer uma brincadeira, mas pela cara de todos não funcionou - Cuidando da minha missão.

- Então quer dizer que você não tem mais nenhum suspeito.  
- Um dos chefes das sedes falou.

- E que estamos de volta à estaca zero. - A outra completou.

- Eu avisei que ela não era a nossa melhor opção. Devíamos mandar a própria Katia ou um membro líder.

- Desculpem se eu não ando agradando a todos, mas como pretendiam estar quase 24 horas na cola dele? - Disse me sentando. Sabia que começar a dar respostas imaturas não iam funcionar hoje. Precisava agir como uma adulta responsável que eu era.

- Você é nova e isso está sendo pessoal demais para você.

- Acha que eu quero vingança barata contra ele pelo o que aconteceu com a minha mãe? Eu sei o meu lugar aqui, e sei o perigo que Maurício é para todos e essa é a minha única preocupação. Até porque, se eu tivesse ódio dele nem estaria perto do filho dele. Ainda mais para proteção dele.

- O que eles estão querendo dizer, - Antony finalmente se pronunciou - é que você anda tendo relações pessoais com o protegido - Merda. Como eles descobriram?

- Do que exatamente estão falando? - Tentei disfarçar meu nervosismo.

- Vocês foram pegos por nossa equipe várias e vezes se beijando - Ele colocou algumas fotos em minha frente. Que maravilha, eles têm fotos.

- Por que andam me espionando? - Não consigo encarar ninguém.

- Não muda de assunto. - A voz de Antony altera um pouco.

- Ok, eu posso explicar.

- E vai, porque isso é contra as normas.

- Bem, Alex começou a se interessar por mim, e eu não tive escolha. - Tentei respirar fundo. Estava quase me entregando

- Além do que é bem mais fácil para ficar perto dele quase o tempo todo, já que está sempre me mandando mensagens e querendo sair. - Me escorei na mesa.

- Então está me dizendo que o relacionamento de vocês não passa de trabalho?

- Sim, o único fato de eu estar com Alex é para o bem da sua proteção e das investigações. - Nem eu conseguia mais acreditar isso - Não gosto dele se é isso que estão pensando em insinuar.

- E muito menos dessa situação.

## Capítulo 22 – Eu Posso Explicar

Nataly/Lucy

Dois meses.

Esse era o tempo que havia passado desde aquela reunião. Desde que Antony havia falado aquilo.

As palavras foram duras, porém necessárias. Eu melhorei bastante, ele tinha uma certa razão, eu estava saindo da linha. E eu não ia morrer pelos mesmos motivos que a minha mãe morrerá.

Dois meses antes....

- Eu não vou mais admitir este tipo de comportamento. Você é uma agente renomada, futura líder da corporação e está agindo como uma adolescente que você não é. - Antony manteve seu bom tom até entrarmos em sua sala, quando ele começou a despejar essas coisas em mim.

- Desculpe-me, não vou deixar esse tipo de coisa acontecer mais.

- Eu sabia que seria uma péssima deixar você numa missão como essa, está se comportando como eles. E você não é um deles. É uma agente disfarçada, não me importo com o que faça lá, desde que seja a agente Nataly Walter aqui. - Ele gritou.

- Eu só achei que conseguiria algo na casa dela. Desculpe. - Usei o tom mais sério possível. - Não sou como eles e nem tenho vontade disso.

- Pare de ser inconsequente. Como você mesmo percebeu não deu em nada.

- Quem disse?

- Como assim? - Fica mais calmo

- Descobri uma coisa enquanto estava lá. - Ele se acomodou em sua cadeira esperando pela resposta - O informante é uma mulher.

- Ainda com isso em sua cabeça? Sobrou alguma ex-namorada que não tenha interrogado?

- Eu confrontei um cara que já estava invadindo a casa da Joana e disse que já estávamos com a amiguinha dele, ele pareceu surpreso e bem, ele revelou que se trata de uma amiguinha.

- Você libertou um suspeito de novo? Um suspeito próximo de Maurício.

- Mas acontece que eles não estavam lá porque a informante seja a Joana - O cortei, não dando chance para bronca antes que eu pudesse explicar tudo - Eles só foram lá porque o Maurício os mandou verem o que essa garota tinha para estarmos com ela. O que significa que a informante está perto e que é mulher.

- Você liberou um suspeito ligado ao homem mais procurado do planeta? - Ele estava bravo.

- Só ouviu essa parte? - E eu também estava.

- Como pode deixar que ele fosse embora sabendo do paradeiro daquele homem? - Ele riu negando com a cabeça - Você é igualzinha à sua mãe, sabia?

- Isso foi um elogio?

- Se você considerar que ela acabou morta por isso, e ainda sem completar a missão dela. Sim, você é igualzinha a ela. - Missões, sério? Era só sobre isso que ele sabia falar?

- O amigo era seu, não dela. E você nunca percebeu nada. Nem conseguiu acreditar que era ele quando eu disse. - Se é para jogar para ofender, eu também sei. Não difamar a memória da minha mãe tão fácil assim não - Sou uma boa agente e nunca me envolvo em casos, desconfio até de quem eu deva proteger. Eu não sou como ela ou como você. Eu sou melhor, porque fui treinada para isso. Não tenho emoções, lembra? Não adianta vir aqui e usar ela para me machucar porque não vai

funcionar. – Me levantei da cadeira furiosa – E só para deixar claro, eu o deixei ir pois mandei ele avisar que estávamos com a informante deles ao Maurício. Eu apenas quis coagi-lo e deixa-lo com medo. Como se realmente estivéssemos a cinco passos à frente quando, na verdade estamos a dez atrás. Agora se puder me dar licença eu tenho um almoço com meu protegido. – Sai batendo a porta.

Bela primeira conversa sobre a morte da mamãe. Família disfuncional essa.

Atualmente...

Neste dia eu fui almoçar com Alex e ele me pediu em namoro. Eu não estava muito bem, precisava de carinho e precisava chorar. Aceitei sem nem ao menos raciocinar.

Então, de lá para cá estamos num relacionamento “serio”. Ele até me apresentou para Katia como namorada. – Claro que ela não ficou feliz de eu estar “usando” o filhinho dela, e já disse que se eu o magoar ela acaba com a minha vida na agência. E eu não tenho dúvidas.

O único problema desse relacionamento é que eu não tenho tanta certeza de que eu esteja apenas “usando” Alex. Eu tenho medo de estar começando a me envolver, o que é totalmente errado.

– Ei Lu? – Alex me tira dos meus devaneios – Está pensando em que?

– Não é em você. – Brinquei e ele fez bico – Você fica muito fofo assim. – O beijei.

– Querem um quarto? – Thiago nos interrompeu.

– Como entraram aqui? – Pulo do sofá

– Está nos mandando embora Lucy? – Mary disse se jogando no sofá ao nosso lado.

– Não seria má ideia – Alex falou brincando.

– Cara, eu já te ofereci um quarto.

- Parem vocês dois. - Bati no braço de Alex.

Hávamos combinado com Thiago e Mary de aproveitar o dia na minha casa fazendo uma maratona de uma serie policial.

As coisas estavam até tranquilas nestes últimos meses.

Maurício não deu nenhum sinal, não atacou. E isso me deixava com mais medo. Ele estava nos observando. Mas também poderia ter recuado.

Eu continuei na minha luta na procura de um suspeito, mas ninguém se encaixava no perfil.

O semestre na faculdade já estava acabando e eu até que estava gostando das aulas. Falando em aulas, adivinha quem tirou a nota máxima na prova daquela professora chata que pegava no meu pé? Ela ficou muito brava e desconfiada, mas eu só falei que me dedicava muito a matéria dela. E agora eu sou uma das alunas que ela gosta.

A Lucy começou a dominar a Nataly e as vezes eu pensava em ser apenas ela para sempre. Não que eu realmente pudesse ou conseguisse me livrar da agência. Mas em pensamentos aquilo parecia perfeito

O dia passou tranquilo, bebemos, comemos e assistimos muito, pelo menos até o pesadelo recomeçar.

Uma das regras mais claras da agência, quando se está disfarçada é não deixar ninguém descobrir seu disfarce. Se seu disfarce for comprometido você tem que automaticamente sair de cena ou eliminar o oponente que descobriu. Mas o que acontece quando uma pessoa importante para o disfarce descobre e você não quer sair de forma alguma disso?

Thiago

Há alguns meses a Lucy entrou em nossas vidas e nos conquistou logo de cara. Nunca vi Alex tão feliz, bobo e apaixonado

do. A Mary achou uma nova melhor amiga. Estavam todos se dando bem. Eu ainda estava meio desconfiado dela, que parecia tão estranha e misteriosa as vezes, mas Alex estava feliz então eu estava deixando isso de lado. Eles já namoravam há dois meses e tudo ocorria bem, até aquele dia...

No final da tarde, depois de uma maratona de uma serie policial e muita conversa, nos preparamos para ir para casa. Combinamos de depois irmos a algum barzinho para fechar a noite de sábado.

Porém, depois das despedidas e de chegar ao meu carro que estava estacionado na frente do prédio, ouço Mary gritar num desespero quase enlouquecedor.

- O que foi Mary? - Gritei de volta irritado. Ela sempre gritava sem necessidade, muitas vezes só para me assustar.

- Meu anel. - Ela estava quase chorando enquanto olhava para a mão direita.

- Que anel? - Ela apenas mostrou sua mão e eu entendi perfeitamente.

O nosso relacionamento já durava há um bom tempo então a um ano atrás eu dei um anel de compromisso para ela. Não pedindo ela em casamento ou coisa parecida, era apenas um anel que simbolizava nosso amor e o namoro. E neste momento ela estava sem ele.

Mary podia ser a mais atrapalhada possível, mas nunca perdia coisas com tamanho significado. E quando isso acontecia ela ficava muito mal. Ela era muito sensível e eu odiava vê-la chorar, então tentei acalmá-la.

- Mary, olha para mim - Ela olhou com o rosto um pouco vermelho - Não tem problema, ouviu? Eu posso comprar outro par.

- Você não entende? - Ela gritou - Tem mais de um ano essa aliança, não é tão fácil substituir assim.

- Tudo bem, tudo bem. - Tentei acalmá-la novamente. Ela parecia irritada. - Então, tenta lembrar, onde você o viu pela última vez?

- Não lembro - ela abaixou a cabeça encostando-a nos olhos - Acho que pode ter caído no apartamento da Lu. - Eu levantei seu rosto - Talvez no banheiro, eu posso ter tirado para lavar a mão e esquecido de colocar de volta - Eu sorri.

- Então eu vou lá buscar, e você fica aqui. Não quero que eles se preocupem por você estar chorando. - Ela tentou argumentar - Mary, eu sou mais observador que você. Provavelmente você passaria por ele sem nem perceber.

- Tem razão. - Ela sorriu.

Sai do carro e voltei para o apartamento de Lucy que estava com a porta destrancada, entrei e chamei por alguém, mas ninguém respondeu e então eu ouvi o barulho do chuveiro vindo do quarto dela.

O que esses dois estavam aprontando?

Eu sabia que eles ainda não haviam feito nada do que minha mente suja tentava acreditar agora, já que Alex comentou comigo uma vez que ela sempre cortava o clima, mas que estava sendo paciente, e que ela não falava disso com ele estava a esperar. Eu esperei muito tempo até a Mary ceder, então entendia isso.

Mas de qualquer forma se eles estivessem fazendo isso agora eu não ia atrapalhar. Seria muito esquisito.

Olhei para o corredor e a porta do quarto dela estava fechada, então segui em direção a porta do banheiro de visitas que tinha ali, logo após a porta dela junto a uma outra porta onde ficava um outro quarto.

O único problema era que eu não sabia qual era a porta do banheiro e qual era a porta do quarto, então fui na sorte e abri a porta da direita. Estava destrancada, então achei que era a porta correta, já que ela sempre mantinha a do quarto trancada por ser o lugar da bagunça. Mas para a minha surpresa, eu havia



errado e estava prestes a entrar no que mudaria minha vida para sempre.

Eu ia fechar a porta e ir para a porta correta, mas algo ali chamou a minha atenção. Havia uma arma em cima de uma poltrona que ficava em frente a uma mesinha de centro que continha vários papéis.

A minha primeira reação foi recuar, mas logo depois eu tomei coragem e entrei no cômodo.

Alguns papéis estavam numa mesa e canto do quarto. Aquilo parecia mais um escritório do que um quarto da bagunça. Caminhei um pouco mais pelo quarto e cheguei perto dos papéis da mesinha de centro. Havia documentos e fotos de muitas pessoas inclusive Joana, a menina da aula de Direito deles. Me levantei sem entender e virei dando de cara com um quadro coberto com um pano branco simples. Pano este que eu puxei para revelar um quadro com fotos de várias pessoas marcadas com um “x” em vermelho, inclusive a minha e da Mary. Eu caminhei para trás assustado e bati na mesinha de centro e derrubando algumas coisas e fazendo o maior barulho.

- Thiago? - Lucy apareceu na porta com uma arma nas mãos.

Eu estava com medo.

- Quem é você? - Disse dando passos para trás enquanto ela dava passos para frente.

- Eu posso explicar. - Levantou as mãos como se estivesse se rendendo.



## Capítulo 23 – Você É De Outro Planeta

Nataly/Lucy

- Thiago por favor se acalma - Digo fechando a porta do quarto para que Alex não nos ouvisse. - Olha pode parecer loucura, mas tenho uma explicação bem lógica para tudo isso, ok?

- Você tem uma arma. - Ele disse em estado de choque - Duas armas, na verdade, não têm explicação lógica para isso.

- Olha - Retirei a munição da arma e os coloquei em cima da mesinha - Eu não sou nem um monstro ou psicopata que mantem um documento da vida de todos.

- Você vai me matar?

- Claro que não! - Tentei me aproximar dele sorrindo - Eu não tenho motivos para te matar.

- Por que está aqui? - Ele começou a ficar mais atrevido e já não recuava mais.

- Olha eu não posso dizer. - Mordi o lábio inferior.

- Então me dá um motivo para deixar meu amigo aqui e não te denunciar para as autoridades?

- Porque eu não quero machucar ninguém.

- Isso foi uma ameaça?

- Não claro que não - Pelo menos não era para soar como uma. - Olha o que eu posso te dizer é que vai ter que confiar em mim. Eu sou a proteção da Mary, do Alex e a sua.

- Proteção para o que? - Ele se sentou no chão ainda meio perdido naquela situação toda.

- Isso é confidencial. Não posso contar nada. - Sentei ao lado dele no chão ao lado da poltrona - Se eu te contar, vou comprometer a sua segurança.

- Como assim?

- Eu vou tentar te explicar sem muitos detalhes - Passei as mãos pelo rosto e respirei fundo -, mas vai ter que me prometer que ninguém vai saber, absolutamente ninguém.

- Tudo bem. - Ele sussurrou.

- Eu sou uma espécie de policial e essa é uma investigação, então eu estou me passando por aluna.

- Então é tudo uma mentira? Alex? - Ele olhou em meus olhos decepcionado. Odeio deixar as pessoas desta forma.

- Eu - Respirei fundo novamente - Não sei te dizer. No começo era apenas trabalho, mas eu conheci vocês e eu gosto de estar com vocês e principalmente com o Alex.

- Então vai contar a verdade para ele?

- O que? - Ele estava maluco - Eu não posso. Você não entende, Alex corre risco de ser morto e eu sou a única que pode manter Alex a salvo e encontrar o bandido.

- Por que alguém iria querer mata-lo? - Porque ele nasceu.

- Ele é um bom garoto, não se preocupe, ele não fez nada para isso acontecer. - Toquei em sua mão esquerda e ele a retirou rapidamente.

- Então, por que? - Ele gritou.

- Não grita! - Sussurrei - Você vai ter que confiar em mim.

- Disse me levantando e o ajudando a levantar - Agora me diga o que você veio fazer aqui?

- Mary perdeu um anel, e eu vim procurar.

- Claro! - Sorri - Eu encontrei o anel. Vamos! Eu o deixei lá na sala.

- Não pode fingir que isso aqui não aconteceu - Ele me encarou - E se pensa que eu vou mentir para alguém, você está muito enganada.

- Tem razão, por isso você vai levar a Mary para a casa dela e vai dizer que não está bem, o que não é mentira, e então você

vai para casa e amanhã eu te encontro na lanchonete, que você sempre vai, próxima a sua casa.

- Andou me seguindo? - Ele disse horrorizado.

- Não, mas a Mary me disse que se um dia estivesse mal você estaria lá - Isso era verdade.

- Como posso saber se é verdade?

- Por favor Thiago apenas fique calado até amanhã e eu prometo que eu vou tentar te explicar o que está havendo.

- Eu não sei. - Acho que vou ter que tentar da maneira mais dura.

- Olha eu tenho uma arma, se eu quisesse poderia ter te ameaçado com ela, mas ao contrário disso e de todas as regras, que eu devo seguir neste tipo de acontecimento, eu estou te pedindo com educação que guarde este segredo. Por favor eu não me perdoaria se algo te acontecesse por abrir a sua boca. - Acho que soei desesperada o suficiente.

A quem eu estou enganando? Eu estou desesperada.

- Tudo bem. - Ele disse saindo do quarto e eu o segui trancando a maldita porta atrás de mim - Mas é bom meu amigo estar vivo amanhã, ou eu vou te denunciar.

- Como quiser. - Disse pegando o anel, que estava numa gaveta do aparador da sala, e entregando-o para ele. - Até amanhã Thiago. - Disse e ele saiu batendo a porta me deixando jogada ali sozinha no sofá.

Eu estou ferrada.

- Lucy? - Alex me chama saindo do quarto - Eu já terminei. - Sorrii para mim secando seus cabelos negros em uma toalha. - Está tudo bem? Está com uma cara estranha. - Ele me analisa.

- Sim! - Levantei indo até ele e beijando-o.

- Ouvi um barulho de porta batendo. Quem era? - Ele perguntou quando eu me joguei novamente no sofá.

- O Thiago. - Disse perdida em meus pensamentos.

- O que ele estava fazendo aqui? - Se sentou ao meu lado.
- O que? Quem? - Perguntei saindo do transe.
- O Thiago. - Disse o óbvio - Você está bem mesmo?
- Sim, apenas distraída. - Me ajeitei em seu colo - Thiago veio buscar o anel da Mary. Ela o esqueceu no banheiro.
- Hum - Ele cheirou meu pescoço - Sabia que eu adoro seu cheiro?
- É mesmo? - Obrigada por mudar de assunto - E eu tenho cheiro de que?
- Orquídea.
- Orquídea?
- Sim - Ele me beijou -, mas não qualquer orquídea. Você tem cheiro da orquídea dourada de Kinabalu - Ele sorriu como se isso fizesse algum sentido.
- E o que seria isso?
- É uma das flores mais raras do mundo. - Quando foi que ele começou a entender tanto de botânica? - Essa orquídea está em extinção e só pode ser encontrada no parque nacional de Kinabalu que fica na ilha de Bornéu na Malásia. Dizem que ela demora, em média, quinze anos para florescer. E são quinze anos que valem a pena, pois suas pétalas são de uma beleza interminável. - Disse acariciando meu rosto - Assim como você.
- De que planeta você saiu? - Se eu estou incrivelmente derretida? Sim, estou.
- De um planeta onde te beijar é a minha necessidade básica para existir. - Por que ninguém me apresentou a ele antes disso tudo?
- Neste caso, não vamos deixar que você morra, certo?

## Capítulo 24 – Quem é você?

Nataly/Lucy

Ouvi meu celular tocar distante e assustei com um peso em cima do meu estomago. Era o braço de Alex. Parei para observá-lo e percebi que há muito tempo eu não durmo tão relaxada e sem medo ou preocupação.

Ontem após Thiago ir embora, eu e Alex ficamos assistindo até as três da madrugada, e então apagamos. Ainda estava cedo e o sol começava a nascer e invadir as frestas da cortina do quarto, eu me levantei sem fazer barulho algum e me direcionei ao banheiro com uma muda de roupa em minhas mãos. Ao terminar de me arrumar sai vestida com uma calça legging preta e uma blusa regata larga vermelha, alcancei meu tênis que estava próximo a porta e o calcei saindo do quarto logo em seguida enquanto prendia o meu cabelo em um rabo de cavalo.

Entrei na cozinha depois de pegar meu celular que estava no sofá, e mandei uma mensagem para o Thiago. Eu precisava resolver isso logo, ates que ele acabasse falando algo para alguém.

Após receber uma confirmação de sua parte eu peguei a chave do meu carro e da casa indo em direção a porta, mas parei no meio do caminho e lembrei que Alex estava ali, então dei meia volta e peguei um bloco de papel e uma caneta que havia na minha bolsa e deixei um bilhete dizendo que havia ido correr e comprar coisas para o nosso café da manhã. Terminei o bilhete com um beijo e o deixei em cima do balcão para que ficasse visível, e então sai do apartamento trancando a porta.

Assim que cheguei na garagem pedi a dois dos agentes de segurança que havia ali para subir e vigiar a porta enquanto eu não estivesse lá. E então entrei no carro e segui para a maldita cafeteria onde Thiago já me esperava.

A cafeteria ainda estava vazia, quando adentrei. Havia apenas dois, suponho que, caminhoneiros no balcão e Thiago em uma mesa ao fundo girando freneticamente sua caneca de café já vazia.

- Bom dia Thiago! - Eu disse me sentando de frente para ele.

- Oi. - Ele estava com medo - Por que está vestida assim?

- Eu gosto de correr pela manhã. Você não?

- O que você quer de mim? - Direto.

- Ei, eu não sou nenhum monstro - Tentei alcançar a sua mão - Thiago eu sei que pode parecer que é tudo uma mentira perigosa, mas é para segurança de todos.

- Ter armas e não ter medo de usá-las não parece seguro.

- Eu vou te contar tudo - Se eu tinha certeza sobre isso? Não. A única certeza do momento é que se ele surtasse ia acabar sendo eliminado pela agência.

Não que a agência fizesse esse tipo de coisa o tempo todo, mas em casos extremos, como este, medidas extremas são tomadas.

- E o que seria?

- Antes você tem que saber que não tem volta. Quando você souber de tudo vai ter que me ajudar e não vai falar sobre isso com ninguém, nem mesmo com a sua parede.

- Quem é você? - Raiva começava a dar seus sinais.

- A pergunta não é quem eu sou, e sim o que a minha agência é. - Me debrucei sobre a mesa juntando as mãos na frente do meu rosto - Você tem que entender que esse é o caso mais importante para o mundo, e se alguém souber que eu fui descoberta ou vão me eliminar ou vão você, ou pior, vão eliminar nós dois. - Voltei para a minha postura.

- Então você é perigosa!?! - Ele fez menção de se levantar.



- Não, não com você ou com seus amigos. Acredite eu sou o menor perigo que vocês estão enfrentando.

- Achei que apenas o Alex estivesse em perigo - Desconfiado. Daria um ótimo agente.

- Você está próximo a ele. Qualquer um que estiver próximo a ele será usado como alvo para atingi-lo. - A porta da cafeteria se abriu e olhamos para lá ao mesmo tempo - Você e qualquer um próximo ao Alex está constantemente protegido.

- Vigiado.

- Chame como preferir, estará a salvo enquanto eu estiver aqui.

- E de quem você está nos protegendo? - As pessoas não podiam simplesmente aceitar os fatos?

- Isso é confidencial. - Cruzei os braços sobre o peito.

- Você quer a minha ajuda, então me diga quem é ou eu nunca vou acreditar em você - Ele elevou o tom e se levantou.

- Primeiro não chame atenção - O puxei de volta a sua cadeira - Segundo, sou eu quem estou te ajudando a não morrer.

- Ou me conta tudo ou eu vou arriscar chamar a polícia e dizer o que a namorada do meu melhor amigo tem em casa.

- Você é persistente, sabia? Daria um ótimo agente.

- Não é hora de recrutar para os Vingadores. Ou me diz ou eu estou fora. Você mesmo disse que também seria eliminada, então estou pronto para arriscar tudo pelo Alex. Você está?

- Eu já arrisco tudo pelo Alex - Elevei meu tom me irritando - Mas gosto dessa sua persistência. - O que eu vou fazer? Ele é muito bom. Não vou conseguir convencê-lo - Se eu te contar você estará mais que envolvido, você será o meu cúmplice.

- Eu por acaso estou recuando?

- Não! - Infelizmente - Tudo bem. Eu sou uma agente de uma organização secreta composta por vários líderes mundiais. A sede dos Estados Unidos é a principal, que chamamos de

Central. A chefe. E eu sou a terceira agente dela, ou seja, estou na cadeia de comando. - Expirei fundo - Há um homem que é a ameaça principal de toda esta organização, pois ele já foi o segundo na cadeia de comando e agora quer nos destruir e dominar o que devia ter sido dele se ele não houvesse pirado. E o Alex é o principal alvo dele.

- Por que o Alex? - Ele até que estava lidando bem com isso  
- O Alex está envolvido nessa agência?

- Não. Alex não faz ideia de que essa agência existe.

- Então qual é a ligação?

- Não vai me deixar em paz enquanto eu não contar, não é mesmo? - Ele negou com a cabeça usufruindo de um sorriso sônico - Bem, você não vai acreditar, mas tudo bem. Esse homem é o pai do Alex.

- O que? - Ele gritou bem na hora que a garçonete se aproximava da nossa mesa para anotar os nossos pedidos - Desculpa. O que? - Ele cochichou e eu revirei meus olhos.

- Vamos querer panquecas. - Sorri para a garçonete que saiu sem entender nada - Não pode chamar atenção. - O repreendi novamente.

- Você me diz que o pai, morto, do meu melhor amigo era um agente que ficou louco e agora quer dominar o mundo. O que vai me dizer agora? Que ele foi trabalhar com a HIDRA?

- Eu não sou uma super-heroína, então para de fazer menção aos vingadores. Ele não está morto, foi uma faixada, e o corpo nem se quer era dele, porque ele fugiu quando matou uma das melhores agentes daquele lugar - Cuspi minha raiva enquanto falava daquilo.

- Claro! - Disse ironicamente - Vai dizer que a tia Katia também é uma agente. - Poderia, mas isso já é pedir demais. Se eu a envolvo estaria frita.

- Não, ela também não sabia, e nem sabe, que o corpo não é do seu amado marido. Ela não faz ideia do que está acontecendo.

- E por que você? - Eu me faço a mesma pergunta.

- Porque a última mulher que ele matou, a tal agente, era a minha mãe. - Um silêncio dominou aquela mesa enquanto nossas panquecas chegavam, e ele permaneceu por todo o tempo em que comíamos.

- Eu sinto muito. - Ele disse depois que terminou suas panquecas, mas ainda parecia ter que digerir algumas coisas. - Então por que namorar o filho do assassino da sua mãe? - outra pergunta que eu não sabia responder com absoluta certeza.

- Eles são bem parecidos fisionomicamente falando, mas são completamente diferentes em alma, e eu não faço ideia do porquê namora-lo. Mas eu não sei se eu conseguiria ser apenas amiga dele. Alex me conquistou Thiago. - Eu estava tentando admitir mais para mim do que para ele.

- Se algo de ruim acontecer a ele você estará morta.

- Compreendo perfeitamente. - Não porque ele estava me ameaçando, mas porque se algo de ruim acontecesse à Alex eu seria uma agente morta.

- E se essa relação começar a ficar mais séria você terá de contar, e talvez ele até entenda e ainda te queira, mas não deixe que ele saiba por outra pessoa, ou de uma forma ruim, pois aí você já era. Alex nunca te perdoaria. - Ele disse se levantando, jogando uma nota de cinquenta, para pagar a conta, em cima da mesa, e saindo da cafeteria sem ao menos dizer tchau.

Fiquei alguns minutos ali parada tentando entender as últimas palavras de Thiago e então recebi uma mensagem do mesmo.

“Seu segredo está guardado.... Por enquanto”

“Por Alex”

- Eu estou perdida.

- Gostaria de mais alguma coisa senhorita? - A garçonete se aproximou.

- Pode embalar para viagem algumas dessas coisas que se come no café da manhã?

- Claro! - Ela sorriu voltando para atrás do balcão.

Esperei mais alguns minutos até que meu pedido ficasse pronto, e então paguei a conta e fui para o meu carro que estava há uma quadra dali.

Essa missão estava ficando muito pessoal para mim e eu tinha medo de que alguém descobrisse. Eu devia ser a agente perfeita. Sem emoções, sem vida, uma verdadeira máquina de matar. Mas acontece que tirar a chance de viver de alguém faz a curiosidade aticar nela e a curiosidade é a inimiga número dois, perdendo apenas para o inimigo formado a partir dessa curiosidade, o amor.

Você não pensa, você age. Você não calcula uma forma de sobreviver, você apenas morre pela pessoa. O seu foco muda de proteger para cuidar e não deixar sofrer.

“Os sentimentos te consomem e você já nem se reconhece mais.”

E quando isso acontece você descobre que a vida é muito mais do que aquilo que lhe foi ensinado na academia. Pois os sentimentos não consomem, eles te dominam, e você se transforma em algo que te tiraram no momento em que você assinou um maldito papel para ser uma agente.

Cheguei em casa, depois de uma verdadeira corrida pelo parque, perdida em meus pensamentos e percebi que Alex ainda não havia acordado, então me dirigi a cozinha para poder preparar o café da manhã. Eu agia monotonamente enquanto pensava em como a minha vida estava se desenvolvendo. Eu realmente começara a gostar de Alex e isso, Além de errado, estava atrapalhando o meu desenvolvimento na missão e o pior

que acho que era proposital, para poder fazer durar o máximo possível.

Eu precisava falar disso com alguém. Alguém de fora que não tivesse envolvimento com isso, mas eu não conhecia e nem confiava em ninguém, então só me restava o Diego. O único ser que eu confio e que me entende, embora esteja envolvido nisso tudo.

- Eu achei que levaria seu café na cama se eu conseguisse acordar as oito, mas alguém acorda bem mais cedo do que eu previ. - Alex chegou na cozinha me abraçando por trás.

- Bom dia! - Sorri me virando para poder beijá-lo.

- É muito bom acordar assim. - Ele se afastou para eu poder continuar fazendo nosso café - Onde estava? - Gelei.

- Como assim? - Me fiz de desentendida.

- Chegou agora certo? - Ele não estava dormindo? - Quer dizer, eu ouvi a porta bater e barulhos na cozinha e tem esse bilhete aqui endereçado a mim - Ele disse levantando o bilhete para que eu pudesse ler.

- Ah isso! - Respirei aliviada e ele me olhou sem entender - Eu estava correndo e passei para comprar algumas besteirinhas naquela cafeteria que o Thiago disse que você ama.

- Você foi até lá apenas para comprar rosquinhas? Tem uma padaria aqui na frente.

- Nossa obrigado pela consideração. - Me fiz de ofendida enquanto colocava as coisas em cima da mesa - E na verdade eu fui correr no parque e fui de carro até lá. Então não se sinta tão importante. - Me sentei ao seu lado.

- Magoou viu - Ele fez biquinho.

- Para de drama e come - Disse batendo em seu braço.

- Falou a pessoa nada dramática.

- Eu não sou dramática - Cruzei os braços.

- Não, nem um pouco - Disse me puxando para seu colo e me beijando intensamente.

Ultimamente eu percebi que Alex anda investindo mais que o normal, e está começando a ficar sem paciência com todos os meus “nãos” para suas tentativas de transa. Mas o que eu posso fazer? Nós não vamos transar, não importa o quanto eu esteja envolvida ou ferrada nós não vamos.

- Alex, para! - Disse o empurrando quando começou a deslizar a mão para dentro da minha camiseta. - Por que a gente não termina nosso café? - Tentei mudar de assunto.

- Não tô mais com fome - Ele se levantou da mesa e se direcionou ao sofá.

- É sério que vai ficar bravo? - Eu o segui. - Isso é muito infantil.

- Eu não estou bravo. - Falou pausadamente enquanto sentava. - Apenas não consigo entender.

- O que? - Por que tem que ser tão complicado lidar com isso?

- A gente está junto tem um tempo e eu até entendo o lance de não ceder no começo para o negócio de valorização, mas agora, agora eu não sei o porquê continua evitando. Não confia em mim? Ou não gosta o suficiente? - Ele esbravejava sua raiva.

Eles não ensinam como sair deste tipo de situação na academia. E agora eu entendo o porquê.

Relacionamentos podem te machucar mais que uma bala.

- Alex. - Eu sussurrei para que a minha voz não soasse tão embargada - Quem é você?

- Eu sou um namorado cansado e irritado de não obter a confiança da namorada.

- Quer confiança? - Respira fundo e não surta. - Alex olha só o que você está falando. - Que se dane - Lance de não ceder para valorização? Você acha que é uma coisa regrada e igual para

todos? Isso é um pensamento muito idiota e machista da sua parte. Nem tudo se baseia em sexo, sabia?

- Está chateada porque eu quero entender?

- Eu estou chateada porque você é um idiota que não sabe simplesmente perguntar sem ofender.

- Qual é o motivo então? - Era incrível como ele parecia tanto o Maurício neste momento.

- Alex - Respirei fundo mais uma vez e fechei os olhos tentando dispersar as imagens do assassinato da minha mãe da minha cabeça. -, vai embora!

- Tudo bem! - Ele nem se quer tentou argumentar - Eu vou.

Alex calçou seu tênis e pegou suas chaves saindo e batendo a porta, com toda força que tinha, atrás dele.

E pela segunda vez no dia eu fiquei sem reação por uns bons dez minutos, até me dar conta do que estava acontecendo.

Observei a sala e vi dois seguranças parados me olhando sem saber o que fazer. Eu me levantei e fui até eles esperando que eles apenas se afastassem o suficiente para eu poder fechar a porta, mas ao invés disso eles se entreolharam esperando que o outro falasse.

- Senhora. - Um deles arriscou - Dois dos nossos homens estão na cola do protegido - Eu continuei olhando para o nada - Eles estão nos enviando a localização deles a cada dois minutos. A senhora vai querer...

- Eu quero que vocês saiam e que façam o trabalho de vocês e me deixem em paz por apenas uma hora. - Dito isso bati a porta na cara deles e me joguei no sofá de novo.

Não sei o que está acontecendo, não sei por que apenas não contei logo, não sei o que é esse aperto no peito e vontade de chorar.

Não ter tido uma vida antes disso é uma droga. Não sei lidar com coisas que deviam ser naturais e isso está me mudando

tanto que o meu protegido acabou de sair sabe-se lá Deus para onde, correndo vários riscos que agora estão parecendo bem menos importantes do que tentar entender esse maldito sentimento que ele colocou dentro de mim.

Fecho os olhos e tento me acalmar enquanto sinto as lágrimas descerem.

- Naty? - Diego disse entrando no apartamento - O que aconteceu? Os meninos ali fora estão assustados e estão perguntando para EU o que devem fazer. Eu sou apenas um cientista. - Ele se aproximou do sofá encontrando uma Nataly deprimida enrolada num edredom e o travesseiro que Alex usara aquela manhã. - Naty, o que está acontecendo? - Ele correu até mim e se agachou na minha frente. - Está doente? Naty fala comigo!

- Alex perguntou por que não transamos, mas de uma forma dura e egoísta, e eu o mandei ir embora - Uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto.

- Mandou seu protegido embora? - Ele é surdo? - Isso explica o porquê daquela confusão na porta.

- Eu não sei o que estou sentindo

- Você gosta mesmo dele, hein? - Apenas concordei com a cabeça - Ficou com medo do que ele diria se soubesse? - Novamente um gesto afirmativo - Ele é um babaca por falar coisas ruins para você.

- Não me trate como uma jovem normal que não tem uma vida monstruosa.

- Nataly, você não é um monstro pelo que você faz. E o Alex viu o seu lado bom, aquele que só eu conhecia.

- Não, ele conheceu o lado bom da Lucy.

- A Lucy é o seu lado bom, bobinha. - Ele parecia muito gay quando falava essas coisas - Eu não sou a favor dessa situação, porque ele é o seu trabalho, mas se você está feliz com ele, devia se dar uma chance.



- É um trabalho e vai acabar em breve. - Um desanimo pendia em minha voz.

- Então aproveite esse tempo. - Ele piscou para mim.

- Não vou me doar desta forma que ele quer.

- E não precisa. Naty, você só fará aquilo que estiver à vontade para fazer e ele vai ter que entender isso.

- E se ele não entender?

- Aí eu continuo comprando essas maravilhas de chocolate para a gente virar duas bolas enormes - Disse tirando um pote de sorvete e algumas barras de chocolate de uma sacola que eu não tinha visto.

- Isso é muito clichê, mas eu amo chocolate - Sorri para ele - Eu pego as colheres.

- Eu escolho o filme. - Disse e foi em direção ao meu quarto.

E assim passamos a noite, da forma mais clichê possível, até eu dormir em perfeita paz. Até havia esquecido o ocorrido de mais cedo e já me sentia melhor.

Pelo menos até a manhã seguinte.

Quando acordei no dia seguinte ainda vestia uma blusa que Alex havia esquecido aqui em casa - De acordo com Diego isso era o maior dos remédios para corações partidos. Onde ele aprendeu isso? Em um filme que assistiu com a última namoradina dele - Sai da cama indo em direção ao cheiro maravilhoso de comida que emanava da minha cozinha, e me surpreendi ao ver Diego parado na porta de entrada. Havia mais alguém ali e eu me aproximei para ver quem era.

- Alex? - Ele ainda vestia a roupa da noite passada, mas não cheirava a álcool ou a mulher, na verdade ele cheirava a panquecas e café, ou era a minha cozinha? - O que faz aqui?

- Eu vim te pedir desculpas, mas parece que você já está ocupada o suficiente - Ele mediu Diego de cima abaixo, e eu me

amaldiçoei por ter deixado Diego ficar sem camisa naquele momento.

Eu devia ter ficado na cama.

## Capítulo 25 – Agora Estraguei Tudo... De Novo

Alex

O namoro com Lucy, foi de longe a coisa mais maluca e inesperada que eu fiz nos últimos anos, e eu nem entendia o porquê desta necessidade tão grande de estar próximo a ela. Porém, todo relacionamento tem seus problemas e o nosso começou quando a parte dois de um namoro entrou, o sexo.

O modo como Lucy agia e nunca respondia as minhas investidas estava começando a me deixar inseguro. Eu não sou hipócrita, ou coisa assim, apenas gostaria que ela confiasse mais em mim. Eu até durmo na casa dela de vez em quando, e na mesma cama que ela.

Antes de ontem não foi diferente, depois de uma maratona de serie com Mary e Thiago eu fiquei para dormir com ela, e eu senti que ela estava meio estranha depois que eu terminei meu banho. Pela manhã ela saiu cedo para correr e comprar o café da manhã, mas eu senti que algo estava acontecendo com ela.

Então para acalmá-la eu decidi dar carinho, que ultrapassou um pouco os limites da barreira e isso gerou uma discussão bem chata, com direito a batida de porta e tudo. E eu fui o que mais surtou.

Quando sai do apartamento tive vontade de voltar na mesma hora e lhe abraçar pedindo perdão, mas o orgulho falava mais alto quando estava acompanhado da raiva, e eu apenas segui meu caminho. Assim que estacionei na frente de casa, e quase quebrei a porta do carro ao sair, vi Mary voltando de sua corrida matinal. Ela olhou intrigada e caminhou até a mim, mesmo eu apressando o passo para ignorá-la.

- Alex? O que aconteceu? - Ela corria em minha direção - Não ia dormir na casa da Lu?

- É, eu dormi. - Disse seco.

- E por que está aqui tão cedo? Vocês brigaram? - Ela parou na minha frente, impedindo a minha passagem.

- Digamos que sim.

- O que aconteceu?

- Mary, você sabe que eu te adoro, mas no momento eu não estou afim ter uma conversinha de meninas. - Disse tirando-a da minha frente, para que eu pudesse entrar.

- Alex! - Ela gritou e eu virei assustado - O que aconteceu?  
- Disse pausadamente.

- Mary, não inventa de dar uma de psicóloga hoje não.

- Só quero ajudar, eu sei como vocês dois são. - Me escorei no batente da porta cruzando os braços - São teimosos, Alex, e frágeis, sei que pode estar magoado e ela também, então deixa eu te ajudar a entender esse novo universo do relacionamento.

Tudo bem, era realmente um pouco novo estar com uma pessoa que era instável e totalmente diferente de mim em alguns aspectos. Eu estava acostumado com as meninas sendo o que eu queria e agora eu estava ali me batendo por uma mulher que não se importava qual era o tipo de personalidade que mais me agradava, que é apenas o que é. Isso era o que mais me atraía nela, não queria me agradar a todo momento, mas sim me fazer feliz com o jeito de ser dela.

- Eu fiz merda Mary. - Reconheci me dando por vencido e entrando esperando que ela me seguisse.

- Não se julgue. - É ela me seguiu - Você não deve ter feito nada grave, eu conheço você.

- Forcei a barra - Ela se sentou no sofá esperando por uma explicação daquilo - Lucy e eu nunca transamos, e eu não sei o porquê. E hoje eu acabei me irritando com ela por isso e sai de lá sem nem olhar para trás.

- Nunca transaram?! - Ela parecia analisar parte a parte do que eu falava - E você não faz nenhuma ideia do motivo dessa recusa?! - Por um momento eu acreditei que realmente não havia motivos para tanto estresse da minha parte.

- Não sei, acho que é o lance da valorização da mulher, sei lá. A Lucy é confusa.

- E você é um BABACA. - Ela gritou a última parte se levantando.

- O que? Por que? - Eu não estava entendendo.

- Já passou pela sua cabeça, que ela não quer dar um passo como esse porque ela pode ser virgem? - Ela estava brava.

- Como? - Virgem? - Como ela pode ser virgem tendo vinte anos?

- qual o problema? O Thi foi o meu primeiro e isso demorou até os 18 para acontecer. Alex, a Lucy é virgem e você é um idiota por ter brigado com ela por não se sentir preparada ainda.

- Como é que você sabe de tudo isso? - Eu estava atordoado - Tem certeza do que você está falando?

- É apenas um palpite, Alex, eu não posso te garantir, mas eu também me sentia coagida antes da minha primeira vez. - Eu estava me sentindo muito culpado agora - Ela me disse uma vez que namorar é algo que ela não faz, por não confiar e que admirava o meu relacionamento. E agora vocês estão juntos, então, mesmo se ela não for virgem, ela quer esperar a hora certa para saber se isso é realmente pra valer.

- Eu vou atrás dela - Disse me levantando.

- Não! - Mary me empurrou novamente para o sofá - Dê um tempo para ela se acalmar, compreender o seu lado e te desculpar.

- E quanto tempo leva esse tempo? - Eu já estava impaciente.

- Apareça lá apenas amanhã cedo com um buque e uma cara de cachorro abandonado. Peça perdão e diga que você entende

o lado dela e que vai esperar o tempo que for necessário. E que você é um babaca. – Eu parei de ouvir no “apenas amanhã”.

– Amanha? Só amanhã? Ela não precisa de tanto tempo assim. Em vinte e quatro horas ela vai estar me odiando e não me perdoando.

– Alex, não pode aparecer lá agora. Ela provavelmente está querendo te matar ou terminar com você por ser incompreensível. Tem que esperar.

– E o que eu vou fazer até lá? – Minha voz era de uma criança que queria muito seu doce favorito.

– Posso ficar aqui com você, já que o Thi me trocou por um trabalho – Ela disse meio chateada – Podemos ir ao cinema, cozinhar, ou fazer arte no jardim que nem quando éramos mais novos.

– Vai fazer arte sem o seu amado por aqui?

– Sem gracinha ou eu te deixo sozinho.

Quando éramos mais novos Mary, Thiago e eu, brincávamos na casa da árvore que havia no meu quintal. Nós tínhamos um mundo secreto ali e gostávamos de moldar e criar esculturas. E foi ali, numa brincadeira de superespíões, onde Mary era a mocinha, que ela criou uma paixão platônica pelo meu amigo, embora nunca assumisse, mesmo quando ele aparecia com uma namoradinha nova e ela ficava um dia sem falar com ele.

O dia passou rápido, com Mary me distraíndo, porém, a noite foi a mais longo dos últimos anos. E eu quase sai três horas da manhã para ir atrás da Lucy, mas eu me segurei até umas sete da manhã, quando eu desisti e me levantei do sofá, onde havia passado a noite, vesti uma camisa – Que por sinal era a mesma de ontem –, E fui para a garagem pegar meu carro sem ao menos tomar café da manhã.

Pensei em leva-la para tomar café num lugar bem romântico pedir desculpas e poder abraça-la novamente. Todo o plano estava montadinho na minha cabeça.

Entreí no prédio e o porteiro me cumprimentou deixando que eu passasse sem avisá-la, pois, queria fazer uma surpresa. Entreí no elevador e fui até o seu andar. Toquei a campainha com o maior sorriso que eu podia ter naquele momento, aguardei um pouco e ouvi a porta destrancar.

O meu sorriso foi para o espaço junto com a minha dignidade, confiança e calma, quando eu vi aquele homem com apenas um short de pijama e uma espátula na mão, abrir a porta.

Eu paralisei ali por bons minutos, tentando acreditar que aquilo não passava de um mal-entendido, até que Lucy apareceu atrás dele perguntando quem era, vestida em uma camiseta masculina, que por acaso era minha.

- Alex? - Ela paralisou.

- É - Fui seco. Eu estava magoado pelo que estava acontecendo aqui.

- É - Ela tentava encontrar as palavras certas - Eu posso explicar - Era a última coisa que eu queria ouvir. Ninguém que é inocente diz algo do tipo.

- Explicar o que? - Se eu estava bravo? Sim eu estava. Eu acabei de descobrir que ela me traiu.

- Calma cara. - O babaca tentou me acalmar.

- Por que? Por que ficar calmo quando você descobre que a sua namorada está te traindo. - Ela me olhou assustada - E que ela não transa com você, mas transa com o amiguinho dela?

- O que? - Ela gritou. - Acha que eu...

- A única coisa que eu acho é que eu fui idiota de ter passado a noite em claro pensando se estaria bem, enquanto você rolava com um outro cara. - Ela permanecia calada.

- Relaxa aí Alex, você está pegando pesado. - O rapaz disse sendo atingido pelo meu punho instintivamente.

- Alex! - Lucy gritou assustada.

- O que é? - A adrenalina corria junto a raiva dentro das minhas veias quando eu gritei.

- Eu sou virgem - Ela gritou de volta com os olhos cheios d'água - Esse é o motivo para eu não querer transar com você, e ele - Disse apontando para o homem recostado no sofá com a mão no rosto -, ele é o meu primo e melhor amigo que ficou aqui para me ajudar enquanto eu estava mal.

O mundo parou.

A voz de Mary ecoava na minha cabeça, O sorriso de Lucy se misturava na minha visão embargada. E o desespero tomava conta de mim.

- Lucy. - Eu sussurrei.

- Não! - Ela foi recuando enquanto chorava - Sai daqui Alex, eu não quero te escutar e muito menos te ver. Não mais. - Ela saiu se trancando em seu quarto. O “não mais” tomou conta da minha mente e eu fiquei ali como uma estátua enquanto uma lágrima solitária escorreu do meu olho vermelho.

- Vem! - Senti uma mão me puxar do transe em que eu me encontrava. Olhei e vi a imagem do tal amigo ou primo de Lucy já vestido com uma calça jeans, uma camiseta branca e uma jaqueta de couro. Por quanto tempo eu havia ficado parado ali? - É melhor sairmos daqui e deixar as coisas se acalmarem. - Apenas concordei seguindo ele para fora do apartamento.

- O que foi que você fez agora Alex? - Ouvi a voz de Mary assim que saímos do prédio. - E quem é você?

- Sou Diego. - Diz estendendo a mão para Mary, que aceitou desconfiada - Eu sou primo da Lucy.

- E o que faz aqui?

- Pelo jeito, causando mal-entendidos - Ele respondeu tentando amenizar a situação.

- Como assim?



- É que eu acabei de estragar qualquer chance de Lucy me perdoar. - Falei recostando na lateral do carro. - Eu disse que ela tinha dormido com ele, mas a verdade é que ela ainda é virgem.

- Merda!

- E sabe o que é pior? - Encarei os dois que se mantinham na minha frente, atentos ao que eu falava - Eu estou com uma puta saudade dela. Preciso abraçar e beijá-la.

- Eu sinto muito Alex - Mary disse. - Eu não sei nenhuma forma de trazê-la aqui.

- Eu acho que eu tenho uma ideia - Diego então se pronunciou.



## Capítulo 26 – Um pedido de desculpas

Diego

- Tem certeza que com isso ela vai me perdoar? - Alex diz sentando próximo a bela mesa que havíamos montado.

- Ela vai amar, se fosse eu amaria. Mas lembre-se de que são as palavras que vão conquista-la e não toda essa fofura. - Mary disse se juntando a ele.

- Mas, Diego? - Alex me chamou - Como vamos fazer para ela aparecer aqui sem desconfiar ou se negar? - Isso era fácil.

- Não se preocupe, eu tenho meus meios de convencê-la. Agora vão lá buscar as bicicletas. - Eles concordaram e saíram em direção ao bicicletário.

Eu nunca fui um cara muito romântico, na verdade sou muito atrapalhado para essas coisas, mas eu tenho grande parte na culpa pelo o que aconteceu e eu nunca vi a Naty gostar de alguém como gosta dele. Não quero ser eu o culpado por destruir essa relação, então eu dei a ideia para o Alex de trazê-la para o local do primeiro beijo e montar um tour romântico pelo parque de bicicleta - Sim eu sei que ela não sabe andar de bicicleta -, e claro ele teria que fazer um belo pedido de desculpas, e foi aí que ele me contou que toca violão e que ele compunha também e eu disse que poderia arriscar algo desta forma.

Na minha opinião é uma coisa que muitas garotas sonham, mas no caso da Nataly fica difícil de dizer exatamente do que ela consideraria uma bela declaração, então talvez o jeito duro dela fale mais alto e ela ache um tremendo exagero todo esse show, ou talvez ela ainda esteja sensível (provavelmente é T.P.M.) e ame de todo o coração toda essa papagaiada.

Assim que Alex e Mary se afastaram em direção ao bicicletário eu pego meu celular e respiro fundo. Precisava ser convincente e eu não era bom com mentiras.

- Naty? - Uso um tom meio desesperado - Graças a Deus que você atendeu.

- O que foi Diego? - Ela parecia séria - Eu não estou com cabeça para resolver seus problemas hoje. - E de mau humor.

- Os meu não, mas que tal os do seu protegido?

- O que foi que aconteceu? - Comecei a ganhar sua atenção.

- Eu segui o Alex até o parque para ver se ele estaria em segurança e alguém nos acompanhou e está nos observando.

- Diego não brinca com uma coisa dessas. - Ela parecia nervosa.

- Eu não estou brincando! Nataly, tem uma mulher morena e dois homens sentados numa mesa próxima nos encarando e mais dois do outro lado perto das árvores. Eu não consigo localizar nenhum agente por aqui, por favor me ajuda.

- Caramba por que o levou para aí com tantos outros lugares mais calmos? - ouvi um barulho de motor ligando do outro lado da linha. Rápida!

- Ele que quis, eu não tive escolha. - Exalto-me um pouco.

- Tudo bem se acalma eu já estou a caminho, só se lembre de não se afastar de onde vocês estão. O parque é muito grande para procurar vocês caso fujam. - Concordei - Agora ligue o rastreador do celular que eu vou achar vocês. Fique de olho no Alex a todo custo. - Diz desligando logo em seguida.

- Diego? - Alex disse se aproximando - Trouxemos uma bicicleta para você também.

- Valeu, mas eu já vou, se a Lucy me encontrar aqui ela é capaz de me matar.

- Por que? O que você disse para ela?

- Nada demais, só que eu estava passando muito mal e que não sabia como voltar. Aí pedi para ela vir me buscar exatamente aqui. - Eles me olharam meio assustados.

- Você é bem criativo. - Mary diz - Bom de qualquer forma, eu vou indo também não quero estar aqui quando a Lu chegar ou ela vai brigar comigo também.

- Vão deixar eu levar bronca sozinho? - Alex reclamou.

- Não fomos nós que fizemos a merda Alex - Mary retrucou.

- Essa doeu, mas acho que eu merecia. - Alex respondeu fazendo drama.

- Quer carona Diego? Alex me da a chave do carro!

- O que? E eu volto como para casa?

- Com a sua amada. - Diz puxando a chave de sua mão e me arrastando para longe dali.

Boa sorte!

Nataly/Lucy

Depois que Alex foi arrastado para fora da minha casa por Diego eu fiquei alguns minutos jogada no chão e então me levantei indo me arrumar. Vesti uma roupa confortável e fui até uma academia de boxe que havia ali perto para me desestressar. Quando voltei, já mais calma, ouvi meu telefone tocar e para a minha surpresa era o Diego me dando todos os problemas possíveis que eu acabara de esquecer.

Quando ele me disse que Alex estava em perigo eu percebi que estava agindo por impulso e que não deveria, não importava o que acontecesse, eu sempre deveria estar perto de Alex. SEMPRE. Ele é o meu trabalho.

Assim que cheguei ao parque liguei o rastreador para localizar o celular de Alex, já que o de Diego não estava aparecendo no radar - Ele faz essas coisas de propósito, não tem condições -, e

o segui até perto de algumas árvores, onde eu vi Alex mexendo no celular próximo a uma bicicleta e uma cesta de piquenique. Chequei o perímetro ainda de longe e não avistei ninguém com a descrição que Diego havia me dado. Mas também não avistei nenhum agente disfarçado.

E foi aí que eu percebi a mentira do meu melhor amigo que me obrigara ir até lá. Uma raiva começou a me dominar e eu me virei para ir embora, então meu celular tocou, indicando que eu recebera uma mensagem. Assim que eu abri vi o nome de Diego na identificação, então eu li e respirei fundo decidida a ir até onde Alex se encontrava.

- Alex. - Chamei assim que fiquei perto o suficiente.

- Lu. - Ele se levantou num pulo só.

- Alex, eu... - Fui o mais seca possível.

- Lucy, olha antes de você dizer algo, por favor, me escuta até o final. - Concordei com a cabeça - Eu sei que você não tem motivos para me perdoar e eu sei que eu sou um babaca, mas eu não sei o que me deu hoje mais cedo. - Seu olhar era carregado de desespero - Na verdade eu sei. Olha eu tive medo, tá legal? Sabe, de você não gostar de mim como eu gosto de você.

- Isso é motivo para não confiar em mim e me acusar desta forma? - Meu tom era sereno.

- Não, claro que não. Eu sou um burro, porque eu deixei minha raiva falar mais forte e me defender daquela forma.

- Se defender do que Alex?

- De um amor não correspondido. - Ele disse amor - Lucy a verdade é que eu não fiz aquilo por masculinidade ferida ou por machismo idiota, mas por um coração ferido. Eu não suportei a ideia de te perder, naquele momento eu me senti perdido.

Perdida estava eu agora. Ele havia acabado de dizer que me amava? Eu estava mentindo para ele. Embora o que eu sentisse fosse verdade, isso nunca duraria. Doía saber que ia chegar a

hora em que essa dor de me perder seria real e que eu sentiria uma dor similar por perdê-lo.

- Lucy... - Ele disse limpando uma lágrima que escorria pelo meu rosto. - Eu sinto muito.

- Eu também. - Por um momento eu pensei em puxar a casca da ferida de uma vez, ao invés de deixar ela ir caindo aos poucos, mas eu não consegui me mexer então deixei ser guiada para o seu abraço.

- Desculpa se foi precipitado para você o que eu disse - Ele sussurrou no meu ouvido.

- É o que você sente, certo? - Ele concordou - Então deve ser dito.

- E você? - Ele parecia inseguro quanto à pergunta.

- Desculpa Alex, eu não estou pronta para falar isso ainda. - Eu disse depois de alguns minutos de silêncio e ele se afastou do abraço sentando na beira da tolha estendida no chão - Eu não sei como, pra falar a verdade. - Sentei ao seu lado.

- Como assim?

- Eu não sei o que é amar alguém.

- Eu posso te ensinar. - Ele disse se aproximando.

- Isso soou muito clichê - Eu disse tentando mudar o rumo da nossa conversa. -, mas eu gostei.

- Ótimo! - Ele veio até a mim sem prévio aviso me beijando.

- Alex! - Eu o empurrei depois de um tempo.

- Desculpa, eu estava com muita saudade.

- E eu com fome. - Me lembrei que não havia comido nada até aquele momento.

- Ah é verdade! - Disse puxando a cesta onde havia alguns sanduiches. - Não fui eu que fiz, mas são os melhores. - Me entregou um.

- São muito bons mesmo. - Disse dando uma mordida no meu sanduiche.

Eu não sei como funcionaria com um casal de verdade, se a menina iria continuar brava e apenas ir embora ou se iria achar fofo e continuar com ele, porém, no meu caso, eu não tenho escolha e nem gosto de pensar neste fato, apenas faço meu trabalho. E se eu tenho que ficar perto do meu protegido o tempo todo, eu não vou pensar se isso foi doce ou exagerado demais ou se ao menos vale a pena perdoá-lo, eu simplesmente vou sorrir e fingir que isso nunca aconteceu. Até porque eu já cometi o erro de ter o mandado embora, o que não devia ter acontecido, então eu vou voltar a fazer as coisas certas desta vez.

- O que você acha de pedalar um pouco? - Alex disse me tirando dos meus devaneios.

- Você esqueceu que eu não sei pedalar?

- Eu sei! - Disse se levantando - por isso só temos uma bicicleta aqui.

- Quer que eu vá com você? - Olhei meio receosa - Ai? - Ele acenou.

- Vamos lá Lucy, eu não vou te derrubar. - Se ajeitou na bicicleta, esperando eu sentar.

- Tudo bem! - Respirei fundo dando-me por vencida -, mas se você me derrubar eu juro que te mato.



## Capítulo 27 – Primeira Vez

Alex

Acordei com um sorriso no rosto e um peso sobre meu corpo. A muito tempo não dormia tão bem assim – Tudo bem que todas as vezes em que eu podia ter a sua respiração lenta e seu rosto sereno em meu peito, madrugada a dentro, era uma noite incrível e eu sempre acordava feliz, mas esta noite e esta manhã, em especial, eram diferentes, havia subido alguns degraus.

Levantei-me com todo cuidado para não acordar e me dirigi ao banheiro. – Eu queria passar o dia todo naquela cama com ela, mas eu estava faminto e sabia que quando ela acordasse também estaria – Depois de um banho rápido eu sai do quarto e fui para a cozinha onde encontrei Jullieta lavando louça. – O que ela fazia aqui? Não sei como Lucy se sentiria se encontrasse ela por aqui.

– Bom dia menino Alex! – Ela disse se virando e secando as mãos em um pano.

– O que está fazendo aqui Jullieta? Eu te dei folga ontem à noite.

– Eu sei, mas como eu vi que você havia trazido aquela menina gentil para cá, imaginei que precisariam de mim. – Disse se virando para a pia para terminar o que estava fazendo – E também, tinha muita louça suja aqui.

– Jullieta, meu amor. – Me recostei na bancada próxima a ela – Eu posso lavar a louça e cozinhar para nós. E eu não acho que ela não vai se sentir à vontade de ver você aqui – Mordi os lábios esperando que eu não tivesse que explicar nada para ela.

– Por que? Ela sempre dorme aqui e nunca teve vergonha de mim.

- Isso é verdade - Respirei fundo abraçando aquela mulher que eu considerava como uma mãe -, mas é a primeira vez que ela DORME aqui. - Disse enfatizando o dormir.

- Aí credo Alex! - Ela gritou assustada quando entendeu - O que já falamos sobre fazer esse tipo de coisa aqui?

- Eu sei Jullieta, “nada de trazer suas fodas para cá Alex” - Falei imitando sua voz de uma forma engraçada fazendo com que eu levasse um tapa no ombro -, Aí! - Reclamei.

- Isso é forma de falar garoto?

- Desculpa, mas a verdade é que ela não é só uma foda - Disse indo até um banco acoplado à bancada e sentando - Ela é especial.

- Gosta realmente dela? - Ela parecia preocupada.

- Sim, eu gosto muito dela. Ela chamou a minha atenção e me conquistou no primeiro dia que entrou naquela sala e me ignorou um horário inteiro.

- Tem certeza disso? Quando amamos alguém não há volta nem devolução.

- Acha que eu a amo?

- Você não? Devia se olhar num espelho quando fala dela.  
- será?

- Nossa, é assustador o tanto que você me conhece.

- Eu te criei menino, eu sei o que se passa aí dentro.

- Sabe mesmo.

- Ainda quer que eu vá embora?

- Quero! - Disse com medo de sua resposta.

- Só não coloquem fogo na minha cozinha. - Disse tirando o avental e saindo da cozinha em direção a saída.

- Jullieta! - Ela se virou já próxima a porta - Como se faz panquecas?

- E ainda diz que sabe se virar sozinho, que já está grandinho  
- Voltou para a cozinha abrindo a primeira gaveta do armário e puxando de lá um livro. - Aqui está! - Me entregou o livro aberto numa página, onde havia uma receita de panqueca. - Consegue fazer sozinho?

- Sim senhora. - Disse dando um beijo em sua bochecha - Você é um anjo.

- Eu sei. - Sorriu e voltou ao seu trajeto original.

Fiquei um tempo parado ali na porta enquanto lembranças da noite anterior vinha à tona. Cada detalhe do seu belo corpo ficou marcado em minha mente. Ela era perfeita, perfeita para mim.

Nataly/Lucy

Acordei me sentindo um pouco dolorida, mas nem se comparava a felicidade naquele momento. A mágica noite de ontem voltou a minha mente mais rápido que uma flecha.

Depois de um belo pedido de desculpas e um ótimo passeio pelo parque, Alex me levou para jantar em um restaurante com música ao vivo. Tudo estava tão perfeito que, sinceramente, eu não tinha mais raiva ou qualquer outro sentimento que não fosse amor. Uma palavra forte, eu sei, mas que me dominava loucamente. Mais uma vez eu só queria ser a Lucy para o resto da vida.

Quando ele me levou a casa dele onde tinha flores e velas espalhadas formando um caminho que levava ao seu quarto eu fiquei um pouco tensa, admito, mas logo ele me relaxou. Disse que não estávamos ali para fazer qualquer coisa que eu não quisesse, mas que me amava e a intensão era apenas demonstrar isso e não fazer sexo ou amor. Admito que isso me desapontou um pouco, pois eu estava decidida a ser marcada por ele para sempre e ser dele para sempre. Eu estava pronta naquele mo-

mento. E quando eu disse isso ele paralisou e eu gargalhei o beijando e nos guiando até a cama, onde ele finalmente saiu do transe em que se encontrava e tomou as rédeas da situação.

Cada toque era um arrepio, cada beijo um novo calor. Seu olhar estava escuro e sua pele avermelhada, não havia vergonha, havia desejo. Ele era delicado, mas era perceptível como ele lutava para controlar seu extinto animal. Eu enlouquecia com aquele sorriso de satisfação que ele deixava escapar as vezes. Surtava com todas as vezes que ele sussurrava meu nome com sua voz rouca. E o via revirar os olhos de desejo quando eu suplicava o seu.

- Bom dia! - Alex diz entrando no quarto me fazendo pular da cama de susto - Desculpa, não queria que você se assustasse.

- Tudo bem! - Digo voltando a cama um pouco envergonhada- Estava distraída, pensando.

- Espero que não seja em como fugir daqui. - Colocou uma bandeja cheia de comida no criado mudo que estava ao lado da cama.

- Isso são panquecas? - Me ajeitei na cama animada.

- São sim, gosta?

- Eu amo panquecas. Lembro da minha mãe fazer panquecas para mim quando eu desapontava meu pai.

- Eu sinto muito, não queria te fazer lembrar de nada que doa. - Deita-se ao meu lado acariciando meu rosto.

- Não dói. São boas lembranças. - Sorri o beijando.

- Você não faz ideia do quanto eu estou feliz. - Eu faço, porque eu estou muito mais - Vamos comer? Eu estou morrendo de fome.

- Eu também. - Sorri.

Eu estava muito feliz, nada poderia estragar aquele dia. Nem mesmo meu trabalho.

Merda de trabalho. Eu só queria que isso tudo acabasse, ou que eu apenas tivesse conhecido ele como Nataly. O que eu vou fazer? Ainda não sei, mas contar a ele agora me parece uma opção. Não agora, agora, claro, mas quando isso tudo acabar eu quero que ele saiba quem eu sou e espero que me perdoe. Droga eu não suportaria perde-lo. Eu amo esse cara.



## Capítulo 28 – O Que Aconteceu Ontem?

Nataly/Lucy

Eu havia passado o dia inteiro ao lado de Alex, e já passava das sete da noite quando ele me deixou em casa após um jantar feito por ele. Era segunda-feira e deveríamos ter ido a faculdade, mas por causa da preguiça dele acabamos ficando em sua casa sem fazer absolutamente nada.

Eu estava meio estranha e pensativa, admito, e só percebi que Alex havia notado meu estado depois da segunda taça de vinho, quando ele me perguntou se era algum problema com ele ou com a nossa noite – Na verdade era, mas tinha mais haver comigo do que com ele, então eu apenas neguei – Eu tinha medo de falar a verdade para ele, e tinha medo de continuar nessa mentira, eu tinha uma identidade e não queria perdê-la, mas também não queria perdê-lo e isso estava me enlouquecendo.

Assim que fechei a porta do apartamento me senti um pouco mais leve, larguei os saltos ao lado do tapete de “bem-vindos” que tinha ali e me joguei no sofá. Mas assim que peguei o controle para ligar a televisão vi uma sombra no corredor e percebi que a porta do escritório, que eu sempre deixava trancada, estava aberta, engoli em seco e peguei uma arma que estava presa debaixo do sofá silenciosamente e me levantei com todo cuidado para não fazer barulho, andei até o corredor, me encostei na parede, respirei fundo e me virei de frente para a entrada do cômodo apontando minha arma para o único alvo que havia ali. – Se eu fosse do tipo que já chega atirando, com certeza ele já estaria morto só pelo susto que havia me dado, mas para a sorte de Diego eu era bem calculista. – Me recostei no batente da porta sem acreditar na cena. Diego estava sentado na poltrona com o MEU notebook na mão, digitando algo, enquanto ouvia música com os meus fones. Minha vontade era te bater nele

com todas as minhas forças. Respirei fundo mais uma vez e me encaminhei até Diego puxando o fone de ouvido dele.

- Nataly! - Ele gritou de susto.

- Esperava quem? O papai Noel?

- Não te ensinaram a fazer barulho quando entrar em um lugar? Eu podia ter atirado em você - Disse levantando a arma que estava ao seu lado na poltrona.

- E não te ensinaram a avisar ao dono da casa antes de entrar e se acomodar com as coisas dele? Eu podia ter atirado em você - Retruquei imitando seu modo de falar enquanto levantava minha arma também.

- Ok, já pode parar de me responder com perguntas. - Largou o notebook em cima da mesinha de centro e se ajeitou para que eu sentasse ao seu lado - E aí como foi sua reconciliação? Posso dizer que muito boa já que você só está voltando agora.

- O que está fazendo com meu notebook? - Tentei mudar de assunto pegando o computador e colocando no meu colo.

- Seu relatório diário atrasado de dois dias. Katia mandou um e-mail cobrando-os e eu respondi, fingindo ser você, dizendo que estava difícil fazer Alex sair do seu pé para poder fazer, mas que começaria naquele instante aproveitando que ele estava em casa e que entregaria em algumas horas, mas felizmente você já chegou e pode fazer essa coisa chata. - Se levantou indo em direção a porta e eu comecei a agradecer mentalmente por ele ter esquecido sua primeira pergunta, mas foi só terminar minhas preces que ele parou na porta e se virou para mim com um sorriso sínico.

- Não vai me enrolar Nataly. Eu quero saber o que aconteceu, porque eu sei que à faculdade vocês não foram, embora eu tenha mentido no seu relatório dizendo que foram e rackeado o sistema da universidade para retirar as faltas de vocês. Então abra o bico e conte tudo o que aconteceu para o seu priminho



aqui, enquanto ele faz o jantar – Disse saindo em direção à cozinha.

Eu me joguei na poltrona rindo. Diego era impossível, e como eu já disse, parecia aqueles amigos gays. Ele iria surtar quando soubesse do que aconteceu.

– É para ontem Nataly. – Ele gritou da cozinha.

Eu me levantei e me arrastei até o banco do balcão, onde eu me sentei esperando ele falar qualquer coisa para adiar o assunto.

– O que você aprontou moça? – Pelo visto ele não estava afim de adiar o assunto.

– Você está envolvido na decoração que ele fez na casa dele também?

– Talvez...

– Você não presta. – Digo abismada jogando um pano de prato nele. – O que você estava pensando quando deu a ideia para aquilo tudo?

– Que você podia dar logo, para acabar com esse fogo. – Olhei para ele assustada – Ah, qual é Naty? Você nunca foi das mais românticas – Recostou-se no balcão com uma colher de pau na mão – e o principal requisito para acontecer esse “momento mágico” já estava preenchido.

– E que momento mágico seria esse?

– O tal do amor e blábláblá – Disse voltando sua atenção para o fogão novamente.

– Nossa como você é insensível. E o que te faz pensar que esse “requisito” estava preenchido?

– Já experimentou olhar no espelho quando fala ou pensa no Alex? Pois é, está estampado “Eu te amo” na sua testa. Acorda Naty! – Se aproximou de mim – Você o ama e isso está muito mais que obvio. Pra que negar?

Amo?

Ok eu amo... eu acho...

Droga!

- Isso não vem ao caso. - Vou em direção a sala - O que está em jogo aqui é o fato de você estar se metendo na minha virgindade, ou, no caso, a perca dela.

- Não! - Ele me seguiu - O que está em jogo é o que aconteceu ontem com a sua virgindade, ou, no caso, a perca dela - Se jogou no sofá - E aí?

- E aí que o seu assado vai queimar. - Ele me olhou e saiu correndo para cozinha.

- Se está achando que isso vai te impedir de me contar algo não se engane. Temos um jantar inteiro para você expressar os detalhes.

- Primeira coisa, eu já jantei. Segunda, eu não vou te contar detalhes de nada. E terceira, sim eu e o Alex fizemos "amor" porque ele me ama e eu o amo, e antes que você pergunte eu não sei como isso vai se desenrolar, eu estou confusa, assustada e, no momento, também estou muito irritada e cansada, então faz o favorzinho de terminar o relatório que você começou e lavar a louça quando terminar de comer. - Vou para o quarto e batendo a porta como uma criança.

Não é que eu estivesse nervosa ou com raiva do Diego, mas eu já estava me sentindo sufocada com todas as perguntas. Eu nunca fui de me abrir muito e naquele momento eu estava muito confusa e com medo de que algo pudesse dar errado.

Eu sei que eu deveria parar de pensar no amanhã e viver o agora, mas me assustava a ideia de que isso uma hora iria acabar e que eu iria ficar sozinha e, num provável, sofrendo muito.

É por isso que nos ensinam a lei do desapego, que, por acaso, sempre funcionou comigo, mas agora por algum motivo de força maior eu não consigo me ver longe do Alex.

Droga Nataly! Por que você foi se entregar para ele?

- Porque está na hora da Nataly aprender a viver. - Diego disse encostado no batente da porta. Acho que pensei alto novamente - Desculpa por ter te pressionado. Eu apenas me preocupo com você.

- Eu não estou com raiva - Disse sorrindo e me ajeitando na cama para que ele pudesse deitar ao meu lado - Apenas com medo. Não quero que acabe, ainda mais agora. - Deitei em seu colo recebendo um cafuné.

- Você deveria lutar por essa relação, então.

- E como você acha que eu vou fazer isso? Se eu contar tudo ao Alex, tem 99,9% de chances dele me odiar.

- Mas ainda te sobram 0,1% de chances de compreensão que era apenas trabalho, mas você se envolveu.

- Isso é muito pouco para arriscar tudo.

- Também era pouco e bem improvável quando era a estimativa de você se relacionar ou sentir qualquer tipo de afeto por alguém, e olha só onde chegamos.

- Você sabe que se ele souber de tudo, eu provavelmente vou ser demitida e morta e ele também.

- Ele é filho da chefia, não vão mata-lo. - Ele tinha razão - E você faz parte dela, além de ser filha da chefia também.

- Você sabe que isso não conta muito, não sabe?

- Você se lembra qual é a sua missão? - Diego disse depois de alguns minutos em silêncio.

- Claro, me infiltrar na vida de Alex para descobrir quem é o informante de Maurício que está infiltrado na vida dele.

- Exatamente! - Fala como se fizesse sentido - Enquanto essa informante ou o Maurício não aparecerem você pode viver a sua linda história de amor, claro que terá de ter muita segurança e relatórios, mas ainda assim poderá viver a SUA vida um pouco.

- Não é tão simples assim. - Sento-me ao seu lado novamente - Enquanto eu não achar esse informante ou o paradeiro de Maurício a companhia inteira estará no meu pé. E se eu demorar, aí é que vão me absolver do caso.

- Primeiro que a sua priori é proteger Alex. - Ele disse cruzando as pernas e se virando para mim - Localizar a Informante faz parte da missão que não inclui somente você e o Alex, inclui todo mundo, então se alguém reclamar da sua demora apenas fale que ele também deveria estar procurando pela suspeita.

- Espera aí! - Me ajeitei virando para ele - Você está querendo insinuar que eu deveria parar de investigar, e aproveitar o momento? Enquanto todo mundo corre o risco de morrer por causa de um psicopata que está a solta?

- Você falando assim até parece bem ruim - Só parece? - Mas não seria exatamente parar de investigar. Seria mais como se aproveitar do momento e do ser humano que te dá muito mole.

- Eu não sei se você percebeu, mas eu, tecnicamente, já me aproveito da situação.

- Não completamente - Sério? Quer que eu me aproveite mais do que isso? É possível? - Você se preocupa com o amanhã, se preocupa ainda com as regras, mesmo já tendo as quebrado. Tem que deixar dançar conforme a música. Se já sabem do relacionamento se aproveita mais dele e escancara. Se Maurício já sabe do seu paradeiro e da sua relação, mostra pro mundo. Viva! Você precisa disso mais que qualquer um. Ele te tirou isso. Você DEVE reconquistar. Esquece um pouco a investigação, foca em como Alex vive em como ele sente, como entrar na cabeça dele e conhecer todo seu ciclo de conhecidos. Aproveita o tempo que você tem com Alex, não desperdiça isso com lamentações ou dúvidas.

- E se começarem a pegar no meu pé? - Fico balançada pela declaração do meu amigo.

- Ai então você coloca a máscara da agente do mal e dá trabalho para todos eles fazerem. Além de que eu estarei aqui para te ajudar em tudo.

- Até nos relatórios? - Eu disse na esperança de conseguir me aproveitar de sua boa vontade.

- Não! - Meu sorriso desmanchou na hora - Finja que seus relatórios são tipo um diário secreto onde você vai escrever a vida da Agente Nataly, enquanto vive a vida da Lucy.

- Você é muito mal. - Disse jogando um travesseiro nele.

- Eu sei. Fui treinado pelos melhores.



## Capítulo 29 – Ferrou

Alex

3 meses depois...

- Alex o que é isso? Você só pode estar ficando louco. -  
Ouço Thiago dizer me impedindo de entrar na loja.

- Qual é cara? Eu te apoiei quando você comprou uma, lembra?

- É, mas não tinha o mesmo significado que essas aí. - Respondeu cochichando como se tivesse alguém nos espionando.

- Para de cochichar! Não é como se isso fosse ilegal.

- Mas devia. Você é maluco.

- Você já disse isso. - Retruquei entrando na loja, assim não daria mais oportunidades para ele me arrastar para fora daqui.

- Alex eu ainda acho que...

- Boa tarde, em que posso ajuda-los? - Uma moça atrás do balcão de vidro toda reluzente interrompe Thiago.

Graças a Deus.

- Oi, eu queria ver algumas alianças de noivado. - Disse com um sorriso confiante no rosto e uma certeza no coração. A moça me olhou de cima abaixo e deu um sorriso amarelo.

- Cara, você sabe que é como um irmão para mim. - Thiago tocou meu ombro. Eu já estava a ponto de dar um soco nele - Cinco meses não são o suficiente para essa decisão. Você nem a conhece direito cara - Estava nítida a angustia na voz dele.

- O que você sabe da Lucy que eu não sei?

- Nada.

- Então por que não deixa eu seguir meu coração? - Eu sei que posso ser apressado demais, mas acontece que eu era assim,

totalmente intenso e insano, e eu a amava queria ficar com ela para o resto da minha vida.

E sem esse papo de que ainda somos novos demais. Eu sei o que quero.

- Não dá para simplesmente fazer como eu e comprar um anel de compromisso depois de pelo menos um ano de namoro?

- Eu quero mais com a Lucy e eu sinto que ela também, a gente se ama.

- E se você se cansar? Você sabe o que é casamento? - Thiago estava se exaltando cada vez mais - Meu Deus Alex! Vocês nem se quer terminaram a faculdade. Nem emprego vocês têm.

- Por que está tão nervoso Thiago? - O confrontei.

- Deve ser porque o meu melhor amigo está querendo se casar no auge dos vinte anos.

- E qual o problema disso? - Grito chamando a atenção da atendente que fingia pegar algumas alianças enquanto discutíamos. - Quem é que vai fazer o pedido aqui? Para de se meter!

- E se ela disser não? E se ela não estiver preparada? - Ele disse depois de uns dois minutos de silêncio.

- Por que foi que eu te chamei mesmo? - Ele me olhou assustado. Ok eu sei que peguei pesado, mas ele estava parecendo uma menininha com todo esse chique - A Mary adorou a ideia, devia ter trazido ela comigo.

- Ok Alex, você venceu. Eu não abro mais a minha boca para dizer o que eu acho certo ou errado nessa sua loucura, mas lembra de quando for fazer o pedido pensar duas vezes e perguntar antes se ela ao menos pensa nessa possibilidade também. - Disse se virando para ir embora. Ele parecia bem irritado.

Eu hein, só porque ele não toma uma iniciativa com a coitada da Mary, que sonha com esse dia, eu também tenho que estacionar igual ao calculista que ele é?



- Como você quer as alianças senhor? - A mulher chama minha atenção.

- Bom.... Eu não faço a mínima ideia - Disse abaixando a cabeça sobre o balcão. - Eu sei que ela é meiga e doce e tem um sorriso lindo... - Eu parecia um idiota tentando descreve-la.

- Tudo bem. - Thiago disse voltando a recostar no balcão - Eu te ajudo a escolher a aliança, mas fique sabendo que se não der certo eu não vou pagar a bebida para você encher a cara depois.

- Não vai dar errado. - Eu disse com um sorriso idiota no rosto.

- A Lucy é marrenta, não é tão delicada assim, tem uma personalidade forte e agressiva, é explosiva e definitivamente não curte roupas ou acessórios muito fofos. Então pode descartar o clássico anel com uma pedra de brilhante super-romântico.

- Thiago disse diretamente para a mulher que estava tão paralisada quanto eu. Desde quando ele conhecia tão bem assim a Lucy? Tudo bem que eles se aproximaram mais nesses três últimos meses, mas não eram melhores amigos.

- Tudo bem! - A mulher morena atrás do balcão disse pausadamente retirando uma bandeja de anéis e guardando numa das muitas prateleiras atrás de si.

- Como sabe disso tudo sobre a Lucy? - Pergunto.

- Simples. Em vez de ficar babando por ela como você faz, eu analiso e observo as pessoas. Sou bom nisso.

- Certeza que ainda quer fazer Engenharia? Ganharia muito dinheiro analisando pessoas.

- Não valeu, prefiro a área das exatas.

- Bom o que acham dessas? - A atendente voltou com um par de alianças douradas não muito grossas, mas também não muito finas. Elas tinham um relevo na superfície e a da Lucy tinha seis pedras de brilhantes cravadas. Era uma aliança linda, era delicada e simples ao mesmo tempo. Uma aliança que com

certeza a Lucy usaria. Além do que não chamava tanta atenção no dedo de alguém.

- São lindas. - Pego uma delas na mão - Acha que ela vai gostar?

- Vai Alex. - Thiago sorriu mudando rapidamente seu semblante para sério - Mas deixando bem claro que eu ainda sou totalmente contra você fazer isso.

- Eu já entendi essa parte Thiago. - Viro-me para atendente e entrego as alianças para que ela pudesse guardar de volta na caixinha.

- Eu sei. Foi só para reforçar - Retrucou com um sorriso sônico no rosto - Aliás, quando pretende fazer o pedido? Tenho de me preparar para sair da cidade com Mary, caso algo dê errado.

- Na boa, para de agôrar ou eu vou encher a cabeça da Mary com esse lance de casamento até ela comprar uma aliança e te pedir para casar com ela.

- Não está mais aqui quem falou. - Diz levantando as mãos em forma de rendimento.

- Enfim, eu pretendo fazer o pedido no dia do meu aniversário num jantar romântico a dois num belo restaurante francês.

- Achei que fossemos sair todos para aquela boate no seu aniversário.

- E vamos, mas caso não se lembre, 15 de novembro é terça-feira e a boate é somente no sábado.

- Ata! - Ele disse meio pensativo - Então se der tudo certo já vamos comemorar o noivado também?

- Exatamente. E eu vou esfregar a mão dela com a aliança na sua cara na festa - Rio enquanto ele mexe no celular - Bom eu só vou pagar e já podemos ir almoçar. - Disse me direcionando ao caixa enquanto mexia na minha carteira.

- Na verdade - Falou ainda mexendo no celular - Eu tenho uma coisa muito séria para resolver, então a gente se vê por aí. - Sai apressado e tropeçando nas coisas.

O Thiago definitivamente não estava bem.

Thiago

Eu ainda tentava assimilar tudo o que estava acontecendo.

Alex não podia pedir a Lucy em casamento, por Deus a Lucy nem se quer existia.

Uma coisa é se apaixonar pelo meu melhor amigo e não poder contar quem é para a segurança dele, mas outra bem diferente é fazer meu amigo se apaixonar ao ponto de querer casar depois de 6 meses de mentiras.

Assim que Alex falou que iria fazer tamanha merda, eu mandei uma mensagem para Nataly perguntando se estava livre para uma conversa muito séria e ela só me respondeu quando Alex já estava no caixa pagando pelas malditas alianças, então eu sai correndo, sem dar a menor satisfação do que estava acontecendo, com destino ao apartamento dela.

Casamento era uma coisa séria da qual eu vinha fugindo a algum tempo. Sabia que Mary sonhava com um pedido também e sabia que ela ficaria mexida com o pedido de Alex, mas eu não queria acabar que nem meus pais, e não desejava isso para ninguém, muito menos para o meu irmão. Alex não sabia onde estava se metendo, se ele ao menos soubesse como realmente foi o casamento dos pais dele ele mudaria de ideia rapidinho em relação àquelas alianças.

Como eu havia ido com Alex de carro para o shopping eu pedi um taxi na entrada e me direcionei a casa de Nataly - Estranho chama-la assim, e mais estranho ainda ter que fazer o maior esforço para não trocar os nomes na frente dos outros - Assim que o taxi parou em frente ao prédio dela eu respirei fundo e

desci. A caminhada até o seu andar parecia demorar uma eternidade, e eu já estava a ponto de gritar quando finalmente chegou no seu andar.

Assim que sai do elevador havia um agente me aguardando com a chave em mãos. Ele explicou que Nataly estava trabalhando e que era para eu entrar sem precisar atrapalha-la.

Quando entrei me deparei com uma papelada espalhada pela sala e cozinha, pareciam documentos.

- Nataly? - Chamei.

- Aqui no escritório. - Ouvi ela gritar.

- O que estão fazendo? - Perguntei vendo ela e Diego jogados com pilhas e mais pilhas de papeis.

- Olá para você também. - Diego respondeu e eu apenas acenei - Estamos olhando o registro de todos que já passaram perto de Alex. Quer ajudar?

- Na verdade, eu acho que o que vou falar vai deixar vocês bem mais pilhados do que isso aí.

- Impossível Thiago. - Nataly disse se levantando - São três meses de silencio novamente de Mauricio, que provavelmente está nos estudando agora, e cinco tentativas de ataque contra o Alex mais dois ataques contra a minha pessoa. Não tem como ficar pior - Se levantou prendendo seu cabelo em coque que acabara de soltar.

- Ok, então lá vai - Respirei fundo, fechei o olho e disparei a falar - O Alex vai te pedir em casamento.

- O QUE?

## Capítulo 30 – Como fazê-lo desistir?

Nataly/Lucy

Já passava do meio-dia quando percebi uma mensagem de Thiago no meu celular. Nela dizia que ele queria falar urgentemente comigo. Ele havia mandado tinha uns quarenta minutos, então não dei tanta importância assim – Até porque se fosse realmente urgente ele teria me ligado – então apenas disse que poderia vir até meu apartamento.

Nesses últimos três meses Thiago começou a aceitar melhor o fato de eu ser uma agente e tem se saído muito bem na mentira. Ele me ajuda a ficar de olho em Alex, além de sempre me acobertar, tanto para Alex e Mary quanto para Central. Que nem quando eu sofri um ataque e cheguei com dois cortes no rosto e alguns roxos no corpo. Thiago foi o primeiro a inventar uma desculpa, ou melhor, se acusar, dizendo que estava andando de bicicleta no parque e me atropelou sem querer. – Ainda bem que nem Alex e nem Mary estavam muito preocupados em entender o acontecimento, porque qualquer um que parasse para pensar perceberia que não dá para ter esses tipos de hematomas sendo atropelada por uma bicicleta, mas eu admirei sua coragem e força de vontade para me ajudar.

No momento eu estava ocupada no meio de um emaranhado de papel atrás de um suspeito – que se resumia em qualquer pessoa que já tivesse tido contato com Alex –. Já fazia algum tempo que estávamos neste jogo de Maurício. Ele atacava e nós íamos atrás das poucas pistas deixadas por ele. Ele sempre estava a um passo de nós. Alex era um dos alvos e eu era o outro. Sinceramente, eu não entendia o porquê de eu ser atacada, ele sabia que eu não sairia do meu posto de protetora, ele sabia que eu estava tendo uma relação com Alex, e provavelmente já sabia que ele pretendia me pedir em casamento. Maurício estava ten-

tando me destruir, bem como destruir o próprio filho por uma vingança barata. Ele era maluco.

As coisas estavam tão ruins para a gente neste jogo de gato e rato - e no caso nós somos os ratos -, que eu sinceramente acreditava que não podia piorar. A agência estava no meu pé como nunca estive e eu não sabia o que fazer sem um suspeito concreto. O círculo estava se fechando e eu estava desesperada.

De fato, pior que isso não podia ficar. Não até eu fechar a minha maldita boca e ouvir Thiago falar.

- Alex vai te pedir em casamento! - Eu juro que eu ouvi uma voz dizendo "Não há nada tão ruim que não possa piorar".

Só podia ser uma praga mesmo.

- Casar? - Eu andava de um lado para o outro, há uns cinco minutos, freneticamente - Como assim casar?

- Casar Naty. Tipo um vestido branco com véu e grinalda, um buque, igrejas, convidados, um bolo grande e uma Lua de Mel - Diego disse segurando o riso.

- Isso não é brincadeira. - Disse furiosa - Thiago você tem certeza disso? - Viro para ele com as mãos unidas - Não foi somente um comentário dele ou coisa do tipo? - Disse esperançosa.

- Eu bem que queria Nataly, mas eu acabei de vir do shopping e... - Ele respirou fundo e eu rezei para que ele não dissesse o que eu estava pensando - Alex já comprou as alianças e tudo.

- Por que não tentou impedi-lo?

- Você acha que eu não tentei? - Ele disse um pouco ofendido - Eu quase briguei com Alex por causa disso. Ele estava, ou melhor, está determinado a fazer o pedido.

- O que vamos fazer Naty? - Diego perguntou meio receoso.

- Eu. Não. Sei. - Gritei pausadamente. - Alex tem de desistir dessa loucura. Porque uma coisa é eu convencer a central de que

meu namoro é puro fingimento, e outra coisa, bem diferente, é dizer a eles que eu vou me casar com o meu protegido depois de menos de seis meses na missão. – Sento no chão levando minhas mãos aos cabelos em forma de desespero – A Lucy nem se quer existe – Lamentei.

– Tecnicamente, a Lucy é uma personificação sua – Thiago disse se sentando ao meu lado –, e até onde eu sei você existe.

– Mas não funciona dessa maneira Thiago. – Sorri fraco – A Lucy é só uma personagem. E o Alex quer casar com essa personagem e não comigo.

– Ele quer casar com a mulher que ele ama e que o ama também e essa mulher é você. – Ele sorriu – Eu não acredito que eu acabei de dizer palavras tão... meigas.

– Tudo bem Naty, não é hora de ter uma crise existencial. – Diego disse se sentando ao meu lado desocupado – O que está em jogo aqui é como vamos fazer Alex desistir dessa história, ok? Então foco!

– Tem razão. – Digo desanimada.

Não é que eu queira casar com Alex, ainda mais agora, mas a ideia, de alguma forma, fazia eu me sentir importante e amada. E eu gosto desta sensação. Embora eu sabia que isso nunca poderá ser possível. Eu sou uma agente e ele apenas mais um protegido. Eu tenho que começar a colocar isso na minha cabeça, já vivi o suficiente essa relação, e eu acredito que não demorará muito para que Maurício seja pego, então, definitivamente, era a hora de pensar mais com a cabeça e deixar o coração de escanteio.

Estávamos jogados no chão da sala com uma caixa de pizza, já vazia, há muito mais que duas horas procurando uma forma de fazer Alex desistir de fazer o pedido. E sinceramente nada que pudesse ser discreto e ainda o fazer me querer passava por nossas cabeças.

Os problemas só aumentavam e cada vez mais eu ia para um mundo distante sem perceber.

Sem querer eu comecei a pensar em casamentos e relacionamentos. Eu sei que devia estar mais focada que nunca, mas estava difícil conciliar as coisas no momento.

- Nataly o que você acha da ideia? - Ouvi Thiago dizer e me recompus na hora.

- Como eu disse ela não está ouvindo ou se quer prestando atenção em nossos planos. - Diego esbravejou. - Deve estar fazendo os planos do casamento - Provoca.

- Claro que não é isso. - Defendo-me - Eu só estava pensando numa forma de fazê-lo desistir - Mentira! - Mas qual era mesmo a ideia de vocês

- E se você conversar sobre um suposto trauma de casamento por causa da relação dos seus supostos pais, sei lá pode fazê-lo ficar com medo de você dizer não - Indaga Diego.

- É - Disse pensativa -, mas também pode fazê-lo querer fazer do nosso relacionamento uma forma de "superação". Fora que ele também pode achar que Thiago abriu a boca e me contou sobre o pedido. - Disse olhando algumas fichas que estavam espalhadas pelo chão - O que vocês acham deste aqui. - Levanto uma ficha - Hanna Field?

- Hanna Field? - Thiago perguntou - Hanna do ensino médio? Acham que ela pode ser uma suspeita? Meu Deus! - Ele começou a rir - Hanna mora bem longe. Casou assim que se formou e se meteu na maior roubada.

- Como assim?

- Ela mora tipo assim no Alaska. - Ele disse sorrindo - Isso porquê ela queria ser modelo e vivia cuidando do corpo, toda paranoica, e agora não pode tirar nem o casaco que congela.

- Cruel. - Diego comentou.

- Por que procurar tão longe na vida dele?



- Porque Maurício é esperto o bastante para fazer tal coisa, e embora ninguém acredite que ele possa estar tramando isso há muito tempo, eu não duvido de mais nada. Alguém tão sociopata como ele é capaz de qualquer coisa.

- Por que não tentamos com a senhorita Merlin. - É a vez de Diego falar.

- Porque ela mora no Brasil agora, na verdade ela mora lá desde os quinze anos.

- Brasil? - Diego disse pensativo - Um ótimo lugar para se esconder e recrutar. - Olhei para ele assustada. Ele não devia falar sobre aquilo na frente de Thiago. Tudo bem que ele estava do nosso lado, mas não precisava saber dos segredos de estado que sabíamos.

- Como assim? Por que o Brasil é um bom lugar para recrutar? - Thiago perguntou e eu e Diego nos entreolhamos nervosos.

Quando estávamos prestes a responder com alguma desculpa esfarrapada meu telefone toca e vejo a foto de Katia.

É salva pelo gongo.

- Nataly? - Katia disse assim que eu atendi - Preciso de você aqui agora.

- Aconteceu alguma coisa? - Ela parecia nervosa.

- Ainda não, mas se você não aparecer aqui com uma explicação em meia hora, vamos ter uma bomba explodindo pelos quatro cantos da agência. - Respondeu finalizando a ligação logo em seguida.

Agora deu merda.

- O que foi? - Diego pergunta.

- A chefia descobriu. - Tomei o máximo de cuidado para não pronunciar o nome de Katia - Eles sabem, ou melhor ELA sabe.

- Como ela descobriu?

- Eu vou descobrir em meia hora - Dou um sorriso fraco e pegando a chave do carro e minha bolsa que estavam jogadas no sofá e me direcionando a porta.

- Alguém por favor me explica o que está acontecendo!? - Thiago falou antes que eu pudesse chagar a porta.

- A superior dela descobriu sobre a aliança e digamos que se ela não ir resolver logo isso, provavelmente, ela falará para o superior máster que fará muita merda com essa notícia em mãos.

- Diego explica e eu apenas olho suplicando para ele.

- E nós vamos arrumar a papelada antes que ela volte - Disse revirando os olhos - E vamos beber toda bebida forte que ela tiver aqui.

- Nem brinca com isso - Disse e fechei a porta atrás de mim.

Eu corri. Corri o máximo que pude até a Central e estava quase enfartando enquanto descia naquele elevador.

Como a Central era no subterrâneo, funcionava basicamente como um prédio de ponta cabeça. Então eu tinha que ir muito fundo para chegar a sala de Katia e isso estava me deixando muito nervosa.

- Me diz que a agente ainda não saiu daí - Digo a recepcionista de Katia.

- Não senhora. - Ela disse sorrindo - Ela está te aguardando. - sorri correndo que nem uma louca para sua sala.

- Eu posso explicar. - Disse entrando sem ao menos bater na porta. Katia me olhava assustada assim como um agente que estava sentado ao seu lado. - Seja lá o que você queira que eu explique. - Me recompus.

- Pode entrar Agente Nataly, o Agente Carl já estava de saída - Disse seriamente, e eu apenas acenei, bem como o agente bonitão que se direcionava para fora da sala.

- Ele é um gato. - Disse depois que a porta se fechou me direcionando a cadeira à frente de sua mesa.

- Como assim?

- Olha eu super apoio esse relacionamento. Embora eu achasse que seu tipo fosse, assim, os mais maduros.

- Eu não estou tendo um relacionamento com ele. - Ela disse seriamente.

- Não? - Finjo confusão - Bom de qualquer forma eu sei que Alex apoiaria essa relação.

- É sobre ele que eu quero falar - Ela diz tomando postura em sua cadeira.

Agora eu sei que estou ferrada.

- Um dos agentes me enviou o relatório do dia de Alex sem você, pois não conseguiu falar com você para te enviar e adivinha onde eles estavam hoje? - Ela começou a falar se levantando e andando pela sala - Mas eu acredito que você já saiba pois chegou muito mais rápido do que eu imaginava. - Engoli a seco quando ela sentou ao meu lado. - Tem algo a me dizer?

- Antes de me entregar você poderia esclarecer onde ele estava? - Era bom me garantir que eu não me entregasse antes de formar um plano para parar essa coisa.

- Alianças Nataly! Casamento? - Ela disse, na verdade gritou preocupada como... uma mãe.

- Katia eu sei que isso parece ser muito ruim, mas a verdade é que não é tão mal assim.

- Não? - Sorriu sugestiva

- Olha eu não fazia ideia que ele ia fazer isso. A nossa relação nem está tão seria assim, para ele poder fazer esse pedido - Eu disparei - E eu já estou tentando consertar isso.

- Não quer casar com meu filho Nataly? Você não gosta dele? - O que? Isso é um teste?

- O que realmente está querendo dizer com isso? - Eu estava com medo. - O que você quer ouvir?

- Nataly, eu não quero que você case com meu filho! - Essa ofendeu - Não que eu não goste de você, mas é um risco muito grande fora que envolve muito mais do que você e ele, entende?

- Eu sei disso - Sorri meio triste - É por isso que eu estou tentando achar uma forma de fazê-lo desistir dessa loucura.

- E é por isso que você vai deixar ele fazer o pedido.

- Como é que é? - Gritei. Ela definitivamente enlouqueceu.

- Vai deixar acontecer e quando chegar a hora vai dizer não.

- Sorriu como se aquele fosse o melhor plano.

Ela estava feliz?

Meu Deus, como isso é cruel! Como é que eu poderia fazer ele sofrer assim? Isso com absoluta certeza acabaria com meu relacionamento. Ele nunca me perdoaria.

- Não se preocupe - Sorriu - Eu conheço meu filho, eu sei que ele vai entender quando você explicar que não está pronta para algo tão sério, mas que ainda o "ama". - As aspas mostravam o quanto ela aceitava nosso relacionamento. Ainda bem que eu era uma ótima atriz.

- Eu não sei Katia. - Sou sincera - Isso pode ser perigoso.

- Ela até poderia estar pronta, mas eu, definitivamente, não estava pronta para ver Alex me odiar e me abandonar.

- Está com medo de que Nataly? - Engoli a seco novamente - Dele desistir de você?

- Eu só não quero machuca-lo e ver você surtando comigo por causa disso. - Mentira!! - Além do que ainda temos alguns dias antes dele fazer o pedido. Posso concertar isso.

- Então quer dizer que até o dia você já sabe? - Disse pensativa - Quem é que anda te passando tantas informações? - Ela estava desconfiada e eu estava apavorada.

- Escuta - Disse a primeira coisa que veio na minha cabeça - Coloquei uma escuta no telefone dele, eu estou controlando todos os movimentos dele, e ele anotou no calendário do ce-

lular dele. – Soltei a respiração que eu nem sabia que segurava quando ela se levantou e se pôs de costas para voltar a sua cadeira de origem.

– E qual seria o dia? – Falou finalmente quando sentou em sua cadeira.

– Ele pretende fazer no dia do aniversário dele.

– Daqui oito dias? – Ela parecia surpresa.

– Sim. – Respirei fundo me ajustando melhor na cadeira. Aquela situação estava me deixando incomodada – Ele pretende me levar num restaurante para uma espécie de “jantar de comemoração” pelo seu aniversário antes da verdadeira comemoração que será no sábado. – Sorri pensativa – Na verdade isso é só uma desculpa para fazer o pedido.

– Ótimo! – Ela disse – Vou cuidar para que a segurança do local esteja apropriada para recebe-los.

– E Katia? – Chamei-a – O que eu faço se ele não quiser mais nada comigo? – Ali não era mais uma agente perguntando e sim uma jovem desesperada e confusa.

– Nataly. – Ela respirou fundo se preparando para responder quando ouvimos um barulho na porta.

Nos levantamos rapidamente apontando nossas armas em direção ao barulho. Katia fez um movimento para que seguíssemos até a porta em silêncio e eu apenas acenei com a cabeça. Respirei fundo e contei até três, quando estava preparada para abrir a porta alguém bateu do outro lado. Olhei para Katia que ainda mantinha sua posição então abri a porta rapidamente revelando minha secretária, Elizabeth, do outro lado.

– Desculpe – Ela disse ainda meio assustada – A sua secretária acabou de sair bem rápido sem falar nada, então eu fiquei aqui na dúvida se batia ou não – Ela disparou a afalar – Eu não queria ter interrompido. Me desculpem.

– Elizabeth – Chamei-a – Espere! – Disse guardando minha arma no coldre e me recompondo – O que você queria?

- Precisava da sua assinatura nesses documentos, e como a senhora não está aparecendo aqui, imaginei que essa seria a minha única chance de falar com você. - Sorriu fraco.

- Tudo bem, eu vou passar na minha sala. Não se preocupe - Disse fechando a porta. Não era para ser grossa, mas estava muito preocupada ainda.

- O que foi isso? - Katia disse sentando no sofá que havia ali.

- Ou estamos muito paranoicas, ou uma das secretárias estava escutando atrás da porta. - Disse rindo e me jogando ao seu lado.

- Talvez estejamos paranoicas - Concordou - Deve ter sido um barulho na mesa da minha secretária.

- Exatamente. - Levantei. - Eu acho que já vou indo. Ainda tenho que assinar uns papéis antes de ir para o apartamento e amanhã tenho que sair com a Mary para algo bem inútil - Disse pegando minha bolsa e indo até a porta.

- Parece que está se enturmando. Gosta deles?

- Como amigos para o seu filho? Sim. Já para mim continua sendo mais um trabalho. - Sorri fechando a porta atrás de mim. Respirei fundo.

Apenas um trabalho? A quem eu queria enganar? Todos eles eram mais que um simples trabalho para mim. Eram como minha família.

### Bônus: Informante Misteriosa

- Senhor? - Aproximo-me cuidadosamente dele.

Meu mestre! Tão maravilhoso.

Esclareceu a minha mente quanto a todos naquele lugar imundo que insiste em esconder tanto poder do mundo.

- Sim minha filha. - A voz de Maurício era como música para os nossos ouvidos. Era como o nosso Deus, que nos guiava

por toda parte a anos. E como uma graça éramos marcados por um símbolo tão importante que aquela central não merecia levar em sua logo. Mundo de gente podre.

- Descobri algo muito importante, que acho que o senhor deveria saber - Sorri convencida.

- Eu sei que descobriu, você é nossa melhor recruta. Tem tantos talentos e se sai tão bem que sem sombra de dúvida liderará como ninguém quando eu me for.

- Será uma honra senhor. - Me curvei diante dele.

- Mas o que foi que você descobriu? - Ele disse serenamente.

- Alex pretende pedir Nataly em casamento. - Ele se espanta. Era muito terrível tirar a paz dele, porem no momento era necessário - No dia do aniversário dele num restaurante bem conhecido por nós.

- Casamento? - Ele riu - Esse dois imundos se merecem mesmo.

- O senhor vai fazer algo com isso? - Perguntei meio receosa.

- Claro que vou. - Disse servindo duas taças com champã e me entregando uma das duas - Agora me diga, como conseguiu tal informação tão detalhada e com tanta certeza?

- Ouvi tais palavras da boca da própria Nataly, mestre - Sorri junto a ele.

Nossa vingança estava próxima e tomaríamos o que era nosso por direito.





## Capítulo 31 – O pedido

Nataly/Lucy

- Senhora? - Um dos agentes entra em minha sala, segurando um papel, desesperado. - Acho que precisa ver isso.

- O que seria isso? - Pergunto sem entender nada - Onde encontrou isso? - Digo depois de ler o remetente no envelope da carta.

- Estava liderando a segurança do protegido, e quando cheguei a sua casa para a vistoria de segurança antes que o mesmo pudesse aparecer encontrei essa carta presa à porta, e eu estranhei pois ela estava endereçada a senhora. - Ele estranhou.

- Encontrou quem entregou a carta? - Perguntei meio perdida e assustada. Maurício estava arriscando o meu disfarce entregando algo na casa de Alex. Ele queria que eu fosse descoberta?!

- Não senhora.

- Tudo bem. - Disse tentando me acalmar - Você chegou a ler?

- Não senhora.

- Ok - Respirei fundo - sente-se enquanto eu leio, aliás-se for uma ameaça teremos muitos problemas - Ele me olhou estranho, mas sentou. Acho que eu nunca tinha sido tão “legal” com qualquer um dos meus subordinados.

Eu estava com a respiração ofegante, como se eu tivesse corrido uma maratona inteira. De certa forma eu estava com muito medo do que pudesse estar escrito na carta que agora se encontrava em cima da minha mesa me encarando.

Respirei fundo e peguei a carta e me arrependi no momento seguinte de ter feito aquilo.

“Querida Nataly, você não faz ideia da felicidade que estou de saber que você se tornará a esposa do meu filho.

Me diga, como é brincar de casinha? Seria uma pena se alguém estragasse tudo naquele restaurante tão romântico e com tanta água ao redor que vocês escolheram.

E se de repente alguém se afogasse?

De qualquer forma, eu estarei aguardando ansiosamente para dar os parabéns pelo noivado. Adorarei ser o primeiro a fazê-lo.

Acha que Alex vai ficar feliz? Mesmo eu não sendo a favor desse relacionamento? Se bem que quando ele descobrir a verdade sobre você, ele mesmo será contra esse relacionamento.

Ah, mas não se preocupe, não serei eu a dizer que isso tudo não passa de uma farsa. Você mesmo fará.

Até breve, Maurício.”

Eu não estava acreditando no que estava acontecendo. Maurício estava disposto a tudo nesse jantar, mas que merda.

O que eu vou fazer?

- Está tudo bem? - O agente me pergunta. Eu já tinha até me esquecido dele.

- Chame o Diego para mim agora! - Disse tentando disfarçar meu desespero.

- Sim senhora. - Se levantou saindo apressadamente da sala.

Eu estava perdida.

Quando Katia descobrisse eu estaria definitivamente fora dessa missão. Não era para ninguém saber do propósito do jantar, ninguém além de mim, Diego, Katia e Thiago. Como ele descobrira? E como mantereis isso em segredo?

Há uma semana eu vinha me fingindo de desentendida em relação ao pedido. Quando Alex me pediu para jantar como ele naquele restaurante eu quase surtei, pois ainda tinha uma esperança que ele desse para trás. Eu já havia ensaiado milhões

de vezes na frente do espelho como diria não para ele, mas a verdade é que eu não sei se estava preparada para dizer não. Aquilo me consumia cada vez mais e mais.

A semana havia passado tranquilamente, sem nenhum sinal de Maurício, e agora parecia que tudo fazia parte do plano dele. É como se ele estivesse coordenando a missão para que acontecesse de eu me envolver e Alex me fazer um pedido de casamento, onde ele pretende aparecer e fazer sabe-se lá Deus o que.

Não é a primeira vez que eu tenho a impressão de que Maurício está controlando tudo. É como se cada passo e cada ação nesses seis meses fosse parte de um plano maior dele. Mas de qualquer forma, como ele saberia que eu seria a escolhida? Ele nem tinha como saber que eu tinha virado agente.

- Nataly? - Diego entrou na sala tirando a minha atenção dos meus pensamentos - O que está acontecendo?

- Maurício mandou esta carta. - Disse entregando para ele quando se sentou na minha frente.

- Como ele descobriu? - Disse após ler a carta.

- Eu não sei, mas tem algo muito estranho acontecendo - Disse me levantando - Não aguento mais esse joguinho do Maurício, não aguento mais ser uma marionete - Jogo-me na cadeira ao seu lado.

- Temos que contar a Katia - Ele disse decidido - E temos que dar um jeito de cancelar esse jantar.

- Temos? - Mordi o lábio inferior.

- Nataly, você leu essa carta direito? Maurício vai atacar e entregar todo o jogo.

- Acho que por isso devemos estar lá. - Levanto - Se for isso que ele quer? Nos amedrontar para que recuemos. É uma armadilha. - Disse convicta.

- E se for verdade? E se ele aparecer para acabar com toda a farsa?

- Então estaremos preparados para pegá-lo. - Falei seria - Ele ser preso é a nossa prioridade. Isso é segurança mundial,

- Tem certeza de que está preparada para perder o Alex, caso Maurício apareça e revele quem você é? Pronta para sacar uma arma na frente de Alex se Maurício parar na frente de vocês dois?

- A segurança dele vem em primeiro lugar. - Isso soava tão falso, mas a verdade é que eu não fazia ideia se conseguiria sacar uma arma na frente de Alex, ainda mais contra o pai dele.

- O problema Nataly é mentir para si mesma e não para mim - Digo disse se levantando - Eu vou convocar a Katia para uma reunião para acertarmos o esquema de amanhã à noite. E você devia ir preparar uma forma para contar ao Antony e companhia de como você recebeu essa informação, pois mostrar o bilhete não seria uma boa ideia. - Disse saindo da sala.

Eu estava ferrada!

Alex

- Eu estou tão feliz por você. - Mary diz sentada na minha cama - Eu tenho certeza que ele vai dizer sim.

- Eu espero... - Digo de frente para o espelho arrumando minha gravata.

Já tinha exatamente uma semana que estava guardando este anel e estava a ponto de desistir. A dúvida fazia parte de todos os meus pensamentos e, sinceramente, se eu ainda não tinha dado para trás era por causa da Mary que sempre estava ali me ajudando e me convencendo o tempo todo de que ela diria sim.

Eu estava ansioso demais, seria um grande passo em nossa relação. Um passo que eu estava pronto para dar.

Mary havia me convencido a usar um terno, pois combinava muito com a ocasião, além dela ter ajudado a Lucy a escolher

o vestido, que embora não quisesse me mostrar, disse que era perfeito e eu acreditava.

- Vai ficar viajando aí ou vai buscar a sua amada? Já está na hora. - Mary disse me tirando dos meus devaneios.

- É... - Respirei fundo - Eu vou - Disse pegando a chave, a carteira e saindo do quarto.

- Não está esquecendo nada? - Mary perguntou quando já estávamos na sala.

- Estou? - Perguntei e ela riu - Você checkou as reservas?  
- Perguntei aflito enquanto fazia uma contagem mental sobre tudo que devia estar levando.

- Fiz Alex, está tudo sobre controle. Sua reserva está ok e os pratos já foram anotados e estão apenas esperando sua chegada para serem preparados, além de que o vinho já foi separado cuidadosamente. E as sobremesas serão pedidas na hora, mas que tudo já está pronto, bem como o buque de flores para a hora que você fizer o pedido.

- Ai meu Deus! - Eu paralisei - As alianças. - Gritei desesperada e sai correndo em direção ao andar de cima.

- Alex! - Mary gritou rindo e eu parei no meio das escadas - Estão no seu bolso - Ela riu mais e eu a acompanhei.

- Anda logo você vai se atrasar. - Concordei e sai correndo para o carro.

No caminho até a casa de Lucy eu passava e repassava o que iria dizer a ela. Eu estava com medo e quando o carro parava em um farol vermelho eu definitivamente pensava em desistir.

Quando eu cheguei ao prédio dela mandei uma mensagem pedindo que descesse, pois, as minhas pernas estavam tão bambas que eu duvido que conseguiria subir ou ao menos atravessar o hall da entrada.

Assim que ela saiu do elevador e seus olhos cruzaram e se prenderam nos meus eu tive certeza. Era essa mulher com quem eu queria casar e passar o resto dos meus dias.

Ela usava um vestido claro rodado e tomara que caia, e seu cabelo estava preso em uma trança lateral. Ela transmitia uma paz incrível, ela estava incrivelmente linda e meiga. Meu Deus, como eu amo essa mulher.

- Oi - Ela disse sorrindo nervosa.

- Oi - Eu disse sem conseguir me mexer.

- Então - ela disse olhando para os lados, parecia estar um pouco nervosa - Vamos?

- Você está linda! - Eu definitivamente não estava raciocinando direito.

- Obrigada! - Sorriu - Você também está. Eu de verdade estava preocupada que esse vestido fosse informação demais para um jantar, mas você está de terno então para que lugar super. chique você pretende me levar?

- É uma surpresa. - Disse abrindo a porta do carro para ela.

- Você é o aniversariante do dia e eu é que ganho o presente?

- Ela disse entrando no carro.

- Exatamente. - Fechei a porta e dei a volta entrando no carro para dirigir.

- Alex? - Lucy disse desligando o rádio depois de uns dez minutos de silêncio.

- Sim! - Olhei para ela rapidamente voltando minha atenção para a estrada.

- Eu tenho um presente para você. - Ela disse meio insegura.

- Mas você já me deu um presente hoje mais cedo - Sorri e olhei para ela que estava muito nervosa. Será que estava acontecendo algo com ela? - Está tudo bem?

- Está, claro que está. - Ela respirou fundo desviando nossos olhares - E não é algo que eu compreí, mas é algo significativo

para mim e eu pensei a tarde toda se devia fazer isso ou se você acharia exagero meu, mas eu acho que – Ela parou olhando para mim e eu apenas sorria do seu nervosismo. Tadinha mal sabia ela que eu estava pior do que ela.

– Amor? – Segurei sua mão parando no sinal vermelho – Relaxa, eu tenho certeza que eu vou amar, assim como eu te amo.  
– Ela parou um tempo me observando.

– Tudo bem então. – Respirou fundo mais uma vez – Isso era da minha mãe e bom eu fiquei com ele quando ela morreu, é a coisa mais importante que eu tenho. É como meu amuleto da sorte, mas eu acho que eu já encontrei a minha sorte e por isso eu queria que ficasse com ele, pois você é meu amuleto agora.  
– Ela disse tirando do pescoço um colar artesanal. O pingente tinha uma forma estranha. Era como um coração porém feito apenas com retas, talvez parecido com um V, era lindo de toda forma.

– É lindo Lucy – Eu sorri pegando de sua mão e colando em meu pescoço – Eu prometo cuidar muito bem dele – Beijei-a.

– Eu te amo. – Ela sussurrou. E eu tive certeza do que iria fazer. – Nunca se esqueça disso.

Um silêncio agradável se instalou no carro. De vez em quando eu pegava em sua mão e ela sorria. Fomos assim até chegar no restaurante.

Era um lugar lindo e romântico. Ficava no meio do lago perto da costa do rio. Era simplesmente perfeito.

Assim que entramos eu me apresentei para a moça que se encontrava na recepção e ela nos olhou sorrindo nos levando a mesa que eu havia escolhido pessoalmente para esta noite, que ficava no jardim próximo ao lago que tinha lanternas flutuantes iluminando tudo ao redor, isso era coisa de Mary, com certeza.

Observei Lucy analisando tudo ao seu redor enquanto nos sentávamos.

– Gostou? – Perguntei meio apreensivo.

- É lindo - Ela me encarou, e eu pude ver um brilho incrível em seu olhar - Se você tivesse deixado eu decidir o restaurante para o seu aniversário eu com certeza escolheria esse. É muito lindo e romântico - Ela sorriu.

- Que bom que você gostou - Sorri.

- Boa noite senhores, sejam bem-vindos. - Uma moça apareceu em nossa mesa e Lucy se surpreendeu ao olhar para ela, como se se conhecessem.

- Boa noite! - Ela respondeu.

- Gostaria de saber se já posso trazer as entradas e o vinho?  
- Ela perguntou e eu afirmei fazendo Lucy me olhar confusa.

- Já havia pedido nossas entradas? - Ela perguntou assim que a moça deixou a nossa mesa.

- Sim - Disse - Fiz mal?

- Não. Eu só me surpreendi com isso.

- Que bom - Sorri aliado - Porque eu já pedi os pratos principais também.

- Pediu por mim? - Ela perguntou rindo - E se eu tivesse alguma alergia?

- A Mary me garantiu que você não tinha.

- Eu sabia que ela estava por trás disso. Ela quase me obrigou a comprar esse vestido, dizendo que era o mais perfeito da loja.

- Você não gostou do vestido? - Falei preocupado.

- Eu amei o vestido, eu só não estou entendendo o porquê de isso tudo.

- É meu aniversário - Sorri nervoso - Eu queria algo perfeito com você.

- Você é muito fofo - Ela sorriu.

Eu me perdia naquele sorriso facilmente. E durante todo nosso jantar eu não conseguia para de olhar para ela. Cada detalhe dela, decorando como se fosse a última vez que estivesse



fazendo isso. Na verdade, eu tinha medo de que realmente essa fosse a última vez que eu a visse. Tinha medo dela se assustar com o meu pedido e simplesmente fugir.

- Lucy. - Chamei-a quando já estava prestes a terminar a sobremesa. Eu estava adiando o pedido por medo, mas eu queria aquilo e só saberia se é recíproco quando perguntasse.

- Fala! - Ela disse colocando mais colher de mousse na boca.

- Eu queria. - Olhei para ela enquanto procurava no meu bolso da calça a caixinha. - Eu queria que você soubesse o quanto eu te amo e eu fiquei pensando sobre o nosso futuro - Ela me olhava meio nervosa, como se já esperasse pela pergunta - Lucy - Respirei fundo -, Lucy você quer...

Foi a última coisa que eu consegui dizer antes de um barulho de tiro tomar conta do estabelecimento.

De repente alguns homens armados chegaram de barco enquanto outros surgiam do nada próximo às mesas. Alguns homens e mulheres que estavam jantando, aparentemente, sacaram armas e começaram a atirar contra os caras que estavam com toucas escondendo seus rostos. Meu único extinto foi puxar Lucy para o chão comigo para detrás da mesa que também acabara de parar no chão.

- Você está bem? - Perguntei a abraçando firmemente. Péssima escolha de restaurante Alex.

- Estou! - Ela disse depois de alguns segundos. Lucy parecia estar em choque. - Você está bem? - Ela disse me encarando seriamente.

- Estou, claro. - Ela recostou em mim enquanto tiros ainda eram trocados no jardim em que estávamos.

Parecia uma eternidade que não passava, e o medo de morrer começava a me dominar. Lucy me abraçava fortemente enquanto olhava ao redor.

- Se eu disser que tem uma chance mínima de sair daqui a gente vai sair, entendeu? - Ela falou olhando nos meus olhos.

- Lucy é perigoso demais - Eu disse e ela ficou pensativa e ofegante. Quando de repente um cara foi baleado caindo próximo a gente. O rosto dele expelia dor e Lucy sem penar duas vezes o puxou para detrás da mesa também.

- Rick! - Ela gritou - Fica comigo, não morre, por favor não morre - Ela chorava enquanto pressionava a mão no peito baleado dele.

Da onde eles se conheciam?

- Lucy? - Chamei-a, mas ela estava paralisada. Olhava para a guerra que estava ali fora e olhava para o rapaz ensanguentado ao nosso lado.

- Senhora? - O rapaz sussurrou chamando a atenção de Lucy - Toma - Ele disse tirando um colar do seu pescoço igual ao que ela tinha me dado - Foi uma honra lutar ao seu lado.

Do que esse cara estava falando? E por que ele tinha um colar igual ao meu? O que estava acontecendo?

- Rick, não! - Ela se negou a pegar o colar. No momento ela nem se lembrava que eu existia.

- Diego... - Ele diz em sussurros.

- O que? O que ele está fazendo aqui? - Ela se desesperou.

- Garanta que ele saia vivo daqui - Disse olhando para mim, e então Lucy decidiu se lembrar que eu estava ali. Ela me olhava assustada e eu a olhava confuso. - Termine seu trabalho. - Disse colocando o colar na mão de Lucy.

Lucy recostou do meu lado sem saber o que fazer. Ela chorava muito e tremia muito até que ela fechou os olhos e se acalmou, pegando a arma que estava no coldre e o colete do rapaz que agora parecia morto.

- Lucy, o que você está fazendo? Quem é esse cara? - Perguntei desesperado - Se você o conhecia beleza, mas larga essa arma.

Ela não fez o que eu pedi, ao invés disso olhou para mim com aqueles olhos azuis que agora pareciam negros e disse a frase que me destruiria mais tarde.

- Me perdoa? - Ela parecia sincera, embora eu não fizesse ideia do que ela falava - Alex, eu te amo como eu nunca amei ninguém, e é por isso que eu preciso que você me perdoe pelo que eu vou fazer agora. - Ela chorava enquanto uma de suas mãos trêmulas e frias tocavam o meu rosto - Eu juro que eu tentei fazer esse dia sair o mais perfeito possível, eu juro que eu tentei durante todo esse tempo, mas não dá mais, não posso deixar que ninguém morra por minha culpa. Eu. Sinto. Muito. - Foi a última coisa que ela disse antes de me beijar, me olhar pela última, vestir o colete a prova de balas e sair detrás da mesa que nos protegia.

- Lucy! - Foi a última coisa que eu gritei antes de vê-la atirando na cabeça de dois homens enquanto lutava com outros.

Quem é essa mulher?



## Capítulo 32 – Aquela Noite

Nataly

Eu estava ali parada encarando um dos meus melhores agentes morrer e a única coisa que vinha a minha cabeça era o que Diego havia me dito ontem:

“– Tem certeza de que está preparada para perder o Alex, caso Maurício apareça e revele quem você é? Pronta para sacar uma arma na frente de Alex se Maurício parar na frente de vocês dois?”

Sabia o que tinha que ser feito, mas eu tinha medo. E esse meu medo estava me custando muitos homens e inocentes. Eu tinha que tomar uma decisão, agir com a cabeça. Eu tinha que ser a agente agora. Alex devia ser protegido e aqueles bandidos tinham que ser mortos.

Eu ouvia Alex gritar, de longe, um nome, que a partir daquele momento não me pertencia mais, e lutava com todas as minhas forças para ligar o robô que existia dentro de mim.

Assim que sai detrás da mesa onde deixei Alex e o Rick, fui atacada por dois homens armados que caíram antes que pudessem puxar o gatilho.

Uma luta estava sendo travada naquele restaurante. Inocentes tentando se esconder ou correr enquanto lutávamos como máquinas assassinas.

Quando finalmente alcancei Diego, que agora lutava como um agente de campo – Ainda que insista em ser apenas um agente do laboratório – ele me olhou surpreso e confuso.

– O que faz aqui? – Ele disse chutando um homem para o chão enquanto atirava em outro a sua frente.

- Te faço a mesma pergunta. - Fiquei de costas para ele defendendo sua retaguarda.

- Onde está o Alex? - Perguntou - Por que desfazer o personagem? Maurício não está aqui.

- Sabe o que é engraçado? Na carta Maurício disse que eu entregaria o disfarce - Agachei levando Diego comigo para o chão quando um homem atirou em minha direção, acertando, porventura, um de seus parceiros que estava lutando com Diego antes. - E ele estava certo. Eu não vou deixar meus homens morrerem em combate enquanto eu me escondo atrás de uma mesa, não foi para isso que eu fui treinada.

- Éh. - Ele socou um rapaz que parecia mais uma criança, virando para a minha direção e atirando em outro, que estava na lateral, e eu não havia visto - Mas lembra que a priori é tirar você e o Alex daqui. Esses caras estão aqui para matar vocês dois, e não vão parar até que estejam os dois mortos, feito Romeu e Julieta.

- Tem razão. Me cobre? - Disse fazendo sinal para a saída do restaurante que era bem longe. Por que deixar Alex escolher um restaurante com tão difícil acesso a uma saída de emergência Nataly?

- Ok, vamos por dentro do restaurante, tem menos homens e chances de surpresas lá. - Diego disse fazendo sinal para um agente, para que ele nos cobrisse. - Quando chegar lá fora vai encontrar seu carro estacionado do outro lado da rua próximo a ponte - Me entregou a chave de um dos meus carros - Vai tirar o Alex daqui e levar para um esconderijo e só vai sair de lá quando eu disser que está tudo bem.

- Não vem comigo? - Perguntei.

- Eu vou voltar para Central, mas vou guiar vocês para que o caminho esteja livre e seguro até o esconderijo.

- Afirmativo - Disse vendo que eu tinha uma brecha para correr até o Alex - Me encontra na porta, vou pegar o pacote.

- Positivo.

Corri até Alex e para o meu alívio ele ainda estava no mesmo lugar meio paralisado repetindo coisas sem sentido. Que ótimo, a última coisa que eu precisava era de um Alex surtado agora.

- Alex, vem! - Gritei puxando-o para cima.

- Você atirou naquelas pessoas? - Ele me olhava assustado e eu lutava contra a dor que se apoderava de mim. - Você matou aqueles homens.

- É, eu matei, mas eram eles ou eu. Então levanta daí e vamos logo, a brecha é curta, não temos muito tempo.

- Eu não vou com você a lugar nenhum - Era só o que me faltava.

- Alex. - Agachei do seu lado o mais séria e profissional que eu conseguia agora - Isso aqui não é nenhuma brincadeira, pessoas estão morrendo e isso só vai parar quando seu corpo estiver em um saco preto e sua cabeça numa prateleira, então se você quer que todos aqueles inocentes ali - Apontei para algumas pessoas que tentavam a todo custo se proteger e se esconder - morram, beleza fica aí sentado e assisti de camarote e leva a culpa para o seu túmulo, ou vem comigo que eu vou te tirar daqui e esses caras vão embora.

- Por que eu? - Ele repetia confuso.

- Sem perguntas agora. - Olhei para Diego que mandava eu agilizar - Vem! - O puxei para cima e corri, segurando em sua mão, para a entrada do restaurante tendo de atirar algumas vezes assim como os dois agentes que me cobriam, tudo passava em câmera lenta, Alex olhava assustado e mal conseguia correr sozinho.

Quando chegamos no carro Alex parecia ter acordado de um transe, ele alternava seu olhar assustado entre eu, minha arma e o restaurante que ainda emitia sons de balas e gritos desesperadores.

- Estou pronta Diego. - Disse colando o comunicador e ligado o dispositivo de localização e controle do carro via satélite que ficava no lugar do GPS - Para onde exatamente eu deveria ir?

- Atravessa a ponte vira esquerda e segue por mais cem metros e vira para direita - Ele disse no ponto eletrônico - As coordenadas estarão na sua tela, o caminho está livre por enquanto.

- Entendido. - Disse ligando o carro olhando para Alex que ainda me encarava.

Acelerei o máximo que pude e sai daquele lugar que eu nunca mais voltaria na minha vida. Olhei mais uma vez para Alex e peguei um colete no baco detrás e entreguei para ele.

- Coloca! - Disse voltando minha atenção para a estrada.

- O que está acontecendo? - Péssima hora para querer conversar, Alex - Quem é você? - Ele estava se exaltando - Você matou pessoas. Você é uma assassina! - Bela conclusão.

Aquilo estava sendo um tormento. Queria parar o carro e lhe pedir perdão, dizer que ainda o amava, mas eu não podia fazê-lo. Agora eu teria que ser a agente, séria e responsável que eu fui treinada para ser.

- Eu quero sair daqui - Ele não parava de gritar - Não me ignora. Você não pode fazer isso! Não pode matar pessoas, me arrastar até um carro debaixo de um tiroteio e não me dar nenhuma informação se quer. - Isso já estava virando tortura - Diz a verdade ao menos uma vez. - Ele gritou e eu freei o carro bruscamente fazendo ele parar de falar.

Eu respirava ofegante e lutava contra as lágrimas que começavam a ameaçar a descer. Eu sabia que ele merecia saber a verdade, mas eu ainda tinha um protocolo e ele uma vida, então eu não iria estragar tudo isso contando que faço parte de uma organização secreta e que o pai dele estava querendo mata-lo.

- Nada? - Ele perguntou e eu respirei fundo - Beleza! - Ele disse saindo do carro mais rápido do que eu podia raciocinar.



- Alex, volta aqui! - Gritei saindo do carro e correndo atrás dele que parou um pouco mais à frente virado para o lago.

Estávamos numa praça de pedra no meio de uma estrada deserta de frente para o lago e o céu estava incrível.

- Quem é você? - Ele virou bruscamente me encarando com aqueles olhos, que estavam negros agora - Me responde! - Ele gritou se aproximando de mim. Tinha raiva em seu olhar, em sua voz, em seu corpo e em sua alma. - Por que eu deveria ir com você?

- ENTRA NO CARRO! - Eu gritei o assustando-o. - Por favor entra no carro. - Disse me controlando.

- Eu não entro lá até você me dar um bom motivo ou me dizer para onde estamos indo.

- Alex... - Chamei-o, mas antes que pudesse terminar um carro com sirenes parou atrás do meu e eu rapidamente levei minha mão que tinha uma arma para atrás das costas.

Era só o que me faltava agora.

- Algum problema por aqui? - Um dos policiais perguntou e eu engoli a seco.

- Nenhum. - Sorri encarando um dos policiais que virou o rosto incomodado.

- Na verdade. - Alex tomou partido - Acabamos de sair daquele tiroteio do outro lado do lago e achamos que...

Aqueles homens me pareciam familiares, o rosto de um deles era muito comum para mim, parecia com....

Oh meu Deus! Era o cara da casa da Joana. Merda! Eles não são policiais.



## Capítulo 33 – Quatro Verdades

Nataly

Enquanto Alex falava com aqueles policiais e eles fingiam ouvir eu destravei a minha arma atrás de mim com muito cuidado para que eles não ouvissem e respirei fundo.

- Podem nos acompanhar, por favor? - Um deles falou e vi Alex segui-los.

- Para onde vamos? - Disse me aproximando cuidadosamente até que Alex saísse do campo de fogo.

- Delegacia - Um deles sorriu - Preciso que prestem depoimento.

- Tudo bem! - Sorri falando com uma voz meiga que fez Alex me encarar - Mas eu acho que Deus não prega depoimentos e sem julgamentos - Falei voltando a uma postura seria.

- Como é que é? - Foi a última coisa que eles puderam pensar antes que eu atirasse na cabeça dos dois.

- Por que você fez isso? - Alex gritou se afastando de mim - Você matou policiais? Você é maluca! Fica longe de mim!

- Alex. - Tentei me aproximar - Eles não são policiais.

- É claro que são! - Ele disse como se fosse obvio - Eles têm fardas e um carro de polícia, o que você acha que eles são, padeiros?

- Primeira coisa, - Disse começando a revistar os corpos baleados no chão - Policiais não começam a te perguntar nada ou pedem para você acompanhá-los sem antes ver seus documentos - Tirei as armas deles jogando uma delas dentro do meu carro - Segunda coisa - Me virei para Alex - Policiais de patrulha ou a polícia local não usam um Rifle de assalto f2000 como armamento. - Peguei uma das armas mostrando para ele.

- Baseou a morte de duas pessoas, que provavelmente tem família, em um rifle? - Perguntou perplexo.

- Não, eu baseei no fato de reconhecer os dois de antigos atentados. - Disse - Pode entrar no carro agora?

- Eu não vou com você. - Ele se afastou mais - Quem me garante que você não vai me matar também - Eu já estava perdendo a paciência.

- Eu estou convivendo com você tem seis meses, se eu quisesse te matar teria feito isso há muito tempo. Agora você vai entrar no carro por bem ou por mal.

- Vai fazer o que? - Ele gritou - Vai atirar em mim? Não pode me obrigar Lucy, se é que esse é realmente seu nome - Ele cuspiu aquelas palavras com toda a força e nojo que tinha dentro dele.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa Diego começou a gritar no meu ponto.

- Nataly sai daí agora! - Ele soava desesperado - Você tem menos de um minuto até eles te alcançarem. Você tem que levar Alex para o esconderijo AGORA!

- Eu tô tentando, mas o bonito não quer entrar no carro - Gritei de volta chamando a atenção de Alex.

- Nataly dá um jeito - Ele diminuiu o tom de voz - Vou tentar atrasa-los, mas acho difícil conseguir mais que dez segundos.

- A chefia já foi acionada? - Perguntei a Diego encarando Alex. Era bom que a mãe dele soubesse o que estava acontecendo.

- Se por chefia você define a mãe dele e o seu pai, sim já foram e estão na sala de comando já, mas você vai estar sozinha pelos próximos dez minutos, então sai logo daí.

- Tudo bem! - Respirei fundo - Eu vou tira-lo daqui agora... custe o que custar.

- Eu não vou com você até me dizer o que está acontecendo.  
- Ótimo, nós evoluímos.

- Alex eu te digo o que você quiser, mas entra na droga do carro. - Minha voz começava a ficar embargada novamente.

- Quem é você? - Ele perguntou cruzando os braços e batendo os pés como uma criança.

- Quanta maturidade a sua hein? - Disse indo até o carro e pegando minha identificação do FBI. Não, eu não era do FBI, mas sempre que éramos flagrados com armas ou algo dessa natureza acontecia, usávamos uma identidade falsa do FBI. - Feliz?  
- Disse entregando a identificação para ele.

- Isso é verdadeiro? - O que ele quer meu Deus?

- Claro que é.

- Nataly, vinte segundos - Ouvi Diego gritar no meu ponto.

- Ok, Alex acabou a brincadeira, entra no carro senão você vai morrer em vinte segundos.

- Você tem ideia do que você fez comigo? - Ele disse magoado. Não é hora de lavar roupa suja.

- Tenho! - Disse curta e grossa me aproximando de vez dele e o puxando pelo braço com uma arma apontada para sua cabeça, fazendo-o entrar no carro.

Assim que eu dei a volta pude ver os faróis se aproximando e eu amaldiçoei totalmente a minha vida.

- Você sabe que isso é crime, não sabe? - O olhei sem entender enquanto ligava o carro saindo em alta velocidade - Isso é sequestro.

- Na minha organização isso se chama salvar a sua vida.

- Para onde vai me levar? - Ele disse olhando pelo retrovisor.

- Para um lugar seguro. - Quanto menos ele soubesse melhor - Já disse.

- Você sabe onde fica? Ou já foi lá?

- Não estou te levando para uma casa de campo Alex, eu recebo a localização no meio do caminho para sua segurança.

- Nataly estão na sua cola, e bloquearam a única rota de acesso ao esconderijo. Sai dessa estrada agora - Vejo Diego gritar. Isso mesmo eu vejo, pois, a anta decidi se conectar ao meu carro e estava agora na tela do meu "GPS".

- Era para aqueles carros estarem seguindo a gente? - Alex pergunta e eu olho pelo retrovisor a tempo de ver um dos caras saltando pela janela com uma arma muito potente pronto para atirar.

- ABAIXA! - Gritei empurrando o corpo de Alex para baixo antes que a bala atingisse o carro fazendo com ziguezagueássemos pela pista.

- É Diego, eu os encontrei! - Gritei com Diego que estavam concentrado em alguma coisa em seu computador.

- Nataly a linha com o seu ponto eletrônico havia sido cortada - Ele começou a falar - Seu comunicador está OFF para a gente - Estranho - E eu tô perdendo o sinal com o seu carro também.

- Estão te hackeando? - Perguntei preocupada enquanto tentava fugir das balas que atingiam o carro constantemente - Isso é possível? - Ele era o maior gênio da computação que eu conheço.

- Não, estão TE hackeando - Disse dando ênfase no "te" - Devem ter colocado algum dispositivo no seu carro que está bloqueando o meu acesso.

- Então hackeia de volta! - Ordenei desesperada.

- Não consigo. - Ele gritou de volta - Está longe demais, não consigo capturar sinal algum. Eles estão fazendo isso de muito perto

- Manda logo a rota do esconderijo, eu me viro - Disse vendo a imagem dele começar a falhar - Diego, você está me ouvindo? Diego! - Gritei vendo sua imagem apagar da tela.

- O que vamos fazer agora? - Alex me perguntou assustado.

- Eu tenho que te manter vivo. - Eu falei mais para mim do que para ele.

- O que isso significa? Por que pelo que eu vi, nem um lugar você tem para onde me levar.

Ele tinha razão, eu não tinha um esconderijo para nos levar, mas eu tinha um carro blindado, cinco armas e mais vinte quilômetros até a Central, onde eu sei que Maurício não ia nos procurar ou se quer tentar entrar. Isso poderia ser o meu maior erro, nunca deveria ter nem contado que eu era uma agente quem dirá entregar a ele a identidade secreta do mundo.

Mas que escolha eu tinha? Alex tem que estar seguro e a única forma dele não morrer hoje é levando ele para o único lugar onde eu sei que tem segurança suficiente. Demoraria menos para chegar lá do que o reforço para chegar aqui e eu sou apenas uma contra cinco carros, sabe-se lá Deus com quantas pessoas dentro, fortemente armados. Posso ser boa como for, mas não sairei viva desta se ficar e lutar.

- O que você vai fazer? - Ouço Alex gritar me tirando dos devaneios.

- Eu vou atrasá-los - Ele me olhou - Precisamos ganhar apenas alguns segundos de vantagem para conseguir sairmos dessa rota sem que eles nos sigam. - Disse pegando duas armas que estavam presas no banco detrás - Pega o volante!

- Como?

- Quero que assuma o controle do carro e mantenha a velocidade pelos próximos dez quilômetros. - Gritei.

- Você está maluca? Como acha que vamos trocar de lugar nessa velocidade?

- Não vamos trocar - Sorri - Você vem e eu subo - Disse apontando para o teto solar se abrindo.

- Eles estão atirando lá fora. - Falando assim até parece que ele se preocupa comigo.

- Eu sei e eu vou revidar. - Disse tirando as mãos do volante, o que o assustou fazendo com que ele assumisse o meu posto rapidamente.

- Assim que eu tirar o pé do acelerador você tem que colocar o seu imediatamente - Disse destravando as armas - Se eu for atingida você segue, o GPS vai te levar até a Central, lá é só se apresentar como protocolo alfa e vão te levar para o lugar certo. - Ele parecia confuso - Preciso que diga que está tudo bem e que vai seguir exatamente o que eu te falei.

- Tudo bem! - Ele concordou olhando no fundo dos meus olhos e por um momento eu quis que tudo aquilo parasse e que pudesse dizer sim para o pedido de casamento dele.

- Aconteça o que eu acontecer, não deixe ser pego - Disse subindo pelo teto solar para começar a atirar contra os carros.

A partir dali tudo rodava em câmera lenta. Carros explodiam, tiros eram trocados. Homens eram atingidos e deixados no meio da estrada. Alex ziguezagueava na pista com a intenção de ajudar com que eu não fosse baleada, o que não adiantou muito, pois no momento seguinte um dos dois carros restantes se alinhou ao nosso e um homem com uns trinta anos atirou com um rifle com mira atingindo meu ombro e me fazendo cair para dentro do carro novamente.

- Você está bem? - Ele me olhou assustado - Você foi atingida? - Ele gritou desesperado esquecendo a direção por alguns segundos.

- Estou bem, - Tentei disfarçar a dor - ganhamos uma distância, aproveita vira na próxima direita.

- Mas não tem estradas por aqui.

- E quem falou em estrada? - Sorri sugestiva - Agora! - Gritei virando o volante para o meu lado e nos colocando numa



estrada de terra com um mato muito alto. – Pode parar! – Ele me olhou confuso, mas parou.

– É aqui que pretende me desovar?

– Eles vão passar direto. – Sorri do que ele tinha falado – Só ai nós seguimos em frente.

– Para onde vamos?

– Vou te levar para a Central – Minha cabeça gritava dizendo que isso não era uma boa ideia – Vai estar seguro lá. Agora troca de lugar comigo!

– Você está ferida, não pode dirigir.

– Eu sei, mas você vai amarrar esse pedaço de pano no meu ombro – Entreguei-lhe um pedaço de pano que havia arrancado do vestido – Isso vai ajudar a parar com o sangramento.

– Tem certeza? – Ele não parecia confiante.

Mesmo relutante ele trocou de lugar comigo e fez o que pedi no meu braço. Já estávamos na estrada novamente, mas agora bem mais devagar. Era uma forma de adiar o inevitável. Sabia que quando passássemos por aquela porta tudo mudaria. Tudo o que ele pensava de mim, toda a minha carreira e toda a minha vida estariam condenados.

– Então... – Ele quebrou o silêncio depois de um tempo. Eu não sei se ele estava realmente lidando com a situação ou apenas era o calor do momento e o medo de morrer que o fizeram me ajudar e ainda não estar brigando comigo – Qual o seu nome verdadeiro?

– Isso é confidencial. – Disse séria, embora eu soubesse que eu ele escutou muito bem quando Diego falou.

– Olha eu acho que você me deve muitas explicações, para dizer no mínimo. Eu dirigi um carro a quase 200km/h enquanto você atirava em pessoas, além de que você está me levando para um lugar que parece ser a base do FBI ou coisa parecia. – Ele tinha razão, ele saberia de tudo em alguns momentos, então não

custa nada me aproveitar para ter uma última conversa amigável.

- Tudo bem Alex! - Sorri - Você tem cinco perguntas, e eu vou responder sendo muito sincera. Claro que eu só vou responder o que estiver num nível permitido, então não me pergunte se Osama Bin Laden está realmente morto, porque eu não vou responder.

- Eu não ia perguntar isso - Ele riu - Qual o seu nome verdadeiro? - Insistiu na pergunta.

- Sim é Nataly. Eu sei que ouviu Diego repeti-lo algumas vezes. E eu também sei que não é o nome mais bonito, mas a minha mãe gostava desse nome e ela tinha esperanças que eu nascesse no natal para fazer jus ao nome, mas eu sou teimosa.

- Achei que agentes tinham codinomes.

- Temos nomes por missão, mas no geral somos chamados por números.

- E qual é o seu? - Ele estava se divertindo e isso era bom. Não via tanta raiva e mágoa em seus olhos agora.

- Tem certeza que quer gastar uma pergunta com um simples número?

- Isso não pode valer como uma pergunta, ainda faz parte do seu nome.

- Tudo bem - Revirei os olhos - Meu número é 003.

- Tipo 007, James Bond? - Olhei para ele séria - Tudo bem - levanta as mãos em forma de rendição - Você trabalha realmente para o FBI?

- Não. Eu trabalho para uma organização que cuida dos casos envolvendo a segurança mundial e muitas vezes por debaixo dos panos.

- Uau! E qual seria essa agência secreta?

- Isso é confidencial.

- Tudo bem. Por que eu?

- Como assim? - Olhei sem entender.

- Por que me atacar? Por que você estava lá? - Agora eu via mágoa em seus olhos novamente.

- Você é alvo de uma pessoa muito má, Alex, e essa mesma pessoa é um ex-agente maluco que só quer causar mal a todos, então eu fui enviada para te proteger.

- Então tudo não passou de uma mentira?! - Ele disse decepcionado e eu quase chorei.

- Chegamos! - Foi a única coisa que eu consegui dizer.

Assim que estacionei o carro senti olhares sobre mim e Alex. Eu estava ferrada.

- Agente? - Um dos agentes veio até mim meio receoso. - O que devo relatar?

- Relata que - Olhei para Alex que olhava tudo ao redor curioso - Leve o protegido até uma sala de interrogatório e chame a agente 002 para encontra-lo. Depois peça uma reunião emergencial com todos as sedes e diga que eu tenho pistas forte para eles, e se o chefe perguntar onde está a "fracassada", diga que eu estou na enfermaria cuidando dessa bala. - Me virei para Alex o levando um pouco para trás. - Sei que está me odiando agora, mas preciso que confie em mim uma última vez. Só fale com a agente 002 ou comigo, essa é uma missão de nível máximo, ninguém pode saber quem você é, então por favor não fale seu nome em hipótese alguma.

- Achei que aqui era um lugar seguro?!

- E é, mas no momento não posso confiar em ninguém.

- Por que? - Ele parecia compreender as coisas rapidamente.

- Vai com ele, assim que eu tirar essa bala do meu ombro eu te encontro, ok? - Ele acenou com a cabeça e seguiu com o agente.

Eu definitivamente estava com problemas, e eu não estava me referindo aos problemas que Alex na Central poria trazer.



## Capítulo 34 – Revelações

Alex

Tudo aquilo parecia ser muita loucura. Como eu poderia ser o estopim para que tanta gente morresse? Eu sempre fui uma pessoa correta. Assumi responsabilidades quando meu pai morreu, virei o homem da casa, nunca me envolvi com drogas, não bebo quase nada, sempre tirei boas notas, entrei numa boa faculdade e, também, nunca cheguei tarde em casa sem que minha mãe soubesse, mesmo quando ela estava viajando.

O que eu teria feito para precisar que uma agente secreta me vigiasse e protegesse 24 horas por dia?

Agente secreta...

Ainda custava acreditar que Lucy, quer dizer, Nataly era uma espia. Não é como quando erramos a palavra e escrevemos “a gente” junto. Tudo havia sido uma mentira.

Ainda lembro-me do primeiro dia em que ela atravessou a porta da sala da faculdade e seus olhos cor de oceano cruzaram com os meus. Lembro de todos os sorrisos e lágrimas que transbordaram em seu rosto, de todos os segredos que compartilhamos, e que agora eu sei que não passavam de invenções para ganhar minha confiança. Tudo o que eu sentia por ela, tudo que eu sinto, nunca foi correspondido, todas as suas juras de amor faziam parte de um estúpido disfarce.

No final das contas Thiago tinha razão. Eu não deveria nem ter cogitado a hipótese de casar com Lucy ou Nataly ou qualquer que fosse realmente seu nome.

- Eu ouvi dizer que a agente 003 estava numa missão de segurança nacional e que ela estragou o disfarce e ainda revelou o local da base para você. - O homem armado e vestido com uma calça e jaqueta preta escrito “S.W.A.” nas costas, que Na-

taly havia me mandado seguir, começou a falar enquanto me guiava por imensos corredores que para mim pareciam idênticos – Não é que eu esteja dizendo que ela não é uma boa agente, pois ela é a melhor, ela foi quem iniciou o projeto TEFA, ela é o protocolo TEFA, mas comentam muito sobre esse primeiro e, extremamente, grave erro e, claro, o verdadeiro motivo do mesmo. – Eu podia não ser um agente, mas eu também não era burro. Sei também que não deveria mais ouvir o que a Lucy falava, mas ainda a amava e, sinceramente, depois da cena de “Velozes e Furiosos” que eu vivi a pouco, todo mundo parecia querer me matar, então eu não abria a minha boca se não fosse com alguém que ela mandasse.

Assim que chegamos à suposta sala de interrogatório havia uma mulher de costas sentada em uma cadeira atrás da única mesa que ficava bem no centro daquela sala, rodeada por um piso cinza bem encerado. Aquele lugar era assustadoramente limpo, escuro e frio

Entrei na sala, meio receoso, e vi a porta de ferro, por onde eu havia entrado, fechar atrás de mim. Respirei fundo e dei alguns passos em direção a mesa, mas parei assim que a mulher misteriosa – Com um uniforme parecido com o do homem que me trouxera só que mais justo – se levantou e ainda de costas pronunciou as palavras que destruíram o resto do que eu acreditava ser verdade em minha vida.

– Acho que você vai querer sentar filho.

– Mamãe? – Perguntei perplexo.

Agora era oficial. A minha vida INTEIRA havia sido uma mentira.

– O que está acontecendo? – Perguntei depois de um tempo encarando a mulher que não se parecia nem um pouco com a investidora que a MINHA mãe é.

– Primeiro, você precisa se acalmar. – Ela disse como se aquilo fosse algo normal.

- Quer que eu me acalme? - Levantei o meu tom de voz - Você tem uma arma presa na sua cintura e quer que EU me acalme? - Gritei.

- Alex eu sei que isso é muito difícil para você digerir, mas eu juro que eu vou te explicar tudo.

- Explicar o que? - Olhei para ela com um sorriso cínico - Que você faltou a todas as minhas festas porque estava ocupada demais mentindo para alguém, ou que eu só sou parte de um disfarce seu?

- Não fala assim Alex, eu ainda sou sua mãe. - Ela esbraveja.

- Quem me garante? - Ela me olha aterrorizada e eu percebi o que estava falando.

- Alex, senta agora! - Ela disse tentando disfarçar sua voz embargada.

- Quem é você? - Perguntei sentando - Por que eu?

- Eu me pergunto isso todos os dias. - Ela disse com a voz embargada se sentando do meu lado - Eu nunca quis que nada de mal te acontecesse. Você é meu filho Alex. Eu não tive escolha, tinha que te proteger te manter o mais longe que eu conseguisse de toda essa mentira.

- Pelo visto não consegui, não é? - Olhei para ela - O papai sabia? - Perguntei vendo seu rosto ser tomado por uma escuridão que eu nunca vi.

- Não vamos falar dele aqui, ok? - Ela disse olhando para os cantos - Esse é um assunto proibido por aqui.

- Como assim? Por que meu pai é um assunto proibido? - Eu estava confuso.

- Vou te levar a minha sala, lá teremos mais privacidade e segurança para conversar. - Ela disse me puxando para fora daquela sala.

Eu estava em estado de choque. Não conseguia gritar mais com a minha mãe, não conseguia sentir raiva por mentir para

mim, estava neutro na situação. Sabia muito bem o que acontecia com o mocinho quando não ouvia sua mãe, e eu não vou fazer o mesmo. Se havia uma pessoa que poderia me contar toda a verdade era ela. Pelo menos era no que eu acreditava no momento.

Saímos daquela sala bizarra e entramos em um elevador que nos levava cada vez mais para baixo. Assim que ele parou descermos em um outro mundo.

Era uma sala oval, toda em marfim bem lustrado, com três portas e duas mesas altas com mulheres lindas sentadas atrás delas.

- Boa tarde senhora, a reunião irá começar em uma hora. - Uma mulher que aparentava ter seus trinta anos disse enquanto minha mãe abria uma porta que tinha seu nome gravado.

- Bem-vindo ao meu verdadeiro trabalho, Alex - Ela disse abrindo a porta para que eu entrasse.

O lugar tinha o mesmo estilo da sala oval e era incrivelmente espaçoso. Segui até uma bancada preta que havia ali e observei algumas fotos. Tinha uma foto minha com ela, outra dela com uma mulher loira, elas pareciam felizes. Em outra ela estava com um bebe e a mulher loira da outra foto com uma menininha linda em seu colo, mas a última foi que chamou a minha atenção, pois ali estava a menina e o menino com quem eu havia sonhado, eles estavam sentados, em frente a um lago, abraçados e melecados de sorvete de chocolate. Era incrível como a menina parecia a Lucy.

- Você era muito lindo quando pequeno. - Minha se postou atrás de mim - Ainda é muito lindo. Eu acho incrível como não perdeu esse brilho inocente nos olhos.

- Quem é? - Apontei para a mulher loira abraçada a ela e seu sorriso se desmanchou.



- Minha melhor amiga. Uma irmã que eu perdi há muito tempo. - Uma lágrima solitária escorreu por seu rosto - E também a mãe da Nataly - Ela disse e eu paralisei.

Olhei novamente para foto onde estavam as crianças no lago e deduzi o óbvio.

- Eu já a conhecia antes de tudo isso? - Perguntei mais para mim do que para ela.

- Sim. Eram para ter crescido juntos e longe disso, mas as coisas não ocorreram como Cláudia e eu planejamos, e então de repente eu não tinha mais o controle da situação, e vocês tiveram que se separar.

- Então a mãe dela realmente morreu?!

- Eu acho que você já cresceu o suficiente para saber e entender a verdade que eu venho adiando há anos. - Ela se dirigiu até sua mesa e se sentou em uma grande cadeira de couro preta. - Alex, você tem que saber que eu escondi isso de você porque eu queria que preservasse essa sua memória boa das pessoas. Você era apenas uma criança não iria conseguir lidar com isso - Ela chorava em meio a sua fala.

- Por que me omitir quem você é? - Tento fazer uma pergunta mais amena para começar.

- Para que não acontecesse o que aconteceu. Para que você nunca precisasse estar em perigo. Para que nunca precisasse entrar aqui.

- Parece que não deu muito certo. - Sorri meio irônico.

- Sabe, - Ela respirou fundo - quando eu conheci seu pai, eu achei que era o homem da minha vida, mas eu me iludi e acabou que a única coisa boa que saiu daquele homem foi você. - Havia rancor em sua voz.

- Por que está falando assim do meu pai? Ele era um homem bom - Diz convicto.

- Não, ele não é bom. Ele é doente - Ela chorava.

- O que você está tentando insinuar?

- Que tudo de ruim que aconteceu e que está acontecendo é culpa do homem que você insiste em chamar de pai. - Desaba a chorar e eu fico ali parado tentando digerir tudo o que acontecia.

Como assim meu pai era um homem ruim e doente?

E por que ela insistia em falar dele no presente?

- Eu não entendo. - Depois de um tempo tentando responder as perguntas mentalmente, digo.

- Eu tenho medo do que você vai ser de agora em diante. Por que a verdade é dura e muda as pessoas. Mudou a Nataly.

- Quem vai decidir isso sou eu mãe. Eu preciso saber o que todo mundo esconde de mim.

- Seu pai. - Ela respirou fundo - Ele não está morto.

- Como é? - Minha cabeça começou a girar, eu estava saindo de mim ali.

Meu pai está vivo.

- Ele estava ficando maluco com alguma coisa e a Cláudia começou a investigar sozinha, para que eu não sofresse e muito menos o Antony. E então um dia ela decidiu segui-lo e deixou a Nataly comigo, mas você estava com febre e eu fiquei tão atordoada que nem percebi quando a pequena Nataly correu até o carro da mãe e se escondeu por lá.

- Foi quando ela morreu? - Pergunto lembrando-me de quando Nataly havia me dito que presenciou a morte da mãe.

- A Cláudia não viu a Naty no carro e então ela seguiu o Maurício até um terreno enorme e deserto e quando ela foi descer viu que sua filha estava lá escondida, então ela lhe entregou o celular e disse que era para ligar para mim caso ela não voltasse para o carro e que era para estar em silêncio o tempo todo.

- Você está dizendo que meu pai matou a mãe da Nataly? - Eu queria que ela dissesse que não.

- Ele a esquartejou viva Alex, e depois voltou para a Central como se nada tivesse acontecido. - Ela chorava de soluçar e eu tinha um nó preso em minha garganta.

- Não! - Eu me recusava a acreditar - Ele era um bom homem!

- Nunca foi. Não foi à toa que o seu avô paterno deu a liderança da agência para o pai da Nataly, que era o melhor amigo do Maurício. Ele sabia que o Maurício não era estável, ele é muito ambicioso e egoísta.

- E onde ele está agora? - Eu sentia dor e nojo ao mesmo tempo.

Quantas vezes eu quis que meu pai estivesse ali comigo?

- Ele fugiu, - Ela disse se levantando - desde então Antony e eu dedicamos cada dia de nossas vidas para encontrar e prender esse homem que arruinou a vida de duas famílias e uma agência poderosa no mundo inteiro.

- Mas se tem tanto tempo, por que a proteção só agora? - Perguntei me referindo a Nataly.

- Pois ele apareceu e supostamente teria um informante próximo de você, então designamos nossa melhor agente em todos os quesitos para te proteger e encontrar o informante.

- Seis meses é muito tempo para encontrar uma pessoa. - Falei magoado.

- Nataly foi treinada desde a morte da mãe para ser a melhor agente que esse lugar já viu, ela foi a primeira a ser treinada para não ter uma vida, não ter sentimentos, ter apenas personagens. - Ela sorriu e eu senti meu coração apertar - Mas sendo bem sincera com você acho que o protocolo TEFA é o maior fracasso.

- Então isso é o protocolo TEFA? - Ela me encarou - Ouvi um agente dizer algo sobre.

- O protocolo TEFA pega crianças que tenham perdido seus pais e não tenham mais ninguém e as transformam em agentes robôs.

- E por que acha que é um fracasso? - Eu consegui ver o robô que a Nataly é.

- Porque quando você prende essas crianças e as privam de ver o mundo essa vontade não some, ela apenas se oculta e costuma ressurgir quando ela tem uma missão tão difícil, como a de viver e conviver com jovens de suas idades.

- O que você está tentando dizer? - Minha mãe sempre filosofa demais.

- Eu estou te dizendo que você ensinou a Nataly como viver, como conviver e, principalmente, como amar.

- Não se iluda, - Dou um sorriso fraco - Ela só estava vivendo seu disfarce. Não gosta de mim de verdade, ela só se aproveitou de mim.

- Ela queria aceitar, sabia? - Diz mudando de assunto me deixando sem entender nada - Eu não deixei, mas no fundo ela só queria te dizer sim essa noite. - O pedido!

- Ela queria? - Sorri.

- Alex, o único motivo para ela estar com você é porque gosta de você. Ninguém pediu para ela te seduzir e nem uma outra coisa. Seis meses foi tempo que ela viveu de verdade, e claro, te protegeu.

- Acha mesmo que ela gosta de mim? - Ela acena com a cabeça - Mas e o disfarce?

- Ela levou um tiro por você, arriscou a vida e o emprego dela para te manter vivo. Ela agiu como uma jovem inconsequente. Ela poderia ter simplesmente te dopado e te levado para um lugar seguro, mas ao invés disso ela te contou a verdade. Pense nisso. Não dá para ocultar os sentimentos.

- Continuo sendo filho do assassino da mãe dela. - Eu não queria piorar a situação, mas não conseguia entrar na minha cabeça que ela gostava de mim de verdade. Estava doendo demais.

- Não escolhemos quem amamos. - Ela se levantou indo até a porta - E a Nataly, melhor do que ninguém, sabe que não somos nossos pais.



## Capítulo 35 – Nada está bem

Nataly

Minha cabeça estava a mil e eu não parava de pensar no que iria acontecer comigo depois da minha atitude totalmente inadequada. Eu havia passado dos limites e, definitivamente, haveria consequências e o meu único medo era que essas consequências envolvessem me afastar de Alex. Sim, eu ainda tinha esperanças de que ele me perdoasse. E eu estava decidida a dizer a verdade para ele, para mim e para todo mundo que quisesse interferir.

Eu amo o Alex, e ninguém pode mudar isso, nem ao menos eu.

- Isso vai demorar? - Perguntei impaciente para a enfermeira que fazia um curativo em meu braço.

- Você acabou de levar um tiro e precisa de repouso. - Ela disse olhando minha ficha - Eu te aconselho a deixar o seu caso por um tempo, não importa o quão ele seja importante, sua saúde é mais, principalmente neste momento.

- Não seria o primeiro tiro que eu levo, não se preocupe. - Sorri, mas ela me olhou aflita - O que há de errado? - Perguntei desconfiada.

- Eu coletei um pouco de sangue para checar se estava tudo bem com você, como de costume, e encontrei uma alteração em seus hormônios. - Ela me olhava meio nervosa - Então eu decidi fazer o exame Beta HCG para descartar todas as minhas suspeitas - Ela estava a ponto de esmagar sua prancheta -, porém ele confirmou a sua alteração de hormônios ganadotrofina coriônica humana.

- E isso significa? - Pergunto impaciente.

- Significa que você....

- Nataly eles chegaram. - Diego entrou na sala da ala hospitalar da Central com uma cara pálida interrompendo a enfermeira e roubando minha total atenção - E o chefe está conversando com o protegido. - Ai Deus.

- O que ele quer com Alex? - Perguntei ofegante e a enfermeira encarou-me assustada, e só aí percebi que havia citado o nome do filho da chefe com um ex agente terrorista. - Se abrir sua boca sobre a identidade dele, você está morta. - Encareia com um olhar furioso.

- Sim senhora, não se preocupe, eu não ouvi nada. - Ela disse olhando para sua prancheta - Mas ainda acho que a senhora deveria dar uma olhada em seus exames.

- Tudo bem! - Concordei pegando os papéis de sua mão - Mais tarde eu vejo. - Saio com um sorriso forçado no rosto deixando a enfermeira meio pálida em sua sala.

E ela ainda insiste que eu é que deveria ficar em repouso?

Assim que sai da sala alguns agentes me encaravam curiosos e eu apenas engoli em seco e segui para o último andar onde se localizava a sala de reuniões com a cúpula.

- Tenta tomar mais cuidado. - Diego começa quando a porta do elevador se fecha - Não pode se mostrar mais inconsequente ou envolvida emocionalmente do que já está. Seja imparcial, ou eles não irão ouvi-la.

- Eu sou a mesma Nataly de sempre. - Tentei acreditar nas minhas palavras.

- Não Naty, você está agindo por impulso, com a cabeça quente. Lembra que aqui você é uma agente, e todos naquela sala estarão querendo comer seu fígado, e isso inclui a Katia e o seu pai.

Digerei as palavras de Diego enquanto chegava a sala de reuniões, agora sozinha no elevador.

Assim que as portas do elevador se abriram encarei aquela sala oval e corri meus olhos por ela. Dirigi meu olhar por todas



as três portas que havia ali e estacionei meus olhos na figura abatida, perdido em seus pensamentos e com um olhar cheio de raiva parada na frente de uma das portas.

Olhei para ele na esperança de que me visse e me escutasse, mas antes que eu pudesse abrir minha boca Antony apareceu ao seu lado, e vi uma raiva crescer, ainda mais, quando Antony falou meu nome fazendo-o perceber minha presença na sala.

- Aguarde-me na sala de reunião junto aos outros - Antony disse passando por mim e acompanhando Alex até o elevador.

- Sim senhor! - Digo abaixando a cabeça na intenção de desviar do olhar furioso e magoado que Alex depositava em mim.

Entre na única sala de reuniões do andar recebendo o olhar de todos. Alguns desinteressados, outros de desdém. Porém o que me chamou atenção foi o olhar preocupado e doloroso que Katia carregava.

- Acho que podemos começar a reunião. - Antony entra logo após fechando a porta atrás de si. - Sentem-se!

- Estamos aqui por uma convocação da terceira em comando da Central - Ouço o presidente dizer levantando-se e ajeitando seu terno impecável - Com a palavra a Agente 003, Nataly Walter. - Ele volta ao seu lugar e me levanto meio receosa analisando cada rosto ao redor daquela mesa.

- Eu convoquei essa reunião para declarar a respeito da minha suposta falha, - Tomei coragem - e para dizer que eu tenho a localização da informante de Maurício. - Vi burburinho se instalar no ambiente antes totalmente silencioso. Agora as coisas iriam ficar interessante - Sei que uma falha minha foi relatada, mas a verdade é que tudo não passou de uma armação de Maurício - Eu sabia que eram informações precipitadas e sem averiguação, mas eu não tinha mais dúvidas do que estava a ocorrer ali.

- Está declarando oficialmente que acredita que o fato de ter destruído um disfarce de mais de quatro meses e revelar a locali-

zação da Base principal para um protegido foi um ato planejado pelo próprio Maurício?

- Sim. - Respiro fundo ouvindo algumas controvérsias. Sabia que iria ser difícil fazê-los acreditar em mim - A comunicação do meu carro foi hackeada e bloqueada. A única rota existente no meu GPS era a que me trazia até aqui. Além, é claro, de todos os homens que me seguiam e se encontravam em locais estratégicos me impedindo de ir a qualquer outro lugar que não fosse a entrada da Central. Eles sabiam o que estavam fazendo, não estavam tentando nos matar e sim nos trazer até aqui.

- Agora está insinuando que ele queria que trouxesse o protegido até a Base para que Alex soubesse de tudo? - O chefe de Portugal diz meio desacreditado. - Não faz sentido.

- Eu sei, também não entendi o porquê disso, mas o que eu estou tentando dizer é que a informante de Maurício tinha informações demais. Não havia como saber do local ou da formação de agentes que usamos ou se quer das táticas de fuga.

- Essa é a função dela. Saber das coisas. - Um deles sorri com desprezo.

- Sim, mas acontece que Alex não havia falado com ninguém sobre o jantar e nós tivemos o cuidado de trocar o nome da reserva para que ninguém soubesse.

- O que está tentando dizer, Agente? - Antony pergunta impaciente.

- Que o informante não poderia estar infiltrado na vida de Alex. - Respiro fundo novamente - O informante teria de estar infiltrado aqui dentro da Central.

Sabe quando você joga a merda no ventilador e assiste de camarote ela se espalhar por todo lugar? Eu estava passando por isso agora.

A acusação era grave, mas havia coisas que não tinham explicações se não fossem levadas por esse lado. Havia coisas que não teria como saber se não estivesse dentro da S.W.A.

- Suas acusações são muito graves. - O presidente se levanta tentando acalmar todos - Há alguma prova mais circunstancial para ser analisada?

- Na verdade, não. - Ouço algumas risadas - Mas a lista de suspeitos não é grande, se você levar em conta que até a mesa - No caso todos os velhos a minha frente - não sabia do jantar de hoje.

- Sabemos que você quer pegar este homem tanto quanto qualquer um aqui, e que pegar esse caso é uma coisa que você almeja desde a morte da sua mãe. Mas eu acredito que isso está interferindo em suas ações e tornando esta missão pessoal demais para você. - Um dos agentes, não consigo identificar qual, indaga - Então, eu e outros sentados nesta mesa, analisamos seus relatórios, inconsistentes devo dizer, e suas atitudes nesses últimos dias e pedimos que esta missão seja transferida a outro agente por envolvimento emocional da atual líder de missão.

- O que? - Olhei assustada e pela primeira vez eu me senti pequena e indefesa diante de todos ali.

- Na verdade eu concordo. - Ouço Katia falar pela primeira vez - Acredito que está envolvida emocionalmente para trabalhar em campo e principalmente numa missão que exige que exista uma protetora. - Sabia que ela estava magoada, mas me tirar a missão que treinei a minha vida toda para pegar, era o pior castigo que ela poderia me dar. - Não acredito que tirar a missão seja o correto, ela está pronta para enfrentar isso, mas conviver num disfarce e proteger a outros é perigoso demais quando, também, se é um alvo.

- Não estou envolvida emocionalmente - Insisto. - E não estou louca ao dizer que a informante está entre nós nesta agência. Minhas acusações têm fundos, basta procurá-los.

- Analisaremos com atenção todos os detalhes após o relatório ser entregue - Ouço Antony falar - E a missão ainda continua sob sua liderança, pelo menos até analisarmos todos os de-

talhes. Mas desde já está proibida de ir a campo ou se aproximar de Alex Bernoulli. Um novo agente escolhido pelos líderes será encarregado de sua proteção, claro que será um subordinado a você e lhe reportará todos os movimentos, mas não terá qualquer tipo de contato com o protegido.

Ouvir aquilo doeu, doeu mais do imaginei, que doeria. Ficar longe de Alex era como ser proibida de respirar. Definitivamente eu não estou bem.

## Capítulo 36 – Grávida?

Alex

Eu andava de um lado para o outro sozinho naquela sala. Há pouco minha mãe havia saído para uma reunião e me deixado ali imerso em meus pensamentos.

Não sabia mais em que pensar. Meu pai era um assassino, minha mãe uma agente secreta e a minha namorada um robô com sede de vingança.

Tudo que eu havia construído na vida era uma mentira, e isso definitivamente estava acabando comigo.

- Alex? - Uma voz masculina surge na porta me fazendo dar um pulo.

- Quem é você? - Disse assustado. Eu tinha medo de qualquer um neste momento.

- Sou o Agente Antony Walter, - Walter? - o líder da corporação.

- O que você quer? - Fui um pouco grosso.

- Conversar. - Ele disse - Sei que você está desconfiado, e sei que sua mãe contou sobre algumas coisas sob a perspectiva dela, mas eu gostaria de te mostrar algo que pode responder uma das perguntas que pairam nessa cabecinha agora. - Ele sorriu e eu realmente senti medo.

- Tudo bem. - digo relutante - Pode falar!

- Para começar preciso que venha até a minha sala. - Diz saindo.

Eu não sabia se deveria segui-lo, mas eu o fiz. Segui até o outro lado daquela sala oval, onde havia outra secretária sentada na frente de uma porta com o nome dele.

- Senhor? - A secretária interrompe seus passos - Os líderes já chegaram e estão aguardando para começar a reunião.

- Convoque a agente 003 para a reunião e aguarde minha ordem para começar. - Entra em uma sala e eu apenas continuo seguindo.

- O que você quer me mostrar? - Disse analisando sua sala que tinha um "que" de sombrio.

- Sente-se! - Ele vai até um notebook que estava em cima da mesa e dá play em um vídeo. - Só estou aqui para te mostrar a verdade. - Ele disse e me viro para a tela paralisando.

"- O que eles estão querendo dizer - Antony diz -, é que você anda tendo relações pessoais com o protegido.

- Do que exatamente estão falando? - Vejo Nataly pronunciar.

- Vocês foram pegos por nossa equipe várias vezes se beijando - Um homem coloca algumas fotos minhas com Nataly em cima da mesa de frente para a mesma.

- Por que andam me espionando? - Ela questiona nervosa.

- Não muda de assunto. - Um homem esbraveja.

- Ok, eu posso explicar.

- E vai, porque isso é contra as normas.

- Bem, Alex começou a se interessar por mim, e eu não tive escolha. - Começou - Além do que é bem mais fácil para ficar perto dele quase o tempo todo, já que está sempre me mandando mensagens e essas coisas - Escorou na mesa.

- Então está me dizendo que o relacionamento de vocês não passa de trabalho? - Antony pergunta.

- Sim, o único fato de eu estar com Alex é para o bem da sua proteção e das investigações. Não gosto dele se é isso que estão pensando em insinuar. Ele é apenas o meu trabalho."

O vídeo mostrava Nataly, respondendo algumas perguntas para ele. Eu não sabia nem o que dizer. Cada palavra dita por

ela me matava um pouco mais. E a frase “Ele é apenas o meu trabalho” se repetia na minha cabeça enquanto eu via tudo desmoronar. Nataly nunca me quis, ela enganou a mim, aos meus amigos e até mesmo a minha mãe.

Uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto.

- Por que está me mostrando isso? - Perguntei com a voz embargada.

- Nataly é uma das minhas agentes, por isso não quero que se iluda achando que ela realmente sentiu algo por você. Tudo sempre foi um trabalho para ela. Ela é fria, calculista e sem sentimentos. Foi treinada para isso. Ela perdeu o controle da situação, mas não porque te amava e sim porque levou essa perseguição ao assassino da mãe dela muito longe. - Despejou em mim sem dó nem piedade - No fundo você é apenas o filho do assassino da mãe dela.

Eu não sabia mais em que acreditar. Minha mãe disse que ela me amava, mas eu duvido. Um vídeo vale muito mais que palavras ditas. Ela era a mestre da mentira. Sem coração. Por que mentir dessa forma para uma pessoa? Eu ia pedi-la em casamento. Eu sou muito burro mesmo!

- Eu não a quero mais como minha protetora. - Engulo todo o choro - Eu a quero longe de mim. - Não deixaria mais ela me machucar.

Depois que saí da sala de Antony e esbarrei em Nataly segui para uma biblioteca, onde Antony disse que uma mulher viria para me mostrar o lugar e tudo mais.

O lugar era enorme. Devia ter livros de todos os autores vivos e mortos ali. Um deles me chamou atenção pela capa estranha e o tamanho. Era como um livro de bolso e tinha uma capa meio acinzentada e rustica com o símbolo estranho que estava na logo da agência e nos colares pendurados nos pescoços dos agentes. O nome do livro era escrito num vermelho sangue e sua letra parecia ser escrita com um dedo. O nome “Top Se-

cret” chamou a minha atenção, mas antes que eu pudesse pegá-lo para ler, uma morena baixinha parou a uns dois metros de mim, me assustando e fazendo com que eu empurrasse o livro mais para o fundo da prateleira.

- Olá Alex! - Ela sorri para mim transmitindo confiança.

- Quem é você? - Pergunto virando-me para ela.

- Meu nome é Elisabeth, e eu sou a secretária da Agente Nataly Walter. - Recuei um pouco.

- Não foi ela que me mandou aqui. - Ela tratou de consertar o que havia dito - O Agente 001, Antony Walter, me mandou para te mostrar o lugar e te distrair enquanto sua mãe está na reunião com os líderes. Essas reuniões costumam demorar muito. - Ela sorriu.

- Ah, claro! - Sorri de volta - Prazer.

Saímos da biblioteca e nos dirigimos para alguns andares acima. Ela me explicava sobre tudo enquanto passávamos por alguns lugares específicos nos andares. Todos nos olhavam se perguntando por que estava tendo um tour como em um passeio escolar.

- Esse aqui é o nosso memorial - Ela disse parando próximo a um mural onde tinham placas de muitos agentes mortos. Dois deles me chamaram a atenção. Um com sobrenome Walter e outro Bernoulli. - Esses eram a Agente Cláudia Walter, esposa do atual líder, e seu avô Joseph Bernoulli.

- O fundador?

- Não. - Ela sorriu - Não sei bem ao certo quem fundou a agência, mas isso aconteceu bem longe daqui e bem antes de passar a agência para a linhagem italiana imigrante Bernoulli.

- O que realmente vocês fazem aqui? Mexem com coisas de extraterrestres?

- Isso é trabalho para a área 51. E particularmente eu apenas anoto os recados na agenda.



- OK. - Ri - Eu estou falando sério, o que fazem aqui?

- Bom a S.W.A. é uma agência que trata da aliança entre diversos países, no quesito segurança mundial. É um tipo aliança que apenas os líderes dos países envolvidos sabem. Tratamos de resolver coisas que possam acarretar na desestabilização desses países, e fazemos isso secretamente. Assim numa investigação nossa, os bandidos não sabem quem os estão vigiando e nem a sociedade fica apavorada com repercussões de casos que venham a ser expostos. Trabalhamos nas sombras contra o mal e também ficamos de olho nos países que não estejam dentro dessa aliança. Atualmente somos sete países em acordo. EUA, Canadá, Portugal, França, Inglaterra, Austrália e, o principal, Brasil.

Nataly

Eu não estava acreditando no que estava acontecendo. Minha vida estava totalmente de cabeça para baixo.

A minha equipe acha que eu sou louca, os meus superiores também.

Maurício estava conseguindo exatamente o que queria. Eu estava perdendo a minha credibilidade aqui dentro e por ventura perderia a missão que eu quero desde que eu entrei para o protocolo TEFA. Alex agora sabia de tudo. E todos estavam protegidos. Qual seria seu próximo passo?

Sai da sala de reuniões tentando controlar minha raiva e segui para a minha sala. Elisabeth, mais uma vez não estava em seu posto, mas eu não liguei, apenas fui para minha sala batendo a porta com toda força possível, tirando meus sapatos logo em seguida. Joguei o envelope que a enfermeira havia me entregado no sofá e me joguei por cima do tapete que havia no meio da sala.

- Naty? - Ouço Diego me chamar e acordo meio desnorteada - Você sumiu a noite toda, não foi comer e a Elisabeth diz que não te vê desde antes da reunião. Estava preocupado.

- Oi! - Me levantei do chão tentando me localizar - Acho que apaguei aqui.

- O que resolveu na reunião? - Ele perguntou me ajudando a levantar do chão.

- Resolveu que eu não perdi a missão, mas em contrapartida eles acham que eu sou louca e eu não sou mais a protetora de Alex e não posso mais manter contato com ele ou sair em campo nesta missão. - Respondi indo até a minha mesa. - Estou de castigo.

- Caramba! - Ele disse se sentando na cadeira a minha frente.

- Eu estou perdida. - Abaixei a cabeça meio chorosa. - Não posso ficar longe dele.

- Às vezes é até bom você manter distância dele. Você está agindo muito por impulso, talvez se afastar seja uma boa ideia. Vão ver que você é forte e que não está perdendo a cabeça por causa do Maurício.

- Não se trata do Maurício, Diego. - Digo levantando minha cabeça e olhando em seus olhos - Trata-se de Alex, e do amor que eu sinto por ele. - Uma lágrima desceu pelo meu rosto - Não sei se consigo me manter longe dele, porque eu não sei mais como é que se faz isso.

- Você ainda tem uma chance. - Diego disse depois de alguns minutos de silêncio.

- Como assim?

- Naty, Alex te ama também. - Disse se levantando - Vai atrás dele e se explica, diz o que sente, e diz o que está sendo obrigada a fazer. Eu tenho certeza de que ele vai te ouvir, te entender e topa qualquer maluquice que você proponha. - Sorriu.

- Você acha? - Perguntei meio receosa.
- Por que complicar as coisas, quando podem ser tão simples? - Perguntou retoricamente.
- E se ele estiver com raiva? E se não quiser me ouvir?
- Ele vai! Ele quer respostas que só você pode dar a ele. - Diz indo se sentar no sofá
- Tem razão! Eu vou lá agora. - Levanto determinada. - Até porque se eu não for agora eu não vou nunca mais. - Calço minhas botas.
- Que envelope é esse? - Diz segurando o envelope que a enfermeira havia me dado.
- Nada demais. Só um exame de sangue que a enfermeira insistiu que eu desse uma olhada.
- Posso abrir? - Pergunta quando chego ao banheiro para arrumar o cabelo.
- Fica à vontade.
- Oh merda! - Ouço Diego gritar depois de dois minutos em silêncio.
- O que foi? - Pergunto saindo do banheiro e encontrando Diego, branco igual a uma parede. - O que está escrito aí? - Começo a me desesperar vendo que está com o exame aberto em mãos.
- Naty você tem certeza do que está escrito aqui?
- Como assim certeza? Eu nem sei o que diz aí. - Falo pegando os papéis de sua mão, mesmo assim não entendendo nada.
- Que merda está escrito aqui? Que tipo de exame é esse? Você está com a mesma cara que a enfermeira fez para mim.
- Naty... - Ele respirou fundo - Você está...
- Estou o que? - Gritei irritada.
- Grávida. - Ele disse soltando todo o ar que tinha preso em seus pulmões num sussurro - Naty você está grávida.

- O que? - Vi o mundo perder a cor, girar e apagar logo em seguida.

## Capítulo 37 – Fugir

Nataly

Acordei sem saber onde estava. Olhei para o lado e vi Diego sentado numa poltrona com as mãos no rosto e uma enfermeira medindo minha pressão.

- O que aconteceu?

- Nataly? - Digo tira as mãos do rosto surpreso - Está se sentindo bem? Meu Deus, você me deu um baita susto.

- O que aconteceu? - Repeti a pergunta tentando me localizar - Onde eu estou?

- Você desmaiou e não queria acordar de forma alguma, então entrei em desespero e te trouxe para a ala hospitalar. - Ele me olhou no fundo dos olhos - Achei que pudesse ter algo errado com o bebê.

Bebê?

Um turbilhão de coisas invadiu a minha mente, e entre eles estava o motivo pelo qual eu havia desmaiado. Eu estava grávida. Grávida de um filho de Alex no meio de uma guerra, onde eu era o robô sem sentimentos.

Como eu deixei isso acontecer?

Sempre fui tão focada e calculista, há seis meses eu era apenas a agente Nataly Walter, o prodígio do protocolo TEFA e uma das melhores agentes que essa organização já vira. E agora eu era apenas uma garota confusa, apaixonada e grávida.

- Meu deus! - Minha ficha começa a cair junto com um mar de lágrimas - Eu estou grávida.

- Naty, se acalma. - Diego pega na minha mão sentando ao meu lado na cama.

- Não faz bem para o seu bebê e nem para você esse estresse todo. - A enfermeira, que eu já havia esquecido que estava aqui, diz - Tenta se acalmar, pelo menos até o resultado dos seus exames estarem prontos e temos certeza de que está tudo bem com você e o bebê. - Sorriu.

- O que ela está fazendo aqui? - Me exaltei.

- Calma Nataly. - Diego disse me fazendo deitar na cama novamente - Eu precisava que você que fosse examinada por um médico de verdade, eu sou apenas um cientista. - Ele se levantou - E ela era a única aqui que sabia da gravidez, então não achei que haveria problemas se eu pedisse a ajuda dela.

- Primeira coisa, - Me sentei na cama - não fale sobre isso em voz alta. Não quero que alguém escute e tire suas conclusões e espalhe por aí. Segunda coisa, - Olhei para a enfermeira - é claro que tem problemas alguém além de você ou eu saber sobre isso. Antony não pode nem sonhar com uma coisa dessas, senão eu vou ser suspensa e retirada da missão. Então vou deixar bem claro para vocês dois, - Me levantei com um pouco de dificuldade - ninguém deve saber sobre essa gravidez, sob nenhuma circunstância. - Olhei para os dois com os olhos marejados - Até porque ela nem devia existir para começo. Saio em disparada na direção do meu quarto.

- Naty! - Diego diz entrando no meu quarto atrás de mim. - Não pode fugir assim. Não se trata mais só de você e da sua dor estúpida. Tem uma criança em jogo. É uma vida Nataly. - Ele estava irritado comigo desde que havíamos saído da ala hospitalar.

Eu estava assustada com tudo que havia acontecido e não queria realmente que isso estivesse acontecendo comigo. E quando citei ao acaso aborto na conversa, Diego surtou. Ele veio com todo um papo de moral e não parava de falar desde então.

- Eu sei que é uma vida. Eu realmente tô pensando nela.

- Está pensando nela?! - Ele disse abismado - Você quer matá-la. Acha que isso é algo que se faz quando está se pensando em uma criança?

- Eu não quero que ela venha ao mundo para morrer. - Gritei com o choro engasgado. Malditos hormônios - Estamos no meio de uma guerra. E estamos perdendo. Não quero que essa criança sofra ou pior, - Me sentei tentando acalmar minha voz tremula - se torne uma pessoa como eu. - Diminui meu tom para quase um sussurro, me entregando de vez ao choro.

- Naty. - Vejo uma lágrima escorrer pelo rosto de Diego enquanto ele caminha até a mim. - Você é incrível, não fale como se você fosse um monstro.

- Eu mato pessoas. - Olhei para ele - Não quero que ela tenha o mesmo futuro que o meu. Ela merece ter coisas melhores - Me levantei - Eu vi como é do outro lado. Eu quero que ela sinta isso. Eu quero que essa criança tenha o direito de ir a faculdade e trabalhar para comprar o próprio carro. Quero que ela seja normal.

- E ela pode. - Diego sorriu confiante.

- Se ela ficar aqui, nunca terá essa opção. E se ela não ficar aqui Mauricio vai encontrá-la e matá-la. Isso não é vida - disse me jogando no chão.

- Por isso vamos encontrar esse desgraçado e matá-lo e logo depois você simplesmente vai embora viver a sua vida.

- Está falando que eu devia me aposentar? - Olhei estranho para ele.

- Exato! - Ele sorriu - Você viu como é do outro lado e gostou. Você tem a chance de viver como uma pessoa normal e ter uma família.

- Acha que isso aqui é como brincar de casinha? - Ele estava louco.

- Não! - Me olhou - Isso é bem melhor do que brincar de casinha. Vai ser difícil, mas nunca vi você conquistar nada que fosse fácil.

- Isso é uma idealização impossível.

- Se você estiver sozinha, talvez. - Sorriu sugestivo.

- O que você quer dizer com isso?

- Para você conseguir tudo isso, primeiro tem que contar a verdade para Alex. - Respirou fundo - Tem que dizer a ele que está grávida.

Alex

Acordei no dia seguinte meio confuso e demorei alguns segundos para associar tudo que estava acontecendo e onde eu estava agora. Toda dor que eu senti até pegar no sono na noite anterior veio à tona e eu me senti totalmente desolado.

Olhei ao redor procurando algo para que eu me distraísse. O quarto não tinha nada de interessante, era tão apagado como todas as salas de interrogatório deste lugar. Levantei indo até o banheiro para tomar um banho. Por incrível que pareça tinha uma mala de roupas e objetos pessoais meus próximos a um guarda-roupa.

Assim que terminei de me arrumar ouço uma batida na porta, e esperando que fosse minha mãe eu abro sem nem ao menos perguntar quem é.

- Bom dia! - Vejo ela sorrir.

- Oi Elisabeth. - Sorriu de volta. Os olhos dela eram lindos e o sorriso incrível, mas não tinham a mesma magia e inocência do sorriso de Nataly.

- Bom, eu vim te chamar para tomar café comigo, já que a nossa cantina costuma ser um pouco assustadora com tantos agentes querendo saber quem você é.



- Eu não sei. - Mordi o lábio meio indeciso - Eu devia ficar aqui até a minha mãe voltar, então...

- Mas sua mãe saiu para resolver algumas coisas, então eu pensei que você não quisesse morrer de fome aqui, sozinho. - Ela parecia ser uma boa pessoa e era tão prestativa que eu acabei aceitando.

Elizabeth era uma pessoa muito gentil. Ela me contou coisas sobre a agência e não parecia mentir em momento algum, além de me mostrar o que realmente Nataly era. Tinha pena dela por ter que trabalhar para uma pessoa tão abusiva como Nataly. Ainda doía saber quem realmente era a garota por quem me apaixonei, mas era bom começar a me desiludir logo, pois assim que saísse daqui e meu pai fosse pego tudo iria voltar ao normal. Nataly não existirá mais na minha vida e eu voltarei a ser o garoto recluso, tímido e com problemas normais.

- Está tudo bem Alex? - Elisabeth perguntou-me. Parando de comer - Está tão distante. - Sorri.

- Desculpa! - Pedi - Eu só estava pensando. - Sorri colocando mais uma torrada na boca para não ter que falar mais.

- Eu sei que é muito difícil para você toda essa história, mas não precisa guardar tudo para você. Às vezes, é bom descarregar a dor em alguma coisa.

- Sabe, - Respirei fundo - às vezes acho que vou explodir a qualquer momento, com qualquer pessoa.

- Eu conheço um lugar ótimo para extravasar. - Ela disse animada - E ele está vazio depois do almoço. - Sorriu. Ela adorava sorrir.

- Bom, não me parece uma má ideia. - Dei meu primeiro sorriso verdadeiro do dia. - E eu posso saber que lugar é esse?

- Não! - Ela disse se levantando - Vai ter que esperar para descobrir, mas eu peço que use uma roupa confortável e um tênis.

- Beleza! - Sorri seguindo-a para fora da cantina.

- Sabe o que podemos fazer agora? - Ela disse muito empolgada.

- Não! - Ri de seus saltos.

- Sala de jogos.

- Vocês têm uma sala de jogos aqui?

- Acha que passamos nosso tempo livre como?

- Não sei, achei que vocês ... - Fui interrompido por um esbarrão - Desculpa - Levantei o olhar para ver em quem eu tinha esbarrado. Ela estava de óculos escuro, uniforme e uma arma na cintura, mas parecia muito frágil por detrás de tudo aquilo.

- Alex? - Nataly sussurrou.

- O que você quer? - Digo grosso vendo Elisabeth recuar.

- Posso falar com você? - Olhou para Elisabeth confusa - A sós.

- Não! - Por mais que meu coração dissesse sim, eu não podia deixar ele me controlar. Ela era uma pessoa ruim, em todos os sentidos.

- Alex eu não estou brincando. - Ela tirou os óculos escuros mostrando o desespero no olhar - Eu realmente preciso te falar uma coisa.

- Eu não estou nem aí Nataly, ou seja, lá qual for teu nome. - Eu disse alto suficiente para que todos no corredor parassem o que estava fazendo e observassem-nos - O que você tem para dizer, guarde para você mesma. Eu nunca mais quero ouvir sua voz de novo. Eu tenho nojo de você, você é um monstro sem coração. O que você fez e o que você faz é inadmissível. Não chega mais perto de mim. - Explodi vendo uma multidão parada nos encarando.

- Alex... - Ela disse e pude ver seus olhos marejados - Não fala isso. Eu preciso te dizer que...

- Me dizer o que? - Gritei - Mais mentiras? Porque essa é a única coisa que você sabe dizer. Você foi treinada para isso, não foi? - Sorri sarcasticamente diminuindo o volume - Eu cansei de te ouvir, eu cansei de acreditar em você e, principalmente, eu cansei de te amar. Pra mim já deu. - Disse puxando Elisabeth corredor a dentro sem olhar para trás.

A minha vontade era de parar e chorar, mas eu sabia que se eu fizesse isso eu iria voltar e juntar os cacos de Nataly que deixei espalhado pelo corredor.

Nataly

Estava parada ali vendo-o ir embora de mãos dadas com a minha secretária. Eu queria chorar, eu queria gritar e, principalmente, eu queria bater em cada um que agora me encarava sem entender nada.

Eu era uma Agente respeitada e no momento eu havia sido humilhada por um civil comum, e não havia feito nada. Eu não tinha forças para fazer nada. Estava totalmente acabada. Havia chorado a noite inteira e agora estava totalmente em pedaços. Eu só queria que ele me ouvisse.

Ouvir tudo aquilo de Alex me destruiu por completo. Eu estava grávida e o pai da criança agora me odiava. Eu me sentia desnordeada naquele corredor. Até um cheiro de comida invadir o lugar e me deixar muito enjoada.

- A senhora está bem? - Ouço alguém falar enquanto se aproxima devagar.

- Sim! - Disse e sai correndo para o banheiro mais próximo.

- Nataly? - Diego invadiu minha sala desesperado.

- O que? - Levantei minha cabeça mostrando um rosto totalmente inchado e totalmente molhado pelas minhas lágrimas.

- Eu soube. - Ele se aproximou - Eu sinto muito. - Sussurrou - Eu não sabia que Alex era capaz de uma coisa dessas.

- Muito menos eu. - Chorei.

- Vem cá! - Diz me levantando e me abraçando. - O que você vai fazer pequena?

- Eu não sei. - Me desvencilhei de seu abraço indo em direção ao sofá.

- Você tem que contar para ele. - Disse me seguindo - Mesmo depois de tudo isso, ele ainda tem o direito de saber o que está acontecendo.

- Não! - Gritei - Ele não vai saber. - Dizer isso em voz alta doía mais do que eu poderia imaginar - Ele não quer me ver nem pintada de ouro, e eu vou respeitar isso.

- E o que pretende fazer? - Ele estava preocupado.

- Seguir seu conselho - Tentei acalmar minha voz - Assim que encontrarmos Maurício e prendermos ele, eu vou pedir demissão e vou embora, - Respirei segurando o choro que estava entalado na minha garganta - para sempre. Vou seguir minha vida com essa criança e sem o Alex. - Não aguento e começo a chorar novamente deitada em seu colo.

## Capítulo 38 – Lucy

Alex

– Tenta entender filho. – Minha mãe anda de um lado para outro tentando me convencer.

Já havia se passado uma semana desde o dia em que eu iria pedir Lucy em casamento e tudo fracassou. Eu ainda estava confinado na agência sem contato algum com o mundo exterior. Meus amigos provavelmente devem ter achado que morri, já que nem o celular eu posso usar por aqui.

Nessa semana eu aprendi muito sobre as pessoas que vivem aqui. Sim, eles viviam aqui, em dormitórios, e tinham uma ida baseada em tiros e socos. Todos eram tão ocupados que nem prestavam atenção na minha existência – O que eu agradeço muito.

Eu havia me aproximado mais de Elisabeth, e sempre que podíamos estávamos juntos. Não via Nataly desde o ocorrido na cantina, mas sempre ouvia alguns comentários maldosos sobre ela ter enfraquecido e não ser a mesma. Talvez eu tivesse pegado pesado, mas ela procurou por onde, então, a minha consciência estava totalmente limpa.

Hoje minha mãe havia me chamado para uma conversa muito séria – Foi o que ela disse quando atravessou a porta do meu novo quarto, que mais parecia fazer parte de um acampamento militar para delinquente, só que mais moderno. – Eu estava meio desconfiado de que rumo essa conversa tomaria, mas tinha esperança que não desse de cara com Nataly lá. Eu não havia contado sobre como Nataly agira comigo para minha mãe. Ela estava convicta da pessoa que Nataly era e não seria eu a estragar essa ilusão. Até porque, talvez o problema dela fosse apenas com o filho do assassino da mãe dela. Além disso, as

notícias voam por aqui. Se eu já ouvia os comentários, ela provavelmente já teria escutado também.

Quando entrei em sua sala respirei aliviado por ela estar sozinha, mas assim que ela começou a falar sobre o assunto que tinha para tratar comigo eu vi que não havia para onde correr. Eu teria que dar um basta nesses assuntos sobre Nataly.

- Precisamos falar sobre a Lucy - Ela começou sentando em sua cadeira grande cadeira de couro preta.

- Não quero falar disso. - Tentei fugir. - Essa história está morta para mim. Eu não me importo mais.

- Não se trata de você Alex. - Ela sorriu - Muita gente se envolveu no disfarce de Nataly. Não foi o único a conviver e a se apegar. - Desviei de seu olhar. Ela não precisava falar dessa parte - Mary e Thiago, por exemplo, acreditam na existência dela. E não dá para simplesmente ela aparecer e dizer que vai embora, pois eles se apegaram e conheceram uma pessoa que nunca fugiria assim. E tem também todos na faculdade e os que moravam no prédio dela, além, é claro, da relação de vocês.

- Quer que eu volte para minha vida “normal” fingindo que nada aconteceu entre a suposta Lucy e eu? - Perguntei incrédulo.

- Não! - Ela se levantou - De forma alguma. Seria muito arriscado para você estar lá novamente. Já conversamos sobre isso. Você vai ficar aqui até tudo se esclarecer.

- Então, o que quer que eu faça? - Já estava ficando impaciente com tanta enrolação.

- Que volte para o enterro de Lucy e siga nosso roteiro com a história do que aconteceu a partir do pedido.

- Como é que é? - Perguntei confuso e assustado. - Ela está morta?

- Quem? Nataly? - Ela ri - Nataly está muito bem e viva. Não se preocupe. Porém quando um agente fica em campo com um mesmo personagem por mais de um mês, as pessoas se envol-

vem e vinculam uma amizade com esses disfarces. – Começou a andar de um lado para outro tentando explicar – A nossa política é matar esses personagens, para que não haja possibilidade alguma de contatos futuros entre essas pessoas.

– Está me dizendo que matam pessoas inocentes para não descobrirem as verdadeiras identidades de alguns agentes? – Perguntei horrorizado me preparando para me levantar e sair correndo da sala.

– Não! – Ela pareceu ofendida – Nós simulamos um velório com direito a um padre e tudo, mas o caixão sempre está vazio. Os túmulos são locações da central. Temos vários espalhados pelo mundo, pois são necessários. – Sentou-se ao meu lado – Olha, eu só preciso que vá lá e faça uma cara de triste, cumprimente os “pais” dela e conte a seus amigos a história que lhe passarmos.

– Não! – Disse me levantando e me afastando dela – Não vou mentir para eles. Eu não sou assim. Não sou como vocês. – Vi minha mãe arregalar os olhos surpresa com minhas palavras.

– Tenta entender filho. – Minha mãe anda de um lado para outro tentando me convencer – Se eles souberem da verdade estarão correndo tantos riscos quanto você. Se Maurício vê-los como ameaça, – Respira profundamente – você acabará indo em um ou mais velórios de verdade. – Termina se jogando no sofá.

– Eu não sei. – Disse pensativo – Eu não consigo acreditar que ele poderia fazer algum mal aos meus amigos, mas por outro lado – Olhei no fundo de seus olhos –, eu nunca arriscaria a vida das pessoas mais importantes da minha vida. Pela Mary, pelo Thiago e principalmente por você. – Enfatizei o você arrancando um sorriso tremulo de sua boca – Eu passo por cima de qualquer ética existente no mundo.

– Odeio ter que te colocar nesta posição. – Segurou minha mão quando sentei ao seu lado no sofá – O velório vai acontecer

você indo ou não, mas acredito que seus amigos estranharão você não ter ido. Já que iriam se casar. – Disse ironizando sua última frase.

– O que é que eu tenho que dizer se eu for? – Perguntei tentando agir normalmente com essa situação e ignorando sua última frase.

– O que saiu nos jornais. Vocês estavam indo de carro até a casa do pai dela para contar a novidade e um motorista bêbado bateu em seu carro e ele capotou – Ela parou me observando – Você sobreviveu a batida, mas ela não. – Ela terminou e eu me mantive estático processando todas as informações.

– O que acontece depois? – Perguntei após alguns minutos de silêncio.

– Você vai passar um tempo longe de tudo, junto com a sua mãe, numa fazenda para poder esquecer um pouco tudo isso.

– E então eu volto para cá? – Perguntei na esperança de realmente ir parar e, alguma fazenda remota.

– Filho, eu sei que você não queria que fosse assim, mas é a única forma de proteger a você e aos seus amigos agora.

– Tudo bem! – Respirei fundo – Eu topo.

– Lembra do que você tem que falar? – Dona Katia me pergunta assim que o carro, preto de vidro escuro, para em frente ao cemitério.

Estávamos em uma cidade pequena ao norte. Um lugar aconchegante e tranquilo. O cemitério, aparentava ser uma das mais antigas construções da cidade. A entrada dele lembrava um arco de jardim com formas futurísticas com um ar de histórica.

– Lembro sim. – Respondi saindo do transe e ainda encarando o cemitério a minha frente.



- Tem certeza de que consegue? - Ela me encarou preocupada. Era a única coisa que ela sabia fazer - Não precisa fazer isso, se não quiser. Posso apenas dizer que não recebeu alta.

Engraçado que ela só me dava essa possibilidade agora que eu já estava aqui.

- Eu já estou aqui, não estou? - Disse abrindo a porta do carro e colocando um óculos escuro.

Uma tensão invadiu meu corpo. Aquele lugar estava carregado de dor, mentiras e arrependimentos.

Segui minha mãe até um grupo de pessoas que eu sabia ser agentes disfarçados.

- Perímetro? Formação? Alteração? - Vi ela se comunicar com eles.

- Tudo limpo senhora. - Um deles disse ajeitando o ponto eletrônico no ouvido - Ninguém sai ou entra sem nossa autorização.

- Ok! - Ela acenou analisando todo o local e pegando um rádio da mão de uma das agentes - Me desarmando agora e entrando com o protegido.

Era desconfortável saber que havia tanta gente ali nos vigiando. - E pensar que a minha vida toda eles estiveram aqui - Eles eram absurdamente discretos, não aparentavam ser nada mais que civis visitando um tumulto ou aparando a grama.

- Alex - Minha mãe me chamou - Está tudo bem?

- Sim - Dei um sorriso amarelo enquanto nos aproximávamos de um casal que tinham os rostos totalmente vermelho de tanto chorar

- Como você está Alex? - A mulher com cabelos ruivos e olhos cinzas perguntou me abraçando.

- Essa é a tia de Lucy, Alex. - Minha mãe me disse notando meu desconforto.

- Eu sei. - Disse me afastando.

Eu apenas odeio o quanto essas pessoas conseguem mentir com tanta facilidade.

- Você se acostuma garoto. - O homem, suposto pai de Lucy, com cabelos grisalhos disse enquanto me abraçava rapidamente.

- Alex?! - Ouço a voz de Mary atrás de mim.

Agora, mais do que nunca, eu estava me sentindo desconfortável. Mentir para meus amigos era algo que eu nunca havia feito.

Respirei fundo e me virei com o mesmo sorriso amarelo que eu usava há dias.

- Meu Deus! Como você está? - Ela disse me abraçando - Eu estava tão preocupada. Queria ter lhe visitado, mas sua mãe disse que não podia receber visitas.

- É. - Sorri soltando-me do abraço - Eu estou melhor, não se preocupe. - Dei um sorriso forçado.

- Mary, não força a barra. - Thiago se aproximou em um terno preto - Lembre o que viemos fazer aqui. - Ele estava estranho. Não como uma pessoa em um enterro, como se me escondesse alguma coisa.

Era tão difícil vê-los sofrendo por um caixão vazio. Me sentia culpado por todas essas lágrimas derramadas, mas que de alguma forma começava fazer sentido na minha cabeça.

- Obrigado por estarem aqui hoje. - O "pai" de Lucy iniciou seu discurso - Lucy não tinha muitos amigos, e, sinceramente, não era seu forte fazer amizades, mas de alguma forma vocês três - Olhou em nossa direção - a cativaram e despertaram um brilho tão especial em seu olhar e em seu coração. E você Alex. - Me encarou com um olhar profundo - Eu agradeço por ter dado os melhores meses da vida daquela menina. Eu agradeço por ter dado a ela a oportunidade de ter dito "sim" para o grande amor da vida dela. De ter tido a oportunidade de sonhar com um casamento, como ela nunca havia feito. De sonhar com uma família ao seu lado. Obrigado por dar a ela o último sorriso

sincero e um último “Eu te amo” verdadeiro. Me desculpe por não poder estarem sorrindo agora e comemorando o começo do resto da vida de vocês. – Senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto – A vida tem dessas. Nos prega peças e destrói corações. Mas, no final, tudo tem um propósito e espero de verdade que você possa encontrar o seu.

Aquilo tudo parecia mais um pedido de desculpas para mim. Eu não sei o porquê, mas algo doía aqui dentro de uma forma tão insuportável que eu só conseguia encara-lo com os olhos vermelhos e o rosto ensopado de lágrimas.

– Sua filha era muito especial para todos nós também. – Thiago disse se aproximando do pai de Lucy – Ela era uma pessoa brilhante em todos os aspectos. – Se abraçaram.

Ali realmente a ficha começara a cair. Eu não estava enterando um caixão vazio. Ali dentro estava a mulher que eu amei, com quem eu cogitei construir uma família. Essa pessoa não existe, eu sei. Isso tudo não passava de uma linda ilusão. Mas agora olhando este caixão descendo para o fundo de um buraco e a terra começando a ser derramada em cima do mesmo, eu percebia o que havia ali dentro era o meu amor, por uma pessoa que nunca existiu, sendo enterrado. Toda uma história, que não passava de uma grande mentira, estava ali dentro.

Tudo que eu vivi ou senti estava sendo coberto por uma grande camada de terra, e ficaria lá para sempre. A partir de agora eu era uma nova pessoa. Lucy ou Nataly, não importava o seu nome, eu estava interrompendo agora nossa ligação.

– Alex? – Mary se aproximou de mim, quando todos já estavam indo embora, meio insegura acompanhada por Thiago – Estávamos pensando, que, como temos uma última noite na cidade, antes de voltar para casa, pudéssemos fazer alguma coisa que a Lucy gostasse de fazer quando morava aqui, já que não conhecíamos muito a vida dela antes.

– Não sei. – Mordi o lábio. Não queria continuar mentindo.

- Sei que não está bem Alex, mas acho que conhecer um pouco do que ela gostava de fazer pode te fazer bem. - Thiago disse segurando em meu ombro.

- É Alex. - Mary sorriu me abraçando de lado - Você tem que guardar os momentos bons e não a esquecer por completo. Na verdade, e eu tinha que esquecê-la, pois ela continuava bem viva.

- Ele não vai a lugar nenhum. - Minha mãe apareceu na nossa frente nos assustando - Já estamos indo para a fazenda, além do que ele não pode fazer muito esforço ainda. - Sorriu me encarando, esperando que eu dissesse que não iria.

- Na verdade - Comecei vendo Thiago e Mary prontos para me defender. - Eu gostaria de ir. - Sorri vendo seu sorriso ir embora. Eu estava fazendo aquilo só para provoca-la - Não me sinto à vontade para viajar a noite. E talvez seja melhor eu distrair minha mente um pouco, por se eu ficar mais horas sem fazer nada preso em um hotel eu vou enlouquecer.

- Tudo bem! - Diz vendo que não haveria uma alternativa - Mas quero saber onde vão, e nada de desligar o celular. E no final da noite nada de voltar de taxi. Me liguem que mandarei o motorista buscar vocês.

- Pode deixar tia. - Thiago falou sorrindo.

- Quando foi que Dona Katia ficou tão coruja assim? - Mary virou me perguntando assim que minha mãe tomou uma boa distância de nós.

- Ela só tem medo que algo possa acontecer comigo de novo. - Sorri seguindo em direção a entrada do cemitério - Mas, então, onde exatamente nós estamos indo?

- Uns primos de Lucy nos disseram que tem um pub que ela adorava ir - Thiago disse -, então estávamos pensando em ir até lá.

Assim que chegamos ao pub – Seguidos por um monte de agentes disfarçados – e sentamos em uma mesa, Thiago e Mary começaram a tentar me distrair.

Estava começando a me irritar por ter que mentir para eles. Não devia ter aceitado vir com eles.

– Alex, você está me ouvindo? – Mary disse estalando os dedos na frente do meu rosto.

– Só estava pensando. – Me ajeitei na cadeira, me sentindo cada vez mais confortável.

– Não fica assim Alex. – Ela segurou em minha mão com os olhos marejados.

– Mary, dá um tempo pra ele. – Thiago a repreendeu – Sabemos o quão a Lucy era importante para você Alex. E como não ser? – Sorriu – Ela era incrível, protetora, amiga e te amava.

– Como pode ter tanta certeza? – Explodi. Já estava cansado de todos mostrando ela como uma pessoa perfeita. Ela nem se quer existia – Nataly não é tudo isso não. – Thiago me encarou surpreso e só então me dei conta do nome que havia falado.

– Como assim? – Mary perguntou – Alex, quem é Nataly?

– Nataly? Eu disse Nataly? – Tentei disfarçar meu desespero.

– Disse. – Ela sorriu confusa – Quem é ela?

– Para de ficar o questionando. – Thiago interferiu – Ele já passou por muita coisa hoje.

– Mas... – Ela tentou falar, mas Thiago a olhou e ela se calou – Desculpa! – Sorriu sem graça – Eu vou ao banheiro retocar a maquiagem – Disse dando um selinho em Thiago e saindo.

Assim que ela saiu deixando nós dois sozinho um silêncio constrangedor se instalou entre nós. Isso só havia acontecido uma vez, e foi quando ele estava fugindo de um questionamento meu sobre ele gostar de Mary, antes deles começarem a namorar. Só que agora eu também estava fugindo de perguntas. Não queria ter que esclarecer nada para ele sobre quem era “Nataly”.

Eu estava a ponto de puxar qualquer assunto para deixar o clima melhor para quando Mary voltasse, mas de repente uma música lenta começou a tocar e me chamou atenção na primeira estrofe.

Thiago me olhou preocupado e eu me perdi em meio a letra que parecia ter sido escrita para aquele momento. A música, que levava o nome da minha ex-futura-noiva, estava descrevendo a morte da mesma e a minha vida a partir de agora.

## Capítulo 39 – Lucy Parte 2

Nataly

– Nataly, você precisa comer! – A enfermeira, que agora eu sabia se chamar Anna, entra na minha sala nervosa sendo acompanhada por Diego.

Já havia se passado uma semana desde o dia fatídico que tudo foi pelos ares. Desde o dia em que Alex havia me humilhado publicamente eu não tinha feito nada a respeito.

Nessa semana eu havia me trancafiado. Não via quase ninguém. Vivia a maior parte do tempo na minha sala trabalhando em formas de pegar, de uma vez por todas, Maurício – Já que estava proibida de sair em campo –. Só ia ao meu quarto para dormir e tomar banho, e sempre em horários estratégicos para não esbarrar em ninguém – Ainda mais sabendo o que falavam sobre mim.

Eu sabia que falavam mal de mim por todos os cantos, e esse era um dos motivos para eu sair apenas em horário que eu sabia que não encontraria ninguém.

– Dá para ser mais discreta – Olhei por cima do quadro de suspeitos, que agora se encontrava no meio do meu escritório. – E fazer menos barulho. Eu estou trabalhando aqui. – Disse pegando alguns papéis que estavam no chão ao meu lado.

– Você está aí há mais de cinco horas. – Diego disse se aproximando.

– E? – O encarei.

– Estamos preocupados com a sua saúde. – Ele me olhou mordendo o lábio – E principalmente com a saúde do bebê. Não pode ficar trancafiada em sua sala com esse emaranhado de papel parecendo uma louca.

- O que quer que eu faça? - Falei largando os papéis no chão e me levantando.

- Que tente comer um pouco - Anna disse me oferecendo uma maçã que tinha no bolso de seu jaleco. - E que faça alguns exercícios e tome um pouco de sol também. Vai fazer bem para vocês dois. - Sorriu olhando para minha barriga que não mudara ainda de tamanho.

- Eu não estou com fome agora. - Olhei com uma cara feia para a maçã, sentindo meu estomago revirar mais uma vez no dia.

- Eu sei que pode ser incomodo comer por causa dos enjoos, mas você tem que ao menos tentar. - Anna disse colocando a maçã na minha mão com um sorriso meigo.

Me sentei ao seu lado no sofá, cedendo a sua pressão, e peguei a maçã para me deixarem voltar para o meu trabalho. Entretanto, na primeira mordida uma ânsia, que já me acompanhava há quatro dias, apareceu me fazendo correr para o pequeno banheiro da sala para vomitar tudo que já não havia mais no meu estomago.

- Você está bem? - Ouço Diego falar atrás da porta - Se você não responder eu vou entrar. - Ele ameaça com a voz tremula.

- Deixa ela, Diego. - Anna o repreende.

- Você acha que ela está assim por causa do que aconteceu hoje? - Ouço, com dificuldade, Diego cochichar longe da porta.

- O que? - Anna cochicha de volta quando já estava em frente à pia lavando o rosto - O enterro do disfarce dela? Acho que não! São sintomas comum para o estado dela. Alguns remédios e ela estará melhor.

- Exatamente! - Digo saindo do banheiro enxugando minhas mãos em uma toalha - Eu estou numa boa com a situação decorrente.



- Nataly, olha para esse lugar. - Diego aponta para a zona que minha sala havia se tornado - Isso aqui é o reflexo de uma pessoa tudo menos numa boa!

- Por que não falamos dos remédios? - Tentei mudar de assunto, pois eu sabia que minha sala parecia um pós-tsunami. - Quais são os remédios? E por que você ainda não havia falado ou me dado eles?

- Porque são remédios específicos para gravidez. Se eu retirar do nosso banco de suprimentos, vai aparecer no controle e vão descobrir quem é que está grávida.

Não era que gravidez fosse algo proibido aqui, mas havia uma série de questionamentos e, para os agentes de campo que trabalhavam sob disfarce, não havia vida fora da agência, nem se quer existíamos no banco de dados nacionais. Então para uma criança, filho de um desses, havia duas opções ou nasceriam e cresceriam na agência, como eu, ou seriam afastados dos pais, mais ou menos como Alex.

Eu não queria nenhuma dessas vidas para essa criança, então ninguém saberia da existência dela.

- Então vamos sair para comprar. - Disse me sentando novamente no sofá.

- Não podemos sair. - Diego se joga na minha cadeira mordendo a maçã que tentei comer há alguns minutos. - Devido ao enterro, muitos agentes foram remanejados para lá, então para segurança da Central e de todos, só saem, hoje, aqueles que estiverem em alguma missão sob disfarce de extrema importância.

- Além, é claro, que agentes internos, como eu e o Diego, estão permanentemente proibidos de sair. - Anna comentou.

- Mas, eu posso. - Sorri como uma acriança prestes a aprontar. - Sou superior a eles. E ainda estou numa missão.

- Não vou deixar você sair. - Diego se levantou - Há um motivo para não deixarem ninguém sair. Maurício ainda está

lá. É perigoso. É exatamente o que ele quer. Você sozinha e desprotegida.

- Eu sei me cuidar melhor que você Diego. - Sorri de sua preocupação.

- Tem certeza de que vai fazer isso? - Anna se levanta do sofá arrumando seu jaleco.

- Eu preciso tomar esses remédios? - Encarei-a.

- Precisa. - Disse baixando a cabeça.

- Então prepare a receita médica e me encontre lá na garagem.

- Você vai apoiar essa maluquice, Anna?

- Você sabe que se ela não precisasse tomar esses remédios eu nunca arriscaria a vida dela lá fora. - Disse com um olhar de dar pena e saiu da sala.

- Toma cuidado! - Ele me encarou - E não vá muito longe.

- Não se preocupe. - Me aproximei dele - Eu vou voltar inteira. Eu prometo. - Sorri pegando minha bolsa e chaves e saindo da sala.

Sair foi fácil. Difícil foi se manter no caminho.

Eu resolvi que seria mais seguro e discreto comprar os remédios na cidade vizinha, mas cometi o erro de seguir para o Norte, onde, coincidentemente, seria o meu “enterro”. Eu sabia que não devia ir pra lá, que devia parar em qualquer cidade entre as duas, mas quando dei por mim já estava passando por uma placa que dizia: “Sejam bem-vindos”.

Parei na primeira farmácia que encontrei, após entrar na cidade, e comprei os remédios de que precisava. E quando estava saindo, um carro padrão da agência passou por mim indo na direção que eu sabia ficar o cemitério da cidade.

Por algum motivo eu me arrastei para onde o carro seguia. No cemitério, todos choravam ao redor de um caixão vazio. A maioria eram lágrimas falsas de agentes treinados. Mas haviam

duas pessoas que choravam de verdade, Mary e Thiago. Vê-los chorar daquela forma me deixou péssima, mas ver aquela lágrima escorrer dos olhos de Alex, lágrima essa que ele limpou rapidamente, me destruiu. Pela primeira vez eu estava mal por ter que deixar um disfarce. Eu estava mal por saber que naquele caixão estava a única parte que eu realmente começara a gostar em mim.

Esperei o enterro acabar e as pessoas se despedirem. Não havia conseguido ir embora. Eu chorava escondida atrás de uma árvore distante, observando as pessoas que eu considerava meus amigos se desmancharem em lágrimas e se recomparam rapidamente para falar com o amigo, que supostamente estava abalado com a minha morte.

Observei eles conversando e logo depois Katia se aproximar. Ela estava desconfortável com algo que Alex havia falado. E eu só entendi do que se tratava quando vi Alex, Thiago e Mary seguirem para um carro preto, deixando Katia para trás.

Já estava ficando tarde e eu tinha a mesma preocupação que Katia. Era perigoso deixar eles saírem assim sozinhos, e por mais que eu soubesse que teriam seguranças por perto eu quis checar de perto onde eles estavam indo.

Eu os observei de longe por alguns minutos. Vi Alex se complicar e dizer meu nome verdadeiro, e eu gelei nessa hora, mas relaxei assim que percebi Thiago o defender, o que eu sabia que poderia fazer Alex se questionar. Assim que Mary deixou a mesa, indo em direção ao banheiro, um clima estranho se instalou entre os dois, mas antes que um dos dois pudesse questionar algo uma música começou a tocar e eu senti meu coração apertar ao ouvir o cantor dizer a primeira frase da música “Hei Lucy, i remember your name”.

Olhei para Alex e vi que ele também estava paralisado com a música. Notei uma lágrima descer pelo seu rosto, mas dessa vez ele não limpou. Thiago o encarava preocupado, mas, assim como eu, Alex focava sua atenção em cada palavra dita pelo can-

tor. Aquela música parecia ter sido escrita para aquele momento e eu não estava nada bem com isso.

Senti meu celular vibrar e quando peguei vi que Diego me ligava. Guardei o celular novamente, ignorando a ligação, mas quando voltei minha atenção para mesa de Alex, vi Katia se aproximar acompanhada por um segurança. Ele ainda estava em transe, e se assustou quando ela apareceu. Mary, que já havia voltado, e Thiago olhavam confusos, enquanto Alex se despedia e se afastava, em direção à porta, com sua mãe.

Senti meu celular vibrar mais uma vez, o peguei saindo daquele lugar pelos fundos e entrando no meu carro para atender.

- O que é Diego? - Perguntei impaciente.

- Acho melhor você vir para cá agora! - Ele parecia nervoso.

- O que aconteceu? - Perguntei com medo da resposta.

- Antony reuniu todos os líderes para uma reunião e estava te procurando. Acho que é algo sobre a missão, pois eu nunca o vi tão estressado e nervoso.

- Ok! - Respirei fundo - Já estou indo.

- Tenta chegar aqui antes da Katia. - Ele disse eu fiquei sem entender - Eu não seria idiota de deixar você sair sem seguir seu carro pelo rastreador.

- Você não presta.

- Vem logo! - Ele gritou - E toma cuidado. - Disse por fim desligando.

Parei por um momento para respirar e analisar a minha situação. Eu não aguentava mais isso. Não sei se eram os hormônios ou o que eu sentia por Alex - Preferia acreditar na primeira opção -, mas eu não conseguia mais lidar com a missão. Ver o enterro me assustou. Não queria acabar daquele jeito de verdade, principalmente agora que havia uma vida que dependia de mim. Estava começando a perceber a real situação da minha vida para essa criança.

Liguei o carro decidida a pedir minha exclusão por completa da agência. Iria começar do zero, uma vida nova por essa criança. Tentaria fazer pelo menos uma vida nessa história dar certo.

Ao chegar na agência subi diretamente para a sala de Antony, mas fui interceptada por ele no meio do trajeto. Ele não queria saber onde eu estava e nem queria ouvir o que eu tinha a dizer. Estava tão atordoado, não lembro de uma vez se quer eu o ver assim.

- Está tudo bem? - Perguntei enquanto ele me conduzia para sala de reuniões oficiais.

- Vai ter que ficar. - Desabafa. O que me deixa bastante assustada. Nunca o vi tão frágil ao ponto de falar comigo como se fosse sua filha.

Ao adentrar a sala vi expressões assustadas. Todos me encaravam e eu só procurava pela face de Katia, que adentrou, minutos depois de mim, na sala acompanhada de Alex.

- O que ele faz aqui? - Um dos líderes indagou.

- Ele insistiu Antony - Ela se aproxima de nós ignorando a pergunta feita -, e querendo ou não ele faz parte disso.

- Ele quer entrar? - Perguntei assustada.

- Não! - Ela me encarou - Mas quer estar a par de tudo e estar preparado para quando ele decidir atacar.

- Tudo bem! - Antony disse fazendo nós duas encará-lo assustadas. - É importante que ele nos veja como aliado e não inimigo.

- Eu discordo! - Disse encarando-o. Eu não sei ao certo porque ele estava fazendo aquilo, mas entrar para essa vida não tinha volta. E ele não merecia isso.

- Então? - Um dos líderes perguntou impaciente. - O que ele faz aqui?

- Ele está oficialmente integrado a essa missão. - Antony disse se sentando - Todos aqui sabem a importância desse garoto

para o nosso alvo, então manteremos ele o mais próximo daqui que conseguirmos.

Encarei Alex, que parecia perdido. Não sabia se devia ajudá-lo ou apenas sentar no meu lugar a mesa, mas por via das dúvidas escolhi me sentar.

- Vamos treiná-lo para que saiba se defender se necessário.  
- Katia disse apontando para o sofá para que Alex se sentasse.

- Foi para isso que nos chamou aqui? Por isso essas caras de enterros? Para nos informar que o garoto está oficialmente na missão?

- Não! - Antony se levanta indo até a tela gigante que começava a descer em um dos lados da sala. - Eu chamei vocês porque a filial brasileira e eu recebemos esse áudio em um CD que foi entregue por jovens de companhias de entregas. - Deu play no áudio.

“Parabéns a todos vocês. Achei incrível como culparam a Agente de vocês por cometer um erro tão grave como mostrar a base para um civil. E mesmo ela dizendo que a culpa era minha, que eu havia armado tudo, vocês a culparam por negligência. Posso ver como você, Antony, anda comandando a MINHA agência. A confiança que vocês têm um no outro é incrível, admirável. Bom, eu vim aqui para reclamar os meus direitos autorais - Sorrisos - Já que a ideia foi totalmente minha. Levar Alex aí para dentro foi um dos meus vários movimentos nesse jogo durante todos esses anos, e eu estou ganhando. O próximo movimento é de vocês.”

Encarei Alex por alguns segundos antes de Antony chamar a atenção de todos na sala.

- Ele está jogando com todos nós. - Antony constata o óbvio.

- Será que é só ele? - Um dos homens se levanta nervoso - Quem me garante que essa garota não está envolvida? - O que?

- Como é que é? - Katia se levanta exaltada e eu permaneço sentada como aquela garotinha de anos atrás.

- Ela diz uma coisa e ninguém acredita. E de repente Maurício aparece para defendê-la? Depois de anos nas sombras ele aparece apenas para afirmar o que ela disse?

- Isso é ridículo - Antony diz batendo na mesa e Alex olha para mim preocupado.

Como eles podem pensar isso de mim? Eu sempre fiz tudo para essa droga e eles me acusam assim?

Quero chorar! Droga de hormônios.

- Você está bem? - Katia me encara. E só então tento me recompor e atacar.

- Acha mesmo que se eu estivesse do outro lado seria tão estúpida ao ponto de deixar ele fazer isso? Acha que ele seria idiota o suficiente para isso? - Levantei encarando-o - Até onde eu sei a minha cabeça é que está a prêmio aqui. Ele me quer morta, assim como ele queria a minha mãe morta. - Bati na mesa - Não sei se você lembra, mas foi a minha mãe que foi assassinada por ele na minha frente. Fui EU que disse quem ele realmente era, quando ninguém acreditava em mim. Eu sou a agente mais promissora dessa agência, entrei aqui dez dias depois da morte dela, e eu prometi, eu jurei, na frente daquele memorial que me tornaria a melhor agente daqui e que eu pegaria esse desgraçado e faria do resto da vida dele um inferno, pior do que a tortura de cortar dedo a dedo da minha mãe, que ele sorriu ao fazer. - Senti uma lágrima escapar pelo meu rosto enquanto todos estavam estáticos. - Se vai me julgar por ser melhor do que você e ser mais nova - Me recompus -, vá em frente. Mas não me acuse de estar do lado dele ou de qualquer outro quando eu não estou. - Me sentei novamente encarando Alex que me olhava assustado.

- Tudo bem. - Antony tentou se recompor - Precisamos montar nossa tática. Se ele quer jogar, nós vamos jogar.

- Usar o garoto como isca pode ser uma boa ideia. - Alguém sentado ao fundo da mesa diz e Katia se controla para não atacar.

- Primeiro ele será treinado com os nossos métodos. Se ele vai para campo tem que pensar e agir como um agente. - Antony disse.

- E quem será o mentor dele? - Perguntei.

- Você!

Agora ferrou.



## Capítulo 40 – Novas Decisões

Alex

Saí da reunião atordoado.

Estar no meio dessa loucura estava testando o meu limite. Agora, além de lidar com as mentiras que me contaram desde que nasci, eu tinha que mentir também.

– Alex? – Uma voz grossa me chamou quando estava para entrar no elevador.

– Sim! – Me virei vendo Antony parado na minha frente. Ele era de assustar.

– Não preciso nem dizer que essa reunião nunca aconteceu, correto? – Ele iniciou – Ninguém pode saber, Alex – Acenei a cabeça lentamente –, nem se quer mencione isso quando estiver sozinho, pois você já percebeu que aqui as paredes têm ouvidos e as fofocas correm rápido. – Me encarou com um olhar sarcástico. Eu sabia muito bem do que ele falava.

Não vi Elisabeth depois daquele episódio, e embora precisasse dela naquele momento para desabafar, dormi tranquilamente só por saber que meus amigos estavam em segurança.

Durante a noite eu tive a sensação de estar sendo vigiado, como se alguém estivesse me encarando ao pé da minha cama. Consegui ver uma sombra quando assustei, mas não sei ao certo se era um sonho ou realidade, mas serviu para que eu não pregasse o olho o resto da noite.

Assim que o relógio despertou, apontando três e meia da madrugada, eu revirei os olhos levantando e me preparando psicologicamente para o meu primeiro treino que começava em meia hora.

Quando atravessei o labirinto que era aquele lugar, já estava a um passo de desistir de tudo isso, e ver Nataly ali parada, de costas para mim, conversando com uma enfermeira da agência, me fez recuar. Eu não estava pronto para aquilo. E nunca estaria. Depois das palavras dela na reunião, eu realmente achei que conseguiria estar em um mesmo ambiente que ela, mas agora eu só queria voltar aquele quarto horrível. Porém quando estava me virando para sair a tal enfermeira já estava passando por mim com um sorriso forçado e um bom dia bem alto para que Nataly percebesse a minha presença.

Nataly

Após a reunião eu estava sem chão. Antony havia me convocado na sala dele para esclarecer o áudio. Ele ainda duvidava da minha lealdade, mas não queria que soubessem, pois iriam querer a minha cabeça em uma bandeja. O único motivo para aquela reunião ter acontecido foi porque Maurício entregou o áudio para a agência brasileira também, pois ele sabia que se tivesse vindo apenas para nós ninguém mais saberia. E o propósito dele tem sido me afastar dessa missão e ter a todos desconfiando de mim.

Após duas horas de interrogatório – que eu apenas aceitei sem questionar, já que ultimamente a minha situação não tem sido a melhor aqui – eu cheguei ao meu quarto exausta e apaixuei.

No meio da noite eu tive a sensação de estar sendo observada e assustei com uma sombra se esgueirando para fora do quarto, rapidamente peguei minha arma que se encontrava debaixo do travesseiro e corri para fora do quarto pronta para atirar no que estivesse pela frente, mas quando sai o corredor estava completamente vazio. Respirei fundo e parei para raciocinar que era impossível alguém ter entrado ali sem antes passar por toda a

segurança dos corredores, então só podia ser um sonho. Logo voltei para o quarto para tentar dormir, mas não obtive sucesso.

Assim que meu despertador tocou para que eu acordasse, eu já estava saindo do quarto em direção à sala de treinos. Aproveitaria esse tempo livre antes da tortura para poder descarregar minha raiva em algum saco de pancadas.

- Por que será que eu tinha plena certeza de que te encontraria aqui uma hora dessas? - Anna disse escorada no batente da porta, interrompendo meu treino que começara a uns vinte minutos.

- Não te ensinaram a bater na porta antes de entrar? - Seguindo o saco de pancadas que antes eu socava.

- É uma área totalmente de vidro - Mostrou ao redor - Da para ver qualquer um antes mesmo que ela decida entrar aqui.

- Está bem! - Revirei os olhos - O que você quer? - Voltei a golpear o saco de panada.

- Que você pare com esses treinos malucos e comece a tomar seus remédios, ou você não vai aguentar encarar aquele garoto sem sentir uma vontade absurda de vomitar.

- Quem te contou que eu vou treiná-lo? - Perguntei desconfiada virando para ela.

- Diego. - Diz o óbvio.

- Tudo bem! - Diz pegando minha garrafa de água.

Após beber dois comprimidos e ela me explicar quais remédios eu devia tomar e suas determinadas horas, ela se despediu e saiu pela porta do outro lado da sala, onde parou para falar com alguém.

- Bom dia! - Ela falou alto trazendo minha curiosidade à tona.

Virei a tempo de ver Anna saindo e Alex parado me encarando. Acho que ficamos ali, congelados, encarando um ao outro

durante minutos ou talvez horas, sem falar nada, apenas sentindo toda a dor que a nossa separação trouxe.

A dor me consumia mais uma vez. Na minha mente só vinham imagem dele sorrindo ou dizendo eu te amo. A nossa primeira vez. A nossa briga. O pedido de casamento que nunca aconteceu. – Um nó se formava na minha garganta – Cada toque. Cada suspiro. Eu só queria poder voltar no tempo e reviver esses momentos incríveis. Sem mentiras, sem brigas, apenas eu e ele. Eu só queria poder gritar e dizer que ainda o amo, que eu estou carregando um filho dele, e que se ele quiser fugimos e construímos uma vida de verdade.

– Desisto! Isso não vai dar certo. – Alex disse negando com a cabeça freneticamente. Uma lágrima desceu pelo seu rosto quando ele voltou a me encarar.

– Concordo! – Disse me virando para pegar minhas coisas que estavam em um canto da sala, segurando as lágrimas que tentavam a todo custo descer. Assim que peguei meu celular uma mensagem de Diego apareceu. Eram exatamente quatro da manhã.

“Lembre-se do que isso se trata. Lembre o motivo de estar nessa sala com ele agora. Não é sobre o que vocês sentem um pelo outro. É de como você vai se sentir se desistir agora e deixar Maurício fazer o que bem entende com um garoto despreparado.”

Olhei para o celular e respirei fundo tentando controlar as lágrimas. Estar sem ele ao meu lado doía muito, mas só a sensação de saber que ele poderia morrer, me matava por dentro. E com isso, eu não podia viver.

– Quer saber? – Levantei me virando para ele que já estava para sair – Se você quer desistir, – Ele finalmente me encarou – você vai desistir sozinho. – Joguei minhas coisas no chão e cruzei os braços. Nesse momento eu nem sabia mais de que desistência eu falava. – Aqui, eu sou apenas uma agente de cam-

po especializada, cumprindo uma punição por infringir a regra mais importante da agência, que é não mostrar a base a um civil. E você é apenas mais um civil a ser treinado para combate em campo especializado. – Não sei como fazia para segurar as lágrimas, mas eu ainda as segurava – Eu vou ser a sua mentora, quer você queira ou não. Eu vou fazer o meu trabalho e pouco me importo se você fará o seu.



## Capítulo 41 – Treinando

Nataly

Após me impor no nosso primeiro, e fracassado, treino Alex simplesmente me deu as costas e saiu ignorando tudo o que eu havia falado, deixando-me sozinha durante horas naquela sala vazia. Isso se repetiu durante os três dias seguintes. Eu ia no horário marcado e ele nem se quer aparecia, então eu aproveitava para aperfeiçoar alguns golpes que me ajudavam a relaxar e perder um peso extra que eu vinha acumulando graças à gestação. No quarto dia cheguei uns vinte minutos atrasada em virtude de um enjoo matinal. Assim que entrei na sala, com uma cara de doente e uma toalha húmida pendurada no pescoço, me deparei com Alex sentado de costas para a porta.

- O que faz aqui? - Perguntei erguendo meu muro contra ele, enquanto tentava andar até o meio da sala, onde tinha um tatame cinza, com as pernas bambas.

- Te esperando. - Levantou me encarando - Temos um treino, certo? - Cruzou os braços.

- E desde quando você quer treinar? - Cruzei os braços, também, e dei dois passos para trás, mas agradei por estarmos tendo um diálogo. - Principalmente comigo.

- Desde que a minha mãe me obrigou a vir ou me deixaria preso aqui até que tudo se resolvesse.

- Então entrou nessa para conseguir sair?! - O olhei sorrindo de canto.

- Faz diferença? - Disse indiferente a mim.

- Não. Não faz. - Respirei fundo jogando a toalha e meu celular em um dos cantos da sala - Tudo bem. Vamos treinar!

Ensinei alguns golpes novos de defesa e ataque para ele, como: Uppercut, golpe que visa acertar o queixo do oponente

de baixo para cima, levando, possivelmente, a um nocaute; Kao Hon, Kao Yo e Kao Hiap, consistem em três diferentes tipos de joelhadas usadas apenas no Muay Thai que podem ser decisivas em um ataque; Blima Leachor/Beita/Manouj, uma queda para trás, usada no Krav Maga, com chutes e algumas alavancadas laterais. Mas também lembrei outros que ele já conhecia no mundo do judô como, por exemplo, o Kata Guruma e Ashi Gatame, tudo em uma mistura que gostávamos de fazer para que um agente sempre estivesse preparado para todos os tipos de luta, sem nenhuma inconveniência. Mas não importava o quando nossos corpos se tocassem, eles ainda pareciam estar a quilômetros um do outro. Ele não me olhava nos olhos e nem falava comigo, mas quando era para me atacar ele fazia com muito gosto. Algumas vezes ele demorava a obedecer meu “TAP, TAP”, dois tapinhas dados no oponente para mostrar desistência, ou, no caso de um professor, a pausa de um golpe sendo aprendido, e isso demonstrava o quanto ele me odiava.

Por conta da gravidez eu estava um pouco relapsa nos movimentos, e no nosso terceiro treino, em um dos golpes que estávamos treinando, quando ele devia tentar me acertar com uma sequência de soco deferido com a mão da frente, referente a sua base, com um soco de lateral deferido com a mão de trás referente a base, Alex conseguiu acertar meu abdômen antes que eu pudesse me defender. Não havia sido um soco muito forte, pois por algum motivo ele estava controlando mais a força do que nos dois primeiros dias, mas, rapidamente, eu fui para o chão levando a mão à barriga, por puro extinto de proteção, mas, também, porque doía um pouco. Fechei os olhos preocupada de que algo pudesse ter acontecido ao meu bebê.

- Você está bem? - Perguntou preocupado.

- Estou! - Disse com a voz falha segurando a minha barriga e o encarando meio assustada - Acho melhor pararmos por aqui.  
- Deitei no tatame fechando os olhos novamente.



- Quer que eu chame uma enfermeira? - Ele se aproximou aparentemente preocupado.

- Não! - Mantive meus olhos fechados.

Senti que ele ainda me encarava, mas nenhum de nós falava nada. Sua respiração estava tão descompassada quanto a minha, e quando abri os meus olhos vi o quão próximos nós estávamos, seu olhar estava fixado em meus lábios semiabertos. A vontade de beijá-lo supria a dor de não o ter mais comigo. Conseguia ver em seus olhos, agora escuros, que também queria aquilo. Estávamos muito próximos quando nossos olhos se encontraram e eu tive a certeza de que ele iria me beijar. Nossos narizes se tocaram e meu mundo desabou. A dor na barriga fora substituída por um nó que ficava mais apertado a cada milímetro que ele se aproximava.

- Alex? - Sussurrei para ter certeza de que isso não era algum delírio.

- Shii! - Ele disse acariciando meu rosto. E eu vi o mundo girar, e logo depois parar bruscamente.

- Alex! - Uma voz estridente gritou da porta.

- Elizabeth? - Alex levando assustado como se houvesse saído de um transe - O que faz aqui?

- Procurando a Agente Walter. - Sorriu fraco se recompondo.

- O que foi? - Disse abrindo meus olhos ainda deitada mostrando toda a minha frustração na voz.

- Tem um agente lhe aguardando para uma reunião.

- Tudo bem. - Respirei fundo pela vigésima vez naquela hora - Pode dizer que já estou a caminho. - Levantei e olhei para Alex que evitava olhar para mim. Peguei as minhas coisas e sai dali rapidamente.

Depois deste evento, Alex havia voltado a ser a pessoa fria que se tornara. Nos treinos ele se esforçava e estava sempre foca-

do, mas não trocava uma palavra comigo, nem mesmo quando havia alguma dúvida de sua parte. Era apenas a minha voz naquela sala, todos os dias. As duas semanas seguintes procederam da mesma forma, e eu já estava chegando ao meu limite, pois claramente ele ainda se preocupava comigo, e deixou isso claro naquele dia, mas ele adorava vestir essa máscara e me maltratar. Olhar para Alex, seja ele o homem que me odiava ou o homem que me amava e que seria pai daqui alguns meses sem nem ao menos saber, não me fazia bem. Estava ficando realmente doente com tudo isso. Havia chegado à um estágio em que, quando o treino terminava eu me trancava em meu escritório e chorava por horas, depois comia o quanto podia e trabalhava o quanto conseguia.

Todos sabem seus limites, e eu já havia ultrapassado todos eles.

Quando acordei hoje, decidi que não me maltrataria mais dessa forma. Sabia que tudo aquilo não passava de um teste em relação a minha lealdade e sanidade mental, mas, no momento, eu não ligava se a bancada de líderes acharia que havia uma ligação entre Maurício e eu ou se haveria envolvimento pessoal da minha parte para com Alex. Não me importava, como não me importo agora. Eu só queria acabar com tudo que estava acontecendo.

Antes de ir à sala do diretor, Antony, para pedir minha liberação da missão, eu decidi encerrar ao menos uma parte do treino que era vital para a sobrevivência. A parte de lutas com armas de fogo. Havia começado, há dois dias, treinar a pontaria de Alex, que não era de todo ruim para um iniciante, com diversas armas. E precisava ao menos garantir que ele saberia se defender sozinho quando chegasse a hora, pois eu não estaria lá para ajudar.

- Bom dia! - Entrei na sala de treinamento de tiro carregando uma mala enorme com várias armas sem receber uma resposta de volta. - Bom hoje vamos treinar sua mira com armas

mais pesadas. - Fui tirando algumas da mala e colocando na bancada junto aos carregadores de munição. - Bom, - Comecei - essa aqui é uma AK 74, uma versão mais moderna da tão conhecida AK 47. Ela usa um carregador cilíndrico, que chamamos de carregador tambor, também conhecido aqui como Drum Magazine, que possui modelos para várias pistolas, fuzis e metralhadoras em calibres pesados e em quantidades de munição que podem ultrapassar 1000 unidades. - Ele me olhava atentamente. Parecia muito interessado em cada palavra que dizia. Armas, definitivamente, era a parte que ele mais gostava em todo o treino. E em especial treinar com metralhadoras potentes, parecia muito melhor do que aprender atirar com uma pistola de calibre 38. - Essa é uma Glock, uma pistola comum, não é automática, e pouco utilizada por bandidos profissionais. Mas é uma pistola interessante, então nós fizemos algumas alterações na arma e a transformamos em uma pistola automática e utilizamos o carregador cilíndrico na mesma. Ela atira 20 balas por segundo e se torna muito prática em um combate onde precisa reduzir seu carregamento de armas. - Coloquei a Glock de volta na bancada pegando uma M24 - Esse é o rifle de precisão mais usado no exército americano. Mas estamos trabalhando em um aprimoramento de sua precisão e potencialização de alcance - Coloquei de lado pegando a minha preferida - Bom essa aqui sem dúvida é uma das melhores armas já fabricadas - Falei empolgada - Barret M82A1 é um rifle fabricado em 89 e é conhecido pela sua destruição em massa. O objetivo dele é exterminar tantos os inimigos quanto a estrutura física ao redor deles. O seu alvo aproxima até dez vezes e a distância de um tiro preciso é de 2600 metros.

- Incrível! - Ele parecia extasiado com tanta informação - Posso tentar? - perguntou meio inseguro.

- Claro! - Disse empolgada.

Arrumei a arma em meus braços, primeiramente, e atirei com facilidade acertando o centro do papel que estava à 200

metros da nossa localização. Sorri e passei o rifle para ele, que pegou com dificuldade sentindo o peso da arma. Arrumei o rifle em seus braços com dificuldade de concentração, pois a cada toque de nossas peles sentia um arrepio na minha espinha.

O treino seguiu bem, mas tinha uma cara de despedida. Alex não estava 100% pronto, mas conseguiria se virar. Eu deixaria um agente encarregado de um treino prático em campo para ele sentir um pouco o peso de uma verdadeira luta, mas acreditava em seu potencial. Ele daria um ótimo agente.

Sai do treino me sentindo um pouco estranha, não só por ser o último treino que eu faria nessa missão, mas por Alex ter olhado nos meus olhos e ter dito um “tchau” como se pressentisse que aquele era o nosso último encontro.

Respirei fundo quando já estava no corredor longe de Alex e segui para a sala de Antony determinada a pedir minha demissão.

Assim que cheguei em frente a sala, respirei fundo pela milésima vez e bati na porta, ele disse, com sua voz grossa, para entrar e eu obedeci.

- O que aconteceu? - Ele me encarou e eu tive vontade de sair correndo dali.

- Eu preciso falar com você sobre uma coisa. - Eu parecia uma adolescente falando sobre o primeiro namorado com seu pai.

- Algum problema com os treinamentos? - Diz prestando atenção em algo no computador.

- Não! - Respirei fundo - Os treinos estão ótimos, Alex está se saindo muito bem. E eu reportei isso nos meus relatórios. - Falei rapidamente com medo dele me cortar - Na verdade eu queria conversar sobre eu ser a treinadora dele. Acho que já cumpri a minha punição.

- Está aqui para questionar uma ordem direta? - Me olhou bravo - Acho que se esqueceu que ordens dadas pela bancada

devem ser acatadas sem reclamação. Você é apenas uma subordinada. Uma mera agente de campo, então não discuta e se retire da minha sala pois ao contrário de você eu tenho que lidar com todas as missões dessa agência, inclusive as que não se referem a Maurício, porque ele não é o centro de todos os nossos problemas.

Engoli a seco o que ele havia dito, e eu queria chorar com as palavras rudes dele. Eu só queria a minha liberação da missão, nada mais do que isso. Não queria uma medalha ou um lugar na bancada, ele era o líder ali e eu entendia e respeitava isso.

Quando fui abrir a minha boca para esclarecer meu desejo, um alarme começou a tocar. Nos levantamos novamente pegando nossas armas no coldre e destravando-as. Antony me encarou e logo depois fez uma ligação para a central de vigilância da agência perguntando o que estava acontecendo.

- É o alarme de perímetro invadido Senhor. - Gritou do outro lado da linha.

- Isso eu já sei! - Gritou de volta pausadamente - Quem invadiu a agência?

- Maurício?! - Disse quase em cochicho.

- Ninguém entrou na agência Senhor. - Ele estava receoso em falar.

- O que aconteceu então? - Perguntei impaciente.

- O arsenal de treino foi invadido e quatro armamentos roubados.

- Como alguém de dentro pode ter roubado armas? Ainda mais chamando tanta atenção.

- A pessoa fugiu com um carro da garagem de apreendidos. - Ele estava muito nervoso.

- Quem foi a pessoa? - Perguntei desejando que a minha teoria estivesse errada.

- Ainda não sabemos. Estamos procurando no banco de dados um reconhecimento facial, mas a pessoa soube se esconder bem das câmeras. A única que o pegou não tem uma excelente resolução. Pode demorar muito até acharmos uma combinação.

- Droga! - Gritei chutando a cadeira que antes estava sentada.

- Tem alguma suspeita, Nataly? - Antony perguntou desconfiado

- Quais foram as armas roubadas? - Perguntei ignorando a pergunta de Antony

- Duas 38, uma Glock automática personalizada e uma Barret M82A1. Ainda não calculamos a quantidade de munição levada. - Mais que merda, abaixei a cabeça. - A última locação dessas armas fora feita pela agente Nataly Walter pouco antes das quatro da manhã. - Antony me encarou esperando uma explicação.

- Procura por um reconhecimento facial de Alex Bernoulli. - Disse deixando todos chocados. Por um momento só havia a sirene naquele lugar.

- Senhor? - O agente do outro lado da linha chamou meio receoso depois de alguns minutos em silêncio.

- Sim! - Antony tentou se recompor. - Pode procurar.

- O reconhecimento bateu. É o Alex Bernoulli nas imagens de segurança. - Antony me encarou sem entender o que estava acontecendo. - E acabamos de perder o sinal do carro também.

- Ensinei a Alex sobre armas nos últimos dias. Hoje eu apresentei duas armas poderosas. Uma delas foi a Barret M82A1 e eu ensinei como usá-la. - Disse me jogando na cadeira. - Não sei como ele acessou a sala de armamentos, ele nunca esteve lá comigo, mas ele viu como cortar o GPS no dia em que eu trouxe ele para cá.

- Devo emitir um alerta de roubo senhor? Colocar agentes atrás do mesmo? - O agente perguntou receoso.

- Não! - Katia disse entrando na sala sem bater - Desligue o alarme e acalme a todos. Nada fora do esperado aconteceu.

- Mas senhora, ele roubou...

- Não interessa. - Ela o cortou - Essa missão é maior do que nós, não podemos arriscar.

- Sim senhora! - Disse desligando a ligação.

- Posso saber do que isso se trata? - Antony gritou batendo na mesa.

- Alex não fez nada de errado, só está assustado. - Katia o defendeu.

- Ele roubou armas e um carro. Desligou o GPS e sabe lá Deus o que estará fazendo com isso.

- Ele é inteligente. - Ela gritou de volta - Deve estar atrás de respostas, apenas.

- Concordo com ela. - Entrei no meio da discussão - Mas, Alex não deve estar atrás das respostas, e sim está com a resposta.

- O que está tentando insinuar? - Ela me encarou. - Meu filho não é um bandido. - Se aproximou de mim segurando em sua arma que ainda se mantinha presa no coldre.

- Eu não disse isso. - Me mantive parada no mesmo lugar - Mas ele pode ter encontrado com o Pai, ok? Ele pode acreditar em coisas diferentes. Alex não foi ameaçado para sair daqui, ele foi frio e calculista.

- Katia? - Antony a chama apontando a arma para a mesma - Larga a sua arma agora. Nós não somos o inimigo aqui. - Ela olhou para sua mão que estava apossada da arma que estava apontada para mim.

- Oh meu Deus! - Ela me encarou assustada largando a arma em cima da mesa. - Naty me perdoa. Eu, eu....

- Seu envolvimento pessoal é muito grande nessa missão, Katia. - Antony encarou a mesma que se sentou na cadeira ao meu

lado – Estávamos preocupados com o envolvimento de Nataly, quando na verdade deveríamos ter nos preocupados com você, a ex-mulher e mãe do filho dele. É claro que ele daria um jeito de te atingir.

– Eu estou bem. – Ela disse sem nem mesmo acreditar no que falava.

– Não Katia, você não está nada bem. Apontou uma arma para uma agente por não acreditar que seu filho possa ser manipulado pelo próprio pai.

– Ele não é nada meu e muito menos de Alex. – Ela disse controlando sua raiva.

– Ninguém tem culpa pelos erros dele Katia, mas não dá para negar isso. Ele é o pai de Alex, e ele tem a capacidade de fazer a cabeça do garoto que não sabe ao certo o que é verdade ou mentira na vida dele. Ele confia no pai e por isso pode ter fugido, para encontrar com Maurício. Ou ele pode estar agindo sozinho. E nós só vamos descobrir quando investigarmos, ok?

– Ela acena com a cabeça. – Mas de qualquer forma, você está fora da missão.

– O que? – Ela gritou.

– Não posso arriscar a sua vida nessa missão. Eu prometi que cuidaria de você e é o que estou fazendo. Sem discussão. Você vai se concentrar em cuidar de outras missões e de relatórios, eu vou cuidar pessoalmente dessa missão.

Fiquei ali parada ouvindo um homem totalmente diferente do chefe, que tive a minha vida toda, falar. Era estranho ver ele ser cuidadoso com alguém. Mas apenas ignorei e pedi permissão para me retirar começar a montar uma estratégia com uma equipe para poder achar o paradeiro de Alex.

Não sei o que ele estava aprontando, mas eu estava começando a ficar aflita.

Meu Deus, eu juro que se ele sair dessa vivo eu conto pAra ele sobre a gravidez.



## Capítulo 42 – Novo Plano

Alex

Treinar com a Agente Nataly Walter não era uma opção, e isso minha mãe havia deixado bem claro no dia em deveria ter acontecido o nosso primeiro treino e eu dei as costas indo embora. Eu me recusava tê-la como minha treinadora, pois não conseguia ficar na mesma sala que aquela mulher, parte, por odiá-la, mas também por sentir que poderia ser puxado para um precipício se ficasse muito próximo a ela. Não era segredo o que ainda sentia por Nataly, até porque ninguém deixa de amar de um dia pro outro, mas eu estava me esforçando para esquecê-la e eu ia conseguir, em algum momento.

Depois de três dias, trancafiado no quarto, por ordens da minha querida mãe, Elisabeth me convenceu de que seria melhor eu treinar, pois apesar de tudo sua chefe ainda era uma das melhores agentes de campo que ela vira. E além de ser um ótimo jeito de se proteger, eu nunca acharia as respostas que tanto queria, sobre minha família, trancafiado naquele quarto.

O primeiro treino não havia sido tão insuportável quanto eu imaginei que seria, mas passar um tempo com ela me fazia lembrar nossos dias na faculdade, seus sorrisos, bilhetinhos durante as aulas, as discussões, as ligações, e beijos e carinhos... Meu deus! Eu estava perdido. – Falando em faculdade, eu nem sabia como estava minha situação em relação a isso. Me formaria em breve, pois pulei um ano na grade por minha excelência acadêmica. E agora eu estava perdendo muitas provas e muitas aulas. Provavelmente nem voltarei para aquela cidade. Talvez minha mãe decida me mandar para o outro lado do mundo, isolado da comunidade, ou talvez ela apenas me deixaria preso aqui para o resto da minha vida, sem ao menos poder ver a luz do sol. E o

melhor disso tudo, é que eu terei de acatar qualquer que for sua decisão, pois “tudo é em prol da minha segurança”.

Em nosso terceiro treino ela já estava meio aérea, e eu começava a me questionar se era o único que estava ali contra sua vontade. Ela explicava cada golpe com uma voz tão tranquila, que chegava a dar sono. Não parecia empolgada com seu trabalho e o fazia totalmente no automático. Sua feição era de uma pessoa que não dormia muito e nem se importava com as olheiras. Estava sempre de rabo de cavalo, que bagunçava nos primeiros minutos de luta virando um coque alto logo em seguida, e uma toalha úmida no pescoço. Suas bochechas coravam com muita facilidade durante os treinos e estavam levemente mais redondas ultimamente. Ela perdia tanto líquido quanto bebia, sem falar nas inúmeras vezes que ia ao banheiro. Nunca fui muito observador desta forma, mas a falta de diálogo entre a gente fazia com que eu a olhasse para ela mais do que deveria. E acho que foi assim que consegui machucá-la naquele dia. Embora eu soubesse que ela estava muito distraída, tendo assim uma parcela de culpa, eu apliquei um golpe do qual ela não conseguiu se defender, durante o treino, levando ela ao chão com a mão na barriga, onde eu havia socado.

- Você está bem? - Perguntei olhando-a caída aos meus pés. Não devia ter exagerado tanto assim na força.

- Estou! - Disse em um quase suspiro. Porém não parecia tão bem, então me agachei ao seu lado vendo seu rosto corar mais um pouco por conta da dor. Era um rosto sereno que permitia cair algumas gotas de suor, que percorriam o caminho até o pescoço. Ela era tão linda, e eu adorava olhar seu rosto enquanto ela dormia, tinha uma serenidade de anjo, serenidade essa que ela tentava estabelecer agora, sem muito sucesso por conta das caretas de dor que fazia.

Parados ali, o tempo parecia ter congelado numa época que, agora, me parecia bem distante. Éramos só os dois no mundo novamente, assim como quando deitávamos no parque a tarde,

debaixo de uma árvore qualquer, de mãos dadas, em completo silêncio. Ali, naquele momento, estavam dois jovens inocentes que tentavam acertar o caminho correto a seguir.

Memorizei cada parte de seu rosto, como se aquela pudesse ser a última vez que estivéssemos nos vendo. Eu costumava fazer isso depois de cada noite de amor que tínhamos, só para ter certeza de que quando fechasse meus olhos sonhasse com ela.

- Alex? - Ela sussurrou quando meus olhos estavam cravados em seus lábios semiabertos.

- Shii! - Acariciei seu rosto percebendo que sua respiração estava tão descompassada quando a minha. Eu queria me perder ali. Beijá-la até que não existisse mais ar. Tirá-la daquele lugar e cuidar da garota perdida que eu sabia existir dentro dela.

Meu Deus! Como eu amo essa mulher.

Aos poucos me aproximei dela até que nossos narizes se tocassem. Ela ainda mantinha seus olhos fechados e seu corpo agora estava todo travado, talvez pela mesma razão que minhas mãos suavam tanto naquele momento. O medo de que qualquer movimento brusco pudesse destruir essa bolha que acabávamos de entrar me consumia.

A poucos milímetros de sua boca um grito me puxou bruscamente de volta para a realidade.

- Alex! - Ouvei a voz estridente de Elisabeth me chamar pela segunda vez. Fiquei alguns minutos a odiando em silêncio. Tempo suficiente para Nataly pegar suas coisas balbuciar alguma coisa e sair sem ao menos me encarar. Não necessariamente nessa ordem. Assim que ela sumiu no corredor, levantei furioso, tanto comigo quanto com Elisabeth, do tatame pegando minhas coisas e saindo da sala em direção ao quarto sem ao menos dar atenção a garota que continuava plantada me encarando.

- Alex! - Elisabeth corria atrás de mim há uns minutos.

- O que? - Parei bruscamente após ver que ela não desistiria. Eu só queria estar sozinho agora.

- Por que está correndo assim de mim? - Ela tocou meu ombro e eu apenas recostei na parede do corredor que ainda se encontrava vazio em virtude do horário. - Eu não fiz absolutamente nada, e você está todo irritado comigo.

- Você sabe o que ia acontecer se você não aparecesse lá? Sabe o que eu estaria fazendo agora? Beijando a pessoa que mentiu para mim, que me fez amar sem sentir o mesmo por mim. - Ela me encarou com atenção - Então, não, eu não estou irritado com VOCÊ - Apontei meu dedo em sua direção -, eu estou irritado comigo mesmo, por conseguir ser tão fraco a este ponto.

- Calma. Não pode deixar isso te consumir. - Me encarou - não é sua culpa. Ninguém controla os sentimentos - Sorriu fraco - Às vezes a gente ama a pessoa errada, quando a certa está bem ao seu lado - Senti um pouco de dor enquanto falava - Mas ainda assim você tem sorte - Se recompôs - Não chegou ao ponto de fazer qualquer loucura que ela mandasse, só para ter um pouco de atenção dela.

- Você já? - A encarei curioso.

- Eu? - Ela rio nervosa - Não, claro que não - Sorriu mostrando claramente sua mentira. É bom saber que, apesar de ter sido enganado por Nataly eu ainda conseguia identificar uma mentira. - Voltando a você - Ela tentou voltar ao foco inicial - Apenas tente aguentar mais um pouco os treinos e se mantenha longe dela. Esses treinos não passam de testes para ver se há algum envolvimento entre vocês, se continuar nesse ritmo de hoje, acaba tudo.

- Como assim? - Perguntei não tão surpreso quanto eu gostaria de estar.

- Treinar você é a punição dela por ter mostrado a base. E ela tem que mostrar autocontrole ou perde a missão.

- Ela deixará de me proteger? Ficarão longe de mim para o resto da vida? - Perguntei animado com a ideia.

- Não, Alex. - Elisabeth pareceu estar do lado de lá pela primeira vez - Ela perde a missão. Irá se afastar do caso e outro irá assumir. E ela pode ter milhões de defeitos, mas é uma das melhores agentes que eu já vi. E é honesta. E eu sei que nem todos aqui são. É uma missão suicida. Além do que eu vou ser obrigada a me afastar também, pois sou secretária dela, e essas missões ultrassecretas não podem haver quaisquer intervenções ou contatos exteriores.

- Ok, eu entendi - Sorri de lado - Não posso tirar ela do comando, certo?

- Exatamente! - Sorriu e continuou andando.

- E o que espera que eu faça para que isso não volte a acontecer? Afinal estaremos muito perto em muitos momentos.

- Sorvete! - Sorriu como uma criança preste a aprontar.

- Como assim sorvete? Vou jogar na cara dela quando estivermos muito próximos? - Perguntei confuso.

- Não! - gargalhou - Nós vamos tomar sorvete e arranjar uma solução para seus problemas. Por que eu não tenho a resposta para tudo meu amigo.

- Sorvete não é biscoito da sorte para prever seu futuro ou te dar conselhos- Sorri de sua cara de criança.

- Quem foi que disse isso? - Disse sugestiva.

- Tá bom! E como pretende tirar a gente daqui para tomar sorvete? Porque eu tenho quase certeza de que eles não fazem entregas em bases supersecretas.

- Me encontra depois do almoço no depósito do térreo. E cuidado com as câmeras. - Me deu um beijo na bochecha saindo logo em seguida para o outro lado do corredor.

Passei o dia a me questionar se seria uma boa ideia seguir as maluquices de Elisabeth, já que Dona Katia tinha me proibido de fazer qualquer coisa sem sua autorização. - Parecia que havia voltado para o maternal - Pensei várias vezes em simplesmente

ir até ela e dizer não, mas por outro lado se eu não embarcasse nessa loucura, provavelmente morreria de tédio em algum momento aqui. Então após o almoço tomei coragem e segui para o térreo, com um boné na cabeça, para tentar despistar das câmeras que eu não sabia ao certo onde estavam. Encontrei-me com ela na porta do depósito como combinado e ela me carregou por um buraco, em uma parede falsa dentro do mesmo, que levava a parte de fora do prédio.

- Onde estamos? - Perguntei analisando um local ensolarado com um prédio gigante que tinha uma placa escrita "Energy". O local era afastado da cidade, mas não parecia abandonado.

- Oficialmente falando: estamos na companhia de energia da cidade. - Ela caminhou até um arbusto pegando umas chaves que haviam ali - Informalmente, estamos na entrada secreta para a central.

- Espera aí? Como aquilo tudo cabe aí dentro.

- Nossos prédios são subterrâneos. Menos chances de nos descobrirem ou nos atacarem. Fora que nem o pessoal da companhia de energia que trabalha aqui sabe da existência da agência.

- E como fazem para sair com carros e armas?

- Usamos o portão camuflado que você viu quando chegou aqui. Ele fica há uns dois quilômetros daqui.

- Ok! - Tentei entender a linha de raciocínio deles, mas logo desisti - E para onde nós vamos? - Perguntei a seguindo até um carro estacionado na frente da companhia.

- Para o melhor sorvete da cidade. - Sorriu dando partida no carro.

Atravessamos a cidade até a minha sorveteria preferida onde eu havia ido pela última vez com Lucy. Doeu entrar sabendo que tudo aquilo não passou de uma invenção. Doeu olhar para o lugar e não o ver com a mesa inocência que via. Toda a minha

história nesse bairro havia sido uma grande mentira. Meus pais, a Lucy ou Nataly, provavelmente até a dona da sorveteria.

- Está tudo bem? - Elisabeth me perguntou enquanto eu encarava o nada.

- Sim! - Disse sem olhar para ela.

- Eu sei que aqui é um dos seus lugares preferido. - Ela comenta e eu apenas ignoro, pois provavelmente ela teria visto aquilo em algum tipo de ficha minha. - Por que você não escolhe um lugar para a gente enquanto vou ao banheiro. - Sorriu seguindo até a entrada do banheiro.

Automaticamente eu fui até uma mesa que estava desocupada e joguei meu casaco, mas, assim que sentei, notei que era a mesma mesa que eu sentava a anos, consequentemente a mesma mesa que sentei com Nataly naquele dia.

Respirei fundo pronto para sair dali antes que as lembranças me invadissem e me fizessem de refém pelo resto do dia. Peguei meu casaco tentando localizar uma outra mesa vazia, mas fui surpreendido por uma pessoa escorregando para a cadeira de frente à minha e tocando a minha mão impedido que eu me levantasse. Achei que era Elisabeth e já estava pronto para usar alguma desculpa sobre aquele lugar, que antes eu considerava o lugar perfeito para se sentar, mas então percebi que a mão que me tocava era um pouco maior e mais grosseira do que a de Elisabeth.

Levantei a cabeça lentamente temendo quem poderia ser. Me arrependendo loucamente por ter aceitado sair dessa maneira, sem segurança alguma. Encarei o rosto de quem se sentava agora a minha frente e tive a certeza de que aquilo havia sido uma má ideia.

- Oi filho. - Ele falou tirando o capuz, do moletom que vestia, da cabeça revelando seus cabelos negros agora um pouco grisalhos. - Acho que precisamos conversar. - Olhou diretamente no fundo dos meus olhos e eu congelei.





## Capítulo 43 – Mudando de Lado

Alex

Nunca rezei tanto quanto eu estava rezando agora. Não sabia como reagir ao que estava acontecendo, mas tinha plena certeza de que seriam meus últimos minutos em vida.

Por que eu decidi sair daquela maldita fortaleza? – Amaldiçoei-me – Estava insuportável, mas, ao menos, era seguro, coisa que, no momento, eu não me sentia.

Fechei os olhos na intenção de fazer aquilo sumir, pois só podia ser coisa da minha imaginação, mas ao invés disso mais deles apareceram. Não sei se era por causa do medo de morrer, mas eu só conseguia pensar na minha mãe, no Thiago, na Mary e na Nataly – Maldita Nataly -. Abri os olhos bruscamente para não voltar a pensar nela e me deparei com um homem aparentemente calmo esperando o meu momento. Desviei o olhar daquele fantasma que estava sentado à minha frente e olhei para o banheiro na esperança de Elisabeth me socorrer, mas infelizmente ela continuava lá. E pensando bem, era melhor que continuasse, pois ela não era uma agente de campo, logo não tinha uma arma ou treinamento adequado para lutar contra um homem como ele. – Eu já estava falando que nem aquela corja de mentirosos. Eca!

– Não precisa ter medo. – Diz chamando minha atenção de volta – Eu não vim aqui para te machucar. – Parece sincero, mas não me convencendo o suficiente – Eu sei que isso deve ser muito estranho para você, mas eu preciso que me escute. – Um misto de desespero, compaixão e medo tomou conta de seu olhar.

– E por que eu faria isso? – Perguntei ainda estático tentando entender a situação.

– Porque eu sou inocente. – Toca minhas mãos e eu permaneço imóvel – Pode parecer estranho. Principalmente sabendo

tudo que colocaram na sua cabeça meu filho, mas não sou eu o vilão dessa história. – Afirmou despertando um aperto no meu peito.

– E espera que eu simplesmente acredite em você? – Tentei me convencer a levantar e sair dali.

– E que escolha eu teria? – Seus olhos estavam lacrimejando – Tudo aponta contra mim, inclusive o tempo – Sussurrou a última parte. – Só me resta esperança. Esperança de que acredite que eu sou inocente e faça justiça pela nossa família.

– Do que você está falando? – Perguntei confuso.

– De se vingar do verdadeiro traidor. Do homem que matou uma das mulheres mais especiais para mim, do homem que roubou o que era meu e me colocou na lista dos mais procurados mexendo com a cabeça da sua pequena menininha. – Ele tinha os olhos escurecidos pelo ódio e a dor era perceptível em sua fala – Do homem que me separou da minha família. Que me impediu de ver meu pequeno garoto se tornar um homem.

– Está insinuando que o Antony fez tudo isso e colocou a culpa em você? – Sorri nervoso e nem um pouco convencido. – Eu sei da mensagem que enviou a eles. Não parecia nem um pouco inocente – Disse enfurecido.

– Eu só estou tentando fazer o que é certo – Afirmou – Não há um jeito de tirá-lo do poder se não for lutando. Ele não daria tempo para eu dizer uma palavra ou apresentar quaisquer provas de sua culpa. Ele me mataria e todos continuariam sendo manipulados feito marionetes.

– E por que acha que eu deveria acreditar na versão do homem que nunca fez parte da minha vida e que até mês passado, não passava de um homem comum morto.

– Eles mentem! – Se recompôs – Todos mentem a todo momento. Mentiram para você por mais de oito anos, colocaram uma pessoa para te vigiar de perto, para mentir e te iludir, magoar e persuadir, a sua mãe mentiu sobre o que fazia quando nun-

ca estava presente. Por que não mentiriam de novo? – Sorriu sugestivamente – É como eu disse, todos são marionetes nesse jogo. Tudo está sendo controlado, vigiado. Se algo se move fora do perímetro é explodido e ninguém fica sabendo, pois isso vai para a gigantesca lista de segredos que aquele homem esconde. Você acha que aquela agente que, supostamente, eu matei morreu em vão? Ela descobriu coisas, coisas que levaram a morte dela.

– Não pode entrar aqui e contar uma historinha e esperar que eu acredite – O ódio me dominava.

– Não posso. – Concordou – Mas posso tentar mostrar o caminho certo a seguir, olhar os pontos cegos daquela agência, fazer você perceber coisas que normalmente passam despercebidas. – Se levantou – Observe o líder, e eu estarei bem aqui em uma semana para te responder o que quiser, ou para ser preso por um assassinato que eu sei que não cometi. A decisão será sua. – Sorriu deixando uma foto da nossa família há algum tempo atrás. – Traga ela de volta – Saiu andando em direção à saída me deixando paralisado no mesmo lugar.

Três segundos depois olhei em direção ao banheiro no fundo da sorveteria e vi Elisabeth vindo em minha direção. Puxei a foto para o meu colo imediatamente antes que ela pudesse ver.

– Desculpa a demora. – Sorriu atônita de tudo que estava acontecendo – Já fez o pedido?

– Eu quero ir embora. – Consegui dizer.

– Por que? – Olhou para minha cara pálida preocupada.

– Só vamos, ok? – ela concordou e saímos da sorveteria.

Olhei na rua e ele não estava mais lá.

Eu sei que deveria dizer isso a ela, mas eu não sabia ao certo como fazer. Nós nem deveríamos estar ali para começar.

– Você tem certeza que está bem? – Perguntou quando já estávamos no corredor da agência.

- Sim. - Senti a foto no meu bolso do meu casaco.

- Achei você! - A secretaria da minha mãe parou bruscamente na nossa frente nos assustando - Onde estava? - Abri a boca para falar qualquer desculpa, mas ela me interrompeu - Não importa. A Agente Katia Bernoulli quer falar com você. Algo de extrema importância. Então trate de ir até a sala dela agora. - Disse me empurrando para dentro do elevador, apertando o botão para o último andar e sorrindo ao lado de Elisabeth até que as portas fechassem me deixando sozinho naquele lugar.

Encarei aquela parede com tantos botões. Era engraçado como o funcionamento dos andares era locado. A agência era como um prédio de cabeça para baixo. Você entra pelo térreo, mas ao invés de subir você desce até o andar onde se encontra o estado mais poderoso de hierarquia. - Que em um prédio comum é na cobertura.

Quando as portas se abriram me deparei com aquela sala oval de novo. Respirei fundo e analisei o lugar vazio. Talvez ela já soubesse do encontro, ou talvez não. Talvez eu devesse contar e esperar uma reação, ou talvez não. Eu estava sozinho nessa. Ninguém poderia saber até que eu decidisse o que fazer.

Notei a porta da sala de Antony semiaberta e como todo bom curioso me aproximei para ver o que acontecia ali. Não havia tido tempo para processar a conversa de mais cedo, mas ainda assim tinha uma coisa me incomodando nos segredos daquele lugar. Assim que cheguei na porta e espiei pela brecha aberta, observei a sala vazia e já ia me afastando quando ouvi o barulho de algo sendo arrastado e Antony surgindo do nada de uma passagem na onde eu sabia ficar uma parede com um agente que estava na reunião do outro dia. Eles carregavam alguns papéis antigos e pareciam preocupados em esconder alguma coisa já que começaram a queimar os papéis.

Uma porta secreta? Sério? O quão clichê isso ainda pode se tornar? E o que eles tentavam esconder?

Me afastei da porta com cuidado indo até o outro lado para entrar na sala da minha mãe, mas uma mão me agarrou antes que eu pudesse girar a maçaneta.

- O que estava espiando? - Antony disse após me virar bruscamente.

- O que? - Disse assustado.

- Não chegue perto da minha porta sem autorização novamente ou terá fortes consequências garoto. - Disse pausadamente cuspiendo sua raiva sobre mim.

- Sim senhor! - Engoli o medo que tentava aparecer. Ele estava me assustando de verdade.

- O que é isso? - Ouvi minha mãe dizer atrás de mim e respirei aliviado. Ele não tentaria me matar na frente dela - Solta dele Antony.

- Faça ele ficar longe da minha sala ou ele não circulará mais sozinho. - Largou-me bruscamente fazendo com que eu cambaleasse um pouco esbarrando em minha mãe - Eu não aviso duas vezes. - Virou indo até sua sala e batendo a porta.

- O que você fez? - Ela olhou preocupada.

- O que ele esconde dentro da passagem secreta na sala dele?

- Ela arregalou os olhos me puxando para dentro da sala e fechando a porta.

- O que viu? - Perguntou parecendo uma policial durona.

- Nada! - Me defendi - Só espiei pela porta. Vi ele saindo de lá com um cara, nada mais. - Omiti.

- Não chega perto de lá novamente.

- Eu já ouvi essa. - Sorri.

- Isso não é uma brincadeira Alex. - Ela e encarou nervosa - Há coisas que...

- Que o que? - Cortei-a nervoso - O que tem de tão especial em uma sala secreta para os dois surtarem dessa forma? Quantos

segredos ainda existem por aqui? Pretende me contar algum dia toda a verdade?

- Não funciona do jeito que você quer Alex. - Ela bateu em sua mesa - Há coisas que estão muito acima de você. Coisas que nos mantem seguros, que mantem esse lugar seguro. Coisas que muitos morreram protegendo, coisas que precisam estar extremamente longe de quem quer que seja, pois é muito poderoso e perigoso. E você DEVE ficar longe disso para o seu próprio bem. - Exclamou se sentando e me fazendo calar a boca por um bom tempo.

- Eu só queria entender o porquê de toda essa história maluca - Disse desabafando.

- Você só precisa saber que há um assassino lá fora e que ele precisa ser pego. - Disse se levantando - Vá para o seu quarto ou para a biblioteca. Eu designarei um agente para te acompanhar pelo resto do dia para que não faça besteiras. Hoje não é um bom dia para arrumar confusão.

- Você está falando sério? - Gritei - Eu estou perdendo a minha vida dentro de uma fortaleza para minha proteção contra alguém que eu não sei o que quer e ainda quer me colocar um guarda-costas para saber até quando eu decidir ir ao banheiro?! Já chega de relatórios. Não sou uma criança indefesa e eu sou mais que um "protegido" - Cuspi as palavras com nojo - Eu sou seu filho sabia? Eu estou fazendo tudo o que quer. Eu estou indo para a porcaria dos treinos com aquela garota e você coloca alguém atrás de mim para garantir que eu não arranje confusão?! Eu sou a pessoa mais sensata desse lugar! - Me levantei - Quando foi que deixou de confiar em mim assim? Ou será que nunca confiou?!. - Saí da sala batendo a porta e entrei no elevador determinado a ir a qualquer lugar longe dali - No caso o meu dormitório, pois não havia muito o que fazer em um lugar como esse -, mas o elevador parou a cinco andares dos dormitórios para alguém entrar. Esse alguém era Nataly com uma pilha de livros e papéis acompanhada por mais dois agentes na

mesma condição. Eles estavam conversando e nem perceberam quando nós dois nos encaramos. Eu decidi descer ali mesmo, pois ficar num espaço apertado com ela não estavam nos meus planos do dia.

Quando as portas se fecharam olhei para os dois lados do corredor tentando identificar onde estava.

Aquele lugar era gigantesco e eu me perdia facilmente. Mas eu estava usando de alguns truques para me mapear ali dentro, como por exemplo sabia que este andar era onde se localizava a biblioteca pois em frente ao elevador ficava uma porta preta com uma placa de vidro que indicava um laboratório. Era o lugar onde o Diego – suposto primo da Lucy – trabalhava. Pelo menos era o que eu deduzi, já que era fácil esbarrar nele ali.

Decidi seguir até a biblioteca. Se eu queria respostas teria que tentar através dos livros que tinham lá, pois eu sabia que ninguém ia me dizer o que fazer com o que eu sabia, ou achava que sabia. Caminhei entre as prateleiras buscando por qualquer coisa sobre aquele lugar, mas não achei nada de interessante, então decidi voltar para o quarto e pensar sobre as coisas que haviam acontecido.

De fato, aquele lugar parecia uma bagunça e de fato estavam me escondendo algo, mas eu não tinha certeza do quê. Talvez não fosse nada demais, ou talvez fosse tudo. Talvez ele realmente estivesse manipulando as coisas. E isso estava começando a me enlouquecer, então decidi investigar.

Passei a semana inteira observando os passos de todos ali. Antony parecia muito suspeito a todo momento. E para mim não fazia sentido o modo como ele tratava Nataly. Ela era filha dele e era como se ela não passasse de uma agente qualquer. Ele parecia muito frio e tenebroso. Talvez ele realmente estivesse por trás de tudo, talvez não. Mas ninguém queria me dar respostas. Ninguém exceto por uma pessoa.

Maurício.

Eu não devia, mas queria me encontrar novamente com ele. Queria respostas e ele a tinha. Era tão obvio quanto 2+2.

No dia do encontro que ele havia marcado eu estava tenso, tinha medo que alguém descobrisse, ou que eu estivesse errado e fosse sequestrado e morto pelo meu próprio pai.

Fui até a sorveteria seguindo os mesmos passos de Elisabeth no outro dia. Ele me esperava como prometido e não parecia alguém que queria me matar, então tentei baixar a guarda, pois eu só estava ali para obter respostas e não para me aliar ao lado errado da força.

Ele me prometeu respostas e ele me deu, com um bônus de como confirmar o que dizia através de documentos dentro da agência.

Conversamos durante uma semana inteira sobre tudo o que aconteceu esses anos. Ele estava na pior desde o ocorrido. Frequentou lugares ruins, teve que estar perto de pessoas ruins e mesmo assim ele preferia falar mais sobre como a minha vida havia sido esses anos do que sobre a dele. Eu contei absolutamente tudo a ele. Sobre meus amigos, minhas escolas, faculdade, festas, namoradas, quando ganhei um carro. E ele me surpreendeu contando sobre as raras vezes que ele conseguiu se infiltrar e assistir a algo que eu havia participado. Essas conversas eram incríveis e era como se eu só tivesse ido para longe e voltado a minha cidade natal.

Não sabia o quão ruim era viver sem um pai até encontra-lo.

No último dia de nossas conversas, após eu dizer o quão eu estava me sentindo mal por estar naquele lugar, ele me propôs uma fuga. Eu me assustei no começo, pois era legal ter um pai, mesmo sem saber se era culpado ou inocente, mas ir embora com ele, era aceitar definitivamente que ele era inocente e que o Antony era culpado. Não era tão difícil, mas me assustava as consequências. Afinal eu estava sendo treinado pelo inimigo, e esse inimigo era a mulher que, infelizmente, eu ainda amava.



Não sei se estaria pronto para dar as costas a minha mãe e atirar em Nataly se preciso.

Ele via a dúvida em meu rosto, mas de acordo com ele estava ficando sem tempo. Esses encontros estavam se tornando perigosos, mas ele não queria me abandonar mais uma vez. Então estaria nas minhas mãos. Se eu aparecesse no bar perto da rodovia onde ele havia marcado até determinada hora ele lutaria ao meu lado da maneira que funcionaria e acabaria com as farsas na agência. Mas se eu não aparecesse ele iria se entregar e tentar lutar do jeito que eu julgava mais certo, mesmo que isso pudesse acabar com sua vida.

Revirei a noite inteira pensando no que fazer. Arrumei e desarrumei minha mochila um milhão de vezes. Não sabia o que fazer. Quando o despertador tocou decidi levantar e ir ao treino. Ainda tinha algumas horas antes de tomar a decisão e era melhor não chamar atenção até lá.

Os treinos agora eram de tiro. Nataly me mostrava algumas armas que eram utilizadas em combate e como usá-las. Eu me dediquei ao máximo àqueles treinos, mas a única coisa que soava na minha cabeça agora era a voz de Maurício dizendo:

“Ser treinado pelo inimigo é a maior dádiva que alguém pode receber. Você está aprendendo os pontos fracos dele. Isso vai fazer de você um grande oponente mesmo que só tenha aprendido o básico.”

O clima naquele treino em específico estava mais tenso, não só por causa da minha decisão, mas também Nataly parecia esconder algo que gritava para sair. Fiquei tentado a perguntar algumas vezes, mas desisti já que seria melhor não influenciar de forma alguma a minha decisão qualquer que seja ela.

Ao final me despedi como se fosse um adeus. E talvez tenha sido. Eu tinha até a hora do almoço para decidir isso.

Fugir era fácil, mas eu tinha que fazer com que percebessem a minha saída caso algo desse errado e eu precisasse ser resga-

tado. Não deixei nenhum bilhete, nenhum endereço ou telefone. Descobri pontos cegos nos corredores, usei um boné e um óculos escuro e me esgueirei até a garagem. Sabia como fazer o portão abrir e sabia como desligar o rastreador do carro. Estava ciente do caminho que teria que seguir e onde deveria abandonar o carro. Tinha tudo em mãos para uma fuga perfeita. Só precisava da coragem para abrir a porta do quarto e sair.

- Vamos lá Alex, ele precisa de você. Todo mundo precisa - Respirei fundo dando alguns pulinhos no chão. - Vamos tentar fazer a diferença do lado certo. Com sorte sua mãe te segue e você a convence do mesmo. É a sua família que está em jogo.

Sai do quarto tentando me convencer de que tudo daria certo. E estava tudo certo até um vigia decidir andar entre os carros e me ver abaixado tentando encontrar o fio do rastreador. Ele gritou e apontou uma arma mandando eu sair do veículo, mas eu só fiz ligar o carro e acelerar quando o portão estava fechando em seu modo de segurança. Um alarme barulhento começou a tocar no lugar quando eu sai de lá. Agora eu sabia que havia chamado a atenção.

Foi uma loucura entre sair, desligar o rastreador, fugir dos dois carros que me perseguiram, abandonar o carro, pegar um ônibus e andar para um caramba até o bar na maldita rodovia. Cheguei lá a tempo de ver Maurício pegar o telefone e dar uma última olhada na porta onde eu recostei ofegante pela minicorrida até lá e sorri.

- Você veio! - Ele parecia surpreso.

- Eu acredito em você, mas está enganado sobre uma coisa. - Ele me encarou confuso. - Todos estão sendo manipulados. Isso inclui a mamãe - O encarei sabendo que ele não gostaria de saber disso, já que acreditava fielmente que ela havia ajudado Antony em tudo. Esse sempre era o ponto da nossa discordância.

- O que você fez?

- Não contei a ninguém, mas quero tentar convence-la. Ela merece a verdade tanto quanto eu.

- E quem disse que ela irá acreditar? - Ele disse totalmente descontrolado. - Ela faz parte disso, eu sei que faz.

- Então deixa que eu quebre a cara sozinho. Já estou acostumado - Jogo minha mochila no chão e ele a encara antes de pegar seu telefone que tocava.

- Quem disse que atrair a agência era parte do seu plano de fuga? - Gritou assim que desligou o telefone - não era para ninguém saber o que estava fazendo.

- Eles não sabem aonde vou ou com quem. Relaxa

- Eles vão vir como cães farejadores. Temos que ir. - me puxou pelo braço até uma camionete estacionada na frente.

- Temos que ir para onde? - Perguntei assustado.

- Adiantar nosso plano. Parece que vamos atacar o inimigo em poucos dias.



## Capítulo 44 – Caçando

Nataly

- O que temos? - Perguntei invadindo a sala de controle.
- Nada, senhora! - Um dos agentes me responde com os olhos fixos em algumas telas.
- Já encontraram o carro? - Cruzei os braços impaciente.
- Não, mas os agentes que o perseguiram já estão voltando.
- Varra todo o perímetro dessa cidade atrás do carro que ele usou. Quero saber onde ele está AGORA. - Bati na mesa e todos me olharam. - Essa é uma emergência. - Eles se entreolharam - Ninguém sai dessa sala até eu ter alguma resposta. - Eles acenaram e voltaram suas atenções para as telas dos computadores e eu me recostei na porta fechada.

Onde você está Alex? O que está fazendo?

Fechei os olhos e respirei fundo. Deixo que meu corpo relaxasse por um segundo e que minha mente viaje para algum momento calmo. Há poucos minutos eu queria sair dessa missão e agora eu era uma comandante em meio a um monte de subordinados novamente. Isso parecia com o eu antes de conhecer Alex. A fria e calculista Agente 003. Quando foi que me perdi assim? Olhando agora, nem parecia tão ruim ser quem eu era antes disso. Trabalhar com a cabeça era mais fácil e menos estressante, pois perder um protegido nunca estive em cogitação e em casos de extremo perigo eu nunca tive que pensar em ninguém, nem em mim, e agora eu não conseguia parar de pensar nos obstáculos que me proibiam de pensar apenas em um maldito corpo vivo, obstáculos que iam além de tudo isso. Salvar Alex, não era só colocar a minha vida em risco - Não que fazer isso fosse um sacrifício, pois não era - era colocar a vida de um inocente que nem havia nascido ainda em risco.

Talvez se eu tivesse contado a ele, ele não tivesse feito isso. Ele pensaria na criança, e não iria fazer qualquer coisa que pudesse nos matar.

Estúpida!

- Senhora? - Um agente novinho gritou na minha frente me fazendo pular de susto.

- Você está maluco? - Todos nos encaram.

- A senhora não respondia... - Disse em um sussurro se afastando.

- Desculpe! - Me encara como se eu tivesse feito algo estranho. - O que achou? - Ignorei sua cara.

- É mais o que não achamos. - Mordeu os lábios.

- Como assim? - Encarei a sala onde todos se entreolhavam para saber quem iria falar - Alguém aqui vai falar ou eu vou ter que torturar vocês? - Olhei com uma cara de quem não estava brincando.

- As câmeras não pegaram nada. - Uma mulher de óculos sentada atrás de três telas de computadores enormes que quase a escondiam falou.

- Quais câmeras? - Perguntei confusa - As da agência?

- Não. - A morena que havia falado antes se levantou - As câmeras de vigilância da cidade. Elas não registraram absolutamente nem um rastro do carro.

- Pontos cegos? - Chego próxima a sua mesa tentando entender o que se encontrava em sua tela.

- Não! - Me encarou e voltou a digitar fazendo aparecer algumas documentos e imagens em sua tela - De acordo com isso aqui - Apontou para um documento do governo - algumas câmeras foram desligadas na exata hora que ele saiu daqui e só estão programadas para religar daqui uma hora e meia, ou seja duas horas depois do ocorrido. O relatório diz que elas estão em manutenção, mas elas não apresentaram nenhum dano

nos últimos três relatórios. E foram trocadas no dia 13 de maio desse ano, então, acredite em mim, esses tipos de equipamentos tão sofisticados não tem chance de darem um problema tão cedo. – A encarei enquanto ajustava seus óculos. Menina genial essa. – E o interessante é que elas não foram as únicas câmeras a serem trocadas. No último semestre uma série de câmeras deram problemas e a cidade trocou de empresa de vigilância. Então todas as câmeras foram trocadas pelas da empresa BITE, que sempre está revisando as câmeras quando necessário. – Se levantou indo até um mapa da cidade que estava em um painel em um canto da sala. – Isso explicaria minha teoria.

– Que teoria? – Disse sentando em sua mesa e olhando para ela.

– Algumas câmeras passaram pelo mesmo processo, desde que essa missão começou.

– O que sabe sobre a missão? – A encarei e todos pararam. A missão é algo sigiloso, ninguém deveria saber absolutamente nada.

– Eu só analiso o sistema, não sei nada além de saber que ela está acontecendo. Aqui vigiamos a todos os agentes que estão em campo. É só o que eu sei. – Engoliu a seco. Ela falava a verdade.

– Ok! – Sorri e todos me olharam sem entender nada – Prosiga.

– Pode parecer teoria da conspiração, mas esse padrão estava me incomodando.

– Qual padrão? – Já estava perdendo a paciência.

– Câmeras, aparentemente aleatórias, por toda a cidade, de vez em quando, entravam em manutenção sem prévio aviso. – Pegou uma caneta vermelha na mesa ao lado fazendo círculos em alguns pontos do mapa. – Mas a maioria eram câmeras de lugares que batem com locais em que você ou seu protegido esteve. E o melhor, as horas também coincidem.

- Você disse maioria?

- Sim! - Respirou fundo - Algumas são de pontos importantes de rodovias e estradas pelas quais pode ter sido usada por vocês ou por terceiros. E outros são só para enganar e distorcer o verdadeiro interesse.

- Brillhante! - Todos me olharam sem entender nada. - Quando deduziu isso tudo?

- Tenho insônia e memória fotográfica - Sorriu de lado - E gosto de organização.

- Qual o seu nome? - Perguntei ficando em pé novamente.

- Agente Sophie Egan, senhora - Disse com uma voz envergonhada.

- Ok Agente Egan, bem-vinda a missão. Pegue suas coisas e suba para a sala de reuniões da sala Oval - Digo indo até a porta e parando - E ah, localize o Agente Diego e mande me encontrar agora com um grande copo de café.

- Sim senhora. - Ela me olhava estática.

- E os outros - Eles se levantaram tomando a posição de sentido - Voltem ao trabalho. Continuem vasculhando todo o continente até encontrarem esse maldito carro ou Alex.

Sai da sala de controle indo em direção ao elevador. Queria saber como Katia estava com tudo isso. Estava animada por ter por onde começar a procura-lo. Minha preocupação é que isso tivesse dedo de Maurício, aliás quem mais mexeria nas câmeras? E se ele tinha acesso, provavelmente sabe onde Alex estaria. Tera de encontrar ele primeiro.

- Nataly! - Diego disse me parando ofegante - Te achei.

- O que foi? Mandei uma novata ir atrás de vocês agora.

- Trouxeram eles para cá. E estão interrogando eles nesse exato momento. - Disse com dificuldade.

- Trouxe quem? - Perguntei sem paciência.

- Mary e Thiago. - O encarei assustados.



- Onde estão?
- Sala de interrogatórios, ala C.
- Ok, eu vou até lá e você encontra a novata genial que eu mandei ir atrás de você - Comecei a caminhar para o lado oposto - ela é o nosso ponto inicial.

Corri pelos corredores como se minha vida dependesse disso. Sabia como funcionava os interrogatórios na Ala C. Já havia feito isso, foi para lá que mandei aquela namoradinha psicopata do Alex. E não queria ver meus amigos sofrendo lá.

Assim que cheguei no corredor comecei a caminhar normalmente até entrar na sala que ficava separada por um vidro típico de salas de interrogatórios. Quando entrei me deparei com Kátia encostada no vidro.

- O que faz aqui? Achei que tinha sido suspensa? - Me aproximei dela.

- Eles são a única coisa que importava para o Alex. Não podia deixar machuca-los ou Alex nunca me perdoaria.

- Por que trouxeram eles? - Olhei pelo vidro vendo os dois tocarem as mãos com dificuldade já que se encontravam amarrado em cadeiras um de costas para o outro.

- Açam que eles podem saber para onde Alex iria, ou sabem de algo a mais. Eles estavam indo "viajar" para fora do país.

- Acredita que estivessem fugindo? - Perguntei tentando engolir meu medo, pois sabia que Thiago sabia o que estava acontecendo. Provavelmente devia estar sendo seguido e se apavorou.

- Não! - Ela me olhou - Eles são inocentes demais para isso. Não sabem mentir, mas me preocupa o que pode acontecer com eles.

- Quem disse para trazê-los? - Perguntei repentinamente.

- Não sei. - Voltou a encarar o vidro - Acho que Antony, ou os agentes que vigiavam os dois ligaram tudo e decidiram tomar a decisão.

- Não faz sentido.

- O que?

- Se Alex pretendia procurá-los, ele não vai mais.

- Acha que alguém está tentando trapacear?

- Acho que Maurício fez com que eles viessem para cá para poder não dar opção para Alex. Uma emboscada para ser mais exato.

- Talvez eles tenham sido apenas uma distração. - Me encarou sugestivamente. - Talvez, trazer eles para cá nos ocupe o suficiente para ele poder fugir - Me olhou esperançosa e foi aí que eu entendi o porquê de ela ser afastada. Ela preferia acreditar que isso era coisa de adolescente do que acreditar que seu filho poderia estar correndo riscos.

- Acha mesmo que ele está apenas fugindo? E que usou os amigos para isso? - Conhecia Alex o suficiente para saber que não faria isso tudo sozinho, mas também nunca envolveria os amigos.

- Acho! - Disse convicta e eu respirei fundo.

- Então, vamos mandar eles para casa. - Sorri tentando não alimentar suas ilusões.

- Invadir a sala de interrogatório e jogá-los em um carro? - Disse se animando.

- Eu estava pensando em algo mais do tipo, mandar eles te obedecerem. - Ri.

- Desculpe! - Sorriu sem graça - Acho que faz muito tempo que não saio em campo.

- Tudo bem. Acho que pode cuidar disso. E também pode bater nos agentes caso eles não queiram te obedecer. - Abri a porta - E lembre-se, não deixe que eles te vejam.

- Quando foi que você se tornou a chefe? - Sorriu.

- Eu vou trazê-lo de volta - Olhei no fundo de seus olhos - Eu prometo.

Sai dali e entrei no elevador. Ver Katia daquele jeito não era legal. Ela sempre foi minha inspiração e agora tinha medo que tivesse que dar a péssima notícia de que seu único filho estava morto. Ela não aguentaria. Ela faria tudo por ele, assim como sei que ele faria tudo por ela. O que me faz pensar em...

- Diego! - Gritei saindo do elevador e entrando na sala de reuniões, onde a novata e meu melhor amigo instalavam algumas coisas. - E se ele foi ameaçado?

- O que? - Levantou o rosto confuso.

- Alex pode não ter fugido e sim se entregado. - Os dois me encaram como se eu fosse louca - Alex faria qualquer coisa pela sua mãe, até mesmo daria sua vida pela dela. E além do mais, se ele queria fugir, por que não saiu na madrugada ou se enfiou no porta-malas de algum carro? Por que tanto estardalhaço?

- Faz sentido. - Sophie me encarou sorrindo.

- Acho que eu vou chamar a Anna - Diego disse se levantando e eu o encarei seriamente. - Não tem sentido o que você falou.

- Na verdade isso explicaria como ele conseguiria desligar as câmeras.

- Exatamente! Maurício desligou as câmeras para apagar seus rastros. Assim conseguiu ficar fora do sistema por tanto tempo. Ele não desligou na faculdade quando capturamos as imagens que começou tudo propositalmente para nos avisar que estava vindo, pois ele gosta de chamar a atenção. Mas ele desligou quando deixou aquele bilhete no meu apartamento e ele desligou hoje para que não encontrássemos Alex.

- E onde ele desligou exatamente para poder ameaçar Alex?

- Qualquer um dos lugares que ele tenha ido sozinho. - Sophie apontou no seu quadro agora montado na sala.

- Simples. - Sorri - Agora temos um ponto de partida. Alguma dúvida? - Cruzei os braços.

- Eu tenho. - Sophie se levantou - Quem exatamente é Maurício? - Olhamos para a mesma como se fosse um ET.

- Você está falando sério? - Diego começou - Você não saber o que está acontecendo é até aceitável por ser uma missão sigilosa, mas você não ligar o nome à pessoa, aí já é demais.

- Eu estou aqui a menos de um ano. Não sei muito sobre o que acontece aqui pois eu não me enturmo muito. As pessoas me acham estranhas.

- Você é estranha! - Diego a atacou e eu revirei os olhos.

- Vamos trabalhar! - disse alto.

Quase uma semana se passou desde que Alex desapareceu e nós tínhamos voltado, basicamente, a estaca zero.

Nosso ponto inicial poderia estar certo, mas nada de anormal aconteceu na central de vídeos da empresa de vigilância, e as câmeras continuavam dando esses apagões do nada. E não tínhamos como mandar uma equipe para cada área em que houve uma câmera com defeito.

Eu não dormia direito, pois toda noite eu sonhava com Alex. Eu não comia direito pois a falta de sono me deixava enjoada. Eu chorava quando ninguém estava olhando. A falta de contato de Maurício, o sumiço de Alex, esse bebe, tudo parecia tão errado e tudo parecia minha culpa.

- Você está bem? - Diego sussurrou no meu ouvido ao se aproximar da mesa.

- Sim. - Sorri fraco.

- Vamos passar o que temos até agora, pois acredite ou não eu nunca vi tantos casos sendo reabertos do nada em todo país - Antony disse entrando

- Bom, - Comecei me levantando e vendo Diego e Sophie sentarem à mesa que agora parecia mais vazia já que esse caso teve que ser abafado como apenas uma fuga de um adolescente e só nós estávamos trabalhando nisso - não temos muito mais do que semana passada. - Engoli seco vendo Antony me encarar - Fizemos uma trilha das três últimas semanas dele dentro da agência e acho que podemos ter algo aí. - Respirei pegando uns papéis que estavam na mesa. - Na primeira semana em que ele começou a treinar nada ocorreu fora do normal, mas a partir da semana seguinte ele simplesmente some do radar logo após o almoço e reaparece no elevador vindo para a sala oval, mas acho que você já sabia disso - O encarei - Você ficou bem bravo por ele bisbilhotar pela sua porta. O que tinha lá?

- Está me acusando? - Ele perguntou incrédulo.

- Só tentando ligar os pontos, pois ele saiu furioso da sala da Katia naquele dia e uma semana depois ele repetiu o desaparecimento do radar, só que dessa vez ele reapareceu na biblioteca e o engraçado foi que isso se repetiu a semana inteira. Sempre depois do almoço ele saía e ninguém percebia.

- Onde está tentando chegar?

- Alex estava vendo alguém. E acho que esse alguém era o Maurício.

- Então eles estão trabalhando juntos?

- Não! - Disse incrédula - Isso comprova que ele estava sendo ameaçado. - Ele cruzou os braços - Mas o melhor é que nas duas primeiras vezes que saiu ele não foi tão cuidadoso, então sabemos que ele esteve na sorveteria do outro lado da cidade.

- Bom começo. - Sorriu.

- Mas ainda não é o suficiente. - Sophie disse baixo - Não encontramos nada em nenhuma rodoviária ou aeroporto. - Se levantou e eu me sentei - E como ele não tinha dinheiro aqui acredito que não tenha ficado muito tempo com o carro. Então mandamos vasculharem as estradas, mas ainda não temos

respostas de algum carro abandonado. Mas se seguirmos esse raciocínio, ele saiu exatamente trinta minutos mais cedo do que ele estava acostumado, ou seja, se ele pensava em abandonar o carro, esse seria o tempo para andar – Pegou sua caneta indo até o mapa novamente –, mas ir até a sorveteria era arriscado, pois é um lugar movimentado e também um local em que ele já havia estado, ou seja os locais comuns ele evitaria, bom o Maurício evitaria. Então a gente corta os locais que estão na ficha dele.

- Falou enquanto fazia um X na sorveteria e em outros lugares
- O que nos sobra mais da metade do condado – Circulou metade do mapa.

- Se conseguirmos achar esse carro – Levantei – podemos diminuir essa área e assim ver quais câmeras foram cortadas naquela data e reduzir com uma caminhada de trinta minutos.

- Então agora só temos que achar um carro que ninguém encontrar a uma semana – Nos encarou como se aquilo fosse impossível. – Boa sorte – Riu e se levantou indo até a porta.

- Senhor? – Sophie o chamou de volta – Alguma chance de reconhecer algum local desse círculo? Acreditamos que ele tenha escolhido um local que Alex nunca tenha pisado os pés. Algo pesado, com pessoas ruins para poder se proteger. Ele não entregaria o endereço do esconderijo para Alex, então...

- É melhor acharem esse carro. – Bateu a porta e um barulho muito alto tomou conta da agência inteira levando nós três para chão tapando os ouvidos.

- O que é isso? – Gritei para Diego que correu até os computadores para ver o que acontecia.

- Fomos Hackeados – Gritou de volta.

- O que está acontecendo? – Antony Entrou de volta na sala.

- Estão acessando remotamente toda a nossa rede. Isso está em todos os eletrônicos da agência.

- Como isso é possível? – Antony gritou, mas uma voz invadiu o local antes qualquer um pudesse responder.

“Saudações caros inimigo. Seus movimentos continuam tão inconstantes. Eu já lhe falei que poupar o cavalo pode te fazer perder o rei e logo em seguida a rainha. Bom, eu já capturei seu rei, preparado para o checkmate?”

E assim como veio do nada, o som se foi deixando quatro agentes jogados no chão de uma sala ofegantes se encarando.

- O que foi isso? - Perguntei encarando Antony que parecia ter entendido o recado que foi 100% para ele.

- Está tudo normal. - Diego disse checando os computadores - Não tem nada na rede, é como se nunca tivessem invadido.

- Ele está vindo. - Kátia apareceu na porta e encarei sem entender nada.

- O que vocês não estão me contando? - Perguntei me levantando esperando por uma resposta.

- Senhora encontraram o carro. - Um agente entrou desesperado na sala. - Ele explodiu quando uma das equipes de busca se aproximou. Temos três homens feridos e uma baixa.

Minha cabeça girou e eu quase desmaiei, mas respirei fundo e repeti para mim mesma. “Ele não vai matar mais ninguém”

- Mande uma equipe medica para lá imediatamente e nos envie a localização. - Ele acenou e correu para fora novamente - Diego! - Chamei-o - Envie um helicóptero para lá. Eu quero ver o local. E mande uma equipe de peritos junto. - Tirei meu casaco e preendi o cabelo em um rabo de cavalo - Sophie, prepare-se para nos dar nossas possíveis localizações. Vamos descobrir onde eles estão agora.

- Onde você vai? - Antony me questionou enquanto saia da sala.

- Preparar as equipes de buscas - Olhei para ele - Vamos caçar!





## Capítulo 45 – Desistindo

Nataly

Tudo estava preparado e, com base nas teorias de Sophie, seguimos para cinco bairros distantes e estranhos. Eu estava liderava uma equipe assim como Antony liderava outra. Kátia foi obrigada a ficar na agência por causa de sua suspensão. Assim que eu e meu comboio de três carros entramos numa rua, indicada pela novata, com base nas câmeras que foram desligadas, senti algo estranho. Parecia um lugar que eu conhecia.

– Tem certeza que essa é a rua correta Sophie. – Perguntei pelo comunicador.

– Sim Senhora! Está exatamente onde deveria estar.

– Aqui só tem um bar muito macabro. – O agente que dirigia falou.

– Ok, vamos parar! Mande a outra equipe vir até aqui e ficar a postos. – Esperei o carro parar – Eu vou entrar e perguntar numa boa. Vocês cercam o lugar, se eu gritar socorro vocês entram – Abri a porta do carro colocando os óculos escuro e descendo. Deixei algo cair do bolso no chão e quando fui pegar senti como se fosse levada para aquele terreno onde minha mãe morreu. Aquela terra parecia com....

– A senhora está bem? Encontrou algo? – Um agente me ajudou a levantar.

– Estou bem sim. – Sorri – Tentem não chamar muita atenção. – Escondi minha arma na calça jeans cobrindo com a blusa azul de manga longa que estava usando.

Caminhei até o bar e entrei. Todos me encararam e rapidamente voltaram para suas bebidas. Numa rápida passada de olho percebi que de quinze, dez estavam armados. Engoli em

seco e segui até o balcão onde havia um senhor secando alguns copos.

- Péssimo dia princesa? - Sorriu e eu tive vontade de vomitar.

- Você nem imagina. - Forcei um sorriso.

- Vai querer o que? - Me encarou por dois segundos.

- Na verdade eu não vim aqui para beber. - Me recostei no balcão - Eu gostaria de saber se o senhor viu uma pessoa passando por aqui.

- Não.

- Mas eu nem te mostrei a foto. - Disse pegando o celular e mostrando uma foto dele comigo.

- Não vi.

- Tem certeza? - Mordi os lábios. - Ele sumiu e eu estou muito assustada. Disseram que viram ele por aqui.

- Não vi ninguém. - Disse encarando um rapaz sentado em alguma mesa atrás de mim - Agora, se não for beber nada, cai fora.

- Por que eu tenho a impressão que o senhor está escondendo alguma coisa? - Disse sugestivamente.

- Olha menina é melhor você ir, antes que...

- Algum problema aqui? - Um homem com quase dois metros parou ao meu lado.

- Você acabou de interromper uma conversa e isso é muito feio. - O encarei.

- Você sabe com quem você está falando? - Se aproximou mais de mim - Sabe o que eu faço com meninhas que nem você?

- Posso ter uma vaga ideia do que você e seus amigos frustrados sexualmente e armados fazem com uma garota inocente que entrou em um bar errado cheio de homens que acham que podem qualquer coisa só porque tem uma faca ou, sei lá, 10 ar-

mas de fogo. – Falei de uma forma que pudesse passar a situação para os agentes do lado de fora através da escuta.

– Você é da policia? – Ele falou alto o suficiente para que todos virassem para mim.

– Eu tenho que cara de policial? Nem se quer tenho idade para ser uma. – Me sentei no banco – mas eu tenho irmãos que acabariam com você se tocasse o dedo em mim. E eu provavelmente gritaria socorro quando tentasse me estuprar.

– E onde estão seus irmãos agora? – Tocou na minha coxa. – Vai gritar socorro para quem agora?

– Tem razão. – Ele me encarou – Não vou pedir por socorro. Eu sei me cuidar, o suficiente para saber que em quinze segundos você estará no chão com um garfo atravessado nessa sua mão nojenta e um tiro no meio da sua testa e aqueles seus amigos ali estarão atirando até que as balas acabem e a festa comece de verdade, porque eu acho que esse homem. – Apontei para o velho atrás do balcão – Sabe onde eu posso encontrar meu namorado e vocês estão o acobertando. Então eu vou contar até três e se não acontecer o que quero eu vou gritar por socorro. Ou talvez vocês gritem.

– Vamos dar uma volta garota – ele encostou uma arma na minha cintura.

– Um. – Comecei.

– Levanta antes que eu atire. – Gritou raivoso.

– Dois. – Peguei um garfo discretamente

– Não faça bagunça no meu bar. – O velho gritou.

– Eu cansei de brincar garota. – Destrovou a arma.

– Três. – Enfiei o garfo na mão que ainda permanecia em minha chocha, peguei minha arma na cintura e atirei em sua testa antes que pudesse reagir. – Socorro.

Em oito segundos os homens sentados perceberam o que estava acontecendo e começaram a atirar. Em cinco desses oito

eu já estava atrás do balcão mobilizando o dono daquela espe- lunca. E em três desses cinco meus agentes já haviam entrado e se posicionado para o tiroteio que eu havia começado.

Assim que as balas dos bandidos, que descarregaram metade das armas no balcão que eu me escondia, acabaram nós ataca- mos jogando bem sujo com armamento pesado. Algemei o ve- lho atrás do balcão em uma barra de ferro e pulei o balcão para lutar. Estava afim de descarregar a minha raiva e os azarados pagaram bem caro. Há muito tempo não lutava assim e estava me sentindo bem.

- Conseguiu algumas coisas? - Um agente me perguntou en- quanto algemava um dos bandidos ainda vivos.

- Já tinha me esquecido. - Dei a volta no balcão tirando a algema do velho e batendo seu rosto contra o balcão. - Vai me contar o que sabe agora?

- OK! - Ele gritou - Ele veio aqui atrás de um homem que anda fazendo negócios com todo mundo que é da pesada. Eu só sei que esse homem veio aqui nos últimos quatro meses quase todos os dias. Falava com várias pessoas e profanava seu ódio quando estava bêbado. Ele levou o garoto, mas ele não parecia estar sendo obrigado a nada. Pegaram a camionete verde e fo- ram embora, como ele sempre fazia.

- Tudo bem. - Respirei fundo e bati a cabeça dele com mais força no balcão. - Vocês cuidam daqui e eu vou voltar para agência e tentar encontrar essa maldita caminhonete.

Caminhei até o carro e respirei fundo quando me encontrei sozinha. Encarei o volante e liguei o carro. Liguei o rádio e segui até agência pensando em como eu era boa em ser a Agente Wal- ter e o quanto isso era ruim.

Assim que cheguei passei as informações para Sophie e come- çamos uma pesquisa sobre a caminhonete que, agora sabíamos ser roubada. Decidimos começar uma nova trilha de veículo, agora com a caminhonete, a partir do dia do roubo, para tra-

çarmos junto com as câmeras os locais mais frequentados para assim chegarmos ao local onde Maurício poderia estar escondendo Alex. Porém esse processo era longo e chato. A única que ainda parecia se divertir depois de mais de cinco horas naquela sala era Sophie. A garota realmente amava o que fazia.

Eu já estava no meu decimo copo de cafeína quando decidi sentar um pouco e observar a novata pesquisando os locais e circulando naquele mapa que agora tinha mais tinta de caneta do que nomes grafados.

Observando agora com calma toda essa situação, eu podia ver que eu realmente era. Agora eu entendia porquê de tanta raiva e ódio sobre a minha pessoa. Eu sempre fui uma ótima agente, mas nunca parei para me perguntar o porquê. Não tinha nada a ver com prender os caras maus, ou com ter uma ótima mente e um excelente treinamento, ser temida por todos. Eu era uma ótima agente, porque havia me transformado em uma máquina de matar. Não que essa fosse a primeira opção em um confronto, mas eu nunca sentia remorso ou pena do que estava fazendo. Era sempre fria e decidida. E eu gostava disso. Na verdade, eu ainda gosto. E isso é o que mais preocupa, porque quando decidi ter esse bebê não queria que ele passasse pelo que eu passei, mas eu sempre me referia ao treinamento ainda tão jovem, ser privado de uma vida normal, não ter uma escolha a ser feita. Mas agora eu consigo perceber que o meu medo, não era que ele fosse criado como eu fui e sim ter como exemplo alguém como eu.

Antony nunca foi um pai de verdade depois que a mamãe morreu. Eu nem se quer chamo ele de pai. Eu me inspirei nele, tentei ser o melhor que ele queria e me tornei ISSO. Não quero que essa criança tenha uma assassina assalariada como inspiração. Eu sou uma péssima pessoa, minha cabeça está a prêmio. Isso é ruim. Não quero ter que mentir, mas também não quero que essa criança seja como eu ou como o pai dela. Ela não tem culpa e não merece viver nisso e nem ser abandonada. Ela mere-

ce uma família, uma família de verdade, em um lugar bonito e gentil e com uma mãe normal. E eu não sou normal.... Mas eu posso tentar ser.... eu TENHO que tentar, pois a responsabilidade disso é totalmente MINHA.

- Nataly? - Diego diz estalando os dedos próximo aos meus olhos. - O que você tem esses dias? Está mais aérea do que o de costume.

- Eu estava pensando. - Brinquei com a caneta em minha mão.

- Deixe seus devaneios para depois. - Sophie nos interrompeu - Eu consegui reduzir o nosso campo de busca para uma área consideravelmente pequena.

- Ótimo! - Levantei-me - Vou comunicar ao Antony.

- Não quer que eu vá? - Diego segurou minha mão - Você não parece tão bem.

- Estamos acordados a muito tempo, mas eu estou bem. - Sorri soltando sai mão - Aliás, eu tenho que falar algo com ele muito importante antes de irmos. - Ou antes que eu desista.

- Por que eu não consigo gostar desse seu tom? - Me olhou preocupado.

- Porque você é muito paranoico. - Sorri e segui até a porta ao lado.

Encarei a porta por uns bons minutos antes de tomar coragem de entrar.

Eu sabia que não haveria volta quando sentasse naquela cadeira e desembuchasse. E eu estava com muito medo da reação dele. Poderia até parecer algo sem logica e impulsivo, mas era o correto a fazer para o bem de todos.

- Entra! - Ouvi a voz do outro lado da porta quando tomei coragem para bater. - Alguma notícia? - Disse enquanto eu entrava em silencio - O que aconteceu? - Desviou sua atenção da tela do computador para a minha cara pálida.

- Conseguimos diminuir o campo de busca o suficiente para iniciar a procura. - Sentei-me respirando fundo.

- E por que a cara de defunto? - Pergunta desconfiado.

- Preciso te contar algo. - engoli em seco decidindo qual verdade sairia da minha boca.

- Não temos o dia todo, Nataly. - Disse impaciente.

- Eu quero minha demissão! - Ele me encarou assustado. - Depois que resgatarmos Alex e prendermos Maurício, eu quero sair.

- Como assim sair? - Tentou digerir.

- Eu tô fora. - Me recostei sobre a mesa tentando segurar as lágrimas. Não diria o verdadeiro motivo, é claro, mas doía fazer isso mais do que eu imaginava. - Eu quero uma nova identidade com o meu nome verdadeiro, todo dinheiro que tenho direito em mãos e uma passagem para bem longe do país.

- Nataly você é a nossa melhor agente. Você é o protocolo TEFA. Não pode simplesmente sair sem nem um motivo.

- Eu tenho os meus motivos. - Levantei - E o principal deles é o que me faz acreditar que o protocolo TEFA é um fracasso.

- E qual seria o grande motivo para a menininha querer sair correndo? - Levantou-se estressado.

- Eu vivi. - Sorri fraco vendo ele se desarmar - Pela primeira vez na vida eu vivi de verdade, e eu não quero ter que comparar essa vida com a que eu levei como Lucy. - Respirei fundo - Se eu tivesse tido a chance de conhecer o mundo antes de me tornar uma agente, eu teria escolhido a vida lá fora. Eu cansei de mentir, de machucar e, principalmente, de matar.

- Você não viveu o suficiente para vir aqui falar de conhecer o mundo ou a vida de um agente - Cuspiu rispidamente.

- Eu vi a minha mãe morrer na minha frente - Deixei que as lágrimas rolassem - Eu matei pessoas antes dos quinze. Eu escolhi uma vida como uma assassina com um distintivo com

menos de doze. – Bati em sua mesa – Eu seduzi e matei mais gente do que eu tenho de idade. Eu vivi o suficiente dessa vida para saber que nenhuma criança merece passar pelo o que EU passei. Nenhuma criança merece ter que escolher entre entrar para agência ou ficar sozinho para sempre. Porque uma hora ela vai ver que viver lá fora não é tão assustador quanto parece – Sento novamente enxugando as lágrimas. – Eu não estou te dando uma escolha. – Me recompus – Eu estou te comunicando minha saída, exigindo o que eu tenho direito e te dando um conselho como filha.

Levantei e sai de sua sala antes que pudesse me entregar ao choro novamente.

Fiquei um tempo encostada em sua porta tentando me recompor antes de voltar a sala de reuniões. Pelo menos era o que eu estava me convencendo a pensar.

– Onde está o Diego? – Perguntei entrando na sala de reuniões.

– Desceu para conferir as equipes de ataque e não se preocupe que eu já estou indo também para a central de comando para poder comandar através das câmeras de vigilância para quando vocês os encontrem mandar a equipe de ataque. – Sophie disse pegando um amontoado de coisas – Metade dos agentes já saíram para as buscas e sua equipe já está pronta. – Se aproximou do mapa – Eu demarquei a área de busca com base nos tamanhos de propriedades e as condições das mesmas.

– Algo está errado. – Disse analisando o mapa com mais calma.

– Como assim? Alguma armadilha? – Perguntou preocupada.

– Não! – Me virei para ela que agora encarava o mapa – O que te incomoda no mapa depois de todas suas demarcações?

– Não entendi onde quer chegar. – Me olhou confusa e eu revirei os olhos.



- Essa área do mapa - Bati a mão em um espaço com várias demarcações de canetas preta e vermelha - Está com um fluxo máximo de câmeras apagadas nos últimos meses. Por que excluiu esse lugar das buscas?

- Porque esse local é só uma distração e por mais que fique consideravelmente próximo ao bar, é impossível que eles estejam lá. - Disse com total convicção.

- Por que tanta certeza de algo?

- Porque essa região é um deserto completo. Não tem casa e nunca teve. É apenas terra e algumas árvores em alguns pequenos pontos. - Virou-se para pegar outras coisas em cima da mesa.

- Deserto? - Encarei o mapa e liguei os pontos e a região em que se encontrava. Eu podia ser pequena na época e ter evitado voltar lá nos últimos anos, mas eu sabia do que se tratava.

- Sim, - Revirou os olhos - é impossível que se esconda lá. A não ser que cave um buraco.

- Ai. Meu. Deus. - Ela me olhou confusa - Subterrâneo! - Afirmei.

- Do que está falando?

- Foi isso que ela foi fazer lá naquele dia. - Sorri tirando um peso dos meus ombros - Não era um encontro, ela descobriu o que exatamente acontecia lá.

- Eu não estou entendendo mais nada. - Me encarou como se eu fosse louca.

- Consegue apagar qualquer sinal nosso nas câmeras do deserto? - Perguntei pegando a minha arma e colocando minha jaqueta.

- Claro que sim.

- Então faça isso! - Sai da sala e segui até o elevador vendo a cara de confusa de Sophie parada antes da porta se fechar.



## Capítulo 46 – Minha Única Família

Antony

Assim que ela saiu da sala eu desabei em minha cadeira e me pus a pensar.

Eu finalmente descobri o quanto eu havia falhado com elas. Prometi cuidar da minha garotinha, mas depois de tudo que ela falou percebi o quão mal eu fiz a ela. Nunca deveria ter colocado ela nesse mundo. O que eu fiz a ela não tem perdão. – Uma lágrima escorreu pelo meu rosto – Mas não era justo ser julgado de tal maneira. O que eu deveria ter feito? A mulher que eu mais amava no mundo foi assassinada por saber de segredos que rondam essa agência, segredos que tentamos desvendar há anos e que ela levou para túmulo.

Na época de sua morte ela andava estranha pelos corredores dessa agência. Nunca compartilhava nada com ninguém e até mesmo sua melhor amiga já estava se preocupando. Eu preferia acreditar que não havia relação com o que se escondia atrás daquela porta secreta em meu escritório. Mas no dia em que foi assassinada deixou uma carta, em meio aos seus pertences, que explicava sobre sua investigação, sobre o acesso no cofre da sala secreta, de onde estavam os códigos, quais eram as circunstâncias para manter aquilo a salvo, os riscos dos segredos que ali estavam guardados, como eu deveria manter os dois juvenzinhos longe um do outro para que todos não corressem algum ou descobrissem o que ela fizera com a mente dos dois, e principalmente que eu não deveria confiar nada a ninguém, pois o que ela estava indo fazer iria determinar suas suspeitas.

Depois de ler a carta eu estava muito perturbado. E assim que Maurício fora acusado eu me dediquei a tentar entender o que ela investigava, mas nunca cheguei nem perto do que ela já sabia. Porém eu cumpri a minha promessa de manter Nataly

e Alex separados. Mantive ela sob minha vigilância para que ficasse a salvo caso descobrissem o que sua mãe havia escondido em sua mente – Coisa que Cláudia havia dito ser códigos e as formas de acessar as informações e o próprio cofre – Eu não sabia como funcionava, mas sabia que tinha algo a ver com a convivência dos dois. Então quando Maurício reapareceu na faculdade eu tive a “brilhante” ideia de juntar os dois, tanto para atrair Maurício, quanto para descobrir o que os dois tinham em suas mentes. Mas, pelo visto, eu fracassei nessa missão. Minha filha gostou do que viveu e quer sair de sua zona de proteção. O garoto está com Maurício e isso é um risco para o que tem naquela sala com o cofre. E agora eu também havia recebido um balde de água fria na cabeça sobre um projeto que tinha tudo para ser nossa arma secreta, por ser uma das únicas novidades consideráveis desde a fuga de Maurício.

Devaneei por mais algum tempo até meu telefone tocar com a notícia de que a missão já havia sido iniciada e que era para eu comparecer até a central de comando onde a operação estava sendo guiada.

Sai da minha sala e entrei no elevador dando de cara com Katia.

– Onde vai? – Perguntou antes de começar a sair em direção a sua porta.

– Central de Operações. – Olhei meio cabisbaixo – Você vem? – Sorri de lado e ela não pensou duas vezes antes de voltar para dentro do elevador e seguirmos para a sala onde a novata que Nataly havia integrado na missão estava comandando.

– Atualização? – Entrei na sala fazendo com que todos me olhassem.

– Todos os comboios já saíram senhor. Já estão a caminho. – A nova recruta de Nataly, cujo o nome não me recordava disse – E realocamos a esquipe tática que irá fazer a invasão.

– E exatamente por que? – Perguntei confuso.

- Está preparada Sophie? - A voz de Nataly surgiu em uma das linhas de comunicação antes que alguém me respondesse.

- Sim senhora! - Mexeu em algo em seu teclado sem tirar o olho das telas - Está feito! Cinco segundos para atingir o primeiro local.

- Ok! - Nataly respondeu - Fique de olho em qualquer movimento em nossa direção.

- Sim senhor! - Disse vendo a linha de Nataly ficar em silêncio - Ok pessoal! Equipe A fique responsável pelas câmeras modificadas com Diego daquele lado e equipe B aqui comigo para a monitoração das câmeras originais. Ninguém pode se aproximar da equipe BETA. Equipe C nas comunicações. E fique a todo momento com a equipe Alfa, eles são a nossa isca.

- Qual exatamente era o plano de vocês? - Katia cochichou ao meu lado.

- Se espalhar e procurar. Mandar a equipe tática quando encontrassem. - Disse automaticamente, mas não convicto das minhas palavras.

- Não está parecendo esse o plano aqui - Me encarou preocupada.

- Diego? - Chamei-o alto.

- Sim senhor? - Disse vindo até a mim.

- O que está acontecendo aqui? Esse não era o plano. - Vi que a tal Sophie me olhou de lado. - Para onde estão mandando a Nataly.

- A Agente Walter mudou os planos. - Engoliu em seco.

- Como assim mudou os planos? - Cruzei os braços.

- Ela descobriu onde eles estão escondidos, mas para ter certeza manteve as outras equipes nos lugares que já haviam sido remanejadas. E para a segurança de todos ela nos proibiu de vazarem a informação. Ou seja, todas as equipes acham que estão realmente procurando pelo esconderijo e qualquer pessoa fora

dessa sala também acha. – Respirou fundo – Agora se o senhor permitir eu voltarei ao meu posto para poder controlar as imagens da duplicação.

– Duplicação?

– Sim. – Sophie nos interrompeu – Nós remontamos as imagens de todas as câmeras que eles têm acesso, assim como fazem conosco. As cenas são alteradas para que o carro de Nataly pareça estar em outra cena. Assim eles não verão a gente chegando.

– Ela está sozinha? – Katia disse assustada.

– Não senhora. Ela está com a equipe dela. Pelo menos a que cabe em um único carro, – Disse voltando para seu posto.

– Onde exatamente ela está? – Perguntei e ela apontou o mapa que havia sido deslocado para lá novamente.

Katia e eu nos aproximamos do mapa que quase caiu para trás quando viu o nome “Agente Nataly W.” colado sobre uma região que todos aqui conhecia muito bem.

– Por que ela está no deserto? – Perguntei sem querer alarmar sobre o ocorrido no local.

– Ela não disse muito sobre o porquê. Só falou algo sobre uma mulher que não estava lá para um encontro e sim porque havia descoberto algo. Aí ela saiu correndo e me mandou as instruções. – A agente se aproximou novamente – Só estamos seguindo ordens senhor.

– Essa não! – Katia recostou em uma parede buscando ar. – Ela está indo para uma armadilha, ou pior, está indo exatamente para o lugar correto. – Todos a encararam sem entender nada exceto por mim.

– Não vamos deixar isso acontecer. – Disse decidido – Contate ela agora e mande abortar. Vamos mandar reforços para lá e afastá-la imediatamente. Ele não pode pegá-la também.

– Sinto que isso não será possível. – Mordeu o lábio inferior. – Conseguimos alterar as câmeras, mas o sinal do carro é mais

complicado, então para garantir desligamos todo e qualquer tipo de comunicação que possa ser rastreada.

- Está dizendo que eles estão sozinhos?

- Não senhor. Estamos monitorando pelas câmeras e qualquer indicio nós atacamos. Mas ela não pode mais voltar.

- Então nós vamos atrás dela, porque ele teve muito tempo para juntar o maior esquadrão que poderia juntar. Eles nunca dariam conta sozinhos.

- Quanto tempo até o esquadrão de ataque se mover até lá?

- Katia se recompôs.

- Não seria seguro manda-los, pois podemos precisar para uma invasão confirmada. Mas demoraria uns 35 minutos e saindo daqui seria coisa de uma hora para chegar.

- Você não vai Katia! - Ordenei.

- Antony, é o meu filho que está lá fora. Não pode me impedir de sair daqui e ir atrás dele.

- Não posso deixar a agência sem ninguém no comando. - E nem te perder também.

- Ninguém precisa saber. - Me encarou - Todos acreditam que estamos aqui e vão continuar acreditando. Além do que, vai exigir mais que um líder para resgatar os dois únicos na linha de sucessão. - Disse piscando o olho e saindo rapidamente.

- OK! - Tentei processar rapidamente - Diego, fique de olho e nos cubra. Qualquer empecilho, resolva!

- Eu? Por que eu? - Olhou-me apontando para si.

- Sim, você! - Afirmei - E Sophie, mande a equipe de ataque para lá imediatamente e prepare um comboio para sair conosco agora mesmo. Qualquer identificação de tiro invada, chame reforços e ambulâncias. Nós vamos precisar. - Ela acenou concordando e eu sai da sala alcançando Katia.

- Tem certeza de que está pronta para isso? - Perguntei.

- Estou pronta desde o dia em que Maurício o sequestrou.  
- Me olhou e seguimos para a sala de armas. Pelo menos agora ela dizia o nome dele.

Eu não sabia se era seguro fazer isso. E eu nunca fui o inconsequente da turma. Mas agora eu não estava agindo como um agente líder de uma Agência de segurança mundial. Eu era um pai tentando manter a sua filha a salvo e longe de tudo de mal que a vida poderia proporcionar. A única diferença entre eu e a maioria dos outros pais, era que minha filha estava caminhando literalmente até a sua morte.



## Capítulo 47 – Invasão

Nataly

Hoje era um dia como qualquer outro para o mundo lá fora. Dezembro havia se iniciado há dezessete dias e em muitos lugares com diferentes culturas as pessoas começavam a se preparar para o Natal. Época para se juntar com sua família e celebrar o nascimento de Jesus. Eu não fazia isso a muito tempo. Na agência tínhamos uma ceia e coisas do tipo, mas eu nunca participava, já que nunca entendi ao certo porque comemorar por não termos famílias e estarmos trancafiados lá.

Então enquanto famílias iam atrás de seus presentes e coisas do tipo eu ia atrás de um fugitivo ou protegia alguém. Era assim que eu passava meus natais e quaisquer comemorações de um mundo “humano”. E eu sei que isso parece psicótico, mas era como eu vivia.

Mas até não seria um péssimo presente para a humanidade se eu prendesse ou matasse Maurício hoje. Mesmo que eles nem fizessem noção do risco que corriam.

Depois de desligar as comunicações com a agência fomos para uma área que eu me recordava muito bem. Aquele cenário desértico com apenas alguns relevos e alguns matos baixos era onde minha mãe, anos atrás, veio para investigar alguma coisa e acabou morta pelas mãos de um dos seus melhores amigos.

Assim que desci do carro naquela manhã ensolarada e olhei para aquele lugar, agora esquecido e abandonado mais uma vez, tive a certeza que estávamos no local certo. Aliás melhor que se esconder onde matou uma vítima só se escondendo na agência. E isso eu tinha quase certeza de que ele não estava fazendo.

– Tem certeza que estamos no lugar certo? – Um agente perguntou enquanto ajustava seu colete ao seu corpo.

- Aqui foi o local do assassinato de uma das melhores agentes da S.W.A., e ele foi o assassino. Eu tenho certeza que esse é o local perfeito para se esconder. - Disse convicta.

- Mas não tem casas ou qualquer coisa para se esconder aqui. - Contatou se pondo ao meu lado com sua arma.

- É exatamente o que ele quer que pensem. - Sorri e comecei a caminha em linha reta. Estacionamos um pouco longe de onde havia ocorrido o assassinato. Afinal não queríamos ser descobertos.

- Para onde exatamente estamos indo? - Um outro agente perguntou enquanto caminhávamos em uma formação que lembrava um losango e cobria todas as áreas inclusive o espaço aéreo.

- Fiquem atentos a qualquer movimento suspeito. - Respirei fundo tentando não pensar nas circunstâncias, apenas em fato. Invadir, resgatar Alex, prender Maurício, ganhar uma medalha e ir embora no dia seguinte. - Mais dez metros à frente. - Seguimos.

- Estamos no meio do nada. Isso é completamente insano. - Insistiram.

- Subterrâneo. - Disse fazendo com que eles parassem por um momento e me olhassem - Escutem! Aqui não é seguro, pois estamos totalmente visíveis. É isso que torna o lugar perfeito para um esconderijo subterrâneo. Ele sabe como um deve ser construído e como protege-lo. Ele morou em um caso não lembrem. E para proteger ele é capaz de qualquer coisa e isso inclui matar qualquer um que se aproxime. A nossa vantagem aqui são as câmeras alteradas, então por hora estamos seguros. Mas não podemos ficar brincando de casinha, porque uma hora eles vão perceber que há algo de errado com as câmeras. - Eles acenaram e continuamos a andar.

- Dez metros confirmados - O agente ao meu lado disse parando de caminhar. - Para onde vamos?

Fechei meus olhos deixando que os flashes daquele dia voltassem à tona. Eu sai correndo daquele carro depois de ligar para Katia e segui para onde o corpo da minha mãe estava banhada em sangue e dividido em alguns pedaços. Eu chorei e eu gritei. Mas como toda criança essas imagens são distorcidas em minha mente para acreditar que ela não sentiu tanta dor ou que estava em paz. Eu não tenho certeza de como realmente ocorreu essa parte, são fragmentos que muitas vezes não se encaixam, mas me lembro dele sumir em meio a fumaça. Os psicólogos diziam ser uma metáfora e eu costumava a acreditar nisso. Mais uma forma de camuflagem. Mas agora existe todo um sentido por trás desse sumiço em meio a fumaça. Ninguém conseguiu entender até hoje como ele conseguiu fugir, mas agora eu sabia que ele não havia fugido. Havia muito vento naquele dia, por isso a “fumaça”. Ele não caminhou muito mais que cinco metros até sumir, então não poderíamos estar longe da entrada de seu esconderijo.

- Senhora? Devemos chamar o reforço agora? - Falou preocupado.

- Sabe onde estamos? - perguntei ainda longe com os meus pensamentos.

- No meio do nada? - Arriscou confuso.

- Esse foi o local onde a Agente Cláudia Walter foi assassinada. - Eles me encararam confusos - Vocês estão pisando exatamente onde os restos mortais dela foram encontrados com o sangue ainda fresco pela única filha dela.

- Eu sinto muito. - Alguém se atreveu a dizer.

- Não sintam. - Sorri forçada - Ela morreu tentando me proteger e me mostrar algo ao mesmo tempo. Ela descobriu onde ficava o esconderijo, por isso foi assassinada. Ela é o motivo de conseguirmos chegar aqui. E ela é o motivo de não deixarmos que mais pessoas inocentes morram. - Me recompus tentando acreditar nas minhas próprias palavras. Saber que ela não mor-

reu em vão era melhor do que saber que ela morreu por coisa alguma. – E eu não estou louca – Me defendi de seus olhares assustados.

– Para onde devemos ir senhora?

– Cinco metros à frente vamos encontrar pequenos relevos e em um deles há uma entrada. Vamos decodificar e invadir. – Comecei a andar.

– Não deveríamos esperar a equipe tática para isso?

– Assim que eu entrar e localizar os nossos alvos chamaremos reforços.

– Mas as ordens foram bem claras quanto a uma invasão. – Insistiram.

– Eu sou a líder dessa missão e não vou deixar que ele mate alguém para poder se livrar da polícia. Assim que o comboio chegar aqui vai fazer barulho suficiente para alertar a eles e Alex estará em apuros.

– Assim que entrar lá sozinha estará morta – Ele parou na minha frente – Entraremos com a senhora e um de nós ficará para dar a autorização, assim as chances de sobrevivermos será maior.

– Não tem chance alguma de eu deixar vocês entrarem lá comigo. Essa briga é mais pessoal do que vocês imaginam.

– Então a senhora tem trinta minutos até a equipe chegar aqui. – Um outro agente se manifestou. – Abriremos a porta, a senhora invade e nós distraímos alguns que estiverem na entrada para que tenha tempo sem alarde. Assim que conseguir entrar chamamos a cavalaria, eles vão demorar trinta minutos para chegarem aqui. Se a senhora localizar antes será maravilhoso, se não nos der notícias nós vamos invadir o local assim mesmo.

– Não vão arriscar suas vidas pela minha. – Os encarei seriamente – Cansei de ver gente morrer por minha causa.

- Somos agentes de campo. Treinados somente para ataques. Morrer faz parte do nosso trabalho, mas deixar que morram sozinhos está fora de cogitação. Somos como uma família e em uma família ninguém fica para trás - Sorriu convicto do que falava.

- Eu não tenho mais uma família, mas acredito nisso. Trinta minutos será o suficiente. - Sorri.

Assim que alcançamos a entrada e conseguimos me fazer entrar, eles fizeram contado via as câmeras de vigilância e se esconderam para atacar quem tentasse se aproximar.

Respirei quando desci as escadas do que me parecia um bueiro e olhei nas das direções daquele túnel com um pouco de água do chão. Estava um pouco escuro, mas não arriscaria usar minha lanterna. Decidi seguir na escuridão pelo lado esquerdo, pois pela posição da minha entrada fazia mais sentido ir mais a fundo.

A poucos metros da entrada me deparei com um soldado armado. Ele carregava uma M16 - Um fuzil de assalto que era exclusividade do exército norte-americano - que fazia um par perfeito com seu fardamento completo, incluindo um capacete de guerra, no padrão do exército. Como será que eles conseguiam essas coisas?

Respirei fundo, mas acho que fundo demais, pois o soldado olhou para trás desconfiado antes que eu pudesse me esconder. Em uma olhada de dois segundos mapeei seu corpo atrás de mais armas e contatei mais duas pistolas e um punhal. Parei meu olhar por mais três segundos no rosto de uma criança assustada.

Exatamente! Uma CRIANÇA!

Tinha seus dezessete anos e se mostrava assustado, embora apontasse sua arma para mim com toda convicção de atirar se eu respirasse mais rápido. Esperei com toda calma que o garoto tremulo se aproximasse de mim, com o fuzil ainda apontado

para meu peito, e quando o fez, surpreendi com um ataque rápido segurando sua arma pelo cano e a afastando do meu corpo. Tirei-a de sua mão e o imobilizei no chão. Quando ele ia gritar bati com seu próprio fuzil em sua cabeça fazendo o mesmo desmaiar. Arrastei-o até um canto mais escuro para que não ficasse a mostra e peguei todo seu armamento.

Continuei caminhando mais sorrateiramente pelos tuneis. Abati mais cinco soldados, dessa vez mais experientes que o primeiro que não perderam tempo antes de atirarem em mim. - Logico que eu sabia que tiros em tuneis iriam alarmar a segurança, mas vida que segue! - Atirei na maioria e bati na outra metade. Consegui chegar ao centro de comando e abati seus dois vigias. - Isso ajudaria para não ser identificada como a invasora - Chequei o mapa do local que havia por ali e segui em frente. Era um lugar surpreendentemente grande, mas ao mesmo tempo era pequeno. Pequeno demais para treinar soldados e montar um arsenal contra o mundo. Isso não estava fazendo nenhum sentido.

Consegui acessar um salão principal onde continha apenas alguns quadros e pinturas. Era estranho e assustador. Cinza e obscuro. Parecia mais uma parte do esgoto onde se jogavam corpos durante a segunda guerra. Olhei por mais alguns minutos antes de notar uma porta no fundo da sala estranha. Segui até lá, e antes que pudesse girar a maçaneta, um alarme disparou. Supus que já sabiam da minha invasão. Provavelmente encontraram um dos corpos. E isso não era boa coisa. Se bem que os tiros não ajudaram.

- Ali está ela! - Alguém gritou apontado para mim.

Eram uns dez soldados. Não acho que tenha dado tempo de contar. Eu pensei duas vezes larguei o fuzil roubado que carregava nas mãos. Seria mais fácil não começar um tiroteio contra um batalhão sozinha e numa sala vazia sem lugar para me esconder.

Seria meio inacreditável dizer que eu lutei contra esses homens sozinha e os venci. É claro que não lutei com todos. De-

mora para conseguir matar alguém com socos e chutes. Principalmente quando eles têm o dobro da sua altura. Então tive a ajuda de suas armas e de um longo treinamento.

Quando terminei com todos eles, já estava meio descabelada. Então respirei fundo e prendi meu cabelo de volta em um rabo de cavalo ainda meio desajeitado. Respirei fundo e constatee que eu não estava na minha melhor forma, e por incrível que pareça ainda me restavam 15 minutos. Curvei-me apoiando minhas mãos em meus joelhos. Definitivamente não era a hora de ficar enjoada, mas quem disse que o bebê gostou do sacode? Eu estava com muitas náuseas agora.

- Já está cansada agente Walter? - Uma voz muito familiar disse atrás de mim. A voz vinha na direção da porta misteriosa.

- Que bom ver você também Mauricio. - Disse me virando e apontando uma arma para ele com um sorriso sínico no rosto que era mais para engolir o vômito do que demonstrar poder sobre o mesmo.

- Estávamos a sua espera menina.

- Entrega o Alex, agora! - Ordenei vendo alguém se aproximar por trás de mim, fazendo com que eu imediatamente virasse meu corpo de modo que apontasse uma arma para cada suspeito. - Pode passar para cá agora! - disse e fui prontamente atendida por um dos soldados.

- O que você quer agente Walter? - Ele perguntou cinicamente e eu tive vontade de mata-lo.

- Eu quero Alex aqui agora - Gritei.

- Você tem certeza disso? - Olhou-me sugestivamente. - Achei que tivesse aqui para me matar?!

- Eu não sou como você - Cuspi rispivamente - Mas não se preocupe, eu irei leva-lo preso para que não se sinta menos amado. - Disse ironicamente.

- Não é como eu? E como eu seria? - Cruzou os braços. Ele sabia que eu não o acertaria.

- Ok, cansei de brincar. - Mirei minhas armas para os dois soldados a seu lado e atirei acertando a cabeça de ambos. - Eu quero Alex aqui e agora!

- Ok, foi você que pediu. - Disse levantando as mãos em forma de rendição - Podem trazê-lo.

Assim que ele gritou dois homens vieram escoltando Alex que parecia bem cuidado apesar das olheiras. E o que mais me surpreendeu foi o fato de terem apenas uma corda fácil de desatar amarrada em suas mãos. Alex não parecia bem um prisioneiro.

- Alex! - Disse aliviada por saber que estava vivo - Você está bem? - Perguntei tentando decifrar sua feição naquele instante. - O que você fez com ele? - destravei a arma apontando para Maurício.

- O que está fazendo aqui? - Alex interrompeu Maurício antes que pudesse falar alguma coisa - Cadê a minha mãe? - Disse com raiva.

- Como assim o que eu estou fazendo aqui? - Olhei para ele confusa - Eu vim para te resgatar - Disse o obvio - E levar esse cara preso por assassinato, conspiração e, agora, sequestro.

- Você não pode levar o meu pai preso. - Me faltou ar na palavra "pai" - E quem falou de sequestro? Eu estou aqui porque quero. - Meu mundo girou uma, duas, três vezes e quase apagou.

- Como. É. Que. É? - Consegui dizer antes de ouvir vários passos atrás de mim e um sorriso vitorioso de Maurício.



## Capítulo 48 – O Ataque

Nataly

Já se passaram mais de 23 minutos desde a minha invasão a base secreta no meio do deserto e era incrível como dez minutos demoravam de passar. Não era como se estivesse numa sala de espera de um dentista, ou numa sala de aula durante a aula mais chata do período. Era algo eterno. Algo como se cada milésimo de segundo fosse uma vida inteira. Não sabia o que dizer, não sabia o que pensar. Mas sem dúvidas queria que os reforços chegassem logo, ou eu enlouqueceria.

Por que Alex fugiria? Por que ele iria se aliar ao homem mais nojento que existe desse mundo? Por que me atrairia para uma armadilha? O que estava acontecendo aqui?

– É difícil receber uma notícia dessas, não é? – Maurício tentou se aproximar, mas eu continuei firme em minha mira. – Sabe o primeiro amor é difícil, mas você supera um dia. Eu superei. – Sorriu sarcástico. – Claro que ela ter morrido ajudou muito, mas você consegue! Principalmente se estiver morta.

– Qual é o seu problema? – Gritei com um nó na garganta, sem ao menos saber para quem eu havia realmente direcionado aquela pergunta.

Alex não podia estar realmente fazendo aquilo. Ele não podia ter colocado a mim e ao próprio filho em risco. Eu me recusava a acreditar. Esse não era o homem que eu conheci há alguns meses atrás e nem o homem por quem me apaixonei.

– Alex finalmente enxergou a verdade. – Sorriu vitorioso ao tentar explicar minha confusão mental que estava mais do que explícita em meu rosto.

– Que verdade? De que você é um louco psicopata?

- De que vocês estão do lado errado. - Sorriu. Ele realmente acreditava naquilo. - Vocês são o mal e eu sou o bem.

- Você é um assassino! - Disse calmamente. - Não pode realmente acreditar no que diz, porque aí sim você seria um completo maluco.

- Já chega Nataly! - Alex disse rispidamente e eu o olhei incrédula.

- Você não pode estar realmente falando a verdade? - Olhei para ele entre dois homens armado com os olhos embargados. - Acredita realmente nesse homem? Ele está te ameaçando? É isso? Por que você não precisa mentir dessa forma, a gente vai te proteger, como sempre fizemos.

- Ninguém está me ameaçando. E vocês nunca me protegeram só mentiram para mim. E me trancafiaram como um prisioneiro depois que eu descobri tudo.

- Você só estava sendo treinado para se defender desse louco.

- Ou talvez para virar uma máquina de matar para eles, como você virou. - Cuspiu as palavras na minha cara com todo ódio explícito em seus olhos.

- Ele matou a minha mãe. - Gritei

- E ela tentou matar ele antes por descobrir a verdade. - Disse convencido daqui. - Por isso ela morreu.

Meu deus isso era basicamente uma lavagem cerebral.

- Você não estava lá. - Tentei me manter calma, mas a minha vontade era de voar nele e bater muito - EU VI - Aumentei meu tom de voz - E eu sei o que aconteceu lá. Não você.

- Já chega de joguinhos Nataly! - Maurício se colocou entre nós dois interrompendo qualquer tentativa de fazer Alex enxergar o que estava acontecendo ali - Cansei de brincar. Entregue a arma, se renda e eu juro que terá uma morte bem rápida como a da sua mãe. - Sorriu para mim e eu jurei que o que eu havia comido ia sair naquela hora.

Como ele ousava falar assim dela?

- Se me matar esse local estará cercado antes que posso dizer tchau. - Entreguei tentando ganhar tempo para a invasão. Até porque ele gostava desses joguinhos sórdidos. Coisa de psicopata - Não achou que eu viria sozinha sem a cavalaria, achou? Eu não sou ela, Maurício. - Sorri cantando vitória.

- Não acredito em você. - Disse abalado.

Bingo!

- Eu enviei por mensagem a foto do mapa da sua base que estava na sala de controle, depois de matar seus vigias, é claro. Nesse momento, todos na agência sabem de cor como andar nesse lugar. Em breve cercarão cada perímetro e você estará morto. - Ele recuou.

- Você mente muito bem para uma iniciante.

- Continue acreditando na sua ilusão de um mundo colorido. O meu está bem claro e todo em preto e branco.... E vermelho.

- Ainda tenho você na minha mira. - Apontou para seus comparsas atrás de mim que apontavam suas armas na direção da minha cabeça.

- Não vai matá-la, vai? - Alex que permanecia imóvel atrás dele disse baixo, mas consegui ouvir.

- Eles não deixarão meu filho. - Ele dividiu seu olhar entre Maurício e eu - E eu só farei tamanha atrocidade se estivermos ameaçados. - Ele parecia tão confortável naquela situação. E meus braços já estavam doendo por conta das armas.

- Eu entrei aqui ciente da morte. - Disse convicta. Pelo menos por fora. - Eu tenho uma missão e ela está acima da minha vida. Não se preocupe então com esse teatro de quinta, pois eu sei que se quisesse me matar já teria feito isso antes mesmo de trazer Alex para a sala. Eu sei que não quer me matar. - Ele me olhou surpreso - Ainda não descobri o motivo, mas eu vou. E se algo acontecer aqui você morre e isso você não quer.

- Você é importante para aquele lugar. Eles te querem viva, não eu.

- Se pensa em me usar como moeda de troca, desista! Se ainda está vivo, é porque eu sei que no momento em que eu puxar o gatilho e matar você, eles executarão Alex.

- Então nesse caso não tenho muito a perder. - Disse puxando Alex para sua mira. - Você não me parece tão inteligente. - Sorriu - Acabou de entregar que ele é a minha passagem para fora daqui e não você, então acho que já posso te matar.

- O que está fazendo? - Alex gritou tentando se livrar do aperto no pescoço que havia aumentado.

- Estou te mantendo como refém para poder sair vivo daqui. - Apertou mais a arma contra a lateral da cabeça de Alex. - Mas também serve como colete a prova de balas caso eles já entrem atirando.

- O que? - Ele gritou assustado.

- Larga ele agora! - Apontei minha arma para sua cabeça, mas a mira não estava perfeita e eu poderia acertar Alex.

- Exatamente disso que eu estava falando. - Sorriu apertando mais a arma na cabeça de Alex que permanecia confuso e me olhava apavorado, enquanto tentava desapertar o braço em seu pescoço. - O único jeito de me acertar é acertando o garoto, mas você não vai fazer isso, porque obviamente no primeiro tiro que der eles matam você e logo depois eles mataram seu amado, se você não fizer isso com o primeiro tiro que der nele para afastá-lo de mim.

- Por que está fazendo isso? - Alex perguntou com os olhos vermelhos e uma magoa na voz. - Estamos do mesmo lado. Eu sou seu filho. - Gritou a última frase.

- Sabe qual é o maior ponto fraco dos órfãos? - Direcionou seu olhar a mim - Eles sempre vão ser atraídos para as armadilhas que se relacionem com os pais mortos. - Sorriu. - Resu-

mindu Alex, eu te enganei. E enganei a loira ali também. – Sorriu vitorioso e foi a minha vez de ficar confusa.

– Então isso foi tudo em vão? Tudo não passou de uma grade mentira? – Ele era meio lento, eu admito.

– Nem tudo. – Olhou no fundo dos meus olhos. – Mas você foi a isca perfeita. Ela está aqui por sua causa. Então eu lhe devo um “Muito obrigado, Alex”, pois bons modos é algo extremamente importante em nossas vidas. – Olhei para Alex que tinha um misto de medo com raiva nos olhos.

Eu não o culpava. Ele foi enganado pelo próprio pai, é normal querer acreditar na inocência deles. E ele ainda era um civil. Não tinha um treinamento frio de um agente. Não tinha como não cair numa armadilha dessas. Ele acreditava na bondade das pessoas, sempre viu o melhor lado delas, principalmente daquelas que nunca mentiram descaradamente para ele pessoalmente. Ele era um menino carente de atenção paterna e ficar confinado em lugar onde ninguém conversa com você não torna as coisas mais fáceis. No final das contas, todos tinham uma parcela de culpa nessa loucura toda.

Além do mais, apesar de tudo que vivemos e do filho que eu carregava em meu ventre, Alex ainda era meu trabalho, minha missão, meu protegido. Foi por esse motivo que eu entrei aqui sozinha. Eu tinha que colocar a vida dele acima da minha, assim como eu disse anteriormente. Se alguém sáísse vivo hoje, então que fosse ele, pois se eu morresse ele nunca saberia que o bebe existiu e nunca se sentiria culpado, mas se ele morresse eu não saberia como explicar para uma criança que eu sou a culpada da morte do pai dela.

Não que soubesse muita coisa sobre crianças, mas eu entendo como é viver sem pais e o quão duro é não ter respostas sobre o assunto. Seria mais uma criança inocente em um fogo cruzado. E eu tinha que ser mulher suficiente para arriscar tudo por Alex. E tentar quaisquer que sejam as loucuras.

- Que tal um acordo? - Propus com uma dor no coração.
- Quer um acordo com o Diabo? - Sorrii sarcasticamente.
- Você não é o Diabo. - Encarei-o seriamente.
- Vai dizer qual é o acordo? - Perguntou impaciente.
- Deixe Alex ir. - Olhei para Alex que me olhava confuso.
- Isso não é um acordo com mútuos interesses.

- Eu sei que me quer viva, e eu também sei que Antony precisa de mim viva, então, - Respirei fundo - deixe Alex ir e eu ficarei. Como sua refém. - Uma lágrima caiu rapidamente - Eu prometo colaborar com qualquer que seja seu plano. Você só precisa deixar Alex ir e eu entro no carro com você antes que eles cheguem aqui. - Por algum motivo, minha vontade era de chorar.

- O que? - Alex gritou. - Não pode fazer isso. - Tentou se libertar, mas foi apertado ainda mais forte.

- Proposta interessante. - Jogou Alex para um de seus soldados - Por que eu deveria aceitar? - Cruzou os braços.

- Tem cinco minutos antes da invasão.

- Trocando a sua vida pela de um jovem qualquer? - Ignorou a minha constatação sobre o tempo - Isso parece romântico. - Me provocou.

- Alex é meu protegido. Esse é o meu dever - Tentei fugir do olhar que Alex me lançava agora para parecer mais convincente. - A vida dele acima da minha.

- Tudo bem você me convenceu. - Disse repentinamente surpreendendo a todos. - Largue a arma e eu solto Alex.

- Solta Alex e eu largo a arma.

- Não abuse da minha paciência.

- Quatro minutos e dez segundos.

- Soltem Alex! - Seu soldado olhou confuso.

- Três minutos e cinquenta e nove segundos.

- Larguem o garoto, agora! - Ele disse mais alto e o soldado obedeceu.

Alex tentou se aproximar de mim, porém foi impedido pelo mesmo soldado.

- Agora é a sua vez Agente.

Respirei fundo, tomei coragem e lentamente me desarmeí. Respirei fundo mais uma vez, coloquei as armas no chão, chutei-as para longe e, antes que eu pudesse levantar minhas mãos em forma de rendição, quatro homens me prenderam em algemas que estavam presas a uma corrente

- Agora deixem ele ir! - Disse ainda de pé sentindo a dor em meus pulsos e tornozelos agora algemados.

- Sabe Agente Walter, - Ele me encarou pensativo trazendo Alex para sua mira novamente e eu congelei. Como posso ser tão estúpida? - esse garoto sabe o custo dessa troca? O que você tem a perder ficando aqui no lugar dele.

- Eu sou uma agente, não tenho nada o que perder - Digo ríspida.

- Tem certeza disso? - Fez um sinal para um de seus soldados perto de mim que me golpeou no útero.

Como ele sabia?

- Para! - Alex gritou e eu suprimi a dor em uma única lágrima.

- Achou mesmo que eu não sabia? Me surpreende ninguém lá ter percebido ainda. Você já está um pouquinho fora do peso.

- Sorriu fazendo o sinal para o seu soldado novamente.

Eu apenas senti a dor, mas agora ela vinha acompanhada de medo. Pois ele me faria perder o bebê, eu sei que faria.

- Solta ele! - Tento me manter ereta, mas outro golpe foi efetuado, agora contra o meu rosto me fazendo cambalear um pouco para trás. - Você prometeu. - Sussurrei sentindo um gosto de sangue em meus lábios.

- Como você mesma disse: eu não sou o diabo. Eu não costumo cumprir muito bem minhas promessas. - Outro golpe em minha barriga e eu caí no chão - Além do mais isso aqui está muito divertido - Deu um soco em Alex fazendo-o cair no chão também, porém longe de mim.

Aproveitei sua mínima distração e concentrei todas as minhas forças para puxar a arma no tornozelo do homem ao meu lado que havia me batido.

Em segundos eu tive a atenção de todos, e os quatro soldados que antes me prendiam, foram alvos fáceis, pois, nenhum deles atirou em mim para valer. Era como se ele não me quisesse morta. Não ainda.

- Larga a arma! - Adoraria dizer que fui eu a falar esta frase, mas não foi. - Larga ou eu o mato aqui e agora. - Disse puxando Alex pela camiseta enquanto me encarava.

Devia ter sido mais rápida e atirado quando tive a chance.

- Tudo bem. - Larguei a arma e joguei para ele que sorriu negando com a cabeça e deu uma coronhada com sua pistola na cabeça de Alex, que por sua vez desmaiou caindo no chão a alguns metros de mim. - Você é muito tola para uma agente. Não devia acreditar e aceitar qualquer coisa que o bandido da história te fale. - Disse arregaçando as mangas de sua camisa social azul e vindo em minha direção - Sabe, eu costumava admirar a sua mãe. Até ela começar a namorar o seu pai - Deu-me um chute na barriga me fazendo ficar de joelhos - E eu ainda assim tinha esperanças, mas aí você nasceu. - Outro chute que me fez cair de vez com a mão tentando de alguma forma proteger meu ventre - E ela começou a olhar apenas para você e se preocupar com nossa segurança. E foi aí que ela errou - Esse chute foi forte ao ponto de me mover para trás e me fazer gritar, entregando-me de vez ao choro. - Foi assim que ela descobriu segredos sobre a agência e que alguém estava armando para roubá-los, foi ASSIM que ela morreu. - Mais dois chutes e eu senti algo escorrendo pelas minhas pernas me deixando tonta. - E vai ser assim



que essa coisa desprezível vai embora também. Eu não preciso saber da existência dessa coisa que você teve com Alex. Eu não preciso de você e nem dele. Vou descobrir sozinho de uma forma ou de outra. Então é melhor eu poupar trabalho e espaço no carro. – Pegou sua arma e apontou para minha cabeça.

Eu estava zozza, via tudo embaçado. As palavras que saiam de sua boca saltavam em minha mente e eu não via mais conexão alguma entre elas. Eu ia morrer. Eu tinha certeza, ainda faltavam trinta segundos até a chegada da equipe de ataque e mais dois até me encontrarem aqui. Era engraçado como eu conseguia raciocinar em uma hora dessas, mas era ainda mais engraçado como o meu medo havia sido transferido para a perda do bebê. Quem pensa antes no feto em seu ventre do que em si mesma? Acho que mães pensam assim. Bom, eu pensava assim. E naquele momento a única coisa que eu pedia, a nem sei mais quem, era que de alguma forma o meu bebê escapasse vivo.

Fechei os olhos na intenção de parar o choro e lembrei da minha vida como em um filme. Tudo passou depressa. Minhas brincadeiras quando criança. A morte da minha mãe, a perda do meu pai. Sou uma agente. Matei pessoas. Enganei outras. Conheci o homem da minha vida. Aprendi como é viver de verdade. Fiz amigo além do único que eu já tinha.

Diego.

Alex.

Mary.

Thiago.

Anna.

Meu filho.

Eram as únicas pessoas, nas quais eu pensava, eram as únicas pessoas com as quais eu me importava.

E todos estavam em perigo por minha causa. Por causa da minha mentira.

Eu só queria poder voltar no tempo e ter feito diferente. Eu só queria poder ter tipo outra opção. Eu só queria que agora fosse um momento onde eu conto pro meu namorado que estou grávida e vejo ele ficar feliz. Não onde morro e levo comigo o bebê.

Todos iriam morrer e seria minha culpa.

Esse era o meu castigo.

Morrer.

Apertei mais forte meus olhos e esperei pela suposta luz branca no fim do túnel. E então eu ouvi.

Um tiro.

Dois tiros.

E de repente uma dor enorme se instalou na minha costela esquerda e eu não conseguia me mover e nem respirar, mas nada silenciou. O barulho de uma arma caindo no chão e de repente Alex estava puxando algo de cima de mim. Minha respiração voltou ao normal. Eu estava zonga, mas não sentia a dor de um tiro. E acredite em mim, eu conheço a dor de um tiro.

- Nataly? - Alex disse segurando meu rosto - Meu Deus, você está sangrando. - Constatou algo que eu já havia percebido há muito tempo. E essa questão me levou a pensar de que sangramento ele estava falando?

- O que aconteceu? - Perguntei com dificuldade - Os tiros?!

- Eu o matei. - Ele disse com lágrimas no rosto e só então percebi o corte causado provavelmente pela coronhada em sua cabeça.

- O que? - Olhei para o meu lado onde Maurício estava caído sangrando.

- Ele ia te matar. - Olhou desesperado tentando se explicar. - Eu não podia deixar ele fazer isso com você. - Acariciou meu rosto enquanto suas lágrimas desciam.

- Está tudo bem. - Tentei acalmá-lo enquanto tentava processar o que acontecia. - Você teve que fazer, ninguém vai te culpar por isso. - Tossi.

- Temos que sair daqui. - Ajudou-me a levantar com dificuldade por causa de toda a dor que sentia.

- Trinta segundos. - Sussurrei e ele me encarou confuso - Eles já estão aqui. - Sorri e ele me ignorou.

É irônico como em toda história os policiais só chegam depois que o vilão está morto e depois que quase o herói da história morre. Eu sei, isso parece muito clichê, mas vamos chamar isso de uma coincidência. Sabe, a vida costuma ser irônica e as coincidências não são tão comuns quanto parecem.

Eu gosto de pensar que isso poderia ter um final clássico. Do tipo que a mocinha e o herói se beijam e vão para casa, se casam e são felizes para sempre. Isso seria clichê. Mas não é assim que isso aqui acontece. Não é a assim que a vida real acontece. E por mais que ser uma agente secreta de uma agência supersecreta, que cuida dos crimes que afetam o mundo, não pareça algo da realidade. A vida real ainda se aplica aqui.

- Nataly você está me ouvindo? - Anna dizia abanando uma lanterna na minha frente.

- Estou sim. - Olhei para o lado, precisamente há cinco metros onde a ambulância que atendia Alex se encontrava.

- Vou precisar de uma amostra do seu sangue. - Diego se aproximou e Anna entrou na ambulância onde eu estava sentada agora - Você perdeu muito sangue por causa das pancadas. Preciso saber se está tudo bem com vocês. O que teve foi um princípio de aborto, mas vamos fingir que foi um dos muitos cortes no relatório, ok?

- Não esqueça das duas costelas quebradas por causa do peso do corpo em cima dela. - Anna voltou com uma seringa. - Vou aplicar um remédio na sua veia para amenizar a dor, mas a senhorita vai ter que repousar por um bom tempo. - Concordei

ainda encarando Alex – Ele está bem. – Anna tocou meu ombro – Uns arranhões e algumas marcas de choque que ele não sabe explicar. E vai levar três pontos na cabeça por causa da pancada, mas ele vai sobreviver. – Sorriu e saiu.

– Eu volto em dois minutos com o equipamento para recolher seu sangue. – Concordei silenciosamente novamente.

Olhei aquele lugar que há muito tempo estive do mesmo jeito. A diferença era que agora quem estava no saco preto era Maurício e não a minha mãe, mas eu ainda parecia a mesma menina indefesa.

Katia se encontrava ao lado de Alex que fazia caretas enquanto a médica passava algo sobre suas feridas. Antony olhava para o carro que recolhia os corpos atônito de qualquer coisa que estivesse acontecendo aqui. Estavam todos abalados, aliviados e ainda em choque, mas de alguma forma eu não sentia que havia sido o fim. As palavras perturbadas de Maurício pareciam querer dizer mais do que diziam. E eu estava confusa e cheia de dor no peito. Mas tudo bem, pois o homem que eu jurei pegar em nome da mulher que minha mãe havia sido estava morto. Apenas isso. Morto.

Passei a mão disfarçadamente em minha barriga na esperança de que ele ainda estivesse lá. Eu meio que havia me apegado aquela coisinha pequena que crescia dentro de mim. Sorri e olhei para baixo percebendo algo preso em minha bota. Era o exame de maternidade. Lembrei da minha promessa quando estava vindo para cá. Peguei aquele papel com cuidado e deixei que uma lágrima caísse solitariamente em silêncio. Eu sabia que ele ainda estava aqui, eu podia sentir. Ele estava vivo. Olhei na direção de Alex lembrando mais uma vez da minha promessa. Eu havia trazido Alex vivo, e isso significava que ele agora tinha o direito de saber a verdade. Ele tinha que saber. Não era justo.

Tentei me levantar com esforço, mas a cena para qual eu olhei em seguida me abalou consideravelmente.

Elizabeth saiu de um carro padrão da agência e se aproximou correndo de onde Alex estava e o abraçou. Aquilo me deixou com ciúmes, porque eu queria estar fazendo isso agora. Porém o que me derrotou foi vê-la beijando-o intensamente, na boca, e sendo correspondida sem nenhum espanto.

Quando isso havia acontecido?

Meu coração foi arrancado e destruído em mil pedaços com um martelo

Fiquei sem respirar por algum tempo até ver Anna me sacudir preocupada. Olhei para ela e então voltei a minha atenção ao casal mais à frente.

- Ninguém sabia. - Ela disse tocando meu ombro.

- Como poderiam saber?! - Disse me levantando agora com sua ajuda.

- Onde você vai? Não pode andar assim. Você está com duas costelas quebradas - Eu a ignorei e segui em linha reta até a ambulância em que Alex se encontrava. Ele percebeu minha aproximação e parou de abraçar Elizabeth no mesmo instante. Só que dessa vez fui eu quem ergueu o muro.

Não o queria comigo por pena, nem por uma responsabilidade como um filho. O queria por amor e isso ele não sentia mais. Não por mim.

Ele estava com outra, e tinha o total direito, mas não fazia tanto tempo assim desde que ele quis me propor casamento.

- Nataly? - Ele sussurrou quando me aproximei o suficiente para fazer Elizabeth enrijecer no mesmo lugar. - Você está bem? - Perguntou aparentemente preocupado. O encarei por alguns minutos enquanto apertava o papel em minha mão e ouvia um choro interno se formando - Precisa de alguma coisa? - Se manteve sentado. - Melhor chamar um médico. - Afirmou.

Decorei cada detalhe daquele rosto, cada fio daquele cabelo desgrenhado pela última vez antes de dizer:

- Tenha uma boa vida, Alex - Com o maior nó que eu já tive na garganta joguei o papel, que havia em minha mão, em seu colo. Ele me encarou confuso e eu apenas virei e sai andando, pois não aguentaria mais nenhum segundo junto a ele. Muito menos quando ele lesse o que tinha escrito.

Não virei para ver se ele olhou ou apenas rasgou e jogou fora. Não virei para ver seu rosto ou o rosto de qualquer um naquele lugar. Eu odiava despedidas, então apenas segui e quando estava longe o suficiente, já próxima ao local do assassinado da minha mãe, retirei o distintivo que estava preso a minha cintura, que eu ganhei quando me tornei uma agente e joguei-o no chão como estava fazendo com aquela vida dupla, ou seja, lá o que era isso o que eu tinha. Naquele momento havia acabado. Eu estava indo embora para sempre e não pretendia voltar nunca mais. Eu ia ser a mãe e o pai que essa criança merecia. Eu ia fazer algo bom e verdadeiro uma última vez. A partir de agora eu seria apenas a mãe de alguém e nada mais.

Caminhei mais alguns metros sentindo que muitos me fitavam. Respirei fundo e joguei minha arma para o lado também e continuei minha caminhada.

Estava apagando o Agente do meu nome. Estava apagando Alex da minha vida. Estava mantendo todos aqueles que eu amava em segurança e longe de mim. Eu estava fazendo o que minha mãe devia ter feito quando eu nasci.

Estava renunciando à minha arma e ao meu passado para manter essa criança a salvo.

Fim

Publique seu livro com a  
Editora Nocego  
[www.editoranocego.com.br](http://www.editoranocego.com.br)  
Contatos:  
(73) 98873-7177  
e-mails: [editoranocego@gmail.com](mailto:editoranocego@gmail.com)  
[kalixto.calixto@gmail.com](mailto:kalixto.calixto@gmail.com)

Realização



Apoio financeiro



SECRETARIA  
DE CULTURA



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA  
MINISTÉRIO DO  
TURISMO



Este projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.